

Nora Roberts

escrevendo como

J.D.
ROBB



Êxtase

MORTAL



BERTRAND BRASIL



Êxtase Mortal

J. D. ROBB

SÉRIE MORTAL

Nudez Mortal
Glória Mortal
Eternidade Mortal
Êxtase Mortal
Cerimônia Mortal
Vingança Mortal
Natal Mortal
Conspiração Mortal
Lealdade Mortal
Testemunha Mortal

Nora Roberts

escrevendo como

J. D. Robb

ÊXTASE
MORTAL

3ª EDIÇÃO

Tradução
Renato Motta

B
BERTRAND BRASIL

Copyright© 1965 by Nora Roberts

Título original: *Rapture in Death*

Capa: Leonardo Carvalho

Editoração: DFL

2009

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Robb, J. D., 1950-

R545e Êxtase mortal / Nora Roberts escrevendo como J. D. Robb;

3 ed. tradução Renato Motta. – 3 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand

Brasil, 2009.

378p.

Tradução de: *Rapture in death*

ISBN 978-85-286-1122-9

1. Ficção americana. I. Motta, Renato. II. Título.

CDD – 813

05-0946 CDU – 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela: EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 1º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (0XX21) 2585-2070 – Fax: (0XX21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

Não faço nada contra mim e, no entanto, sou meu próprio carrasco.

— JOHN DONNE

Há êxtase em uma praia deserta.

— LORD BYRON

CAPÍTULO UM

O beco era escuro e fedia a urina e vomito. Servia de lar para ratos ligeiros e felinos magros de olhar faminto, que os caçavam. Olhos vermelhos brilhavam na escuridão, alguns humanos, e todos selvagens.

O coração de Eve batia ligeiramente acelerado enquanto ela penetrava nas sombras fétidas e úmidas. Foi ali que ele entrara, ela tinha certeza. Sua obrigação era segui-lo, achá-lo e desentocá-lo. Ela trazia a arma na mão, e seu punho estava bem firme.

— Oi, docinho, está a fim de mim? Vamos transar?

Vôzes da escuridão, vozes roucas por causa das drogas químicas ou da bebida barata. Gemidos dos condenados e risadas dos loucos. Os ratos e os gatos não moravam ali sozinhos. No entanto, a companhia do lixo humano que se alinhava ao longo das paredes de tijolo aparente não servia de consolo.

Eve balançou a arma e ficou de cócoras enquanto circundava uma unidade de reciclagem abandonada que, pelo cheiro que exalava, não funcionava há mais de uma década. O fedor de comida estragada enchia o ar úmido e parecia transformá-lo em uma sopa gosmenta.

Alguém gemeu. Ela viu o menino, que tinha uns treze anos, completamente despido. As feridas em seu rosto estavam infeccionadas; seus olhos eram apenas fendas de medo e desespero enquanto rastejava para trás, como um caranguejo, de encontro à parede imunda.

A pena que Eve sentiu balançou-lhe o coração. Ela também fora uma criança como aquela, um dia, ferida, aterrorizada, escondida em um beco.

— Não vou machucá-lo! — avisou ela com a voz calma, quase um murmúrio, enquanto mantinha os olhos fixos nele e abaixava a arma.

E foi nesse momento que ele atacou.

Veio por trás, com um estrondo de som e movimento. Pronto para matar, ele balançou o cano. O zumbido do metal chegou aos tímpanos de Eve no mesmo instante em que ela girou o corpo e se desviou do golpe. Mal houve tempo para ela se xingar pela perda da concentração, esquecendo-se do seu alvo principal enquanto a massa de cento e vinte quilos de músculos e ferocidade a fizeram voar de encontro à parede de tijolos.

A arma pulou de sua mão e bateu em algum lugar, em meio à escuridão.

Ela viu os olhos do homem que a atacara e o brilho da violência intensificado pela droga que ele usava, Zeus. Viu o cano se elevar novamente, calculou o tempo e rolou para o lado décimos de segundo antes de ele quebrar o tijolo. Impulsionando as pernas, mergulhou de cabeça de encontro à barriga dele. Seu oponente soltou um grunhido, com o corpo balançando para trás, e, enquanto ele tentava agarrar a garganta de Eve, ela levantou o punho com força, esmagando seu

maxilar. A força do golpe foi tão intensa que lhe irradiou dor e uma sensação de poder pelo braço acima.

Pessoas gritavam, tentando buscar abrigo em um mundo sombrio onde nada e ninguém estavam a salvo. Ela girou o corpo todo e usou o impulso do giro para atacá-lo com um chute violento que esfaqueou o nariz de seu adversário. O sangue jorrou, acrescentando um novo item ao caldo de odores enjoativos que enchia o ar.

Os olhos do homem ficaram ainda mais ferozes, e ele mal se abalou, mesmo com o golpe. Dor não significava nada para quem estava com o sistema transbordando com a mais forte das drogas. Sorrindo enquanto o sangue lhe escorria pelo rosto, ele espalmou e agarrou com mais força o grosso cano que trazia nas mãos.

— Vou matar você! Vou matar você, sua policial piranha! — e levantou o cano, girando-o no ar como se fosse um chicote. Sorria, sorria o tempo todo, enquanto sangrava. — Vou rachar a sua cabeça em duas e comer os seus miolos!

Saber que ele estava falando sério fez seu sangue bombear ainda mais adrenalina. Agora era um caso de vida ou morte. A respiração dela vinha em espasmos, e o suor parecia lhe escorrer pela pele, como óleo. Ela se desviou do golpe seguinte e se colocou de joelhos. Colocando a mão no cano da bota, pôs-se em pé de novo, sorrindo.

— Em vez dos meus miolos, experimente isto, seu filho da mãe! — Com a arma reserva na mão, Eve nem se deu ao trabalho de colocá-la no modo de atordoamento. Tentar deixar o oponente atordoado não adiantaria nada, pois ele estava cheio de Zeus e tinha cento e vinte quilos. A arma estava ajustada para exterminar.

Enquanto ele voava para cima dela, o golpe o atingiu com força máxima. Os olhos dele morreram antes. Ela já vira isso acontecer, em outra ocasião. Eram olhos que se transformavam em vidro, como os de uma boneca, no instante do disparo, apesar de ele vir caindo sobre ela. Eve se arrastou para o lado, preparada para atirar novamente, mas o cano escorregou lentamente dos dedos dele. Seu corpo começou a estremecer na dança macabra que se seguia à sobrecarga do sistema nervoso.

Caiu aos pés dela, uma massa de humanidade destruída que quis brincar de Deus.

— Você nunca mais vai sacrificar virgens, babaca! — murmurou, e enquanto a energia de seu corpo ia se dissolvendo, passou a mão sobre o rosto enquanto abaixava a arma.

O som suave de couro sobre o concreto a alertou. Ela tentou girar o corpo, tornando a levantar a arma, mas braços fortes a seguraram por trás e a levantaram no ar.

— Nunca se esqueça de vigiar a retaguarda, tenente — a voz sussurrou, e dentes fortes mordiscaram-lhe a ponta da orelha.

— Roarke! Que droga, eu quase atirei em você!

— Você não chegou nem perto disso. — Com uma risada, ele a virou de frente para ele e, um segundo depois, sua boca já estava sobre a dela, quente, faminta. — Adoro ver você trabalhar... — murmurou ele enquanto sua mão rápida e esperta subiu pelo corpo dela até envolver-lhe o seio. — É... estimulante!

— Corta essa! — Mas seu coração já estava batucando, em reação às palavras dele; além disso, a ordem que deu fora muito fraca. — Este aqui não é um lugar para jogos de sedução.

— Ao contrário. Uma lua de mel é a ocasião tradicional para jogos de sedução. — Ele a empurrou um pouco para trás, mantendo as mãos sobre os seus ombros. — Estava me perguntando para onde é que você tinha ido. Devia ter adivinhado — e olhou para o corpo que

estava estendido no chão. — O que foi que ele fez?

— Tinha uma certa predileção por arrebentar a cabeça de mulheres jovens e depois comer seus miolos.

— Ah, sei... — Roarke franziu os olhos e balançou a cabeça. — Puxa vida, Eve, não dava para você inventar uma coisa que embrulhasse o estômago um pouquinho menos?

— Havia um sujeito na Colônia Terra, há uns dois anos, que tinha este perfil, e fiquei me perguntando se... — parou de falar de repente, franzindo os olhos com estranheza. Os dois estavam em pé em um beco fedorento, com um morto a seus pés. E Roarke, lindo como sempre; Roarke, o anjo moreno, estava de smoking, com um imenso diamante na lapela. — Por que você está assim, todo arrumado?

— Tínhamos planos — avisou a ela. — Para o jantar, lembra?...

— Esqueci! — e guardou a arma. — Não pensei que isto aqui fosse levar tanto tempo — e soltou o ar com força. — Acho que vou ter que me lavar.

— Gosto de você do jeito que está... — e chegou mais perto dela, novamente, com ar de proprietário, agarrando-a. — Esqueça o jantar... por agora. — Seu sorriso era lento e irresistível. — Só que eu faço questão de um ambiente ligeiramente mais sofisticado. Fim do programa! — comandou.

O beco, os odores e as pessoas aglomeradas em volta deles se dissolveram no ar. Estavam agora em uma sala imensa e vazia, cheia de equipamentos e pequenas luzes embutidas que piscavam nas paredes. Tanto o piso quanto o teto tinham fundo preto e eram espelhados, para poder projetar melhor as cenas holográficas disponíveis nos programas.

Aquele era um dos mais novos e sofisticados brinquedinhos de Roarke.

— Rodar programa de ambientação tropical, código 4-B! — exigiu. — Manter o controle duplo da projeção.

Em resposta à sua ordem, veio um murmurar de ondas do mar e o reflexo das estrelas sobre a água. Sob seus pés havia areia branca como açúcar, e palmeiras acenavam lentamente, como dançarinas exóticas.

— Assim está bem melhor!... — decidiu Roarke, e então começou a desabotoar lentamente a blusa de Eve —... ou pelo menos vai ficar, assim que eu colocar você nua.

— Você tem me colocado nua a cada vez que dou uma piscada, nas últimas três semanas.

— É privilégio dos maridos — e levantou uma sobrancelha. — Alguma reclamação?

Marido. Pensar naquilo ainda a deixava sobressaltada. Aquele homem com cabelos cheios, uma juba negra de guerreiro, o rosto de poeta e os olhos irlandeses azuis, selvagens e penetrantes era seu marido. Ela jamais se habituaria a isso.

— Não, apenas uma... — Sua respiração ficou em suspenso enquanto Roarke deslizava uma de suas mãos com dedos longos sobre os seios dela — ... apenas uma observação.

— Policiais... — sorriu ele, começando a abrir o jeans dela — ... sempre observando. Você está de folga, tenente Dallas.

— Estava só tentando manter meus reflexos aguçados. Três semanas longe do trabalho faz a gente ficar enferrujada.

Enfiando a mão em concha entre as coxas dela, ele a envolveu, e viu sua cabeça atirar-se para trás com um gemido.

— Seus reflexos me parecem ótimos — murmurou ele, empurrando-a com carinho, fazendo com que ela se deitasse sobre a areia branca e fina.

Sua esposa. Roarke gostava de pensar nisso quando ela o cavalgava, ou quando se remexia por baixo dele, ou quando se largava deitada de costas, esgotada, ao seu lado. Aquela mulher fascinante, uma policial dedicada com a alma atribulada, pertencia a ele.

Ele observara seu trabalho durante a execução do programa, a entrada no beco, o encontro com o assassino drogado e enlouquecido. Sabia que ela teria enfrentado a realidade do seu dia-a-dia na polícia com a mesma determinação implacável e a mesma coragem assustadora que exibira na ilusão virtual.

Ele a admirava por isso, por mais que essas características o fizessem passar por maus momentos. Em poucos dias eles estariam de volta a Nova York, e ele seria obrigado a compartilhá-la com o seu trabalho e as suas obrigações. Por ora, não queria dividi-la com nada. Nem com ninguém.

Becos escuros fedendo a lixo e pessoas em desespero não eram novidade para ele. Roarke crescera naquele ambiente, se escondera em becos idênticos ao que acabara de ver, até que, finalmente, conseguira escapar deles, de vez. Construíra a sua vida e a transformara no que era. Foi então que Eve entrara em cena, certa e letal como a flecha lançada de um arco retesado, e mudara toda a sua vida novamente.

Os tiras, no passado, eram o seu grande inimigo, depois, uma diversão e, agora, ele estava ligado a um deles... na verdade, uma delas... uma policial.

Pouco mais de duas semanas antes, ele a vira caminhando em sua direção, em um deslumbrante vestido cor de bronze e flores nas mãos. As marcas roxas que um assassino colocara em seu rosto poucas horas antes haviam sido disfarçadas com cosméticos. E naqueles olhos grandes, expressivos, da cor de uísque e que exibiam tantas coisas, ele notara sinais de nervoso e alegria.

Lá vamos nós, Roarke, ele quase a ouviu dizer quando Eve colocou a mão sobre a dele. Para o que der e vier, eu o aceito. Que Deus nos ajude.

Agora ela usava a aliança dele e ele, a dela. Roarke insistira naquilo, embora tais tradições já não estivessem tão em moda em meados do século vinte e um. Ele, porém, fizera questão de possuir algo tangível que servisse como lembrança do que eles representavam um para o outro, um símbolo de sua união.

Naquele momento, ele pegou a mão dela, beijou o dedo que ostentava o anel de ouro trabalhado que ele mandara fazer. Seus olhos continuavam fechados. Ele observou os ângulos fortes de seu rosto, a boca muito larga com lábios grossos e a curta franja de cabelos castanhos despenteados, com pontas irregulares.

— Eu amo você, Eve.

Um pouco de cor apareceu em seu rosto. Ela se comovia com tanta facilidade, pensou ele, perguntando a si mesmo se ela tinha ideia do quanto seu coração era imenso.

— Eu sei. — Ela abriu os olhos. — Eu, hã... Estou começando a me acostumar com isso.

— Ótimo!

Ouvindo a canção das ondas que lambiam a areia e a brisa suave que sussurrava entre as palmeiras cheias, ela levantou uma das mãos e afastou os cabelos que haviam caído sobre o rosto dele. *Um homem como aquele*, pensou ela, *poderoso, rico, impulsivo, era capaz de fazer surgir cenas como aquela com um estalar de dedos.* E foi o que ele fizera por ela.

— Você me faz feliz — disse Eve.

O sorriso dele surgiu, fulgurante, fazendo com que os músculos do estômago dela se retraíssem de alegria.

— Eu sei — afirmou ele. Quase sem esforço aparente, ele a levantou e a colocou em volta dele, com uma perna de cada lado. Acariciou de leve o seu corpo esguio e magro, embora musculoso. — Você já está pronta para reconhecer que apreciou o fato de eu tê-la sequestrado e levado para fora do planeta, na maior parte de nossa lua de mel?

Ela fez uma careta, lembrando-se do pânico, da teimosia determinada com que se recusara a entrar no transporte aéreo que já estava à espera, e do jeito com que ele, morrendo de rir, a colocara sobre os ombros, embarcando com ela à força, enquanto ouvia seus xingamentos.

— Eu gostei de Paris — disse ela, inspirando o ar com força. — E adorei a semana que passamos na ilha. Não vi razão para termos vindo para um resort inacabado, em pleno espaço sideral, onde a gente acabou passando a maior parte do tempo na cama, de qualquer modo.

— Você ficou apavorada! — Roarke se deliciara ao vê-la com os nervos à flor da pele diante da perspectiva de sua primeira viagem para fora do planeta, e foi extremamente agradável ele ter sido obrigado a mantê-la ocupada e distraída por quase toda a viagem.

— Não fiquei não! — *Fiquei foi com o corpo todo bambo*, pensou ela, *de tanto pavor*. — *Simplesmente* me senti aborrecida, e com razão, pelo fato de você ter feito planos sem discuti-los comigo primeiro.

— Pelo que me lembro, alguém que eu conheço estava totalmente envolvida em um caso difícil de resolver, e me disse que qualquer coisa que eu planejasse estava bom para ela. Você foi uma noiva deslumbrante...

— Graças ao vestido... — o elogio a fez sorrir.

— Não... era você — e levou a mão até encostar de leve no rosto dela. Eve Dallas. Minha...

Ela se sentiu invadida por um sentimento de amor. Aquilo sempre parecia surgir em ondas gigantes e inesperadas que a deixavam sem ação e fraca.

— Eu amo você — disse Eve, abaixando o corpo até ficar colada no de Roarke, e levando a boca até os lábios que estavam abaixo dos dela. — Parece que você também é meu.

Já era meia-noite quando eles foram jantar. Sobre o terraço iluminado pela lua, na torre em forma de lança do que ia ser o Olympus Grand Hotel, com sua construção quase terminada, Eve atacava a lagosta recheada e contemplava a vista.

O resort Olympus, com Roarke mexendo os pauzinhos por trás das cortinas, ia ser inaugurado dentro de um ano, ocasião em que estaria completamente lotado. Por ora, Eve e Roarke tinham todo o hotel apenas para eles, se é que era possível ignorar os operários, a equipe de planejamento, os arquitetos, os engenheiros, os pilotos e os outros inúmeros habitantes que compartilhavam a gigantesca estação espacial.

Da pequena mesa com tampo de vidro à qual eles estavam sentados, Eve conseguia ver todo o eixo central do resort. As luzes brilhantes iluminavam os trabalhos das equipes noturnas, o ruído baixo das máquinas lembrava que ali o trabalho acontecia o tempo inteiro. As fontes, as lanças com chamas simuladas nas pontas e os lindos arcoíris que fluíam através das águas murmurantes estavam ali para ela, Eve sabia.

Roarke fez questão de que Eve conhecesse o que ele estava construindo ali, para fazê-la começar, talvez, a entender do que ela fazia parte, agora, como sua esposa.

Esposa. Ela soltou o ar com tanta força que fez com que as pontas da sua franja se levantassem, e provou o vinho gelado que ele servira. Ia levar mais algum tempo para absorver a ideia de que

ela, Eve Dallas, tenente da Divisão de Homicídios da Polícia de Nova York, se transformara na esposa do homem que muitos diziam ter mais poder e dinheiro do que Deus.

— Algum problema?

— Não... — Ela olhou para ele e sorriu ligeiramente. Com toda a concentração, mergulhou um pedaço de lagosta em manteiga derretida — manteiga de verdade, pois não havia produtos artificiais na mesa de Roarke — e o colocou na boca.

— Como é que vou conseguir encarar aquela gororoba com gosto de papelão cozido que eles vendem como comida na lanchonete da Central de Polícia depois que eu voltar a trabalhar?

— Você só come barras de chocolate no trabalho mesmo. — Roarke tornou a encher o cálice de vinho dela e levantou uma sobrancelha quando a viu apertando os olhos para ele, com cara de desconfiada.

— Você está tentando me embebedar, meu chapa?

— Com certeza!

Ela riu, algo que ele notou que ela andava fazendo com mais facilidade e mais frequência naqueles dias e, encolhendo os ombros, levantou o cálice.

— Então, que se dane, vou ficar como você quer, e então, quando estiver bêbada... — e engoliu o vinho de valor incalculável como se fosse água — ... vou lhe dar uma surra de cama que você não vai esquecer tão cedo.

O desejo que ele julgava saciado por algum tempo começou a surgir lentamente, subindo-lhe pela barriga.

— Bem, nesse caso... — continuou ele, completando o próprio cálice até a borda — ... vamos ficar bêbados juntos.

— Eu gosto daqui — anunciou ela. Afastando a cadeira da mesa, se levantou e levou o cálice na mão até a borda do terraço, que era feita de pedra entalhada. Devia ter custado uma fortuna extrair aquela pedra imensa e depois carregá-la até ali, no espaço. Mas ele, afinal, era Roarke.

Debruçando-se para a frente, observou o espetáculo de luzes e água, olhou para os prédios em volta, todos encimados por cúpulas ou finos como lanças, muito brilhantes e elegantes, preparados para abrigar pessoas suntuosas e jogos sofisticados que elas viriam até ali para jogar.

O cassino já estava pronto e reluzia como uma bola dourada na escuridão. Uma das doze piscinas estava acesa e a água refletia um tom de azul-cobalto. Passarelas aéreas ziguezagueavam entre os edifícios, parecendo fios de prata. Estavam vazias naquele momento, mas Eve conseguia imaginar como estariam dali a seis meses, ou um ano: entulhadas de pessoas que desfilariam em roupas de seda, cobertas de joias. Elas viriam até ali com o intuito de serem paparicadas por trás das paredes de mármore do SPA, com seus banhos de lama e equipamentos para aprimorar o corpo, cercados de consultoras com voz sensual e robôs solícitos. Viriam até ali para perder fortunas no cassino, experimentar bebidas exclusivas nos clubes privativos, fazer amor com os corpos firmes e curvilíneos das acompanhantes licenciadas.

Roarke ia lhes oferecer um mundo, e eles viriam. Só que não ia ser o mundo dela, depois que tudo estivesse pronto. Ela se sentia mais à vontade nas ruas, no mundo barulhento da luta contra o crime. Roarke compreendia isso, ela pensou, pois viera do mesmo lugar que ela. Sendo assim, resolvera oferecer aquele mundo a ela enquanto ele podia ser apenas dos dois.

— Você vai conseguir muita coisa aqui — disse ela, virando o corpo e se encostando na parede da sacada.

— Essa é a ideia.

— Não... — Ela balançou a cabeça, gostando de ver que já estava começando a se sentir mais leve, pelo efeito do vinho. — Você vai conseguir construir algo sobre o qual as pessoas vão comentar durante séculos, enquanto sonham acordadas. Você subiu muito na vida desde o tempo em que era um ladrãozinho, atuando nos becos escuros de Dublin, Roarke.

Seu sorriso surgiu, lento e ligeiramente astuto.

— Não subi tanto assim não, tenente. Continuo a esvaziar os bolsos alheios, só que agora faço isso tão dentro da lei quanto me é possível. Estar casado com uma policial limita certas atividades.

— Não quero nem ouvir falar delas! — afirmou ela, franzindo os olhos.

— Querida Eve... — Ele se levantou, levando a garrafa junto com ele. — Tão certinha que ainda se sente pouco à vontade com o fato de ter se apaixonado loucamente por uma figura tão cheia de sombras à sua volta. — Tornou a encher o cálice dela e então colocou a garrafa de lado. — Uma figura que há poucos meses estava em sua pequena lista de suspeitos de assassinato.

— Você curte isso? Ser alguém suspeito?

— Curto — e passou o polegar na face de Eve, no local onde uma marca roxa havia estado até recentemente e desaparecera de todo, a não ser na sua mente. — Eu me preocupo um pouco com você — e *me preocupo muito*, admitiu para si mesmo.

— Sou uma boa policial.

— Eu sei disso. Você é o único elemento de toda a força policial que me fez sentir admiração. Que ironia do destino eu ter me apaixonado por uma mulher tão devotada à justiça...

— Pois para mim parece ainda mais estranho que eu tenha me ligado a um homem que tem o poder de comprar e vender planetas por simples capricho.

— Tenha me *casado* — *corrigiu ele, rindo*. Virando-a de costas, ele cheirou a nuca de Eve. — Vamos lá, diga a palavra! Nós estamos *casados*. A palavra não vai fazer você se engasgar.

— Eu sei o que nós somos. — Ordenando a si mesma que relaxasse, ela se deixou inclinar, recostando-se nele. — Deixe-me curtir esse momento por um instante. Gosto de estar aqui, longe de tudo, com você.

— Então isso significa que você ficou satisfeita por eu ter forçado a barra para você tirar três semanas de folga.

— Você não forçou a barra...

— Tive que atazanar você — e mordiscou sua orelha — ... intimidar você — suas mãos subiram até cobrir seus seios — ... implorar.

Ela soltou uma risada de deboche.

— Você?! Roarke, você jamais implorou por coisa alguma na vida. Mas talvez tenha me atazanado um pouco sim. Eu não tirava três semanas de férias no trabalho desde... nunca.

Ele preferiu não lembrar a ela que, mesmo ali, ela não estivera o tempo todo exatamente de férias. Raramente se passava um dia inteiro sem que ela não usasse algum programa de realidade virtual que a colocava no combate a algum crime.

— Por que não arredondamos para quatro semanas? — sugeriu.

— Roarke...

— Estava só testando... — e riu. — Beba o seu vinho. Você está longe de ficar bêbada o bastante para o que eu tenho em mente.

— Ah, é? — Sua pulsação se acelerou, fazendo-a se sentir tola. — E o que seria isso?

— Vai perder a graça se eu contar — encerrou ele. — Vamos dizer apenas que pretendo manter

você muito ocupada durante as últimas quarenta e oito horas que ainda temos aqui.

— Só quarenta e oito horas? — Com uma risada, ela bebeu o resto do vinho de um gole só. — Quando começamos?

— Não há momento melhor do que... — e parou de falar de repente, franzindo a testa ao ouvir a campainha tocar. — Eu avisei a todos que queria ficar em paz aqui em cima. Fique aqui! — Ele fechou um pouco mais o robe que ela usava e que ele acabara de desamarrar. — Vou dispensar, seja quem for. Vou mandá-lo para muito longe daqui.

— Aproveite e mande vir mais uma garrafa, já que você vai até a porta — pediu ela, sorrindo enquanto sacudia as últimas gotas em seu cálice. — Alguém bebeu toda essa aqui...

Com ar divertido, ele foi para dentro e atravessou a larga sala de estar, com seu teto de vidro e tapetes macios e espessos. Era ali que ele a queria, para começar, decidiu, naquele piso convidativo, com o brilho das estrelas acima de suas cabeças. Colheu um lírio branco com haste comprida, arrancando-o de um vaso de porcelana que havia no caminho, e imaginou como poderia mostrar a ela o que um homem experiente pode fazer com uma mulher usando apenas as pétalas de uma flor.

Ainda estava sorrindo quando entrou no vestíbulo, com suas paredes brilhantes e uma escada em espiral toda em mármore.

Ligando a tela de segurança, se preparou para acabar com a carreira do atendente que fora interrompê-los.

Ligeiramente surpreso, viu o rosto de um dos seus engenheiros assistentes.

— Carter? Algum problema?

Carter passou a mão sobre o rosto pálido e encharcado de suor, respondendo:

— Senhor, acredito que sim. Preciso falar com o senhor. Por favor.

— Certo. Espere só um instante. — Roarke soltou um suspiro enquanto apagava o monitor de segurança e destrancava a porta. Carter era muito novo para o seu posto, tinha vinte e poucos anos, mas era um gênio quando se tratava de planejamento de designs e execução de projetos. Se havia algum problema sério com a obra, era melhor cuidar logo daquilo.

— O problema é com a passarela aérea deslizante sobre o salão? — perguntou Roarke, ao abrir a porta. — Pensei que vocês já tivessem resolvido os problemas que surgiram nela.

— Não... isto é, sim, senhor... Já resolvemos todos os problemas. Ela está funcionando perfeitamente agora.

Roarke reparou que o rapaz estava tremendo, e não ficou mais aborrecido.

— Houve algum acidente? — Roarke pegou Carter pelo braço e o conduziu até a sala de estar, forçando-o, com delicadeza, a se sentar em uma poltrona. — Há alguém ferido?

— Eu não sei... quer dizer... um acidente? — Carter piscou e ficou olhando para algum ponto ao longe com o olhar vidrado. — Senhorita!... Senhora!... Tenente!... — cumprimentou ele, todo atrapalhado, ao ver Eve entrar na sala. Tentou se levantar da poltrona, mas acabou se sentindo fraco e caiu sobre ela novamente, empurrado pela mão de Eve.

— Ele está em estado de choque! — informou ela a Roarke, com um tom de voz enérgico. — Pegue um pouco daquele conhaque sofisticado que você sempre tem por perto — pediu ela, se agachando até fazer seu rosto ficar no mesmo nível que o de Carter. As pupilas do rapaz pareciam cabeças de alfinete de tão retraídas. — Carter, não é esse o seu nome? Acalme-se!...

— Acho... — seu rosto ficou branco como cera — ... acho que eu vou...

Sem deixá-lo terminar, Eve empurrou a cabeça do rapaz para baixo, colocando-a entre os

joelhos e ordenando:

— Respire fundo! Simplesmente respire. Vamos tentar aquele conhaque, Roarke — esticou o braço e lá estava ele ao lado dela com uma taça na mão.

— Tente ficar calmo, Carter — Roarke recostou-o para trás na poltrona. — Tome um gole disto aqui.

— Sim, senhor.

— Pelo amor de Deus, pare de ficar me chamando de "senhor"!

A cor voltou ao rosto de Carter, devido ao conhaque ou talvez pelo embaraço que sentiu. Concordou com a cabeça, engoliu a bebida e soltou o ar com força, pela boca, dizendo:

— Desculpem-me! Eu achei que estava legal. Subi direto até aqui. Não sei se devia ter feito isso, eu... Não sabia o que fazer!... — Cobriu o rosto com as mãos, como uma criança que assiste a um filme de terror. Sua respiração ficou mais ofegante e ele completou, falando muito rápido: — É o Drew. Drew Mathias, meu colega de quarto. Está morto!

Deixou o ar lhe escapar dos pulmões e então respirou de volta, de forma entrecortada. Tomou mais um gole longo de conhaque e se engasgou.

Os olhos de Roarke se fixaram no vazio. Ele tentou se lembrar da figura de Mathias: jovem, com muita energia, cabelos ruivos e cheio de sardas no rosto. Era especialista em eletrônica, com grande conhecimento na área de equipamentos auto-ajustáveis, os autotrônicos.

— Onde foi que isso aconteceu, Carter? Como aconteceu?

— Eu achei que devia vir lhe contar imediatamente. — Agora já eram duas as manchas vermelhas que se alastravam pelo rosto pálido de Carter. — Vim na mesma hora contar para o senhor... e para a sua esposa. Achei que, já que ela é... uma policial... poderia fazer alguma coisa.

— E você precisa da polícia, Carter? — Eve pegou a taça que tremia entre as mãos instáveis do rapaz. — Por que motivo você precisa da polícia?

— É que eu acho... Só pode ser isso... Acho que ele se matou, tenente. Está pendurado lá, enforcado, pendendo do teto, bem na sala de estar. E o seu rosto... Oh, meu Deus, meu Deus!...

Eve deixou que Carter enterrasse o rosto entre as próprias mãos e se virou para Roarke, perguntando:

— Quem é que tem autoridade policial aqui no resort para casos como este?

— Aqui temos apenas os equipamentos e o pessoal de segurança padrão, e a maioria dos guardas é composta de robôs. — Concordando consigo mesmo, ele inclinou a cabeça. — Assim, eu diria que a maior autoridade do resort nessa área é você, tenente.

— Certo, então veja se consegue arranjar um kit de trabalho para mim. Vou precisar de um gravador, tanto de áudio quanto de vídeo, um pouco de spray selante, sacos plásticos para guardar provas, tesouras e alguns pincéis pequenos.

Eve soltou o ar entre os dentes enquanto passava a mão pelos cabelos. Roarke não ia conseguir nenhum equipamento que pudesse determinar a temperatura exata do corpo nem a hora precisa da morte. Não haveria aparelhos de varredura eletrônica, nem técnicos de laboratório, além de não haver nenhum dos apetrechos químicos para coleta de dados científicos que ela habitualmente carregava para as cenas de crime.

Teria que se contentar com o que conseguisse.

— Há um médico aqui, certo? Convoque-o, por favor. Ele vai ter que servir de legista. Vou me aprontar para descer.

A maioria dos técnicos usava as alas já prontas do hotel como moradia. Carter e Mathias aparentemente se davam bem e dividiam uma espaçosa suíte de dois quartos durante as temporadas que passavam na estação espacial onde ficava o resort. Enquanto desciam para o décimo andar, Eve entregou a Roarke o gravador portátil, perguntando:

— Você sabe mexer com isso, não sabe?

Ele levantou uma sobrancelha, em resposta. Uma de suas companhias é que o fabricara. Finalmente, falou:

— Acho que consigo fazê-lo funcionar sim.

— Ótimo! — Eve lançou-lhe um sorriso fraco. — Você está nomeado como ajudante. Está conseguindo se aguentar, Carter?

— Estou... — mas ele saiu do elevador no décimo andar e foi caminhando pelo corredor como se fosse um bêbado tentando passar no teste de sobriedade. Teve que enxugar a mão suada duas vezes na lateral da calça, até conseguir uma leitura clara de suas impressões palmares. Quando a porta se abriu, deu um passo para trás, informando:

— Eu preferia não tornar a entrar aí dentro.

— Então fique aqui fora — disse-lhe Eve —, mas não vá embora. Posso precisar de você.

Ela entrou. As luzes estavam todas acesas e a iluminação era quase ofuscante. Música saía em explosões das caixas de som embutidas: rock pesado e barulhento, com uma vocalista esganiçada que fez com que Eve se lembrasse de sua grande amiga, Mavis. O piso era todo em lajotões em tom de azul caribenho e fornecia a ilusão de um passeio sobre as águas.

Ao longo das paredes norte e sul havia bancadas cheias de computadores ligados. Estações de trabalho, Eve imaginou, entulhadas com todo tipo de placas eletrônicas, microchips e ferramentas.

Ela viu roupas jogadas sobre o sofá e reparou que havia óculos de realidade virtual sobre a mesinha de centro, acompanhados de três latinhas de cerveja asiática, duas delas já amassadas e prontas para serem atiradas na unidade de reciclagem, além de uma tigela cheia de biscoitinhos *pretzel*.

E viu o corpo nu de Drew Mathias balançando suavemente, pendurado em um laço improvisado feito com lençóis que estavam presos à base brilhante de um lustre de vidro azul.

— Ah, que inferno isso! — lamentou Eve. — Que idade ele tinha, Roarke, vinte?

— Pouco mais do que isso. — A boca de Roarke se apertou enquanto avaliava o rosto de garoto de Mathias. Estava roxo agora, com os olhos esbugalhados e a boca paralisada, congelada em um sorriso aberto e horrível. Por alguma cruel extravagância da morte, ele morrera sorrindo.

— Tudo bem, vamos fazer o melhor que pudermos. Aqui fala a tenente Eve Dallas, do Departamento de Polícia da cidade de Nova York, assumindo o comando até que as autoridades apropriadas para casos como este possam ser contatadas e trazidas para a estação espacial Olympus. Caso de morte suspeita, ocorrida sem a presença de testemunhas. O nome da vítima é Drew Mathias, o local é Olympus Grand Hotel, quarto 1036. A data é 19 de agosto de 2058, uma hora da manhã.

— Eu queria baixá-lo dali — pediu Roarke. Ele não parecia surpreso ao ver a rapidez e a segurança com que sua esposa passava de mulher para policial.

— Ainda não. Para ele não vai fazer nenhuma diferença mesmo, e preciso que a cena seja gravada antes de qualquer coisa ser tocada — e se virou para a porta da suíte. — Você tocou em alguma coisa aqui, Carter?

— Não. — Ele passou o dorso da mão sobre a boca. — Eu abri a porta, exatamente como fiz agora, e entrei. Vi o corpo logo de cara. Dá para... dá para ver assim que a gente entra. Acho que devo ter ficado parado por um minuto, petrificado. Fiquei simplesmente ali, parado. Sabia que ele estava morto. Vi o seu rosto.

— Por que não vai pelo lado de fora e entra no quarto ao lado deste? — e fez um gesto para a esquerda. — Você pode ficar ali deitado, descansando por algum tempo. Depois, preciso conversar com você.

— Certo.

— Não ligue para ninguém.

— Não. Não, eu não vou ligar para ninguém.

Ela se virou de volta e trancou a porta. Seu olhar se desviou, cruzou com o de Roarke e os dois ficaram se olhando fixamente. Ela sabia que ele estava pensando, como ela também, que para algumas pessoas, entre as quais Eve, não havia como escapar do contato com a morte.

— Vamos começar logo! — disse a ele.

CAPÍTULO DOIS

O nome do médico era Wang. Ele era um homem velho, como a maioria dos médicos em projetos fora do planeta. Poderia ter se aposentado aos noventa, porém, como outros do seu tipo, preferira ficar pulando de um lugar para outro, cuidando de arranhões e contusões, receitando medicamentos para enjoo espacial ou manutenção de equilíbrio gravitacional, fazendo ocasionalmente um trabalho de parto e apresentando os diagnósticos exigidos pelos programas.

Mas conhecia um corpo sem vida só de olhar.

— Está morto. — Sua voz parecia tensa e era levemente exótica. Sua pele era amarela, parecendo um papiro, e exibia tantas rugas quanto um mapa velho. Tinha olhos pretos amendoados. Sua cabeça era lustrosa e lisa, emprestando-lhe a aparência de uma antiga e muito usada bola de bilhar.

— Sim, isso eu também consegui descobrir. — Eve esfregou os olhos. Jamais lidara com médicos de estações espaciais antes, mas já ouvira muito falar deles. Era fato conhecido que eles não gostavam de ter a sua confortável rotina interrompida. — Digame a causa da morte e a hora, doutor.

— Estrangulamento. — Wang tocou as marcas terríveis em volta do pescoço de Mathias com um dedo indicador muito comprido. — Auto-induzido. Quanto ao momento da morte, eu diria que ocorreu entre dez e onze da noite, no dia de hoje.

— Obrigada, doutor — Eve lançou-lhe um sorriso leve. — Não há nenhum outro sinal de violência no corpo, então estou inclinada a concordar com o seu diagnóstico de suicídio. Só que gostaria de ver o relatório dos testes de uso de drogas. Vamos ver se o suicídio foi quimicamente induzido. O senhor estava tratando de alguma doença do falecido?

— Não sei dizer assim, de cabeça, mas ele me parece pouco familiar. Tenho seus dados, é claro. Ele foi obrigado a passar por mim, no exame médico padrão para admissão aqui na estação espacial.

— Vou querer este material também.

— Vou fazer o possível para atendê-la, senhora Roarke.

— Dallas... Chame-me de tenente Dallas, por favor. — Os olhos dela se apertaram. — Agite isso o mais rápido que puder, Wang — e olhou para o corpo mais uma vez. *Um homem pequeno, pensou, magro, pálido. Morto.*

Apertando os lábios, analisou o rosto. Ela já conhecia as peças macabras que a morte pregava nas pessoas, particularmente em casos de morte violenta. Às vezes a morte brincava com as expressões dos rostos das vítimas, mas Eve jamais vira nada parecido com aquele sorriso largo e os olhos esbugalhados. Sentiu um calafrio.

O desperdício, o patético desperdício de uma vida tão jovem provocou-lhe uma tristeza insuportável.

— Leve-o com você, Wang. E envie-me os resultados. Pode mandar os dados básicos para o *tele-link* da minha suíte. Preciso descobrir quem era o parente mais próximo do rapaz.

— Naturalmente... — e sorriu para ela, completando: — ... tenente Roarke.

Ela sorriu-lhe de volta, mostrou-lhe todos os dentes e decidiu que não estava a fim de entrar na brincadeira dos nomes. Colocando-se em pé, apoiou as mãos nos quadris enquanto Wang orientava dois assistentes para transportar o corpo.

— Você deve estar achando isso muito divertido, não está? — murmurou para Roarke.

— Achando o que divertido?... — e piscou, todo inocente.

— Tenente Roarke.

Roarke tocou no rosto de Eve, pois precisava daquilo, e disse:

— E por que não? Nós dois bem que estamos precisando de um alívio cômico por aqui.

— Sei... O seu doutor Wang faz a gente dar uma gargalhada por minuto — e observou enquanto o médico saía, andando na frente do rapaz morto sobre a maca. — Isso me deixa possessa! Isso me deixa pau da vida!

— Até que o nome não fica assim tão mau.

— Não — e quase acabou rindo enquanto passava as mãos sobre o rosto. — Não estou falando disso... É o rapaz. Um garoto como aquele jogando fora seus próximos cem anos de vida. É isso que me deixa pau da vida.

— Eu sei — e esticou a mão para massagear o ombro de Eve. — Você tem certeza de que foi suicídio?

— Não há sinais de luta. Não há ferimentos adicionais no corpo — e se encolheu sob as mãos de Roarke. — Vou interrogar Carter e conversar com alguns dos outros funcionários. Pelo que me parece, porém, Drew Mathias chegou em casa, acendeu as luzes, ligou o som. Depois bebeu umas duas cervejas, talvez tenha feito uma viagem com os óculos de realidade virtual, comeu alguns *pretzels*. Então foi para o quarto, tirou todos os lençóis da cama, fez uma corda com eles e elaborou um laço muito preciso, muito profissional.

Eve girou o corpo para outro lado, olhando em volta da sala, deixou que a cena assentasse em sua cabeça e continuou:

— Tirou toda a roupa e deixou as peças de lado. Subiu na mesa. Dá para ver as marcas dos seus pés que ficaram sobre a superfície.

Amarrou a corda na luminária, provavelmente deu um ou dois puxões para se certificar de que estava bem presa. Então, enfiou a cabeça no laço, usou o controle remoto para colocar as luzes na luminosidade máxima e deixou-se ficar ali, engasgando até morrer.

Pegando o controle remoto que já havia separado para servir de prova, continuou:

— Não foi uma morte rápida. O teto é baixo, e a queda não foi brusca o suficiente para quebrar-lhe o pescoço na mesma hora, mas ele não lutou, nem mudou de ideia. Se tivesse mudado, daria para a gente ver marcas das suas próprias unhas em volta do pescoço e da garganta, mostrando que ele se debatera e se arranhara, tentando se libertar.

— Mas isso não seria algo instintivo e involuntário de se fazer? — as sobrelanceiras de Roarke se uniram.

— Não sei... Isso depende do quanto a vontade que ele tinha de morrer era forte o suficiente. E depende do motivo também. Pode ser que ele estivesse ligado por estímulo de alguma droga,

mas isso vamos poder descobrir logo. Com a mistura exata das drogas certas, o cérebro nem registra a dor. Ele pode ter até curtido a própria morte.

— Não nego que talvez rolem algumas drogas ilegais por aqui. É impossível vigiar e supervisionar os hábitos de cada um dos funcionários, nem as suas escolhas pessoais. — Roarke encolheu os ombros e franziu a testa ao olhar para o lindo lustre azul. — Mathias, porém, não me parecia o tipo de usuário habitual de drogas, nem mesmo ocasional.

— As pessoas vivem surpreendendo a gente, e a lista das coisas que elas enfiam dentro da corrente sanguínea é surpreendente e interminável. — Foi a vez de Eve encolher os ombros. — Vou dar uma batida de praxe aqui no local do incidente, em busca de substâncias ilegais, e depois vou ver o que descubro com Carter. — Jogou o cabelo para trás com uma das mãos. — Por que você não vai lá para cima e dorme um pouco?

— Não, vou ficar aqui, Eve... — continuou ele, antes que ela conseguisse argumentar alguma coisa — ... Você me designou como seu assistente.

Isso a fez sorrir um pouco.

— Então, Roarke, saiba que qualquer ajudante decente já saberia que eu preciso de um pouco de café para enfrentar essa barra.

— Então vou providenciar café para você — e enquadrou o rosto dela entre as suas mãos. — Queria tanto que você ficasse longe de coisas como essa, por algum tempo... — Soltando-a, foi até a cozinha da suíte ao lado para preparar a bebida.

Eve entrou no quarto. As luzes estavam fracas e Carter estava sentado na beira da cama, com a cabeça entre as mãos. Esticou-se todo, assustado, assim que ouviu Eve entrar no quarto.

— Fique frio, Carter, você não vai ser preso, pelo menos por enquanto. — Ao ver que seu rosto empalideceu de repente, ela se sentou ao lado dele. — Desculpe, Carter, piadinha de mau gosto. Vou gravar esta entrevista com você, está bem?

— Sim... — e engoliu em seco. — Tudo bem.

— Tenente Eve Dallas interrogando Carter, ah... qual é o seu nome todo, Carter?

— Jack. Jack Carter.

— ... Interrogando Jack Carter, em busca de informações para esclarecimento da morte solitária de Drew Mathias. Carter, você dividia a suíte 1036 com o falecido?

— Sim, nos últimos cinco meses. Éramos amigos.

— Fale-me de hoje à noite. A que horas você voltou para casa?

— Não sei ao certo. Devia ser meia-noite e meia, acho. Eu vim de um encontro. Estou saindo com uma pessoa... Lisa Cardeaux... ela é uma das projetistas da área de paisagismo. Resolvemos ir até o complexo de entretenimento. Estavam passando um novo filme lá. Depois disso, fomos até o Clube Athena. Ele fica aberto para todos os funcionários. Tomamos uns dois drinques, ouvimos um pouco de música. Ela tinha que trabalhar muito cedo amanhã e, devido a isso, não ficamos juntos até mais tarde. Eu a deixei em casa — e sorriu de leve. — Tentei convencê-la a me deixar subir também, mas ela não quis saber de conversa.

— Certo. Então, você passou o tempo todo com Lisa. Veio direto para o quarto?

— Vim. Ela fica no bangalô dos empregados do resort, gosta de lá. Não quer se sentir presa em um quarto de hotel. É o que ela diz. Leva uns dois minutinhos apenas, pela passarela aérea, para vir de lá até aqui — e respirou fundo, passando a mão no peito, junto do coração, como se procurasse acalmá-lo. — Drew estava com a porta trancada. Costumava fazer isso. Alguns dos funcionários deixam a porta destrancada, mas Drew tinha ciúme do seu equipamento eletrônico, e

ficava paranoico só de pensar que alguém podia mexer ali.

— O sistema de abertura de porta por reconhecimento palmar estava codificado para mais alguém, além de vocês dois?

— Não.

— Certo. Então, o que aconteceu?

— Eu o vi. Assim que entrei. Subi para chamar vocês dois na mesma hora.

— Tudo bem. E quando foi a última vez que o viu com vida?

— Hoje de manhã. — Carter esfregou os olhos, tentando visualizar a normalidade da cena. As luzes, a comida, a troca de ideias. — Conversamos amenidades, tomamos o café da manhã.

— E como ele estava? Parecia aborrecido, ou deprimido?

— Não. — Os olhos de Carter ficaram mais focados de repente, e se animaram pela primeira vez. — É isso que eu não consigo aceitar. Ele parecia ótimo. Estava brincando comigo, pegando no meu pé e me zoando por causa de Lisa, por eu não ter ainda... você sabe... me dado bem. Estávamos zoando um ao outro, só de brincadeira. Eu disse a Drew que ele não se dava bem com uma garota há tanto tempo que, quando isso acontecesse, ele nem ia perceber. E perguntei por que ele não arrumava uma companhia para sair conosco e aprender como é que se fazia.

— Ele estava se encontrando com alguém?

— Não. Vivia falando sobre uma namorada que ele tem, que não mora aqui na estação espacial. *Minha gata. Era assim* que ele a chamava. Estava planejando usar as próximas folgas para visitá-la. Comentou que ela era perfeita: tinha cérebro, beleza, um lindo corpo e um tesão infundável. Para que ele iria perder tempo com modelos inferiores quando possuía o topo de linha à sua espera?

— Você não sabe o nome dela?

— Não. Era apenas A Minha Gata. Para ser franco, acho que ele inventou essa história toda. Drew não era o tipo do cara que atrai as "gatas", entende? Era tímido com as mulheres, e se ligava mais em jogos de fantasia, realidade virtual e bonecos automatizados. Estava sempre trabalhando em algo desse tipo.

— E ele tinha outros amigos?

— Não muitos. Vivia em contato com as pessoas, mas era muito na dele, um cara introvertido, sabe como é?

— Ele usava drogas químicas, Carter?

— Claro. Alguns estimulantes básicos, quando estava a fim de virar a noite trabalhando.

— E drogas ilegais, Carter? Ele as usava?

— Drew? — Seus olhos cansados se arregalaram. — Nem pensar! Em absoluto, de jeito nenhum! Ele era um cara todo certinho, jamais se envolveria com drogas ilegais, tenente. Tinha uma cabeça boa, e queria se manter assim. E gostava muito do emprego que tinha, queria subir na carreira. Por aqui, a gente pode se queimar por causa de drogas. Basta ser pego uma vez, em uma inspeção de rotina.

— Tem certeza de que você saberia se ele tivesse resolvido experimentar?

— Depois de conviver com alguém durante cinco meses, já dá para a gente conhecer bem a pessoa. — Os olhos de Carter ficaram muito tristes novamente. — A gente se acostuma com a pessoa, conhece seus hábitos e tudo o mais. Como eu lhe disse, ele não costumava buscar a companhia de outras pessoas. Sentia-se muito mais feliz sozinho, brincando com o seu equipamento e inventando novos lances para os seus programas de simulação da vida real.

— Um cara solitário então, introvertido.

— Isso! Era assim que Drew era. Mas não se sentia chateado por ser assim, nem estava deprimido. Vivia dizendo que estava projetando algo muito grande, um brinquedinho novo. Estava sempre bolando algum programa novo — murmurou Carter. — Na semana passada ele me disse que ia ganhar uma grana bem alta desta vez, e Roarke ia ter que correr atrás dele para ter algum lucro.

— Roarke?

— Ele não quis dizer nada de mais com isso não — explicou Carter, depressa, defendendo o morto. — Sabe como é... Roarke, para muitos de nós, é o máximo dos máximos, entende? Um cara demais! Esbanjando grana por aí, vestindo roupas espertas, sempre por cima, transbordando de poder, com uma nova esposa muito sexy... — e ficou vermelho, calando a boca na mesma hora. — ... Desculpe.

— Tudo bem — Eve ia decidir mais tarde se achava graça naquilo ou ficava completamente estupefata pelo fato de um rapaz de pouco mais de vinte anos a considerar sexy.

— Roarke é tudo o que muitos de nós, técnicos... bem, um monte de gente, de modo geral, aspira na vida. Roarke é uma espécie de ídolo. Drew nutria uma admiração total por ele. E tinha ambições, senhora... tenente. Tinha objetivos, fazia planos. Por que motivo faria uma coisa dessas consigo mesmo? — De repente, seus olhos se encheram de lágrimas. — Por que ele faria isso?

— Não sei, Carter. Às vezes a gente nunca chega a saber o porquê.

Ela o guiou de volta, e o fez relatar tudo novamente, até conseguir formar uma imagem mais sólida de Drew Mathias. Uma hora depois já não havia mais nada para Eve fazer, a não ser montar um relatório completo que seria entregue ao policial que viria da Terra até a estação espacial, especialmente para documentar o caso.

Eve se encostou na parede espelhada do elevador enquanto subia com Roarke de volta para a cobertura.

— Foi uma boa ideia a sua transferir Carter para outro quarto, em outro andar — comentou ela. — Talvez assim ele consiga dormir melhor.

— Carter só vai dormir melhor se tomar os tranquilizantes. E quanto a você? Vai conseguir dormir?

— Vou. Ia ser bem mais fácil se eu tivesse uma pista, por menor que fosse, do que o levou a fazer isso. — Eve saiu no corredor e ficou esperando enquanto Roarke desligava o sistema de segurança da suíte, para eles poderem entrar. — A imagem que eu faço de Mathias é a de um *nerd* especializado em eletrônica e com grandes aspirações. Tímido com as mulheres, metido em fantasias. Feliz no trabalho... — e levantou os ombros. — Não houve ligações feitas nem atendidas em seu *tele-link*, nenhum e-mail foi enviado nem recebido, nenhuma mensagem gravada na caixa postal de voz e o trinco eletrônico da porta foi acionado às dezesseis horas da tarde de ontem por ele mesmo, Mathias, e liberado à meia-noite e trinta e três por Carter. Não recebeu visitas e não saiu de casa. Simplesmente se recolheu para passar a noite, e então se enforcou.

— Não foi homicídio.

— Não, não foi homicídio. — Aquilo tornava as coisas melhores, perguntou-se ela... ou piores? — Não há ninguém para culpar, ninguém para punir. Apenas um garoto morto. Uma vida desperdiçada — e se virou para Roarke de repente, apertando-o com força em um abraço inesperado. — Roarke, você mudou a minha vida.

Surpreso, ele levantou o queixo de Eve e a fez olhar para ele. Não havia lágrimas em seus olhos, que estavam secos, com fúria e raiva.

— O que significa isso? — quis saber ele.

— Você mudou a minha vida — repetiu ela. — Ao menos parte dela. Estou começando a achar que é a melhor parte dela. Quero apenas que você saiba disso. Quero que se lembre disso quando a gente voltar e as coisas caírem na rotina, para o caso de eu me esquecer de dizer a você o que sinto, o que penso e o quanto você significa para mim.

Comovido, ele pressionou os lábios sorridentes sobre uma das sobrancelhas dela.

— Pode deixar que eu não deixo você esquecer de me lembrar. Venha para a cama. Você está cansada.

— É, estou mesmo... — Eve colocou os cabelos para trás, tirando-os da frente do rosto enquanto se encaminhava para o quarto. Eles tinham menos de quarenta e oito horas juntos, lembrou. Não pretendia deixar que uma morte inútil estragasse as últimas horas de sua lua de mel.

Virou a cabeça meio de lado e pestanejou, afirmando: — Você sabe que Carter me acha sexy?

Roarke parou na mesma hora e apertou os olhos.

— Como é que é?...

Ela adorava quando aquele sotaque irlandês surgia, meio arrogante.

— E acha você o máximo dos máximos, Roarke — completou ela, colocando-se de costas e apoiando a cabeça sobre os ombros tensos dele enquanto desabotoava a blusa.

— E eu sou o máximo mesmo?

— O máximo, ou, como Mavis diria... *mais que demais!*. E parte da razão de você ser o máximo, caso esteja interessado em saber, é o fato de ter se casado com uma mulher sexy.

Nua da cintura para cima, ela se sentou na beira da cama e tirou os sapatos. Lançou um olhar meio de lado para ele e notou que ele estava com as mãos nos bolsos e sorria. Seus lábios sorriram também. Era muito bom sorrir.

— Então, gostosão, você aí, que é o máximo... — e jogou a cabeça para o lado, levantando uma sobrancelha — ... o que vai fazer agora com a sua mulher sexy?

— Quer que eu mostre? — reagiu ele, passando a língua sobre os dentes e caminhando em direção a ela.

Eve, ao pensar na viagem de volta pelo espaço, achou que seria mais agradável ser lançada através do cano de uma arma infantil. Estava errada.

Usando o que considerava um raciocínio muito lógico para explicar o porquê de jamais voltar a colocar os pés na aeronave particular de Roarke, Eve argumentou:

— É que eu não quero morrer.

Ele riu dela, o que fez os olhos dela acenderem de raiva, e então ele simplesmente a pegou no colo e a carregou para dentro da aeronave.

— Não adianta, Roarke, porque eu não vou ficar! — Seu coração martelou de encontro ao peito quando viu que ele já pisara sobre o carpete macio da cabine de passageiros. — Estou falando sério! Você vai ter que me nocautear para me obrigar a ficar aqui dentro dessa armadilha voadora.

— Humm-humm... — Escolhendo uma poltrona larga e funda, estofada em couro preto extremamente macio, ele a manteve em seu colo e, em um movimento rápido, sentou-se e prendeu o cinto sobre os dois, segurando os braços de Eve para limitar qualquer possível represália.

— Ei! Pare com isso! — Em pânico, ela lutou, se remexeu toda, xingou. — Me solta! Quero sair daqui!

Seu traseiro colado no colo dele e se remexendo sem parar deu-lhe uma ótima ideia sobre como passar as primeiras horas de viagem.

— Pode decolar assim que tiver permissão! — ordenou ele ao piloto, sorrindo a seguir para a comissária.

— Não vamos precisar de você por algum tempo — explicou à comissária, e trancou as portas da cabine a distância, assim que ela se retirou com discrição.

— Eu vou arrebentar você! — prometeu Eve. Quando ouviu o ruído dos motores aumentando de intensidade, ficando mais agudos, e começou a sentir a leve vibração sob seus pés, o que sinalizava que a decolagem estava prestes a acontecer, considerou por um momento a ideia de roer o cinto de segurança com os próprios dentes. — Não vou fazer isso, Roarke! — disse ela, com tom decisivo. — Não vou fazer isso. Mande-o abortar a sequencia de lançamento.

— Tarde demais! — Ele colocou os braços em volta dela, abraçando-a, e deu uma fungada em sua nuca. — Relaxe, Eve. Confie em mim. Viajar nesta aeronave é mais seguro do que dirigir no centro da cidade.

— Ah, tô sabendo!... Ai, meu Deus!... — Ela apertou os olhos com toda a força quando os motores soltaram um rugido poderoso. A aeronave pareceu ser arremessada diretamente para cima, deixando o seu estômago caído no chão da cabine. A aceleração para vencer a força da gravidade foi tão forte que a atirou para trás, deixando-a colada em Roarke.

Ela mal conseguia respirar no instante em que a velocidade pareceu diminuir, e descobriu que a pressão que sentia no peito era provocada pelo ar que ela estava prendendo nos pulmões. Expirando com força, soltando um assobio, ela tornou a sugar o ar, como um mergulhador que acaba de alcançar a superfície, vindo de grandes profundezas.

Ela ainda estava viva, disse a si mesma. Isso já era alguma coisa. Agora, ia ter que matá-lo. Só neste instante foi que notou que não apenas ela já estava livre do cinto de segurança como também sua blusa já estava desabotoada e as mãos dele já estavam, em concha, sobre os seus seios.

— Se você acha que vai fazer sexo comigo depois de ter me... Ele simplesmente a girou de frente para ele. Eve notou o brilho de humor e desejo em seus olhos segundos antes de sua boca se fechar com força sobre o seu seio.

— Seu cretino! — Mas ela começou a rir enquanto fisgadas de prazer a atingiam, e colocou as mãos em volta da cabeça dele para mantê-lo em posição.

Ela nunca sabia ao certo o que ele planejava fazer com ela, ou para ela. Aquelas ondas selvagens de prazer, o brilho lento e excitante delas... Ela se balançou, colocando o corpo de encontro ao dele, e se deixou abandonar, esquecendo tudo, a não ser o jeito maravilhoso com que os dentes dele a mordiscavam enquanto sua língua trabalhava.

Então, foi ela que o puxou para o carpete espesso e macio, puxando a sua boca e forçando-a a mergulhar na dela, pedindo:

— Dentro de mim! — e puxou a camisa dele para fora, querendo sentir aquela carne forte e musculosa sob as mãos dela. — Quero você dentro de mim!

E ele atendeu ao pedido, com generosidade. Era uma variedade de sabores, da boca para a garganta, da garganta para o ombro, do ombro para o seio. Ele experimentou de tudo com carinho, com *finesse*, com uma calma concentração focada apenas no prazer mútuo.

Ele a sentiu começar a tremer debaixo das suas mãos e da sua boca.

A pele dela ficou úmida enquanto ele seguia rumo à sua barriga, arriando suas calças e tentando alcançar o espaço entre suas coxas. Sua língua se movimentou com destreza ali, fazendo-a gemer. Seus quadris se arquearam em direção a ele, enquanto ele os apertava, levantando-os e abrindo-a para ele. Quando sua língua escorregou lentamente pelo ponto mais quente, ele sentiu o primeiro orgasmo rasgá-la por dentro.

— Mais! — pediu ela.

Ganancioso agora, ele a devorava. Ela se deixava levar por ele como jamais fizera com mais ninguém, e ele sabia disso. Ela se deixava perder no que os dois faziam juntos.

Quando ela já estava tremendo toda, com as mãos jogadas para o lado, completamente moles sobre o carpete, ele levantou o corpo dela um pouco mais e se deixou escorregar para o interior dela, acasalando-se lá dentro.

Os olhos dela se arregalaram e se encontraram com os dele. Concentração foi o que ela viu ali. Controle absoluto. Ela queria, *precisava acabar com aquele poder dele*, ou pelo menos saber que poderia fazer isso, pois ele podia destruí-la se quisesse.

— Mais! — ela tornou a insistir, enganchando as pernas em volta da cintura dele para trazê-lo ainda mais fundo. Viu o fulgor em seus olhos, a profunda e escura necessidade que morava dentro dele e, trazendo sua boca de encontro à dela, mordendo aqueles lábios maravilhosamente esculpidos que ele tinha, ela se remexeu por baixo dele.

Ele prendeu os cabelos dela com as mãos, a respiração cada vez mais acelerada enquanto ele continuava como um aríete, bombeando-a com toda força, cada vez mais rápido, mais depressa, até sentir que seu coração ia explodir com a ferocidade do ato. Ela o acompanhava, a cada estocada, recebendo cada investida, até que suas unhas sem pintura começaram a se enterrar nas costas dele, nos ombros dele, nos quadris dele. E sentiu fisgadas deliciosas de dor.

Ele sentiu que ela teve outro orgasmo, pela violenta contração dos músculos dela em volta de sua masculinidade, de forma gloriosa. *Mais uma vez* era tudo o que ele conseguia pensar. *De novo, de novo, uma vez mais...*, e continuava a golpeá-la por dentro, engolindo seus gemidos e suspiros, estremecendo de prazer ao ouvir o ruído de carne molhada se esfregando contra sua pele.

Ele sentiu o corpo dela ficar novamente tenso, revivendo-se em direção a uma nova explosão de prazer. Enquanto aquele gemido longo e gutural escorria de seus lábios, ele esfregou o rosto nos cabelos dela e, com um golpe final, se deixou esvaziar por completo.

Deixando-se desabar sobre ela, com a mente ainda confusa, ele sentiu o próprio coração martelar. Ela estava mole, como se tivesse se liquefeito embaixo dele, a não ser pela fúria do seu coração batendo de encontro ao dele.

— Não podemos continuar nesse ritmo, sabia? — ela conseguiu balbuciar, depois de um instante. — Vamos acabar nos matando.

— De qualquer modo, vamos morrer felizes — e conseguiu dar uma risadinha ofegante. — Eu planejava um pouco mais de romance... um vinhozinho e talvez uma música suave para encerrar com chave de ouro a nossa lua de mel — e levantou a cabeça, sorrindo enquanto olhava para ela, embaixo dele — ... mas isso funcionou do mesmo jeito.

— O que não significa que eu não esteja mais pau da vida com você!...

— Naturalmente. Nossos melhores momentos de sexo acontecem nas ocasiões em que você está pau da vida comigo — e deu uma mordida no maxilar dela, descendo e enfiando a ponta da

língua na covinha de seu queixo. — Eu adoro você, Eve...

Enquanto ela ainda estava meditando sobre àquela ideia, como sempre fazia, ele rolou para o lado, se colocou em pé, bem devagar, e foi caminhando, nu, até um console espelhado que ficava entre duas poltronas. Colocou a palma da mão no vidro e uma portinhola se abriu.

— Tenho uma coisa aqui para você... — disse ele. Eve olhou para a caixa com desconfiança e disse:

— Você não tem que ficar me dando presentes. Já abe que eu não quero que faça essas coisas.

— Eu sei sim. Isso a deixa desconfortável e pouco à vontade — e sorriu. — Talvez por isso mesmo é que eu continue fazendo. Sentando-se ao lado dela no chão, ele entregou-lhe a caixa. — Abra!

Ela imaginou que era alguma joia. Roarke parecia adorar presenteá-la com todo tipo de penduricalhos: diamantes, esmeraldas e cordões de ouro que sempre a deixavam atordoada e se sentindo estranha. Ao abrir a caixa, porém, tudo o que viu foi uma flor branca. Muito simples.

— Que é isso? Uma flor?

— Sim, do seu buque de noiva. Mandeí fazer um tratamento especial para ela.

— Uma petúnia... — Os olhos de Eve transbordaram em lágrimas ao tirar a flor da caixa. Uma flor simples, comum, bem comum, que podia nascer em qualquer jardim. As pétalas linda estavam macias, úmidas, como se estivessem sob o orvalho da manhã, ainda frescas.

— É um processo novo, no qual as minhas companhias andam trabalhando. Ele preserva o material orgânico sem modificar a textura básica. Queria que você a guardasse para sempre — fechou a mão, envolvendo a dela. — Queríamos que nós dois a guardássemos, para lembrarmos sempre que algumas coisas duram para sempre.

Ela levantou os olhos e fixou-os nos dele. Ambos tinham vindo da miséria, pensou, e conseguiram sobreviver a isso Ambos tinham sido arrastados através de eventos violentos e trágicos, e ambos conseguiram superar tudo. Através de diferentes caminhos, haviam encontrado uma rota comum aos dois.

Algumas coisas duram para sempre, pensou ela. Algumas coisas bem comuns. Como o amor.

CAPÍTULO TRÊS

As três semanas que Eve passara longe dali não modificaram em nada a Central de Polícia. O café continuava venenoso, o barulho insuportável e a vista de sua janela espremida continuava podre.

Eve estava toda empolgada por estar de volta. Os policiais da sua unidade prepararam uma mensagem para recebê-la. Uma vez que o texto já estava piscando sem parar no seu monitor assim que ela entrou em sua sala, viu que aquilo só podia ser coisa de seu velho amigo Feeney, o mago da eletrônica, que conseguira passar por cima de seu código de acesso.

SEJA BEM-VINDA, TENENTE AMORECO

Hurra-hurra

Hurra hurra? — *Ela não conseguiu* prender o riso. Parecia grito de torcida de escola, mas fez com que ela se sentisse em casa.

Deu uma olhada na bagunça que estava a sua mesa. Ela não tivera tempo de arrumar nada no período entre o fechamento inesperado de seu último caso, que acabara acontecendo durante a despedida de solteira, já na madrugada do dia do seu casamento. Notou, porém, o disco cuidadosamente selado e etiquetado com competência. Ele havia sido colocado sobre a pilha de trabalhos antigos.

Deve ser obra de Peabody, concluiu Eve. Enfiando o disco em seu computador de mesa, ela xingou o aparelho uma vez e deu dois tapas na sua lateral, para curar os soluços ridículos que ele emitia, e viu que a sempre confiável Peabody tinha, como ela imaginara, preenchido todo o formulário de prisão, registrara a ocorrência e colocara o caso resolvido no arquivo central.

Aquilo não devia ter sido fácil para Peabody, Eve avaliou, visto que antes da solução do caso ela andara dormindo com o acusado.

Eve deu outra olhada na pilha de trabalhos antigos e fez uma careta. Reparou que já estava com a agenda lotada de participações para testemunhar em julgamentos para os próximos dias. Aquilo ia ser um malabarismo, e ela teve que aceitar espremer seus compromissos para acomodar a exigência de Roarke de três semanas fora. Aquilo tinha um preço, e Eve ia ter que pagar agora.

Pensando bem, Roarke também teve que fazer um bocado de malabarismo com os

compromissos dele também, lembrou a si mesma. Agora, ambos estavam de volta ao trabalho e à realidade do dia-a-dia. Em vez de começar a rever os casos nos quais ela estava intimada a testemunhar, Eve ligou o *tele-link* e iniciou uma varredura no sistema, em busca da policial Peabody.

O rosto familiar e muito sério, emoldurado por um capacete de cabelos escuros, fez um zumbido e apareceu no monitor.

— Sim, senhora, aqui estou. Seja bem-vinda de volta.

— Obrigada, Peabody. Venha à minha sala, por favor, o mais rápido possível.

Sem esperar pela resposta, Eve desligou o aparelho e sorriu para si mesma. Ela providenciara para que Peabody fosse transferida para a Divisão de Homicídios. Agora, pretendia ir um pouco mais longe. Tornou a ligar o *tele-link*.

— Aqui fala a tenente Dallas. Gostaria de falar com o comandante.

— Tenente! — foi a secretária do comandante que atendeu, e apareceu sorrindo para ela. — Como foi a lua de mel?

— Foi muito legal. — Eve sentiu um rápido calor subir-lhe pelo rosto ao notar o brilho nos olhos da mulher. A saudação de *hurra-hurra* a divertira. Aquele olhar sonhador, porém, a fazia ficar com vontade de se encolher toda. — Obrigada por perguntar.

— Você estava uma noiva linda, tenente. Vi as fotos e o evento também apareceu nos noticiários e canais de fofoca. Vimos fotos de vocês em Paris também. Tudo parecia tão romântico...

— Foi... — *Aquele era o preço da fama*, pensou Eve, *o preço de Roarke*. — Toda a viagem foi... legal. Ahn... e o comandante?

— Ah, é claro. Um momento, por favor.

Enquanto o aparelho zumbia, Eve olhou para o teto. Ela até podia aceitar o fato de estar sempre sob os refletores, mas jamais conseguiria curtir aquilo.

— Olá, Dallas! — O sorriso do comandante Whitney tinha um quilômetro de largura, e ele estava com um olhar esquisito no rosto duro e moreno. — Você está com uma aparência... boa.

— Obrigada, senhor.

— Você aproveitou bem a sua lua de mel?

Nossa, ela pensou, qualquer hora alguém ia perguntar se ela curtiu ser comida em várias partes do mundo e no espaço sideral também.

— Sim, comandante, aproveitei bastante, obrigada. Imagino que o senhor já tenha lido o relatório da policial Peabody sobre o encerramento do caso Pandora.

— Sim, li. Está bem completo. O promotor vai pedir pena máxima para Casto. Você se arriscou muito nesse caso, tenente.

Ela sabia muito bem do quanto estivera próxima de perder não apenas a cerimônia do próprio casamento, mas também o resto da sua vida junto.

— Machuca mais quando o assassino é um colega policial — comentou ela. — Enfim, foi a maior correria, senhor, e eu mal tive tempo de lhe entregar a minha recomendação acompanhada do pedido para que Peabody fosse transferida, em caráter definitivo, para a minha divisão. A assistência dela, não só neste caso como também em outros que investiguei, tem sido valiosíssima.

— Ela é uma boa policial — concordou Whitney.

— Com certeza, senhor. Tenho um pedido a fazer, comandante.

Cinco minutos depois, quando Peabody entrou em sua sala entulhada, Eve já estava de volta à sua mesa, analisando alguns dados no monitor.

— Tenho que me apresentar para depor no tribunal em uma hora — informou Eve, sem jogar conversa fora. — É sobre o caso Salvatori. O que sabe sobre isso, Peabody?

— Vito Salvatori está sendo julgado por vários homicídios, com agravante de uso de tortura. Ele é suspeito de distribuição de substâncias ilegais e já responde à acusação da morte de três outros traficantes conhecidos, tanto de Zeus quanto de outras substâncias que estão na lista negra das proibidas. As vítimas foram queimadas vivas em uma pensão na parte baixa do East Side no inverno passado, depois de terem os olhos e a língua arrancados. A senhora foi a investigadora principal do caso.

Peabody recitou os fatos de forma objetiva e formal, enquanto permanecia em posição de sentido, com o uniforme impecável.

— Muito bem, policial. Você leu o relatório que apresentei após a prisão do suspeito?

— Sim, tenente, eu li.

Eve concordou com a cabeça. Um ônibus aéreo passou ao lado da janela, fazendo um ruído ensurdecedor e provocando deslocamentos de ar.

— Então — continuou Eve — você sabe que antes de prender Salvatori eu quebrei o braço dele na altura do cotovelo, esmaguei seu maxilar e o livre de vários dentes. Os advogados dele vão tentar me fritar no tribunal, por excesso de violência no momento da prisão.

— Pois eu acho que vai ser um pouco difícil conseguirem fazer isso, senhora, já que o acusado havia colocado fogo no prédio e deixou a senhora cercada pelo fogo no momento em que se viu acuado. Se a senhora não o tivesse prendido usando os meios de que dispunha naquele instante, era *ele* que teria sido frito, por assim dizer.

— Certo, Peabody. Tenho este e mais um monte de outros casos onde vou ter que testemunhar, ou acompanhar e dar andamento até o fim da semana. Preciso de todos esses arquivos passados para o meu computador, na pasta dos horários de comparecimento ao tribunal, devidamente resumidos e organizados. Pode me encontrar com os dados que acabei de lhe solicitar daqui a meia hora, na saída leste.

— Senhora, eu estou de serviço. O detetive Crouch me deu uma lista de registros de veículos para conferir. — Um leve ar de desdém na voz foi a única pista sobre o que Peabody achava de Crouch e a tarefa ridícula da qual a incumbira.

— Deixe que eu cuido de Crouch. O comandante já autorizou a minha requisição. Você está ligada a mim agora. Sendo assim, passe adiante esse lixo de trabalho que despejaram em cima de você e mexa essa bunda para providenciar o que eu pedi, policial.

— Eu... vou trabalhar com a senhora, senhora? — Peabody piscou.

— Sua audição ficou com problemas enquanto eu estive fora?

— Não, senhora, mas...

— E você está com alguma quedinha pelo Crouch? — Eve começou a se divertir ao ver o queixo de Peabody despencar de espanto.

— Eu, hein, está de gozação? Ele é... — e parou de falar de repente, endurecendo o corpo novamente. — Ele não é meu tipo, tenente. Acho que aprendi bem a lição sobre envolvimento românticos com colegas de trabalho.

— Não se martirize por causa disso, Peabody. Eu gostava de Casto, também. Você fez um trabalho fantástico naquele caso.

Ajudava ouvir aquilo, mas a ferida continuava aberta.

— Obrigada, tenente — agradeceu Peabody, mesmo assim.

— É por causa disso que você acaba de ser designada como minha assistente permanente. Quer ganhar um distintivo de detetive, policial?

Peabody sabia reconhecer o que estava recebendo: uma oportunidade, um presente caído do céu. Fechou os olhos por um momento, até conseguir manter a voz sob controle, e respondeu:

— Sim, senhora, quero ganhar sim.

— Ótimo. Embora você tenha que ralar muito para isso. Organize os dados que pedi e vamos ao trabalho!

— Agora mesmo! — Ao chegar à porta, Peabody parou e se virou para trás. — Estou muito grata pela oportunidade que a senhora está me oferecendo.

— Pois não precisa ficar. Você fez por merecer. Mas se pisar na bola comigo, vai direto para o controle de tráfego... — Eve sorriu de leve — ... e vai ser tráfego aéreo!

Servir de testemunha no tribunal fazia parte do trabalho. Do mesmo modo, Eve lembrou a si mesma, sujeitos com cara de fuinha, arrogantes e metidos a besta como S. T. Fitzhugh, advogado de defesa, também eram ossos do ofício. Ele era astuto e escorregadio, um homem capaz de defender o mais baixo dos crápulas, desde que tivessem dinheiro. Seu sucesso em defender grandes traficantes, assassinos e molestadores sexuais fazendo-os escorregar entre as garras da lei era tão grande que ele podia se dar ao luxo de ostentar ternos caríssimos em cores claras e sapatos feitos a mão.

No tribunal, ele era uma figura que causava impacto, com a sua pele cor de chocolate derretido contrastando com as cores suaves e tecidos finos que habitualmente usava. Seu rosto comprido e simpático tinha a pele lisa como a seda de seus paletós, graças ao tratamento de pele que fazia três vezes por semana no caríssimo Adônis, o salão de beleza para os homens mais sofisticados da cidade. Sua silhueta era impecável: estreita nos quadris e larga nos ombros. Sua voz tinha o tom profundo e rico de um barítono.

Ele cortejava a imprensa, reunia-se socialmente com a elite do crime e possuía um Jet Star particular.

Um dos pequenos prazeres da vida de Eve era desprezá-lo.

— Deixe-me tentar formar uma imagem mais clara do que aconteceu, tenente — e levantou os polegares e indicadores em ângulo reto, como quem forma uma tela. — Gostaria de ter uma visão mais clara das circunstâncias que a levaram a atacar o meu cliente em seu local de trabalho.

O promotor apresentou um protesto contra esta frase e Fitzhugh, com ar gentil, a refez:

— Tenente Dallas, a senhora realmente causou danos físicos muito extensos ao meu cliente na noite em questão — e se virou para trás, fixando o olhar em Salvatori, que se vestira para a ocasião com um terno preto bem simples. Seguindo as recomendações de seu advogado, ele suspendera todas as sessões de rejuvenescimento e aplicação de cosméticos nos últimos três meses. Seu cabelo estava grisalho, e havia bolsas e papadas em seu rosto e em seu corpo. Estava com aparência de um velho indefeso.

Eve imaginou que o júri ia fazer uma comparação entre a policial jovem, em boa forma, e o velho frágil.

— O senhor Salvatori reagiu à prisão e tentou colocar fogo no local, usando material altamente inflamável. Foi necessário imobilizá-lo — explicou Eve.

— Imobilizá-lo?!... — Lentamente, Fitzhugh voltou para o lugar de onde viera, passando diante

do robô que gravava toda a sessão e se encaminhando para a tribuna do júri, colocando-se diante de uma das seis câmeras automáticas para mostrar a mão que pousava sobre o ombro magro de Salvatori, em sinal de solidariedade. — A senhora teve que imobilizá-lo e esse ato resultou na fratura do seu maxilar e no esfacelamento de seu braço.

Eve lançou um olhar de relance em direção ao júri. Vários jurados estavam com uma evidente cara de pena.

— Essa informação é correta — confirmou Eve. — O senhor Salvatori recusou-se a atender ao meu pedido para que saísse do prédio e largasse o cutelo de açougueiro e a tocha de acetileno que tinha nas mãos.

— A senhora estava armada, tenente?

— Estava.

— E carregava a arma padrão utilizada pelos membros do Departamento de Polícia de Nova York?

— Sim.

— Então, se o senhor Salvatori estava armado e resistia à ordem de prisão, como a senhora afirma, por que razão não procedeu da forma regulamentar, atingindo-o com a arma posicionada para atordoar?

— Eu errei o alvo. O senhor Salvatori estava se sentindo muito bem e se mostrou bastante ágil naquela noite.

— Entendo. Nos seus dez anos de polícia, tenente, quantas vezes a senhora já julgou necessário empregar a força máxima da arma? Quantas vezes atirou para matar?

Eve ignorou a fígada no estômago e respondeu:

— Três vezes.

— Três?! — Fitzhugh deixou a palavra em suspenso, deixando que o júri avaliasse a mulher que ocupava a cadeira das testemunhas. Uma mulher que já matara. — Essa relação de três mortes em dez anos não é um pouco alta? A senhora não diria que essa porcentagem indica uma certa predileção de sua parte pela violência?

O promotor pulou na mesma hora, apresentando um protesto com cara azeda e citando a frase padrão que dizia que não era a testemunha que estava sob julgamento. Mas é claro que estava, pensou Eve. Tiras estavam sempre sob julgamento.

— O senhor Salvatori estava armado — Eve começou a falar, com toda a frieza. — Eu trazia um mandado de prisão pela tortura de três pessoas. Três pessoas que tiveram os olhos vazados e as línguas arrancadas antes de serem queimadas vivas, crimes pelos quais o senhor Salvatori está hoje sendo julgado nesta corte. Ele se recusou a cooperar e deixou isso bem claro ao mirar a minha cabeça e me atirar o cutelo, o que acabou por prejudicar a minha mira. A seguir ele me atacou, jogando-me no chão. Acredito que as suas palavras nessa ocasião foram: "Vou arrancar o seu coração fora, sua piranha!", e foi nesse momento que nos lançamos em uma luta corpo a corpo. Segundos depois eu quebrei seu maxilar, arranquei-lhe vários dentes e, quando ele tentou me atingir com a chama da tocha de acetileno, quebrei a porcaria do seu braço.

— E a senhora sentiu prazer ao fazer isso, tenente?

Eve olhou fixamente para Fitzhugh por algum tempo, até que, finalmente, respondeu:

— Não, senhor, não senti prazer nisso. O grande prazer que eu senti foi o de continuar viva.

— Lama humana! — murmurou Eve ao entrar de volta no carro.

— Ele não vai conseguir livrar Salvatori dessa. — Peabody se instalou no veículo e, para dispersar o calor interno que transformava o carro em uma fornalha, começou a mexer nos controles do ar-condicionado. — As provas são muito fortes e claras. E a senhora não se mostrou abalada por ele.

— Mas fiquei sim. — Eve passou as mãos pelos cabelos e então seguiu em frente, em direção ao pesado tráfego de final de tarde no centro da cidade. As ruas estavam tão engarrafadas que ela rangeu os dentes de raiva. Acima delas, porém, o céu estava entrecortado e cheio de ônibus aéreos, vans com turistas e coletivos diversos. — A gente se esforça, corre atrás do prejuízo, consegue tirar canalhas como Salvatori das ruas e homens como Fitzhugh arrebanham fortunas pondo-os de volta em liberdade... — e levantou o ombro. — Às vezes isso me deixa pau da vida!

— Não importa que alguém consiga libertá-los, a gente volta a correr atrás do prejuízo e os prende novamente.

Soltando uma leve risada, Eve olhou por um instante para a sua acompanhante e disse:

— Você é otimista, Peabody. Fico imaginando por quanto tempo esse seu idealismo vai aguentar. Vou ter que fazer um desvio de rota agora, antes de voltarmos para a central — e mudou de direção, agindo por impulso. — Quero dar um tempo até aquele ar carregado do tribunal sair todo dos meus pulmões.

— Tenente... a senhora não precisava de mim no julgamento hoje. Por que me levou até lá?

— Se você estiver realmente a fim de conseguir aquele distintivo de detetive, Peabody, precisa aprender contra o que nós temos que lutar. Não são apenas os assassinos, ladrões e viciados doidos. São os advogados.

Eve não se surpreendeu ao ver que as ruas continuavam completamente congestionadas e sem um lugarzinho para estacionar. Agindo de forma racional, embicou em uma zona ilegal e acendeu a luz externa do teto, mostrando que ela estava ali a serviço.

Ao sair do carro, lançou um olhar significativo para um garoto de programa que estava sobre uma prancha aérea, olhando em volta. Ele sorriu, piscou o olho para ela e saiu zunindo dali, em busca de um local mais acolhedor.

— Essa área toda está cheia de garotos de programa, traficantes e prostitutas sem licença — explicou Eve, em tom de conversa. — É por isso que adoro essa parte da cidade... — Abriu a porta da Boate Baixaria e entrou, sendo atingida na mesma hora pelo ar pesado que fedia a bebida barata e comida ruim.

Quartos privativos estavam alinhados em uma das paredes, todos com as portas abertas para espalhar o fedor estranho do sexo casual que ocorrera ali na véspera.

Era uma espelunca que gostava de exibir um ar sórdido e gravitava quase fora dos limites determinados pela Saúde Pública e as leis da decência. A imagem holográfica de uma banda de rock estava sobre o palco, tocando de forma apática para meia dúzia de gatos-pingados igualmente desinteressados.

Mavis Freestone estava em uma cabine à prova de som nos fundos. Seus cabelos pareciam uma fonte roxa que jorrava para todos os lados e duas pequenas tiras de tecido prateado estavam estrategicamente esticadas sobre o seu corpo pequeno e ousado. Pelo jeito com que a sua boca se movia e os lábios giravam, Eve notou que ela estava ensaiando um dos seus números vocais mais interessantes.

Eve ficou diante da porta de vidro, esperando, até que os olhos de Mavis circularam pela

cabine e caíram sobre ela. Os lábios de Mavis, pintados no mesmo tom escandaloso dos cabelos, formaram um círculo imenso que transmitiam puro deleite. Depois de uma rebolada rápida e enérgica, escancarou a porta. Uma explosão de guitarras de arrebentar os tímpanos foi lançada para fora da cabine junto com ela.

Mavis se atirou nos braços de Eve e, apesar de estar gritando, Eve só conseguiu ouvir uma ou outra palavra do que sua amiga falava, acima da música trovejante.

— O que foi que você disse? — Rindo, Eve tornou a fechar a porta e tentou tirar o eco daquele som da cabeça. — Por Deus, Mavis, que barulho foi esse?

— É o meu novo número! Todo mundo vai desmaiar quando ouvir.

— Pode crer que sim!

— Você voltou! — Mavis deu dois beijos estalados e inevitáveis em Eve. — Vamos sentar ali. Vamos beber. Conte-me todos os detalhes, sem esquecer nenhum. Oi, Peabody. Puxa, você não está morrendo de calor dentro desse uniforme?

Arrastando Eve pela mão até uma mesa gosmenta, pegou o menu.

— O que vai querer, Eve? É por minha conta. Crack me paga muito bem pelos números que apresento aqui toda semana. Ele vai ficar muito bolado se souber que não se encontrou com você. Puxa, estou tão contente por ver você! Nossa, você está ótima! Parece feliz. Ela não está ótima, Peabody? Sexo é assim tão... terapêutico, né?...

Eve caiu na risada novamente, e sentiu que fora ali em busca exatamente daquilo. Distração leve.

— Vamos tomar só duas águas com gás, Mavis. Estamos de serviço.

— Ih... E você acha que alguém daqui vai dedurar vocês? Ai, abra um ou dois botões desse uniforme, Peabody. Estou com calor só de olhar para você! E como foi em Paris, Eve? Como foi na ilha? Como foi no resort? Ele comeu você em todos esses lugares até te deixar vesga?

— Paris é linda, a ilha foi maravilhosa, o resort foi interessante e sim para a última pergunta. Como vai Leonardo?

Os olhos de Mavis adquiriram um ar sonhador. Sorriu e cutucou o menu sobre a mesa com a ponta da unha prateada, respondendo:

— Ele é o máximo! Morar junto é muito melhor do que eu pensava. Foi ele que desenhou esta fantasia para mim.

— É esse o nome que você dá a isso? — Eve analisou as finas tiras prateadas que mal cobriam os seios redondos de Mavis.

— Estou apresentando um novo número, sabia? Nossa, tenho tanta coisa pra te contar! — E agarrou a água com gás assim que ela surgiu pela abertura da mesa. — Nem sei por onde começar. Conheci um cara que é engenheiro de som. Estou trabalhando com ele. Estamos fazendo um disco, Eve... Serviço completo! Ele diz que vai conseguir divulgar o trabalho com facilidade. É um grande sujeito, e seu nome é Jess Barrow. Estourou há uns dois anos, com um sucesso composto por ele mesmo. Talvez você já tenha ouvido falar nele.

— Não... — Eve sabia que, para uma mulher que vivera largada pelas ruas por grande parte de sua vida, Mavis continuava incrivelmente ingênua a respeito de certos assuntos. — Quanto você está pagando para esse cara, Mavis?

— Não, a coisa não é assim! — Os lábios de Mavis se repuxaram e formaram um biquinho. — Tive que bancar o aluguel do estúdio para a gravação, claro... Mas é assim que as coisas funcionam; caso a gente faça sucesso, ele leva sessenta por cento do que a gente ganhar nos

primeiros três anos. Depois disso, a gente renegocia.

— Eu já ouvi falar dele — comentou Peabody, que havia desabotoado os botões de cima do uniforme, para provar que também gostava de Mavis. — Ele conseguiu emplacar alguns sucessos, uns dois anos atrás, e fazia dupla com Cassandra. — Ao ver que Eve levantava as sobancelhas, explicou: — É aquela cantora famosa...

— Você curte música, Peabody? — implicou Eve. — Você vive me surpreendendo.

— Ah... Eu gosto de ouvir umas musiquinhas de vez em quando... — murmurou Peabody para dentro da garrafa com água borbulhante — ... Como todo mundo.

— Bem, a dupla com Cassandra melou — disse Mavis, toda satisfeita —, e ele estava precisando de uma nova vocalista. E foi aí que eu entrei...

Eve ficou imaginando o que mais o sujeito devia estar querendo dela.

— O que Leonardo acha de tudo isso?

— Ele acha tudo isso *mais que demais!* Você tem que dar uma passadinha no estúdio, Eve, para nos ver em ação. Jess é um gênio consagrado.

Eve pretendia mesmo vê-los trabalhando. A lista de pessoas que Eve amava era muito curta. E Mavis estava nela.

Esperou até chegar de volta no carro com Peabody, já se dirigindo para a Central de Polícia, e pediu:

— Faça uma pesquisa completa sobre Jess Barrow, Peabody.

Sem demonstrar surpresa, Peabody pegou seu *notebook*, começou a digitar a ordem e comentou:

— Mavis não vai gostar de saber que a gente está fazendo isso...

— Mas ela não precisa saber, precisa?

Eve desviou de uma barraquinha móvel de frutas congeladas no palito, depois virou na Décima Avenida, onde britadeiras automáticas estavam arrebetando as ruas mais uma vez. Sobrevoando as ruas, um dirigível de propaganda apregoava uma promoção nas lojas Bloomingdale's. Liquidação de pré-estação, com casacos de inverno para homens e mulheres, além de descontos de vinte por cento no departamento de roupas unissex. Grande oportunidade!...

Eve notou um homem de casaca caminhando com uma ginga especial em direção a um trio de meninas e exclamou:

— Merda! É o Clevis.

— Clevis?

— Essa é a área em que ele atua — explicou Eve, enquanto parava em uma vaga para carga e descarga. — Eu costumava fazer essa ronda, no tempo em que usava uniforme. Clevis atua por aqui há anos. Vamos lá, Peabody, vamos poupar aquelas meninas desse susto.

Saltou na calçada, desviando-se de dois sujeitos que discutiam sobre beisebol. Pelo fedor que exalavam ela imaginou que os dois já estavam ali discutindo, naquele calor infernal, há muito tempo. Berrou com toda a força, mas o barulho das britadeiras abafou-lhe a voz. Resignada, apertou o passo e interceptou Clevis antes que ele chegasse diante das meninas distraídas com rostinhos corados.

— Ei, Clevis!

Ele piscou para ela por trás dos óculos âmbar. Seu cabelo era quase branco de tão louro, emoldurando em cachos um rosto tão inocente quanto o de um querubim. Tinha oitenta anos, mais ou menos.

— Dallas... Oi, Dallas! Não te vejo há um bom tempo!... — e exibiu dentes brancos e imensos enquanto olhava Peabody de cima a baixo. — Quem é esta?

— Peabody, este é o Clevis. Clevis, você não vai incomodar aquelas garotinhas, vai?

— Não, que é isso?!... Hã-hã... — e balançou a cabeça. — Eu não ia incomodá-las, ia só mostrar uma coisa para elas.

— Não, você não deve fazer isso, Clevis. O ideal era você entrar em algum lugar protegido para fugir desse calor.

— Mas eu gosto das coisas quentes! — e soltou uma gargalhada. — Ah... lá vão elas... — reclamou com um suspiro, enquanto as três meninas atravessavam a rua, sorridentes. — Acho que agora eu não vou poder mais mostrar a elas. Mas posso mostrar a você...

— Não, Clevis, não... — e Eve soltou o ar com força. Ele já abrira o casacão com os dois braços. Por baixo, estava nu, exceto por um imenso laço de fita azul para presente que colocara em volta do pinto murcho. — Muito bom, Clevis. Gostei da cor... Combina com os seus olhos — e colocou uma das mãos em seu ombro, com camaradagem. — Agora, vamos dar um passeio no carro da polícia, tá legal?

— Oba, oba!... E você também gosta de azul, Peabody? — perguntou Clevis.

Peabody fez que sim com a cabeça, com ar solene, enquanto abria a porta traseira da viatura, ajudando-o a entrar.

— Azul é a minha cor predileta — confirmou Peabody, fechando a porta do veículo e olhando para Eve, que sorria com os olhos. — Seja bem-vinda de volta, tenente.

— Sabe, Peabody?... é bom estar de volta. Com tudo e por tudo, é muito bom estar de volta...

Também era bom voltar para casa. Eve levou o veículo através dos altos portões de ferro que guardavam a fortaleza que se elevava adiante. Olhar para aquilo agora era menos chocante, e se tornara comum para ela fazer as curvas suaves da alameda de entrada, passando pelos gramados bem-cuidados e árvores que floresciam, enquanto seguia com o carro em direção à elegante casa de pedra e vidro onde agora residia.

O contraste entre o lugar em que trabalhava e o lugar em que morava já não a abalava tanto. Era calmo ali. Havia o tipo de quietude que, em uma cidade massificada como aquela, só mesmo os muito ricos podiam bancar. Ali dava para se ouvir passarinhos cantando, ver o céu e sentir o cheirinho de grama recém-cortada. A minutos dali, poucos minutos, ficava a barulhenta, superpovoada e suarenta massa de Nova York.

Eve sentia que aquele espaço era uma espécie de santuário, tanto para Roarke quanto para ela mesma.

Duas almas perdidas. Foi assim que Roarke se referira a eles certa vez. Ficou se perguntando se eles haviam deixado de se sentir perdidos no momento em que encontraram um ao outro.

Eve deixou o carro do lado de fora da entrada principal, sabendo muito bem que o estado lastimável da carroceria e o modelo horrível do veículo seriam uma ofensa para Summerset, o mordomo com cara de fantasma de Roarke. Era uma simples questão de deixar o carro no piloto automático, mandá-lo rodear a casa e entrar na vaga reservada para ele na garagem, mas Eve não perdia uma oportunidade de implicar com Summerset, e curtia isso.

Ao abrir a porta, encontrou-o em pé no imenso saguão, com o nariz torcido e os lábios apertados.

— Tenente, o seu veículo é horroroso!

— Ei, veja como fala, aquilo é propriedade municipal! — e se agachou para pegar o gato

gordo com um olho de cada cor que viera saudá-la. — Se não quiser que ele fique à mostra aí na porta, estacione-o você mesmo. — Ao ouvir uma gargalhada alta que vinha da sala de estar, levantou uma sobrancelha. — Temos companhia, Summerset?

— Sim, deveras. — Com um olhar de desaprovação, o mordomo a olhou de cima a baixo, fixando os olhos na calça e na blusa surradas, deixando os olhos se fixarem na cartucheira e na arma que ainda estavam presas ao seu cinturão. — Sugiro que a senhora vá se banhar e trocar de roupa antes de se encontrar com os convidados.

— E eu sugiro que você pare de me encher o saco! — replicou ela toda sorridente enquanto passava por ele e seguia em frente.

No salão principal, cheio de tesouros que Roarke trouxera de todas as partes do universo conhecido, uma reunião elegante e íntima estava acontecendo. Canapés brilhantes eram servido sem bandejas de prata, e vinho da cor de ouro-pálido enchia cintilantes cálices de cristal. Roarke parecia um anjo moreno, vestindo o que, para ele, era uma roupa casual. A camisa de seda preta estava aberta no colarinho, as calças com corte e caimento perfeitos vinham envolvidas por um cinto com fivela prateada que lhe caía muito bem, fazendo-o parecer exatamente o que era: rico, lindo e perigoso.

Apenas um casal estava em companhia de Roarke na sala espaçosa. O homem era tão claro quanto Roarke era moreno. Cabelos dourados e compridos caíam-lhe sobre os ombros e escorriam por trás do paletó azul muito justo. O rosto era quadrado e muito bonito, com lábios finos na medida ideal, mas o maior contraste para quem o via de perto eram os olhos castanhos, escuros e compenetrados.

A mulher era deslumbrante. Um apanhado de cabelos vermelho-escuros, quase da cor de vinho tinto, descia-lhe em cachos que tombavam de uma forma tão insinuante por sua nuca que era um convite ao flerte. Seus olhos eram verdes, penetrantes como os de um gato, e sobre eles havia sobrancelhas bem delineadas e pretas como carvão. Sua pele era clara como alabastro, e seu rosto tinha maçãs do rosto salientes e uma boca sensualmente generosa.

O resto do corpo combinava com ela, e estava envolvido por um vestido longo colante em verde-esmeralda que deixava seus ombros fortes à mostra e mergulhava entre os seios de arrasar, descendo quase até a cintura.

— Roarke... — a visitante soltou mais uma gargalhada fluida, enfiou uma das mãos compridas entre os cabelos espessos de Roarke e o beijou no rosto, com suavidade — ... morri de saudades de você!...

Eve pensou na arma presa na cartucheira e como, mesmo ajustada para a carga mais suave, ia conseguir fazer a ruiva fatal começar a dançar um canção bem divertido. *Só um pensamento rápido, lamentou Eve consigo mesma*, e colocou Galahad, o gato, de volta no chão, depois de acariciar-lhe as costelas por baixo da massa de gordura.

— Parece que não morreu de todo — disse Eve, com casualidade, ao entrar. Roarke, que droga, olhou para ela e simplesmente sorriu.

Vamos ter que apagar esse sorrisinho maroto de sua cara, meu chapa, pensou ela, e bem depressa.

— Eve — saudou-a Rosie —, não ouvimos você entrar.

— Naturalmente... — pegou um canapé não identificado na bandeja e o enfiou na boca.

— Acho que você não conhece os nossos convidados. Reeanna Ott, William Shaffer, minha mulher, Eve Dallas.

— Toma cuidado, Reeanna, ela está armada... — Dando uma risada ao dizer isso, William atravessou a sala, a fim de estender a mão para Eve. Movia-se com passos rápidos, como um cavalo magro a caminho do pasto. — É um prazer conhecê-la, Eve, um verdadeiro prazer. Ree e eu ficamos muito chateados por não termos podido comparecer à cerimônia do casamento de vocês.

— Ficamos arrasados! - Reeanna sorriu, olhando para Eve, com os olhos verdes cintilando. — William e eu estávamos ansiosos para conhecer, face a face, a mulher que colocou Roarke de quatro.

— Mas ele continua em pé... — lançou um olhar para Roarke enquanto ele lhe entregava um cálice de vinho — ... por enquanto,

— Ree e William estavam no satélite Taurus III, trabalhando em alguns projetos para mini. Acabaram de chegar à Terra para curtir férias bem merecidas.

— É mesmo? — perguntou Eve, como se não estivesse cagando e andando para a informação.

— O projeto que está em planejamento, em especial, tem nos dado muitas alegrias — disse William. — Dentro de um ano, no máximo dois, as Indústrias Roarke vão lançar uma nova tecnologia que irá revolucionar o mundo da diversão e do entretenimento.

— Diversão e entretenimento — repetiu Eve, sorrindo de leve. — Puxa, isso vai balançar o planeta.

— Para falar a verdade, o produto tem potencial para fazer exatamente isso. — Reeanna tomou um gole de vinho e avaliou Eve com atenção: atraente, irritadiça, competente. Dura. — existe ainda a possibilidade de importantes avanços na área médica.

— Essa é a praia de Ree. — William levantou seu cálice em direção a ela, com uma expressão de afetuosa intimidade nos olhos. — Ela é a especialista em assuntos médicos. Eu sou ligado apenas à área das diversões.

— Tenho certeza de que, depois de aguentar um longo dia de trabalho, Eve não está a fim de ficar aqui ouvindo abobrinhas. Nós, cientistas — explicou Reeanna, lançando um sorriso de desculpas —, somos um tédio só!... E vocês?... Soube que acabaram de voltar do Olympus — dava para ouvir o farfalhar da seda enquanto Reeanna posicionava melhor na poltrona o seu corpo escultural. — William e eu fizemos parte da equipe que projetou o centro médico e todo o sistema de entretenimento lá. Vocês tiveram tempo para dar uma voltinha a fim de conhecer as instalações?

— Muito pouco... — Eve estava sendo rude, lembrou a si mesma. Tinha que começar a se acostumar com acontecimentos como aquele: chegar em casa, encontrar gente elegante e aturar mulheres deslumbrantes babando em cima do seu marido. — Mas deu para ver que era muito impressionante, apesar de ainda estar em fase de construção. As instalações médicas também ficarão fantásticas depois que as pessoas começarem a trabalhar lá. E quanto ao salão holográfico do hotel, foi projetado por você? — e virou o rosto para William.

— Culpado! — disse ele, com os olhos brilhando. — Adoro jogos em realidade virtual. Você curte isso também?

31

— Eve considera esses jogos como trabalho, um tipo de treinamento. Por falar nisso, houve um incidente enquanto estávamos lá — informou Roarke. — Suicídio de um dos técnicos dos equipamentos autotrônicos... Mathias. Você o conhecia?

— Mathias... — as sobrancelhas de William se juntaram — ... um rapaz ainda bem jovem, com

cabelos ruivos e sardas?

— Sim.

— Meu bom Deus! — estremeando, William tomou um longo gole e deixou a bebida descer devagar. — Suicídio? Vocês têm certeza de que não foi um acidente? A lembrança que tenho dele é a de um jovem entusiasmado, com grandes ideias, e não a de alguém que seria capaz de tirar a própria vida.

— Pois foi o que fez — informou Eve, com palavras diretas. — Ele se enforcou.

— Que coisa horrível! — Muito pálida Reeanna se sentou no braço do sofá. — Eu o conhecia, William?

— Acredito que não. Pode ser que o tenha visto em um dos clubes noturnos, no período em que estávamos trabalhando lá, mas ele não me parecia o tipo de pessoa que gosta de contatos sociais.

— Estou terrivelmente arrasada com isso, de qualquer modo — disse Reeanna. — E que coisa horrível para vocês, terem que lidar com uma tragédia como essa em plena lua de mel. Talvez seja melhor falarmos de outra coisa. — Galahad pulou no sofá e abaixou a cabeça para ser acariciado pela mão elegante de Reeanna. — Prefiro muito mais ouvir a respeito do casamento que nós perdemos.

— Então fiquem para jantar. — Roarke deu um leve aperto no braço de Eve, como quem pede desculpas. — Vamos deixar vocês dois mortos de tédio com essa história.

— Bem que gostaríamos de ficar — William fez no ombro de Reeanna, o mesmo carinho que ela continuava a fazer na cabeça do gato —, mas nós vamos ao teatro. Já estamos atrasados.

— Você está certo, meu bem, como sempre — exclamou Reeanna e, com óbvia relutância, se levantou para ir embora. — Esse jantar fica para outra vez. Vamos ficar aqui na Terra por mais um ou dois meses, e eu adoraria a chance de conhecê-la melhor, Eve. Roarke e eu já nos conhecemos há muito, muito tempo...

— Vocês são bem-vindos a qualquer hora — disse Roarke. — Vejo-os no escritório amanhã, para uma descrição completa sobre os novos projetos.

— Estaremos lá, bem cedo. — Reeanna pousou o copo. — Talvez a gente possa almoçar um dia desses, Eve. Um almoço só para as mulheres... só nós duas — e seus olhos brilharam com um humor tão espontâneo que Eve se sentiu tola. — Podemos trocar figurinhas a respeito de Roarke.

O convite era amigável demais para parecer ofensivo. Eve se viu sorrindo e afirmou:

— Isso seria muito interessante — e os acompanhou até a porta, com Roarke, acenando para eles. Ao entrar novamente em casa, Eve comentou com Roarke:

— Eu só queria saber quantas figurinhas a respeito de você eu vou ter que trocar com ela...

— Ah, isso já faz tanto tempo... — Ele a agarrou pela cintura e deu-lhe um atrasado beijo de boas-vindas. — Já faz muitos anos. Éons!

— E ela provavelmente comprou aquele corpo.

— Tenho que reconhecer que foi um excelente investimento.

— Roarke, será que existe alguma mulher maravilhosa que já não tenha quicado alguma vez em sua cama? — Eve levantou o queixo e olhou para ele com cara azeda.

Ele deixou a cabeça tombar um pouco para o lado e apertou os olhos, considerando a pergunta.

— Não — respondeu por fim, e deu uma risada quando a viu preparar um soco. — Se você estivesse a fim de me atingir, não ia nem preparar o golpe — e gemeu alto quando sentiu o punho dela acertá-lo um pouco abaixo do umbigo. Massageando o local, agradeceu por ela não ter usado muita força. — Devia ter saído de campo enquanto meu time estava ganhando.

— Que isso lhe sirva de lição, seu conquistador... — mas Eve deixou que ele a levantasse do chão e a colocasse sobre os ombros.

— Está com fome? — perguntou Roarke.

— Estou sim... morrendo de fome!

— Eu também — e começou a subir as escadas com ela. — Vamos comer na cama.

CAPÍTULO QUATRO

Eve acordou com o gato esparramado em cima do seu peito e o *tele-link* ao lado da cama tocando. O dia estava amanhecendo. A luz que entrava pela claraboia acima da cama era suave e acinzentada, devido à tempestade que vinha chegando com a manhã. Com os olhos semicerrados, esticou o braço para atender.

— Bloqueie o vídeo — ordenou ela ao aparelho, tentando afastar o tom sonolento da voz. — Aqui é Dallas falando.

— Emergência para a tenente Eve Dallas. Morte suspeita na Avenida Madison, número 5002, apartamento 3800. O residente registrado no local é Arthur Foxx. Código 4.

— Mensagem recebida, emergência. Entre em contato com a policial Delia Peabody, solicitando a sua assistência, com minha autorização.

— Confirmado. Transmissão encerrada.

— Código 4? — Roarke virara o gato de barriga para cima e já estava sentado na cama, acariciando o felino e levando-o ao êxtase.

— Significa que eu vou ter tempo de tomar uma chuveirada e beber um café bem depressa, antes de ir para o local. — Eve não avistou nenhum robe à mão, e caminhou em direção ao banheiro completamente nua. — Já há uma policial de guarda no local — explicou ela. Entrando no chuveiro, esfregou os olhos que pareciam estar cheios de areia. — Pressão total em todos os jatos, a trinta e nove graus! — ordenou ao chuveiro.

— Você vai cozinhar com essa temperatura.

— Gosto de cozinhar embaixo do chuveiro — e deixou escapar um imenso suspiro de prazer enquanto jatos de água pulsante e vaporosa a atingiam por todos os lados. Empurrando um azulejo transparente, despejou na palma da mão uma generosa porção de sabonete líquido verde-escuro. Ao sair do chuveiro, já estava acordada.

Franziu as sobrancelhas ao ver Roarke em pé na porta do banheiro, segurando uma xícara de café.

— Isso é para mim? — perguntou.

— É. Está incluído no serviço de quarto.

— Obrigada. — Levando a xícara para dentro da cabine circular de secagem, Eve foi tomando o café aos poucos, enquanto o ar quente girava em rodamosinhos em toda a sua volta. — O que estava fazendo, me espiando enquanto eu tomava banho?

— Gosto de olhar para você. Tem alguma coisa a ver com mulheres esguias nuas e molhadas — e entrou ele mesmo no chuveiro, ordenando que a água saísse a vinte graus.

Aquilo fez Eve tremer de frio só de olhar. Não conseguia compreender por que um homem que

podia ter todo o luxo e as comodidades do mundo ao alcance das mãos preferia tomar banho gelado. Abriu a cabine de secagem e passou os dedos pelos cabelos sem corte. Colocou um pouco da gosma facial que Mavis vivia empurrando para ela usar e escovou os cabelos.

— Você não precisa se levantar só porque eu já estou de pé.

— Já acordei mesmo — disse Roarke, e escolheu uma toalha aquecida em vez da cabine de secagem. — Você tem tempo para tomar um café decente comigo?

Eve observou seu reflexo no espelho: cabelos brilhantes e pele brilhante.

— Mais tarde eu como alguma coisa.

Roarke prendeu a toalha em volta da cintura, sacudiu os cabelos que ainda pingavam e virou a cabeça de lado, olhando para ela.

— O que foi? — perguntou a Eve.

— Acho que eu também gosto de olhar para você — murmurou ela, entrando no quarto para se vestir e visitar a morte.

O tráfego nas ruas estava leve. Ônibus aéreos ribombavam acima das pessoas, passando através da chuva fina, carregando os trabalhadores do turno da noite para casa e arrastando as pessoas do turno do dia para o trabalho. Os outdoors estavam desligados e as onipresentes barraquinhas deslizantes com churrasquinhos, comidinhas diversas e bebidas já estavam se preparando para um novo dia de vendas. Rolos de fumaça saíam através das grades de ventilação nas ruas e nas calçadas, vindas do mundo subterrâneo onde ficavam o metrô e diversas lojas. O ar estava cheio de vapor d'água.

Eve atravessou toda a cidade bem depressa.

A área da Avenida Madison onde um corpo estava à espera dela exibia numerosas butikues de grifes exclusivas e edifícios em forma de lanças prateadas, construídos para abrigar os muito ricos que podiam fazer compras nas lojas da região. As calçadas aéreas eram totalmente envidraçadas para proteger a seleta clientela das intempéries e do barulho urbano que ia começar a explodir em uma ou duas horas.

Eve passou por um táxi que carregava uma passageira solitária. A elegante loura usava um blazer brilhante e os cabelos cintilavam com todas as cores do arco-íris na luz lúgubre da manhã. *Uma acompanhante licenciada, Eve imaginou, voltando para casa após uma noite movimentada.* Os ricos podiam comprar sexo sofisticado, além das roupas sofisticadas.

Eve embicou em uma garagem subterrânea ao chegar ao local do crime, e exibiu seu distintivo no posto de segurança. O aparelho escaneou a insígnia e depois escaneou o rosto da recém-chegada. A luz vermelha se transformou em verde e o número da vaga assinalada para ela apareceu piscando na tela.

A vaga, como era de esperar, ficava no fundo da garagem, no ponto mais distante do elevador. Tiras, pensou, resignada, enquanto se espremia na vaga, *já* *jamais* *ganhavam* *espaços* *privilegiados*.

Eve recitou o número do apartamento para o microfone do elevador e foi carregada velozmente para cima.

Houve uma época, e não fazia muito tempo, em que ela teria ficado impressionada com o suntuoso corredor do trigésimo oitavo andar, com sua variedade de hibiscos escarlates e estátuas de bronze. Isso foi antes de entrar no mundo de Roarke. Olhou para as pequenas fontes

murmurantes que se postavam dos dois lados da entrada e compreendeu que havia uma grande possibilidade de que o seu marido fosse o dono do prédio.

Ao avistar a policial que estava de guarda na porta do apartamento 3800, exibiu seu distintivo.

— Tenente — a policial mostrou-se subitamente atenta, encolhendo a barriga. — Minha parceira de ronda está lá dentro com o homem que morava com o falecido. Assim que descobriu o corpo de seu companheiro, o senhor Foxx solicitou uma ambulância. Respondemos ao chamado também, conforme reza o procedimento. A ambulância continua à espera, senhora, até que a senhora libere a cena do incidente.

— O local foi protegido?

— Está protegido, agora. — Seu olhar desviou em direção à porta. — Não conseguimos arrancar muito do senhor Foxx, senhora. Ele está ligeiramente histérico. Não posso assegurar que ele não tenha mexido em mais nada, além do corpo.

— Ele mexeu no corpo?

— Não, senhora. Quer dizer, o morto ainda está na banheira, mas o senhor Foxx tentou... ahn... fazer uma ressuscitação no morto. Devia estar em estado de choque para tentar uma coisa dessas. Há tanto sangue lá dentro que dá para a gente nadar nele. Pulsos cortados — explicou. — Por confirmação visual, creio que ele já estava morto há pelo menos uma hora no momento em que o companheiro descobriu o corpo.

Eve apertou com mais força o seu kit de trabalho.

— O legista já foi chamado?

— Está a caminho, senhora.

— Ótimo! Pode deixar a policial Peabody entrar assim que ela chegar, mas continue aqui, mantendo guarda. Agora, abra a porta — acrescentou, e ficou esperando que a policial enfiasse o seu cartão-mestre na ranhura. A porta abriu-se, deslizando para o lado. Eve imediatamente ouviu os soluços fortes entrecortados de terrível pesar.

— Ele está assim desde que chegamos aqui — murmurou a policial. — Espero que a senhora consiga tranquiliza-lo um pouco.

Sem dizer nada, Eve entrou, fechou a porta deslizando-a atrás de si e a trancou eletronicamente. O saguão era todo decorado em mármore branco e preto. Colunas em espiral estavam cobertas de um tipo de parreira em flor e do teto pendia um lustre de vidro preto com cinco braços ornamentados.

Passando pelas colunas, era possível entrar em uma sala de estar que acompanhava o tema. Sofás em couro preto, chão branco, mesas em ébano com luminárias brancas. As cortinas listradas em preto e branco estavam fechadas, mas alguns pontos estratégicos lançavam luz do teto, que atingia o piso e refletia em volta.

Um telão estava desligado, mas não havia sido recolocado de volta em seu local, embutido na parede. Um lance de escadas com degraus brancos e brilhantes subia em ângulo para o segundo andar, o qual seguia para a direita e para a esquerda, circundando toda a sala como se fosse um átrio, exibindo um gradil branco em toda a volta. Abundantes samambaias em um tom muito vivo de verde pendiam do teto exageradamente alto.

O dinheiro parecia brotar ali, Eve meditou, mas a morte não ' respeitava nada disso. Era um clube aberto a todas as classes sociais.

Os gritos de dor ecoavam por toda parte e a atraíram até um pequeno escritório ao lado da sala, forrado de livros antigos. O ambiente era muito aconchegante, com poltronas fundas da cor de

vinho tinto.

Afundado em uma delas estava um homem. Seu rosto bonito tinha um tom dourado pálido e estava devastado pelas lágrimas. Seus cabelos eram igualmente dourados, com o brilho de uma moeda nova, e estavam arrepiados em tufo irregulares formados pelos seus dedos em desespero. Usava um roupão branco de seda pura que estava todo respingado e manchado de sangue seco. Tinha os pés descalços e trazia as mãos cobertas de anéis que rebrilhavam enquanto os dedos tremiam. Havia ainda uma tatuagem de um cisne negro acima do tornozelo esquerdo.

A policial que estava sentada ao lado do homem parecia igualmente arrasada. Olhou para Eve e tentou falar alguma coisa.

Eve balançou a cabeça com rapidez, colocando o distintivo à mostra. Fez um gesto apontando para o segundo andar do apartamento, balançando a cabeça com ar questionador.

A policial fez que sim com a cabeça, levantou seu polegar para cima e então balançou a cabeça.

Eve saiu do aposento de fininho. Queria ver o corpo e a cena antes de lidar com a testemunha.

Havia vários aposentos no segundo andar. Mesmo assim, era bem fácil achar o caminho. Foi só seguir a trilha de sangue. Eve entrou em um quarto. Ali, a decoração era toda em azul e verde, em tons pastéis, de modo a dar ao visitante a impressão de estar nadando sob as águas. A cama era um imenso retângulo de lençóis de seda azul sob pilhas de almofadas.

Também havia várias estátuas de nus clássicos. Gavetas embutidas nas paredes davam ao ambiente uma aparência arrumada demais e pareceu a Eve que o quarto era pouco usado. O carpete da cor do mar era macio como uma nuvem, e estava todo manchado de sangue.

Seguindo o rastro, foi até o banheiro da suíte. A morte não lhe causava choque, mas a deixava consternada, e ela sabia que sempre ia ser assim: o desperdício, a violência e a crueldade da morte a incomodavam. Só que Eve já convivera com ela por tempo demais para ficar chocada, mesmo diante de cenas como aquela.

O sangue espirrara, escorrera e circulara em filetes sobre as lajotas brilhantes de marfim e verde-água. Esguichara por cima de frascos de vidro, formara pequenas poças no chão espelhado, pingando da ferida esgarçada feita no pulso que pendia agora sem vida sobre a borda de uma imensa banheira de laterais brancas.

A água dentro da banheira tinha um horrível tom de rosa bem escuro, e o cheiro de metal exalado pela imensa quantidade de sangue enchia o ar. Música tocava em algum lugar. Era algo com cordas, talvez um concerto de harpa. Grossas velas brancas haviam sido acesas e ainda queimavam, tanto nos pés quanto na cabeceira da comprida banheira oval.

O corpo que jazia dentro da turva água rosada tinha a cabeça recostada sobre um apoio de banheira com as bordas douradas, e seu olhar estava elevado e fixo nas abundantes folhas de uma samambaia que pendia do teto espelhado. O morto sorria, como se estivesse achando extremamente divertido assistir à própria morte.

Aquilo não a deixou abalada, mas Eve soltou um longo suspiro enquanto cobria as mãos e os pés com spray selante e ligava o gravador, carregando o seu kit de trabalho para junto do corpo, onde permaneceu, em pé.

Eve já o reconhecera. Nu, com o sangue já quase seco e sorrindo para o próprio reflexo estava o renomado advogado de defesa S. T. Fitzhugh.

— Salvatori vai ficar muito desapontado com isso, senhor advogado — murmurou ela enquanto se lançava ao trabalho.

Eve já pegara uma amostra da água ensanguentada, fizera a varredura inicial para determinar a hora da morte, analisara as mãos do morto e gravara toda a cena no momento em que Peabody apareceu, ligeiramente sem fôlego, na porta do banheiro.

— Desculpe a demora, senhora. Tive alguns problemas enquanto vinha para cá.

— Está tudo bem. — Eve passou para Peabody a faca com cabo de marfim que já lacrara em um plástico. — Parece que ele fez isso com a ajuda dessa faca. É uma antiguidade, imagino. Uma peça de colecionador. Vamos pesquisar as digitais que estão nela.

Peabody enfiou a faca na caixa para coleta de provas e então franziu as sobrancelhas, perguntando:

— Tenente, esse aí não é o...

— É ele mesmo... Fitzhugh.

— Mas... por que ele tiraria a própria vida?

— Ainda não determinamos que foi ele que fez isso. Nunca faça suposições, policial — avisou Eve, com a voz calma. — Essa é a primeira regra. Convoque o pessoal do laboratório, Peabody, e vamos deixar o local protegido. Já podemos liberar o corpo para o legista. Minha parte aqui já está encerrada. — Eve deu um passo para trás com as mãos seladas manchadas de sangue. — Quero que você faça um relatório preliminar com base nas duas policiais que atenderam ao chamado, enquanto eu converso com Foxx.

Eve olhou novamente para o corpo e balançou a cabeça, comentando:

— Era exatamente essa a cara que ele fazia no tribunal para uma pessoa quando sentia que a encurralara. Filho da mãe. — Ainda analisando o corpo, Eve pegou um pano com solvente em seu kit de trabalho para remover o sangue das mãos e jogou o material ensopado dentro de um saco. — Avise ao legista que eu quero o perfil toxicológico dele o mais rápido possível.

Deixando Peabody para trás, tornou a seguir a trilha de sangue enquanto voltava para o andar de baixo.

Foxx estava reduzido a pequenas crises de choro convulsivo e lamúrias esporádicas agora. A policial pareceu ridículamente aliviada ao ver que Eve reaparecera.

— Fique aguardando pelo legista e pela minha ajudante do lado de fora, policial. Faça o seu relatório à policial Peabody. Vou conversar com o senhor Foxx agora.

— Sim, senhora. — Demonstrando uma alegria pouco apropriada, ela saiu da sala quase correndo.

— Senhor Foxx, sou a tenente Dallas. Sinto muito pela sua perda. — Eve localizou o botão que fazia as cortinas se abrirem e o apertou, fazendo com que uma luz quase líquida penetrasse na sala. — O senhor precisa falar comigo. Precisa me contar tudo o que aconteceu aqui.

— Ele está morto. — A voz de Foxx era levemente musical, com um sotaque indeterminado, muito agradável. — Fitz está morto. Não sei como pode ter acontecido. Não sei como seguir em frente com a minha vida.

Todos seguem em frente, pensou Eve. Não há outra escolha. Sentando-se diante dele, ela colocou o gravador sobre a mesa, bem à vista.

— Senhor Foxx, seria de muita ajuda para nós dois se o senhor conversasse comigo agora. Vou lhe informar a respeito de seus direitos, apenas por uma questão de formalidade.

Ela recitou para ele o texto revisado das antigas informações de que o interrogado tinha o direito de contatar seu advogado e também poderia se recusar a responder às perguntas que lhe fossem feitas. Seus soluços pararam de repente e Foxx levantou a cabeça, lançando os olhos com

um tom dourado, vermelhos de chorar e inchados na direção de Eve, perguntando:

— A senhora acha que eu o matei? Acha que eu poderia machucá-lo?

— Senhor Foxx...

— Eu o amava! Estávamos juntos há doze anos. Ele era a minha vida!

O senhor ainda tem a sua vida, pensou ela. Simplesmente ainda não sabe disso.

— Já que é assim, tenho certeza de que o senhor me ajudará a realizar o meu trabalho. Conte-me o que aconteceu.

— Ele... ele andava com dificuldades para dormir ultimamente. Não gostava de tomar tranquilizantes. Normalmente lia um pouco, ouvia música, passava algum tempo com seus óculos de realidade virtual ou curtindo jogos eletrônicos, enfim, o que funcionasse para ele conseguir relaxar. Este caso no qual ele estava trabalhando o preocupava muito.

— O caso Salvatori.

— Sim, esse mesmo, acredito que sim. — Foxx enxugou os olhos com uma das mangas do roupão, úmida e ensanguentada. — Não costumávamos conversar sobre os casos em que trabalhava, em nenhum nível. Ele tinha informações confidenciais, e eu não sou advogado. Sou nutricionista. Foi assim que nos conhecemos, a propósito. Fitz me procurou há doze anos para ajudá-lo a montar uma dieta. Acabamos nos tornando amigos, depois amantes, e desde então ficamos juntos.

Eve ia ter que averiguar tudo a respeito daquilo; porém, por ora, queria saber apenas a respeito dos eventos que levaram àquele último banho.

— Então ele andava com problemas de sono... — incentivou ela.

— Sim. Era comum sofrer de insônia. Ele se entregava tanto aos clientes que seus problemas o acompanhavam para fora do trabalho. Eu já estava acostumado a vê-lo se levantar no meio da noite e ir para outro aposento, a fim de rodar algum jogo ou cochilar diante do telão. Às vezes ele tomava um banho quente. — O rosto arruinado de Foxx ficou ainda mais pálido. — Oh, meu Deus!...

As lágrimas voltaram, escorrendo-lhe bem quentes rosto abaixo. Eve deu uma rápida olhada em torno e avistou um pequeno robô doméstico em um canto da sala.

— Traga um pouco d'água para o senhor Foxx — ordenou ela ao androide, e o pequeno aparelho movimentou-se rapidamente para atender ao seu pedido.

— Foi isso o que aconteceu? — continuou ela. — Ele se levantou no meio da madrugada?

— Eu nem sequer me lembro direito... — Foxx levantou as mãos e deixou-as cair novamente.

— Durmo como uma pedra, nunca tive problemas nessa área. Tínhamos ido para a cama um pouco antes da meia-noite, assistimos ao último noticiário e tomamos um conhaque. Acordei bem cedo, tenho tendência a acordar muito cedo.

— E que horas eram quando o senhor acordou?

— Um pouco depois das cinco da manhã, cinco e quinze... Nós dois começávamos o dia de trabalho muito cedo, e eu tenho por hábito preparar pessoalmente a refeição matinal. Vi que Fitz não estava na cama, imaginei que ele tivera uma noite difícil e que eu iria encontrá-lo no andar de baixo, ou em um dos outros aposentos. Então, fui para o banheiro e o vi. Ah, meu Deus, ah, meu Deus, Fitz! Todo aquele sangue... É um pesadelo!

Sua mão apertou os lábios mais uma vez, com os dedos trêmulos cheios de anéis.

— Corri para acudi-lo — continuou. — Bati no seu peito, tentei ressuscitá-lo. Acho que tive um acesso de loucura. Ele estava morto. Dava para ver que ele estava morto! Mesmo assim,

tentei retirá-lo da água, mas ele é um homem muito grande, eu estava tremendo e fiquei enjoado. — Deixou a mão escorregar da boca e descer até apertar o estômago. — Chamei uma ambulância.

Eve sabia que ia perdê-lo se não conseguisse controlá-lo. Dar-lhe um tranquilizante não era uma boa opção no momento, pelo menos até que ela conseguisse saber dos fatos.

— Senhor Foxx, sei o quanto isto é difícil para o senhor. Sinto muito termos que passar por essa fase de perguntas agora, mas vai ser bem mais fácil, acredite, se conseguirmos.

— Eu estou bem. — Pegou o copo d'água que o androide trouxera. — Quero acabar logo com isso.

— O senhor saberia me dizer como estava o estado de espírito do senhor Fitzhugh na noite passada? O senhor comentou que ele estava preocupado com um caso importante.

— Preocupado, sim, mas não deprimido. Houve uma policial que ele não conseguiu derrubar no tribunal, ontem, e isso o deixou irritado. — Tomou um gole da água e depois mais um.

Eve decidiu que era melhor não mencionar que era ela a policial que o deixara irritado.

— E também havia mais alguns casos pendentes, para os quais ele estava planejando a estratégia de defesa. Sua mente estava sempre muito cheia de trabalho para ele pegar no sono com facilidade, entende?

— Ele recebeu ligações de alguém, ou fez alguma?

— Certamente as duas coisas. Era comum ele trazer trabalho para casa. Na noite passada, passou umas duas horas no escritório do andar de cima. Chegou em casa às cinco e meia da tarde e trabalhou quase até as oito horas. Então, nós jantamos.

— Ele mencionou alguma coisa a mais que o estava preocupando, além do caso Salvatori?

— Sim... Seu peso. — Foxx sorriu ligeiramente. Fitz detestava ficar com alguns quilos a mais. Conversamos sobre a necessidade de ele incrementar o seu programa de exercícios físicos e talvez fazer algum trabalho de ajuste no corpo, quando tivesse tempo. Assistimos a uma comédia no telão da sala de estar e depois fomos para a cama, como lhe contei.

— Vocês brigaram?

— Brigamos?

— O senhor está com marcas roxas nos braços, senhor Foxx. O senhor e o senhor Fitzhugh se envolveram em alguma briga ontem à noite?

— Não! — ele ficou ainda mais pálido, e seus olhos marejaram de lágrimas, ameaçando uma nova crise de choro. — Jamais brigávamos fisicamente. Discutíamos de vez em quando, é certo. As pessoas discutem. Eu... eu acho que devo ter ficado com essas marcas roxas no braço por causa da borda da banheira, quando eu estava... quando eu tentei...

— O senhor Fitzhugh mantinha um relacionamento com mais alguém além do senhor?

Neste instante os olhos inchados dele ficaram frios.

— Se a senhora está me perguntando se ele tinha amantes na rua, a resposta é não. Éramos comprometidos um com o outro.

— A quem pertence este apartamento?

O rosto de Foxx ficou rígido, e sua voz era fria:

— Foi colocado no nome de nós dois, há dez anos. Antes disso, pertencia somente a Fitz.

E agora pertence somente a você, pensou Eve, mas comentou apenas:

— Imagino que o senhor Fitzhugh era um homem rico. O senhor sabe quem herda tudo?

— Tirando algumas instituições de caridade, eu sou o herdeiro principal. A senhora acredita

que eu pudesse matá-lo por dinheiro? — Havia um ar de repulsa no tom de sua voz agora, em vez de horror. — Que direito a senhora tem de entrar em minha casa em um momento triste como este para me colocar questões horríveis como essa?

— Preciso de respostas. Senhor Foxx, se não fizer as perguntas aqui, vou ter que fazê-las na Central de Polícia. Acredito que deste modo seja bem mais confortável para o senhor. O senhor Fitzhugh colecionava facas?

— Não. — Foxx piscou e sua voz ficou pastosa. — Eu coleciono. Possuo uma grande coleção de lâminas antigas. Todas registradas junto à polícia — acrescentou, depressa... — Estão todas devidamente registradas.

— E o senhor possui uma faca com cabo de marfim e lâmina reta, com uns quinze centímetros de comprimento?

— Sim, é uma peça do século dezenove, da Inglaterra. — Sua respiração começou a falhar. Foi essa a arma que ele usou? Ele pegou uma das minhas facas para...? Eu não vi. Eu apenas o vi. Fitz usou uma das minhas facas?

— Peguei uma dessas facas como prova, senhor Foxx. Vamos realizar alguns testes com ela. Vou lhe entregar um recibo da peça.

— Não quero recibo. Não quero nem vê-la — e enterrou a cabeça entre as mãos. — Fitz. Como pôde fazer isso, usar uma das minhas facas?

Estava com vontade de cair no choro novamente. Eve ouviu vozes e barulhos de equipamento vindos da sala ao lado e viu que os técnicos haviam chegado.

— Senhor Foxx — ela se levantou —, vou providenciar para que uma das policiais lhe traga algumas roupas. Peço que o senhor fique aqui por mais algum tempo. Há alguém com quem o senhor gostaria de entrar em contato?

— Não, ninguém... Nada.

— Não estou gostando disso, Peabody — resmungou Eve enquanto desciam para pegar o carro. — Fitzhugh se levanta no meio de uma noite como as outras, pega uma antiguidade, uma faca, e prepara um banho de banheira. Acende as velas, coloca uma música e então corta os pulsos. Assim, sem nenhum motivo em particular. Temos aqui um homem no auge da carreira, podre de rico, com coisas sofisticadas, clientes aos montes batendo em sua porta, e então, sem mais nem menos, ele simplesmente decide "Ah, sabe de uma coisa, acho que eu quero morrer."

— Eu não compreendo o conceito de suicídio, tenente. Acho que não tenho a personalidade adequada para ter altos e baixos.

Eve compreendia o suicídio. Chegara a considerar a possibilidade por algum tempo, na época em que passou sendo levada o tempo todo de um orfanato público para outro e, antes disso, no período sombrio em que a morte teria representado a sua libertação do inferno.

Era por tudo isso que não conseguia aceitar o suicídio para alguém como Fitzhugh.

— Não há motivação aqui, pelo menos nenhuma que tenha aparecido até agora. E temos um amante que colecionava facas e punhais, estava todo coberto de sangue e vai herdar uma fortuna considerável.

— Você está achando que talvez Foxx o tenha matado? — Peabody ficou contemplando a ideia enquanto elas chegavam ao nível da garagem. — Fitzhugh tinha quase o dobro do tamanho dele. Não se deixaria matar sem uma boa briga, e não havia vestígios de luta.

— Vestígios podem ser apagados — murmurou Eve. — Ele estava cheio de marcas roxas. Se Fitzhugh estava drogado ou com a mente alterada por alguma substância química, não ia conseguir reagir. Vamos ver o que diz o relatório toxicológico.

— Por que você quer tanto que o caso seja um homicídio?

— Não quero. Só quero que faça sentido, e a autodeterminação do morto não se encaixa nessa história de suicídio. Talvez Fitzhugh não estivesse conseguindo dormir; talvez tenha se levantado. Alguém havia usado a sala de relaxamento. Ou foi armado um cenário para parecer isso.

— Eu jamais havia visto nada daquele tipo — ponderou Peabody, lembrando-se do que vira. — Todos aqueles brinquedos eletrônicos em um só lugar. Aquela poltrona imensa com todos os controles, o telão, o bar automático, a estação de realidade virtual, o cilindro para levantar o astral. Já usou um desses, tenente?

— Roarke tem um em casa. Eu não gosto. Prefiro ficar com o astral caindo e levantando de forma natural a usar uma máquina para programá-lo. — Eve avistou a figura que estava encostada ao capô do carro e bufou. — Agora mesmo, por exemplo, dá para sentir o meu astral mudando. Acho que estou prestes a me aborrecer.

— Ora, Dallas e Peabody juntas novamente. — Nadine Furst, a repórter mais importante do Canal 75, se afastou com graça e suavidade do carro. — Como foi a lua de mel?

— Assunto particular, Nadine — respondeu Eve, lacônica.

— Ei, peraí!... Pensei que nós fôssemos amigas — e piscou para Peabody.

— Você não perdeu um minuto para jogar a minha despedida de solteira no ar, sua amigada-onça.

— Mas, Dallas... — Nadine abriu as lindas mãos. — Você prende um assassino e resolve um caso badalado e de interesse público bem na sua despedida de solteira, para a qual eu fora convidada, e não reconhece que isso é notícia? O público não apenas tinha todo o direito de saber como também se fartou, comendo a história toda às colheradas. Os índices de audiência do meu noticiário foram às alturas. Agora, veja só... Mal você volta da viagem de núpcias e já está no meio de outro caso grande. Qual foi o lance de agora, envolvendo Fitzhugh?

— Ele morreu! E eu tenho um monte de trabalho pela frente, Nadine.

— Ah, qual é, Eve? — Nadine puxou Eve pela manga da blusa. — Depois de tudo pelo que nós já passamos juntas? Libere pelo menos uma dica.

— A dica é que os clientes de Fitzhugh vão ter que começar a procurar por outro advogado. Isso é tudo o que eu tenho para você, por agora.

— Ah, vamos lá... Foi acidente, homicídio ou o quê?

— Estamos investigando — respondeu Eve, de forma vaga, e digitou o código eletrônico para abrir o carro.

— E você, o que me diz, Peabody? — Mas Peabody simplesmente sorriu e encolheu os ombros. — Sabe, Dallas, não é segredo para ninguém que você e o saudoso falecido não eram fãs um do outro. O bochicho no tribunal, ontem, é que ele se referiu a você como uma policial violenta que usava o distintivo como arma de ataque.

— É uma pena que ele não possa mais dar a você e a seus colegas jornalistas declarações tão cheias de efeito quanto essa.

Quando Eve bateu a porta do carro, Nadine se apoiou na janela, de forma teimosa, e pediu:

— Então me dê uma declaração desse tipo você mesma...

— S. T. Fitzhugh está morto. A polícia está investigando. Agora, desgruda daí!... — Eve ligou

o motor e saiu da vaga com tanta velocidade que Nadine teve que dar um pulo para trás para salvar os dedos dos pés. Ao ver o risinho no rosto de Peabody, Eve lançou-lhe um olhar duro e perguntou:

— Qual foi a graça?

— Eu gosto dela — Peabody não pôde resistir, olhou para trás e viu que Nadine estava sorrindo. — ... E você gosta também.

Eve prendeu o riso e replicou, enquanto saía na rua e dirigia pela manhã chuvosa.

— É... Tem gosto pra tudo...

Tudo saía às mil maravilhas. Foi absolutamente perfeito. Era uma sensação excitante de poder saber quem é que estava por trás de tudo aquilo, no controle dos acontecimentos. As reportagens que foram liberadas pelas diversas agências de notícias foram devidamente gravadas e arquivadas. Tais questões exigiam uma organização cuidadosa e eram adicionadas à pequena pilha de discos de dados, que começava a aumentar satisfatoriamente.

Aquilo era muito divertido, e isso era surpreendente. Diversão não fora, certamente, a principal motivação da operação. Era, porém, um maravilhoso efeito colateral.

Quem iria sucumbir em seguida?

Ao apertar de um botão, o rosto de Eve apareceu na tela de um monitor, com todos os dados relativos a ela discriminados ao lado. Uma mulher fascinante. Local de nascimento e pais desconhecidos. Uma criança que sofrera abuso sexual e fora encontrada escondida em um beco na cidade de Dallas, no Texas, com o corpo surrado e a mente em branco. Uma mulher que não conseguia se lembrar dos primeiros anos de sua vida. Os anos que formavam a alma. Anos em que ela havia sido surrada, estuprada e atormentada.

O que será que um tipo de vida como esse fazia com a mente? Com o coração? Com a pessoa em si?

Naquele caso, o passado transformara a menina em uma assistente social, e depois fez com que Eve Dallas se transformasse em uma mulher feita, que acabara virando policial. Uma policial com a reputação de investigar tudo a fundo, e que ganhara notoriedade no inverno anterior, durante a investigação de um caso delicado e terrível.

Foi quando ela conheceu Roarke.

O computador zumbiu de leve e trouxe o rosto de Roarke para a tela. Que casal curioso!... O passado dele não era mais bonito do que o da mulher. A diferença é que ele escolhera, ao menos no início de carreira, o outro lado da lei para criar a sua marca. E a sua fortuna.

Agora, os dois formavam um par. Um par que poderia ser destruído a um simples capricho seu. Mas ainda não. Pelo menos por mais algum tempo.

Afinal, o jogo mal começara.

CAPÍTULO CINCO

— Eu simplesmente não engulo isso... — murmurava Eve enquanto analisava os dados de Fitzhugh. Avaliou o rosto forte e marcante que apareceu em seu monitor e balançou a cabeça. — Simplesmente não engulo! — repetiu.

Pesquisou a data e o local de nascimento, e descobriu que ele nascera na Filadélfia, na última década do século vinte. Fora casado com uma tal de Milicent Barrows, de 2033 a 2036. Estavam divorciados e não tiveram filhos.

Mudara-se para Nova York no mesmo ano do divórcio, se estabeleceu como advogado criminal e, pelo que ela podia ver, seguiu em frente com a vida, sem olhar para trás.

— Renda anual — requisitou.

Renda declarada no último ano fiscal: dois milhões e setecentos dólares americanos.

— Sanguessuga! — resmungou ela. — Computador, apresente uma listagem detalhada de todas as suas prisões.

Pesquisando... Não há registros policiais.

— Tudo bem, então ele era um cara limpo. Quem diria... Apresente uma listagem de todos os processos civis abertos contra ele.

Eve acertou no pedido. Havia uma pequena lista de nomes, e ela ordenou que o computador a imprimisse. Pediu em seguida uma listagem de todos os casos que Fitzhugh perdera nos últimos dez anos, e reparou que os clientes eram os mesmos que o haviam processado. Isto a fez soltar um suspiro de resignação. Aquele era, tipicamente, o principal motivo de ações litigiosas de sua época. Se o seu advogado não conseguir livrá-lo do sufoco, processe o advogado. Isso enfraqueceu ainda mais a sua esperança de haver chantagem naquela história.

— Tudo bem — insistiu ela. — Talvez a gente esteja pegando o caminho errado. Nova pesquisa: Arthur Foxx, residente na Avenida Madison, número 5002, em Nova York.

Pesquisando...

O computador apitou e soltou um zumbido. Eve deu um tapa na máquina com a parte interna do pulso, para fazê-la funcionar direito. Não se importava de xingar os cortes no orçamento.

Foxx apareceu na tela, e a imagem tremia um pouco, o que obrigou Eve a dar um novo golpe no monitor. Ele era mais atraente, reparou, quando sorria. Era quinze anos mais novo do que Fitzhugh, nascera na parte leste de Washington, filho de pai e mãe militares. Morara em diversas

partes do globo até se estabelecer em Nova York em 2042, ano em que se juntou à organização Nutrição para a Vida, como consultor.

Sua renda anual girava em torno de cem mil dólares. Os arquivos não mostravam nenhum casamento, mas ele dividia com Fitzhugh uma licença especial de relação estável entre pessoas do mesmo sexo.

— Listagem detalhada de todas as suas prisões!

A máquina grunhiu, como se já estivesse cansada de responder a tantas perguntas, mas a listagem foi exibida. Uma prisão por desordem, duas por agressão e uma por perturbação da ordem.

— Bem, agora parece que estamos chegando em algum lugar... Listagem detalhada de consultas psiquiátricas dos dois homens pesquisados!

Não havia nada com Fitzhugh, mas Eve acertou na mosca novamente com Foxx. Soltando um resmungo, pediu uma listagem impressa e olhou para a porta no momento em que Peabody entrou.

— Resultados do laboratório, Peabody? Toxicológicos também?

— O laboratório ainda não terminou, mas já temos o perfil toxicológico. — Peabody entregou um disco a Eve. — Nível alcoólico baixo, bebida identificada como conhaque Parisian, safra 2045. Não era o bastante para incapacitar, nem de leve. Não há sinal de nenhuma outra droga.

— Merda! — Eve estava com esperança naquilo. — Bem que podia ter pintado alguma coisa aqui... Nosso amigo Foxx passou grande parte de sua infância no divã do terapeuta. Há coisa de dois anos ele fez uma nova avaliação psicológica no Instituto Delroy, e ficou internado por um mês. E já cumpriu pena também. Foi por pouco tempo, mas esteve preso. Noventa dias de xadrez por agressão. E depois teve que usar um bracelete de localização durante seis meses. Nosso rapaz possui tendências violentas.

Peabody franziu as sobrancelhas ao olhar os dados.

— Família de militares, é?... Eles costumam ser resistentes ao homossexualismo, mesmo hoje em dia. Aposto que os pais tentaram fazer com que o psicólogo o transformasse em hétero.

— Talvez. A questão é que ele tem história de problemas mentais e registros criminais. Vamos ver o que os investigadores vão nos trazer depois de começarem a interrogar os vizinhos do prédio de Fitzhugh. E precisamos também conversar com os sócios de Fitzhugh na firma.

— Você não está engolindo a história de suicídio.

— Eu o conhecia. Ele era arrogante, pomposo, convencido e vaidoso. — Eve balançou a cabeça. — Homens vaidosos e arrogantes não gostam de imaginar que alguém vai encontrá-los pelados na banheira e semi-submersos no próprio sangue.

— Ele era um homem brilhante! — Leanore Bastwick estava sentada em sua poltrona de couro feita sob medida, na sala toda envidraçada que ficava no fim do corredor da firma Fitzhugh, Bastwick e Stern. Sua mesa de trabalho parecia uma piscina: era grande, espelhada, sem manchas e reluzente. *Combinava, Eve disse para si mesma, com sua beleza loura, atordoante e fria.* — Fitz era um amigo generoso — acrescentou Leanore, enquanto cruzava as mãos muito bem tratadas e as colocava na beira da mesa. — Aqui estamos todos chocados com isso, tenente.

Era difícil enxergar esse choque na superfície polida de tudo o que havia ali. A floresta de aço de Nova York se elevava, resplandecente, por trás de Leanore, passando a imponente ilusão de que ela reinava sobre a cidade. Tons de rosa pálido e cinza-claro acrescentavam toques de cor

elegante e discreta a uma sala que parecia tão meticulosamente decorada quanto a própria dona.

— Senhorita Bastwick, seria possível identificar algum motivo pelo qual o senhor Fitzhugh desejasse tirar a própria vida?

— Absolutamente nenhum. — Leanore mantinha as mãos completamente imóveis e os olhos levantados. — Ele amava a existência. Adorava a vida que levava e o seu trabalho. Saboreava cada minuto de cada dia, mais do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido. Não tenho a mínima ideia do motivo de ele dar cabo da própria vida.

— Quando foi a última vez em que a senhorita o viu ou conversou com ele?

Ela hesitou. Dava quase para Eve sentir as engrenagens girando suavemente por trás daqueles olhos com cílios muito longos.

— Na verdade, estive com ele rapidamente na noite passada. Passei em sua casa, a fim de entregar uma pasta para ele e conversamos a respeito de um caso. Essa conversa, evidentemente, é confidencial — seus lábios brilhantes se curvaram para cima. — O que posso lhe dizer, no entanto, é que ele estava com o entusiasmo habitual, e mal podia esperar para enfrentá-la em um novo duelo no tribunal, tenente.

— Duelo?

— Era assim que Fitz se referia ao interrogatório com especialistas e testemunhas ligados à polícia. — O sorriso se ampliou. — Para ele, isso era uma disputa, uma partida que exigia intelecto desenvolvido e nervos de aço. Um jogo profissional para um jogador nato. Não sei de nada que ele adorasse mais do que estar na corte.

— A que horas a senhorita deu essa passadinha na casa dele para entregar a pasta, ontem à noite?

— Por volta de dez horas. É, acho que eram umas dez horas. Fiquei trabalhando até tarde aqui no escritório e passei lá a caminho de casa.

— Isso era comum, senhorita Bastwick, dar uma passadinha lá para vê-lo, a caminho de casa?

— Bem, digamos que não era fora do normal. Éramos sócios, afinal, e nossos casos muitas vezes apresentavam pontos em comum.

— Isso era tudo o que vocês eram? Sócios, apenas em nível profissional?

— A senhora está insinuando, tenente, que pelo fato de um homem e uma mulher serem fisicamente atraentes e dividirem uma amizade eles não possam trabalhar juntos sem haver envolvimento sexual?

— Não estou insinuando nada. Por quanto tempo a senhorita ficou lá... conversando sobre o caso?

— Vinte minutos, talvez meia hora. Não cronometrei. Ele estava muito bem quando eu saí, isso posso lhe afirmar.

— Não havia nada com o que ele estivesse particularmente preocupado?

— Fitz estava tendo problemas com o caso Salvatori, além de outros também. Nada de extraordinário. Ele era um homem muito autoconfiante.

— E fora do trabalho? Em nível pessoal?

— Um homem reservado.

— Mas a senhorita conhecia Arthur Foxx.

— Claro que sim! Aqui na firma temos por norma nos socializarmos, ainda que de leve, com os companheiros e companheiras dos sócios principais e associados. Arthur e Fia eram muito devotados um ao outro.

— Nenhuma... briguinha de vez em quando?

— Ah... isso eu não saberia dizer. — Leanore levantou uma sobrancelha.

Claro que saberia, pensou Eve.

— A senhorita e o senhor Fitzhugh eram sócios, tinham a vida profissional interligada e, pelo visto, um relacionamento pessoal muito chegado. Ele devia conversar com a senhorita sobre a vida doméstica, de vez em quando.

— Ele e Arthur eram muito felizes. — O primeiro sinal de irritação apareceu no jeito com que ela começou a bater com as unhas pintadas em um tom de coral na borda do vidro da mesa. — Casais felizes ocasionalmente têm brigas. Imagino que a senhora discuta com o seu marido, de vez em quando.

— Mas o meu marido não me encontrou, recentemente, morta na banheira — respondeu Eve, com naturalidade. — Por que Foxx e Fitzhugh brigavam?

Leanore soltou um sopro aborrecido. Levantando-se, digitou um código em seu AutoChef e se serviu de uma xícara fumegante de café. Não ofereceu nada a Eve.

— Arthur tinha crises periódicas de depressão. Não tem muita confiança em si mesmo. Costumava se mostrar ciumento, o que deixava Fitz profundamente irritado. — Suas sobrancelhas se juntaram. — A senhorita provavelmente já foi informada de que Fitz se casara, havia alguns anos. Sua bissexualidade era, de certa forma, um problema para Arthur, e quando ele ficava deprimido tinha a tendência de se preocupar com todos os homens e mulheres com os quais Fitz entrava em contato no trabalho. Raramente brigavam, mas, quando isso acontecia, geralmente a causa eram os ciúmes de Arthur.

— E ele tinha motivos para ter ciúmes?

— Até onde sei, Fitz era totalmente fiel. Nem sempre essa é uma opção fácil, tenente, se considerarmos que ele estava sempre sob a luz dos refletores, além de levar o estilo de vida que levava. Mesmo hoje em dia existem pessoas que se sentem, digamos, pouco à vontade com preferências sexuais diferentes das tradicionais. Mas Fitz não dava motivos de preocupação a Arthur nessa área.

— Mesmo assim, ele vivia preocupado. Obrigada — disse Eve ao se levantar. — A senhorita ajudou muito na investigação.

— Tenente — disse Leanore enquanto Eve e a silenciosa Peabody se encaminhavam para a porta. — Se a senhora está achando, por um instante que seja, que Arthur Foxx teve alguma coisa a ver com o... — e parou, sugando o ar com esforço. — Não, é simplesmente impossível de acreditar.

— É mais plausível que Fitzhugh tenha cortado os próprios pulsos, deixando-se sangrar até morrer? — Eve esperou um instante, e então deixou a sala.

Peabody esperou até que elas estivessem do lado de fora, já andando sobre as passarelas aéreas que circundavam o prédio antes de falar:

— Eu não sei se você jogou verde para colher maduro ou estava apenas cavoucando a terra em busca de vermes.

— Os dois. — Eve olhou através do vidro da passarela. Dava para ver o prédio onde ficava o escritório de Roarke, lançando-se para o alto em ébano polido, entre os outros edifícios em forma de lança. Pelo menos ele não tinha nenhuma ligação com *aquela* história. Eve não precisava se preocupar com a possibilidade de descobrir algo que ele fizera ou alguém ligado ao caso que Roarke conhecesse bem demais. — Leanore conhecia tanto a vítima quanto o suspeito.

E Foxx não mencionou o fato de ela ter dado uma passadinha lá para conversar sobre trabalho, na noite passada.

— Então você já promoveu Foxx de testemunha para suspeito? Eve observou um homem de túnica feita sob medida grasnando com ferocidade para um *tele-link* portátil enquanto passava por elas.

— Até conseguirmos provar sem sombra de dúvida que foi suicídio, Foxx é o principal... que droga, é o *único* suspeito. Tinha os meios. Tinha a arma. Teve a oportunidade. Eles dois estavam sozinhos no apartamento. Tinha o motivo. Dinheiro. Agora, descobrimos que ele tem um histórico de depressão, registros de violência e ataques de ciúme.

— Posso lhe perguntar uma coisa? — Peabody esperou pelo aceno de cabeça de Eve. — Você não se importava com Fitzhugh, tanto profissional quanto pessoalmente, não é?

— Eu odiava a raça dele. E daí? — Eve saiu da calçada aérea e chegou ao nível da rua, junto do lugar onde ela tivera sorte suficiente para achar uma vaga. Avistou uma vendedora de churrasquinho com um carrinho flutuante, onde exibia salsichas de soja fumegantes e pilhas de batatas fritas. Atravessou a calçada em diagonal, indo direto para a vendedora ambulante. — Você acha que eu devia gostar do cadáver, Peabody? — e se virou para a vendedora. — Por favor, eu quero dois cachorros-quentes, um saco de batatas e duas latas de Pepsi.

— Para mim é tudo diet, por favor — interrompeu Peabody, lançando os olhos sobre a forma longa e esguia de Eve. — Algumas de nós são obrigadas a se preocupar com o peso.

— Cachorro diet, Pepsi diet. — A atendente exibia um alvará em forma de *bottom* pregado acima do lábio superior e trazia uma tatuagem das linhas do metrô no peito. A linha A fazia um desvio e desaparecia por baixo da gaze solta que mal lhe cobria os seios. — Cachorro comum, Pepsi comum, batatas fritas. Dinheiro ou fichas de crédito?

Eve entregou a frágil bandeja de papelão com a comida para Peabody segurar e começou a procurar por fichas de crédito.

— Qual foi o tamanho do prejuízo? — perguntou à vendedora. A mulher digitou alguns valores em um console, usando um dedo sujo com a unha pintada de roxo, e ouviu-se um bipe.

— Vinte e cinco dólares — anunciou.

— Cacete! É só a gente piscar os olhos que os cachorros-quentes sobem de preço. — Eve despejou as fichas de crédito na mão que se estendeu diante dela e pegou alguns guardanapos que lhe pareceram finos demais.

Começou a caminhar de volta em direção ao carro e resolveu se sentar em um dos bancos que circulavam a fonte, bem na entrada do prédio cheio de firmas de advocacia. Um mendigo sentado ao lado dela lançou-lhe um olhar esperançoso. Eve mostrou-lhe o distintivo da polícia; ele sorriu e exibiu a licença de mendigo que trazia pendurada no pescoço.

Resignada, Eve pescou no bolso uma ficha de cinco créditos e a entregou a ele.

— Agora, vá arrumar outro lugar para incomodar as pessoas — ordenou a ele —, senão vou pesquisar essa licença para ver se ela está atualizada.

Ele reagiu comentando alguma coisa sobre o jeito de Eve trabalhar, mas enfiou a ficha no bolso e saiu de cena, abrindo espaço no banco para Peabody.

— Leanore não gosta de Arthur Foxx — anunciou Eve.

— Ela não gosta? — Peabody engoliu o que mastigava com algum esforço. Salsichas dietéticas tinham gosto de areia.

— Uma advogada de alta classe não responde assim a tantas perguntas, a não ser que queira.

Ela nos entregou de bandeja que Foxx era ciumento e que os dois brigavam. — Eve estendeu para Peabody o saco cheio de batatas engorduradas. Após uma breve briga consigo mesma, Peabody aceitou. — Ela queria nos encher de informações.

— Mesmo assim não é muita coisa — comentou Peabody. — Não há nada nos registros de Fitzhugh que incrimine Foxx. Nem em sua agenda eletrônica, nem no cronograma de compromissos e nem na lista de ligações feitas e recebidas por seu *telelink*. Nenhum dos dados que vasculhei aponta para Foxx. Por outro lado, nenhum deles indica uma tendência suicida também.

Com ar contemplativo, Eve tomava sua Pepsi e observava o movimento de Nova York, que se arrastava pesadamente devido aos excessos de barulho e suor.

— Vamos ter que conversar com Foxx novamente — anunciou. — Eu tenho que testemunhar novamente esta tarde, no tribunal. Quero que você volte para a central, avalie os interrogatórios com os vizinhos e pressione o legista para o relatório final da autópsia. Não sei o que é que está pegando por lá para demorar tanto, mas quero o resultado na minha mesa ainda hoje, até o final do expediente. Devo sair do tribunal quando for umas três horas. Depois disso, podemos dar mais uma passadinha no apartamento de Fitzhugh para saber por que Foxx omitiu a visitinha de Bastwick em suas declarações.

Peabody acabou de comer e programou com todo o cuidado as tarefas que recebera em sua agenda de bolso.

— O que perguntei ainda há pouco — disse Peabody — a respeito de você não gostar de Fitzhugh... Estava apenas querendo saber se é mais difícil forçar a barra e cavar ainda mais fundo quando a gente não gostava da vítima.

— Policiais não têm sentimentos pessoais... — e suspirou, resignada. — Droga, isso é papo furado! O que você faz é deixar esses sentimentos hostis de lado, e cava onde tem que cavar. Esse é o nosso trabalho. E quando, por acaso, acontece de eu achar que um homem como Fitzhugh bem que merecia acabar seus dias se afogando no próprio sangue, isso não quer dizer que eu não vá fazer tudo o que for necessário para descobrir como foi que ele foi parar lá.

— Mas um monte de policiais iria simplesmente arquivar o caso. — Peabody balançou a cabeça: — Suicídio. Fim da história.

— Mas eu não sou como um monte de policiais, e você também não é, Peabody — Eve olhou para a frente, ligeiramente interessada na explosiva batida que acabara de acontecer entre dois táxis. Os pedestres e o tráfego começaram a diminuir de velocidade, para olhar o evento, enquanto fumaça subia dos veículos e o revestimento de *Duraglass* dos carros, que rachara, fazia barulhos metálicos. Dois motoristas furiosos saltaram dos veículos como rolhas de champanhe e correram um em direção ao outro.

Eve mordiscava o seu almoço enquanto os dois homens se empurravam, se atracavam e berravam obscenidades criativas um para o outro. Pelo menos ela achava que eram obscenidades, pois a língua que eles falavam não era inglês. Olhou para o alto e não viu nenhum dos mini-helicópteros que organizavam o trânsito. Com um sorriso suave, amassou a bandeja de papelão, as latas vazias e entregou tudo a Peabody.

— Tome, jogue tudo isso ali naquele reciclador, depois volte aqui e me dê uma mãozinha para nós separarmos aqueles dois idiotas.

— Senhora, um deles acaba de pegar um taco de beisebol. Devo pedir reforço?

— Não... — Eve esfregou as mãos de satisfação enquanto se levantava. — Pode deixar que eu

sei como cuidar disso.

O ombro de Eve ainda estava incomodando um pouco quando ela saiu do prédio do tribunal, umas duas horas mais tarde. Imaginava que os motoristas de táxi já teriam sido liberados àquela altura, o que não ia acontecer com a assassina de crianças contra a qual Eve acabara de testemunhar, e isso lhe trouxe alguma alegria. A acusada ia ficar trancada em uma cela de segurança máxima no mínimo pelos próximos cinquenta anos. Havia uma grande satisfação em saber disso.

Eve massageou o ombro atingido. O taxista não havia tentado atingi-la, especificamente. Estava tentando rachar a cabeça do seu oponente, e ela simplesmente se colocara no caminho. De qualquer modo, não estava nem um pouco triste por saber que os dois brigões teriam suas licenças suspensas por três meses. Entrou no carro e, para não forçar muito o ombro, deixou o veículo no piloto automático até a central. Acima dela, em um ônibus aéreo para turistas, um guia apregoava o discurso-padrão sobre a balança da Justiça.

Bem, meditou ela, às vezes os agentes da lei conseguem manter essa balança equilibrada, nem que seja por algum tempo. Seu *tele-link* tocou.

— Tenente Dallas — atendeu ela.

— Aqui é o doutor Morris. — O legista tinha olhos de falcão, com pálpebras pesadas, queixo quadrado com um cavanhaque aparado bem curto e uma cabeleira espessa, preta como carvão e jogada para trás. Eve gostava dele. Embora muitas vezes se sentisse frustrada pela sua velocidade de carroça, apreciava a precisão e a meticulosidade dos seus relatórios.

— Já tem os resultados do caso Fitzhugh? — perguntou ela.

— Temos um problema.

— Não preciso de um problema, preciso do relatório. Será que você pode transmitilo para o *tele-link* da minha sala? Estou indo para lá.

— Não, tenente, você está vindo para cá. Há algo aqui que preciso lhe mostrar.

— Mas eu não tenho tempo para ir até o necrotério.

— Então invente um tempo — sugeriu ele, encerrando a transmissão.

Eve rangeu os dentes. Os cientistas eram profundamente frustrantes, pensou, enquanto desviava de rota.

Pelo lado de fora o necrotério da cidade, que ficava na parte mais baixa de Manhattan, era similar a qualquer uma das várias estruturas em volta, que se assemelhavam a colmeias. Ele se misturava com o ambiente, e isso fora um dos motivos para a reestruturação do prédio. Ninguém gostava de pensar na morte, nem de ter essa ideia diante de si para estragar seu apetite na hora do almoço, durante uma boquinha no restaurante mais próximo do escritório. Imagens de corpos etiquetados dentro de sacos plásticos e engavetados em geladeiras costumavam estragar o prazer de uma salada de macarrão.

Eve se lembrou da primeira vez em que passou através das portas pretas de aço nos fundos do prédio. Era uma recruta recém-uniformizada, andando lado a lado com duas dúzias de outros recrutas igualmente uniformizados. Ao contrário de vários dos seus companheiros, já vira a morte de perto, mas jamais a vira exposta, dissecada e analisada.

Havia uma galeria acima de uma das salas de autópsia, e lá ficavam estudantes, recrutas, jornalistas e romancistas devidamente credenciados para testemunhar em primeira mão os intrincados trabalhos da medicina legal.

Monitores individuais em cada poltrona ofereciam visões ao vivo, em close, de todo o trabalho, para os que possuíam estômago forte.

Muitos deles nunca mais voltavam lá. Outros saíam carregados.

Eve saía usando as próprias pernas e voltara ali inúmeras vezes, embora jamais gostasse dessas visitas.

Seu objetivo desta vez não era o local ao qual os policiais se referiam como "O Teatro", mas sim o Laboratório C, onde Morris realizava a maior parte de seu trabalho. Eve passou pelos corredores revestidos de azulejos brancos e piso verde. Dava para sentir o cheiro da morte ali. Não importava a substância que usassem para desinfetar o ambiente, aquele fedor penetrante permanecia nas fendas, em torno dos portais e empestava o ar com a sombria lembrança da mortalidade.

A ciência médica erradicara pragas, uma imensa quantidade de doenças e condições maléficas, estendera a expectativa de vida para uma média de cento e cinquenta anos. A tecnologia cosmética assegurara que o ser humano poderia viver com uma aparência atraente por todo esse século e meio.

Era possível morrer sem uma ruga sequer, sem manchas senis, sem dores, inflamações ou ossos porosos que se desintegravam. Mesmo assim, no entanto, as pessoas iam morrer, mais cedo ou mais tarde.

Para muitos dos que aportavam naquele local, o dia chegara mais cedo.

Parando na frente da porta do Laboratório C, Eve segurou seu distintivo diante da câmera de segurança e informou seu nome e número de identidade no microfone. Sua impressão palmar foi igualmente analisada e autorizada. A porta se abriu para o lado.

Era uma sala pequena, sem janelas e deprimente, com as paredes forradas de equipamentos e computadores que emitiam bipes constantes. Algumas das ferramentas arrumadas de forma metódica nas bandejas espalhadas sobre o balcão eram bárbaras o bastante para fazer alguém mais fraco estremecer. Eram serrotes, facas a laser, lâminas brilhantes de bisturis e estranhos caninhos metálicos.

No centro da sala estava uma mesa com calhas laterais para recolher fluidos e levá-los até recipientes especiais, onde ficariam armazenados a vácuo para posterior análise. Sobre a mesa estava Fitzhugh, com o corpo nu exibindo as cicatrizes profundas da recente incisão torácica em forma de "Y".

Morris estava sentado em uma cadeira giratória diante de um monitor, com o rosto colado na tela. Usava um jaleco branco comprido que quase arrastava no chão. Aquela era uma de suas poucas afetações, o jaleco comprido que ondulava e girava em torno dele como se fosse um daqueles velhos casacos escuros de assaltantes de estradas, inflando a cada vez que ele circulava pelos corredores. Seu cabelo repuxado todo para trás vivia preso em um comprido rabo-de-cavalo.

Eve sabia, pela forma com que ele a chamara pessoalmente, em vez de mandar o recado por algum de seus auxiliares, que o que tinha pela frente devia ser bastante incomum.

— Como vai, doutor Morris?

— Olá, tenente — respondeu ele, sem se virar. — Jamais vi algo assim, em trinta anos

explorando cadáveres. — E girou o corpo, desfraldando o jaleco. Por baixo usava calças com corte reto e uma camiseta em cores berrantes. — Está com uma boa aparência, tenente.

Ele abriu um dos seus sorrisos curtos e charmosos e os lábios de Eve também sorriram em resposta.

— Você também está com uma cara boa... Tirou a barba.

Ele levou a mão ao queixo e esfregou as pontas da barba por fazer. Até há pouco tempo ele usara um cavanhaque bem-cuidado e comentou:

— Aquilo não ficava bem no meu rosto. Mas, puxa... Bem que eu preciso me barbear. Como foi a lua de mel?

Automaticamente, Eve enfiou as mãos nos bolsos.

— Foi boa — respondeu ela. — E agora que voltei, estou toda atolada em serviço. O que foi que você encontrou que não poderia ter me mostrado pela transmissão normal?

— Certas coisas exigem atenção especial — e fez a cadeira rolar pela sala, sentado nela, até chegar junto da mesa de autópsia, onde apertou alguns botões e iluminou a cabeça de Fitzhugh. — O que vê aqui?

— Um cara morto — respondeu Eve, olhando para baixo.

Morris concordou, como se tivesse gostado da resposta.

— Exato! É o que a gente chamaria de caso comum de um cara que morreu devido à perda excessiva de sangue, possivelmente auto-imputada.

— Possivelmente? — Eve pulou ao ouvir a palavra.

— Superficialmente, suicídio é a conclusão lógica. Não havia drogas em seu organismo, muito pouco álcool, não há feridas ofensivas nem defensivas, não há marcas roxas, a acomodação do sangue e distribuição pelas artérias era consistente com a posição em que ele foi encontrado na banheira, ele não se afogou, e quanto ao ângulo de suas feridas... — Aproximando-se um pouco mais, pegou uma das mãos inertes de Fitzhugh, muito bem-cuidadas, e apontou para o local no pulso onde ele fizera os cortes, que pareciam caracteres cuneiformes de alguma língua antiga — ... Elas são consistentes com auto-imputação: foram feitas por um homem destro levemente reclinado — demonstrou, segurando uma lâmina imaginária. — Talhos muito curtos e precisos sobre os pulsos, que romperam a artéria.

Embora a própria Eve já tivesse estudado com atenção as feridas e todas as fotos, aproximou-se um pouco mais e tornou a olhar.

— Por que alguém não poderia ter vindo por trás dele — questionou ela — e se inclinado para fazer os cortes, no mesmo ângulo?

— Isto não está muito fora das possibilidades não, analisando de forma objetiva. Se esse fosse o caso, no entanto, seria de esperar a ocorrência de algumas feridas defensivas. Quando alguém entra sorrateiramente por trás, enquanto outra pessoa toma banho, e corta seus pulsos, ela provavelmente fica muito aborrecida e, apesar do susto, reage. — E abriu um sorriso. — Não acredito que a pessoa atacada simplesmente vá se recostar na banheira e se deixar sangrar até morrer.

— Então você está fechando o caso com um laudo de suicídio?

— Não tão depressa. Estava inclinado a fazer isso — e colocou o dedo no lábio inferior, puxando-o um pouco para baixo e soltando-o em seguida. — Fiz todas as análises exigidas em casos de suicídio ou suspeita disso. É aqui que surge um mistério. Um mistério bem grande. Ele empurrou a cadeira giratória com o pé, impulsionando-a até a mesa de trabalho, fazendo um gesto

sobre o ombro, para que Eve o seguisse.

— Veja aqui o cérebro dele — mostrou ele, batendo com a ponta do dedo no órgão imerso em um líquido claro e conectado por fios finos a cabos que o ligavam ao computador sobre a mesa.

— Conheça o Senhor A. Normal.

— Como disse?

Morris deu uma risada e balançou a cabeça, dizendo:

— Pelo visto você não tem muito tempo para assistir comédias clássicas. Essa frase é de um antigo filme que satirizava o mito de Frankenstein. O que estou querendo dizer é que este cérebro não é normal.

— Como assim? Ele tinha algum dano cerebral?

— Dano?... Bem, essa é uma palavra meio forte para o que eu descobri. Veja aqui, na tela. — Girando-se na cadeira, ele acionou algumas teclas. Uma imagem ampliada do cérebro de Fitzhugh surgiu no monitor. — Mais uma vez, se analisarmos de forma superficial, tudo está de acordo com o esperado. Mas vamos ver o corte longitudinal. — Novas ordens no teclado e o cérebro apareceu cortado ao meio, com precisão. — Tanta coisa acontece nessa pequena massa — filosofou Morris. — Pensamentos, ideias, músicas, desejos, poesia, raiva, ódio. As pessoas falam muito do coração, tenente, mas é o cérebro que contém todo o mistério e a magia da espécie humana. É ele que nos eleva, nos separa e define como indivíduos. E quanto aos segredos que se escondem nele... bem, duvido muito que algum dia cheguemos a conhecê-los todos. Veja aqui...

Eve se inclinou mais para perto, tentando ver o ponto que ele indicava com o dedo na tela.

— Para mim, parece um cérebro comum, não muito atraente, esteticamente, mas necessário.

— Não se preocupe não... Eu mesmo quase deixei passar esse detalhe — continuou ele enquanto o monitor formava contornos coloridos e novas formas. — O tecido aparece em tons de azul, do claro ao escuro, e o osso é branco. Os vasos sanguíneos estão em vermelho. Como pode ver, não há coágulos nem tumores que possam indicar distúrbios neurológicos a caminho. Ampliar quadrante B, seções 35 a 40. Realçar o foco em trinta por cento.

O quadro aumentou de tamanho e uma seção da imagem foi ampliada. A ponto de perder a paciência, Eve começou a levantar os ombros, mas então se inclinou ainda mais.

— O que é aquilo ali? Parece uma... O quê? Uma pequena mancha?

— Parece uma mancha, não é? — Morris voltou a sorrir, olhando para a tela onde uma leve sombra pouco maior do que a cabeça de um alfinete borrava o cérebro. — É quase como se fosse uma pequena impressão digital, a marca do dedinho de uma criança, sujo de tinta. Só que, quando a gente amplia ainda mais — e fez isso com alguns comandos rápidos —, fica parecendo uma pequena queimadura.

— Mas como é que alguém pode conseguir uma queimadura solta assim, no interior do cérebro?

— Exato! — Obviamente fascinado por aquilo, Morris tornou a se virar para o cérebro em questão. — Jamais encontrei nada parecido com essa manchinha quase microscópica. Não foi provocada por uma hemorragia, nem por um pequeno derrame, nem por um aneurisma. Já pesquisei todas as imagens que existem sobre o cérebro, usei vários programas para analisá-la e não consegui achar nenhuma causa neurológica para ela.

— Mas a mancha está lá...

— Está mesmo, ela está lá... Poderia não ser nada, uma anormalidade leve qualquer que

provocaria uma ocasional dor de cabeça ou tontura. Certamente não seria nada fatal. Mas é algo curioso... Já mandei fazer um levantamento de todos os registros médicos de Fitzhugh para ver se alguma vez foi feito algum teste ou registrado algum dado a respeito dessa pequena queimadura.

— Isso poderia causar depressão, ou ansiedade?

— Não sei. Ela apareceu no lado esquerdo do lobo frontal do hemisfério direito do cérebro. A atual corrente científica afirma que certos aspectos do ser humano, como a personalidade, estão localizados nesta área cerebral específica. Da mesma forma, é a seção do cérebro que, acreditamos, recebe e envie sugestões e ideias.

— Entretanto — continuou ele, movendo os ombros —, não posso dar um laudo afirmando que esta falha contribuiu para a morte. O fato, Dallas, é que estou desconcertado com o caso, mas fascinado. Não vou liberar o relatório até encontrar algumas respostas.

Uma queimadura no cérebro, Eve refletia enquanto destrancava a porta do apartamento de Fitzhugh. Fora até ali sozinha, em busca de vazio e silêncio para dar ao próprio cérebro uma chance de funcionar. Até liberar a cena do incidente, Foxx ia ter que ficar morando em outro local.

Refazendo os passos que dera para chegar ao andar de cima, analisou a horrenda cena do banho mais uma vez.

Uma queimadura no cérebro, tornou a pensar. Alguma droga... esta parecia ser a resposta mais lógica. Se não apareceu nada no exame toxicológico, talvez se tratasse de um novo tipo de droga, ainda não estudada.

Caminhou até a sala de relaxamento. Não havia nada ali, a não ser os brinquedinhos caros de um homem muito rico que curti o tempo livre que conseguia.

Ele não conseguia dormir, refletiu ela. *Veio até aqui para relaxar e tomou um conhaque. Instalou-se na poltrona e assistiu a alguma coisa no telão. Franziu os lábios ao pegar nos óculos de realidade virtual que estavam ao lado da poltrona. Depois, fez uma rápida viagem. Não quis usar a câmara virtual para isso, simplesmente se lançou para trás na poltrona em que estava.*

Curiosa, colocou os óculos e ordenou que a última cena fosse apresentada novamente. Viu-se de repente flutuando em um barco branco que balançava de leve sobre um rio de águas verdes transparentes. Pássaros voavam acima dela, um peixe arisco pulou fora d'água por um segundo, exibindo o reflexo prateado de suas escamas e tornou a mergulhar. Nas margens do rio havia flores e árvores altas que lançavam largas sombras em volta. Sentiu-se flutuando e deixou a mão mergulhar na água, fazendo surgir uma pequena trilha sobre a superfície espelhada. Estava na hora do poente, e o céu estava começando a ficar rosado e com tons de roxo. Dava para ouvir o zumbido baixo de abelhas, e o alegre estridular dos grilos. O barco continuava a balançar como se fosse um berço.

Evitando um bocejo, Eve tirou os óculos. Uma cena sedativa, incapaz de fazer mal a alguém, decidiu, enquanto colocava os óculos de volta sobre a mesinha. Nada que pudesse induzir alguém a sair dali correndo e cortar os pulsos.

A água, porém, pode ter dado a Fitzhugh a ideia de tomar um banho quente, e foi o que ele fez. E se Foxx tivesse entrado de mansinho, nas pontas dos pés, e bem rápido, poderia tê-lo matado.

Era tudo o que havia no momento, decidiu Eve, e pegou o comunicador para marcar um novo

interrogatório com Arthur Foxx.

CAPÍTULO SEIS

Eve analisou o resultado dos interrogatórios que os policiais fizeram com os vizinhos no edifício onde Fitzhugh morava. A maioria deles declarou o que ela já esperava. Fitzhugh e Foxx eram calmos e muito reservados, embora gentis com a maioria dos vizinhos do prédio. A única informação que a deixou interessada foi a declaração do androide que tomava conta da portaria, o qual garantiu que Foxx saía do prédio às dez e vinte e dois da noite e foi para a rua, só voltando às onze.

— Ele não mencionou o fato de que havia saído, mencionou, Peabody? Nem uma palavra a respeito de ele dar uma voltinha desacompanhado, para respirar o ar da noite?

— Não, ele não mencionou isso.

— Já requisitamos a gravação dos discos do sistema de segurança do saguão do prédio e do elevador?

— Já requisitamos sim, e o material já está catalogado em seu computador. Está no arquivo Fitzhugh 1051.

— Então, vamos dar uma olhada. — Eve ligou seu equipamento e se recostou na cadeira.

Peabody ficou observando o monitor por cima dos ombros de Eve e resistiu à vontade de avisar a Eve que elas duas já estavam oficialmente fora do horário de expediente. Afinal de contas, era empolgante demais trabalhar lado a lado com a mais importante detetive da Divisão de Homicídios da Central de Polícia. Dallas ia fazer uma cara de deboche se ouvisse isso, mas era verdade. Peabody acompanhara a carreira de Eve Dallas durante anos, e não havia nenhuma outra pessoa na polícia que ela admirasse mais, ou de quem desejasse tanto seguir os passos.

O maior choque da vida de Peabody era perceber que, de algum modo, no decurso de poucos meses, elas acabaram se tornando amigas também.

— Congele a cena! — Eve se sentou reta na cadeira enquanto a imagem ficava parada. Avaliando a loura cheia de classe que entrava no prédio exatamente às dez e quinze, comentou:

— Bem, aqui está a nossa Leanore, fazendo a sua visitinha.

— Ela acertou quase na mosca quando nos informou a hora: chegou às dez e quinze.

— É... bem pontual a moça. — Eve passou a língua pelos lábios. — O que acha disso, Peabody? Negócios ou prazer?

— Bem, ela está vestida para tratar de negócios. — Peabody virou a cabeça meio de lado e se permitiu um frêmito de inveja que lhe subiu pela espinha ao reparar no espetacular conjunto de três peças que Leanore vestia. — Veja só, está carregando uma pasta.

— Uma pasta... e uma garrafa de vinho. Ampliar e refinar o foco do quadrante D, setores 30 a 35!... Uma garrafa de vinho bem caro — murmurou Eve quando a imagem na tela foi ampliada e

exibiu o rótulo com nitidez. — Roarke tem algumas garrafas desta safra estocadas na adega. Acho que custa uns duzentos dólares.

— Cada garrafa? Uau!

— Não, cada cálice! — corrigiu Eve, divertindo-se com os olhos arregalados de Peabody. — Tem alguma coisa aqui que não encaixa... Vólte ao tamanho normal do vídeo, em tempo real, e troque a transmissão pela da câmera do elevador. Humm... E... dá pra notar que ela está se produzindo toda! — comentou Eve, enquanto via Leanore pegar um pouco de pó compacto em sua pasta sofisticada e retocar a maquiagem do rosto, empoar o nariz e colocar um pouco mais de batom enquanto o elevador subia. — E olha só!... acabou de abrir os três últimos botões da blusa...

— Pelo jeito estava se aprontando para um encontro com um homem — disse Peabody, se encolhendo toda quando viu Eve lançar-lhe um olhar curioso. — Quer dizer... Eu acho que estava...

— Eu acho a mesma coisa. — Juntas, observaram Leanore caminhar com firmeza pelo corredor do trigésimo oitavo andar e tocar a campainha do apartamento de Fitzhugh. Eve adiantou a gravação até o ponto em que Foxx saiu apressado, quinze minutos mais tarde. — Ele não parece muito satisfeito, parece?

— Não. — Peabody apertou os olhos. — Diria que ele está revoltado com a vida! — e levantou uma sobrancelha ao ver Foxx chutar a porta do elevador, cheio de raiva. — Confirmado... Ele está *muito revoltado*!

As duas acompanharam o drama que se desenrolava. Leanore saiu vinte e dois minutos mais tarde, com o rosto afogueado e os olhos brilhando. Apertou o botão do elevador com força e pendurou a pasta no ombro. Pouco tempo depois, Foxx voltava, trazendo um pequeno pacote.

— Ela não ficou vinte ou trinta minutos, e sim mais de quarenta e cinco. O que será que aconteceu dentro do apartamento naquela noite? — perguntou-se Eve. — E o que foi que Foxx trouxe da rua, na volta? Entre em contato com ela. Quero Leanore aqui para interrogatório. Marquei Foxx para as nove e meia. Marque a mesma hora para ela. Nós duas vamos alternar as salas e trabalhar com os dois ao mesmo tempo.

— Você quer que eu conduza um interrogatório?

— É um bom momento para você começar. — Eve desligou o computador e encolheu os ombros. Vamos nos encontrar aqui as oito e meia. Não, não... é melhor você passar na minha casa às oito. Isso vai nos dar mais tempo para a preparação. — Olhou para o seu *tele-link* que começou a tocar e pensou em ignorá-lo, mas acabou atendendo.

— Aqui é a tenente Dallas.

— Oi!... O rosto brilhante de Mavis encheu a tela. — Que sorte a minha encontrar você antes de sair do trabalho. Como vão as coisas?

— Tudo bem. Eu estava de saída. O que houve?

— Calculei o tempo certo, então! Liguei bem na hora "H". *Mais que demais!* Olhe, Eve, estou aqui no estúdio de Jess. Vamos fazer uma sessão de gravações. Leonardo está aqui. Vamos transformar o lance em uma festa, então eu queria que você aparecesse.

— Ah, escute, Mavis, eu tive um dia puxado pra caramba... Tudo o que eu queria era...

— Venha até aqui... — pediu ela. Havia uma mistura de entusiasmo e nervosismo em sua voz. — Vamos pedir comida, e Jess já trouxe um monte de bebidas espertas para cá. Você vai ficar ligadona em poucos segundos. Jess disse que se a gente conseguir gravar alguma coisa decente

hoje à noite, ele vai aproveitar todo o material. Eu gostaria muito que você estivesse por perto. Sabe como é, apoio moral, esse papo todo... Não dá para pelo menos você pintar aqui, nem que seja uma passadinha?

— Acho que dá sim... — *Droga*, pensou Eve, *que falta de coragem para dizer não...* — Deixe eu avisar a Roarke que vou chegar em casa mais tarde. Só que não vou poder ficar aí até o final...

— Pode deixar, eu fiz uma visitinha a ele.

— Você fez... o quê?

— Passei no escritório dele, ainda há pouco. Olha, quer saber de uma coisa, Dallas?... Eu nunca havia estado naquela sala *mais que demais* dele. Ele estava recebendo uma comitiva de gente ligada à ONU, ou algo assim. Tinha um monte de estrangeiros lá, conversando com ele. Um arraso! Enfim, eles acabaram me deixando pisar naquele solo sagrado porque eu sou sua amiga, e então conversei com ele por alguns instantes. Foi quando... — continuou gorjeando diante do olhar pasmo de Eve, que suspirava — ... eu contei a ele tudo o que estava rolando no pedaço, e ele me garantiu que também ia dar uma passadinha aqui assim que acabasse a reunião, conferência ou sei lá o que ele estava presidindo.

— Então já está tudo combinado, pelo jeito. — Eve viu a sua linda fantasia que envolvia uma banheira de hidromassagem, um cálice de vinho e um bife grosso e suculento se desfazer no ar, como fumaça.

— Tudo em cima! Ei, é a Peabody que está aí com você? Oi, Peabody, venha para a festa também. Vamos agitar! Vejo vocês duas daqui a pouco então, tá legal?

— Mavis. — Eve a pegou no ar segundos antes de a ligação ser cortada. — Onde, diabos, você está?

— Ah, eu não falei não?... é no estúdio que fica na Oitava Avenida B, nível da rua. E só bater na porta. Alguém vai abrir para vocês. Agora tenho que ir — berrou ela, enquanto alguma coisa que talvez fosse música explodiu por trás dela. — Eles já estão afinando tudo. A gente se vê!

Eve soltou o ar com força, tirou os cabelos da frente do rosto, olhou por trás dos ombros e disse:

— Bem, Peabody... Está a fim de ir a uma sessão de gravação, ter os tímpanos estourados, comer lixo e ficar bêbada com biritinha vagabunda?

— Para falar a verdade, tenente, eu adoraria — respondeu Peabody, sem pensar duas vezes.

Foi preciso bater muitas vezes e com toda a força na porta cinza de aço, que parecia ter sido massacrada por um aríete medieval há pouco tempo. A chuva da manhã se transformara em umidade que enchia o ar e fedia a óleo das unidades de reciclagem de rua, que jamais funcionavam direito naquela parte da cidade.

Com mais resignação do que energia, Eve notou que dois viciados estavam negociando drogas sob a luz fosca de uma luminária pública. Nenhum dos dois sequer piscou ao ver o uniforme de Peabody. Eve se virou quando viu um dos viciados trocar pó com o outro, a menos de dois metros delas.

— Droga, assim já é ser arrogante demais! Enquadre o palhaço, Peabody!

Conformada, Peabody foi até ele. O doidão focalizou os olhos nela com alguma dificuldade, xingou, engoliu o papelote com a droga e girou o corpo para fugir. Para sua infelicidade, escorregou na calçada molhada e caiu para a frente, batendo de cara com o poste. Quando

Peabody chegou ao lado dele, o homem já estava estatelado de costas e com o nariz sangrando sem parar.

— Este aqui apagou e o traficante deu no pé! — gritou ela para Eve.

— Idiota. Dê o alarme. Peça a uma patrulha para vir para cá e mande levar esse aqui para o ambulatório. Quer correr atrás do outro?

Peabody considerou a sugestão e balançou a cabeça, dizendo:

— Não, não vale a pena. A patrulha pode pegá-lo com facilidade — pegou o comunicador e informou a sua localização enquanto voltava para junto de Eve. — O traficante ainda está do outro lado da rua e continua correndo — comentou para Eve. — Ele está em um skate aéreo, mas eu podia tentar persegui-lo.

— Não estou sentindo muita empolgação em você para fazer isso. — Eve apertou os olhos, olhando para o traficante que continuava em frente, com o skate aéreo soltando fumaça. — Ei, seu babaca! — berrou ela. Está vendo esta policial aqui? — e apontou com o dedo para Peabody. — Vá vender seu bagulho em outra praia, senão eu vou mandar ela atirar em você com a arma no nível três só para ver você se mijar todo nas calças!

— Piranha! — berrou ele de volta e sumiu em seu skate.

— Você tem um jeitinho especial para lidar com os elementos da comunidade, Dallas.

— É... Acho que é um dom. — Eve se virou, preparando-se para tornar a bater na porta, mas se viu cara a cara com uma mulher de proporções gigantescas. Tinha pelo menos dois metros de altura e ombros tão largos quanto uma rodovia. Seus músculos lançavam-se de uma camiseta de couro, sem mangas, e eram marcados por várias tatuagens. Por baixo da camiseta ela usava um *colant* unissex com cor de equimose. Exibia um piercing em forma de anel sob o nariz e tinha os cabelos cortados bem curtos, enfeitados por desenhos espiralados pretos.

— Que porra de traficantes safados, não é? — comentou ela com uma voz que parecia o estrondo de um canhão. — São eles que fazem essa região feder tanto. Você é a tira amiga da Mavis?

— Isso mesmo, e trouxe a minha própria tira também.

A mulher olhou para Peabody de cima a baixo, com seus olhos azuis muito claros.

— Legal!... Mavis diz que você é gente fina. Eu sou a Big Mary.

— É big mesmo, com certeza! — reagiu Eve, virando a cabeça meio de lado.

Levou uns dez segundos, mas então o rosto redondo de Big Mary se abriu, exibindo um sorriso cheio de dentes pontudos.

— Vamos entrando... — convidou ela. — Jess ainda está esquentando o som. — À guisa de boas-vindas, pegou Eve pelo braço e a levantou com facilidade, pousando-a novamente no apertado vestíbulo. — Pode entrar também, tira da Dallas.

— Peabody é o meu nome... — Olhando com desconfiança, Peabody se manteve fora do alcance de Big Mary.

— *Pea body*... Isso em inglês quer dizer corpo de ervilha, não é? Legal, o nome combina, porque você é pouco maior do que uma ervilha mesmo. — Quase se acabando de rir da própria piada, Big Mary encaminhou Eve até um elevador todo acolchoado, entrou junto e ficou esperando a porta se fechar. As três ficaram esmagadas juntas, aconchegadas como sardinhas em lata enquanto Big Mary fazia a cabine subir apenas um andar. — Jess mandou que eu as levasse direto até a sala dos controles. Trouxeram grana?

Para Eve era difícil manter qualquer tipo de dignidade, sabendo que seu nariz estava apertado

sob a axila de Big Mary. Mesmo assim, conseguiu perguntar:

— Dinheiro pra quê?

— A gente pediu comida, e ela já deve estar chegando. Vamos rachar, e vocês vão ter que pingar a sua parte do rango.

— Tudo bem. Roarke já chegou?

— Não vi Roarke nenhum não, e Mavis me avisou que não dá para ele passar despercebido, porque é apenas o máximo.

A porta acolchoada se abriu e Eve soltou o ar que estava prendendo. No momento em que tornou a inspirar, seus ouvidos foram agredidos. Era a voz esganiçada e selvagem de Mavis, que estava se esgoelando para acompanhar um barulho furioso.

— Ela tem uma voz cortante, sensacional!

— Pelo visto tem mesmo... — Só mesmo a profunda afeição que dedicava a Mavis impediu Eve de pular de volta correndo para o elevador à prova de som.

— Vou pegar as bebidas. Foi Jess que bancou toda a biritá.

Big Mary se afastou, de forma pesada, deixando Eve e Peabody em uma cabine toda envidraçada que tinha a forma curva e se lançava em semicírculo meio nível acima de um estúdio onde Mavis estava colocando o coração e os pulmões para fora. Abrindo um sorriso, Eve chegou mais perto do vidro, para ver melhor.

Mavis colocara o cabelo preso em um feixe sobre a cabeça, de forma que ele se espalhava como uma fonte roxa em torno de um prendedor multicolorido. Usava uma espécie de macacão estilizado, com tiras de couro preto que subiam da cintura, cobrindo muito pouco dos seus seios. O resto do material era um caleidoscópio cintilante que saía junto do diafragma, um pouco acima do umbigo e descia, acabando inesperadamente logo abaixo das virilhas. Ela dançava no compasso da música, sobre um par de sapatos tipo plataforma que faziam os pés parecerem descalços, apesar de os levantarem sobre estacas de dez centímetros.

Eve não tinha dúvidas de que fora Leonardo, o estilista amante de Mavis, que desenhara aquele modelo especialmente para ela. Avistou-o em um canto do estúdio, com o olhar brilhante como um raio de sol enquanto fitava Mavis, e usando uma espécie de roupa de paraquedista que o fazia parecer um urso elegante.

— Que dupla! — murmurou ela, enfiando os polegares nos bolsos traseiros do seu jeans surrado. Virou a cabeça para falar com Peabody, mas reparou que o olhar de sua acompanhante estava grudado em algum ponto à esquerda e o seu rosto exibia, a um só tempo, choque, admiração e desejo, conforme Eve notou, com curiosidade.

Seguindo o olhar distraído de Peabody, Eve teve a primeira visão de Jess Barrow. Ele era lindo. Uma pintura em movimento, com uma cabeleira comprida e brilhante da cor de carvalho polido. Seus olhos eram quase prateados, com cílios muito compridos, e pareciam focados com muita intensidade, enquanto ele trabalhava nos controles de um elaborado console de som. Seu corpo era impecável, com um lindo bronzeado. Tinha maçãs do rosto redondas e salientes e um queixo forte. Seus lábios eram cheios e firmes, e as mãos que voavam sobre os controles eram tão bem desenhadas que pareciam esculpidas em mármore.

— Recolha a língua, Peabody — sugeriu Eve —, antes que você acabe pisando nela.

— Nossa, puxa vida!... Ele é ainda mais bonito pessoalmente. Você não fica com vontade de dar uma mordida nele?

— Eu não!... Mas você pode ir em frente, fique à vontade.

Recuperando o controle, Peabody ficou vermelha até a raiz dos cabelos e endireitou-se, na mesma hora, colocando-se em uma postura rígida. Afinal, lembrou a si mesma, Eve era uma oficial superior a ela.

— Eu admiro o talento dele, tenente.

— Peabody, você está é admirando o peito dele. Que, por sinal, é muito bom, não posso tirar a sua razão.

— Pois eu gostaria que ele tirasse... — murmurou ela, e então pigarreou com força ao ouvir Big Mary entrar de volta, pisando duro e trazendo duas garrafas em vidro escuro.

— Jess trouxe essa birita lá do sul. É a família dele que prepara. Muito gostosa!

Como a garrafa não tinha rótulo, Eve se preparou para sacrificar algumas camadas do revestimento do estômago. Teve a agradável surpresa de sentir o líquido lhe escorrer suavemente pela garganta.

— Está bom mesmo, obrigada.

— Se quiser mais, pode pegar na cozinha. Agora eu tenho que descer para esperar pelo Roarke. Ouvi dizer que ele tem tanta grana que dá para a gente nadar de braçada nela. Por que não está usando uma roupa bem transada, já que se amarrou a um homem tão rico?

Eve preferiu não mencionar o diamante tão grande quanto o punho de um bebê que trazia apertado entre os seios, por baixo da blusa. Em vez disso, respondeu:

— Minhas calcinhas são de ouro maciço. Incomodam um pouco para sentar, mas fazem com que eu me sinta segura.

Depois de um pequeno atraso devido à lentidão em processar a informação, Big Mary quase uivou de tanto rir, e deu um tapa amistoso nas costas de Eve, com tanta força que quase a lançou de cara no vidro. A seguir, saiu da sala, balançando o corpanzil.

— Nós devíamos alistá-la na polícia — sussurrou Eve. — Ela não ia precisar de arma nem de colete à prova de balas.

A música foi aumentando em um crescendo capaz de arrebentar os ouvidos até que parou de repente, como se tivesse sido cortada por uma faca. Abaixo, Mavis soltou um guincho de comemoração e se lançou nos braços abertos de Leonardo.

— Essa foi demais, docinho! — A voz de Jess era fluida como creme batido e exibia um sotaque sulista bem leve. — Vamos parar por dez minutos, para essa gargantinha de ouro dar uma descansada.

A ideia que Mavis teve para fazer a garganta descansar foi soltar outro grito e então acenar desesperadamente para Eve, berrando:

— Dallas, você veio! Isso não é *mais que demais*? Já vou subir, não saia daí! — E se enfiou por uma porta com seus saltos plataforma da última moda.

— Ora, então você é que é a Dallas?... — Jess se afastou do console. Seu corpo era benfeito e sobressaía em uma calça jeans tão surrada quanto a de Eve, além de uma camisa de algodão verdadeiro cujo preço devia ser maior do que um mês de salário de um policial. Usava um brinco de diamante preso no lóbulo da orelha, que faiscava enquanto ele atravessava a cabine, além de uma pulseira larga de ouro trançado que balançou suavemente no momento em que estendeu uma de suas lindas mãos. — Mavis fica tão orgulhosa que chega a transbordar quando conta as histórias extraordinárias sobre a tira que é amiga dela.

— Mavis sempre transborda, normalmente. É parte do seu charme.

— Isso é verdade. Eu sou o Jess e estou muito satisfeito por conhecê-la, finalmente. — Com a

mão ainda envolvendo a de Eve, virou aquele sorriso lento de parar o coração na direção de Peabody. — E parece que conseguimos duas tiras pelo preço de uma.

— Eu... Eu sou uma grande fã sua... — Peabody conseguiu articular, tentando evitar a gagueira nervosa. — Tenho todos os seus discos, tanto em áudio quanto em vídeo. E já fui vê-lo em um show ao vivo.

— Gente que curte música é sempre bem-vinda — e soltou a mão de Eve para pegar a de Peabody. Por que não me deixa mostrar a você o meu brinquedo favorito? — sugeriu ele, levando-a na direção do console. Antes que Eve conseguisse ir atrás deles, Mavis irrompeu pela sala.

— O que achou? Gostou do número? Fui eu que compus! Jess fez o arranjo, mas quem compôs fui eu. Ele acha que pode virar um grande sucesso.

— Estou superorgulhosa! Você estava ótima, demais! — Eve retribuiu o abraço carinhoso de Mavis e sorriu para Leonardo por cima dos ombros da amiga. — Como é que você se sente, Leonardo, fogado por uma lenda musical em ascensão?

— Ela é maravilhosa! — e se inclinou para apertar Eve com um só braço. — Você está com uma cara ótima! Reparei em várias reportagens sobre a sua lua de mel que você usou muitos dos meus modelos. Não tenho como lhe agradecer.

— Eu é que agradeço — replicou Eve, e estava sendo sincera. Leonardo tinha muito talento, era um gênio emergente no mundo da moda. — Não fiquei parecendo a prima pobre de Roarke.

— Você sempre se parece com você mesma — Leonardo a corrigiu, mas apertou os olhos e passou os dedos pelos cabelos em desalinho de Eve. — Só que está precisando de algum trabalho aqui. Se não mantiver o corte a cada duas ou três semanas, seu cabelo vai perder a forma.

— Eu estava mesmo pensando em dar uma aparada neles, eu mesma, só que ainda...

— Não, não!... — e balançou a cabeça com ar solene, embora os olhos brilhassem ao olhar para ela. — Seus dias de despedaçar o próprio cabelo estão mortos. Chame Trina, que ela acerta o corte.

— Vamos ter que arrastá-la novamente — comentou Mavis, rindo de tudo. — Ela vai ficar inventando desculpas para não ir, para depois acabar picotando o cabelo com uma tesoura de destrinchar frango assim que a franja começar a cair sobre os olhos — e riu ao ver que Leonardo estremeceu. — Temos que pedir a Roarke que a obrigue a ir.

— Eu adoraria fazer isso! — Roarke saiu do elevador, foi direto até onde Eve estava e, emoldurando seu rosto entre as mãos, beijou-a. — Para onde eu vou ter que obrigá-la ir?

— Lugar nenhum. Tome um drinque — e Eve lhe entregou a garrafa.

Em vez de se servir, ele beijou Mavis, cumprimentando-a e dizendo:

— Obrigado pelo convite. Estou vendo que temos a maior produção por aqui.

— Não é *mais que demais*? O sistema de som é assim, tipo topo de linha, e Jess faz maravilhas no teclado. Ele tem uns seis milhões de instrumentos programados no console, e tem habilidade em todos eles. Consegue fazer de tudo. Na noite em que apareceu na Boate Baixaria, ele mudou a minha vida. Parece um milagre!

— Mavis, o milagre é você!... — Suavemente, Jess veio trazendo Peabody de volta para onde o grupo estava. Ela estava ruborizada e com os olhos vidrados. Eve conseguiu ver a pulsação em sua garganta martelando em um ritmo próprio.

— Pega leve, garota!... — cochichou para ela, mas Peabody simplesmente revirou os olhos.

— Você já foi apresentado a Dallas e a Peabody, não foi? E este é o Roarke. — Mavis quase quicou para fora de seus saltos plataforma de tanto orgulho. — Eles são os meus amigos mais chegados.

— É um prazer imenso conhecê-lo. — Jess estendeu uma de suas mãos com ossos perfeitos para cumprimentar Roarke. — Admiro o seu sucesso no mundo dos negócios e o seu bom gosto para mulheres.

— Obrigado. Costumo ser cuidadoso com as duas coisas. — Roarke deu uma olhada em toda a área e inclinou a cabeça. — Seu estúdio impressiona!

— Eu adoro exibi-lo. Levei muito tempo para projetá-lo. Mavis, na verdade, é a primeira artista a usá-lo, além de mim. Big Mary vai mandar servir a comida. Por que não deixa que eu lhe mostre a minha obra-prima e tudo o que ela faz, antes de colocar Mavis para trabalhar novamente?

Seguindo na frente enquanto eles se dirigiam ao console, Jess sentou-se diante dele como um capitão à frente do timão.

— Os instrumentos estão todos programados nele, é claro. Consigo criar qualquer número de combinações e variar a velocidade e o tom. Também pode ser acessado por comando de voz, mas raramente uso isso, pois faz com que eu me distraia da música.

Deslizando os controles, ele fez com que uma batida simples surgisse, solitária.

— Entrando os vocais... — Tocando com os dedos de leve sobre os botões, fez com que a voz de Mavis surgisse, surpreendentemente volumosa e rica. Um monitor mostrava os sons em uma variedade infinita de cores e formas. — Eu uso isto para fazer análises computadorizadas. Nós, musicólogos... — e lançou um sorriso charmoso e autodepreciativo — não conseguimos evitar isso. Mas isso já é uma outra história.

— Ela parece muito boa — comentou Eve, satisfeita.

— E vai parecer ainda melhor. Novo canal para os vocais! — ordenou ele. A voz de Mavis mudou de textura e surgiu uma nova camada de sua própria voz duplicada, o que fez melhorar a harmonia da canção. — Agora, os outros canais para formar o fundo. — As mãos de Jess dançavam sobre os controles, fazendo surgir guitarras, metais, o tinir de tamborins e o lamento contundente de um sax. — Baixando!... — determinou ele, e tudo diminuiu de volume, tornando-se suave. — Agora, esquentando!... — e o compasso do ritmo se acelerou, quase explodindo de energia.

— Tudo isso é apenas o básico, como quando eu a gravo fazendo duetos com artistas do passado. Vocês precisam ouvir a versão dela para "Hard Day's Night", acompanhada pelos próprios Beatles. Eu também consigo codificar qualquer som — e com um sorriso bailando nos lábios, girou um seletor e arrastou alguns dedos sobre as teclas. A voz sussurrada de Eve encheu a sala.

— Pega leve, garota... — as palavras ficaram ecoando, fundiram-se com o vocal de Mavis e ficaram se repetindo ao fundo.

— Como é que você fez isso? — quis saber Eve.

— Estou com um microfone conectado em mim — explicou ele —, que por sua vez está ligado ao console. Agora que tenho a sua voz programada, posso fazê-la cantar no lugar de Mavis — e, voltando a deslizar os dedos sobre o console, fez Eve contorcer o rosto ao ouvir a si própria cantando.

— Não faça isso! — ordenou ela, e Jess desligou tudo, sorrindo.

— Desculpe, mas não consegui resistir a essa brincadeira. Quer se ouvir cantando, Peabody?

— Não! — Então ela mordeu os lábios. — Bem, talvez...

— Vamos ver... alguma coisa meio misteriosa, insinuante e clássica. — Trabalhou nos controles por um momento e então se recostou. Os olhos de Peabody reviraram de vergonha quando ela se ouviu cantando "I've Got You Under My Skin", de forma quente e sensual.

— Essa é uma das suas canções? — perguntou ela. — Eu nunca a ouvi.

— Não, não, isso foi composto muito antes de eu nascer. — Jess deu uma risada. — Você tem uma voz bem forte, policial Peabody. Bom controle de respiração. Quer desistir do seu emprego e se juntar ao grupo?

Ela ficou vermelha e balançou a cabeça. Jess cortou o som de sua voz e programou o console para tocar um fundo instrumental, e surgiu um blues suave.

— Trabalhei com um engenheiro que fez o projeto de alguns personagens áudioanimatrônicos para a Disney Universe. Levou quase três anos para eu completar este aparelho — e deu um tapinha no console, como se fosse uma criança muito amada. — Agora que tenho o protótipo pronto e funcionando, espero conseguir fabricar outros. Ele trabalha por controle remoto também. Posso estar em qualquer lugar, ligá-lo e mexer nos controles. Estou projetando uma unidade menor, portátil, e ando trabalhando também na área de controle das emoções humanas.

De repente, parou de falar e balançou a cabeça.

— Desculpem, eu me empolguei demais falando de trabalho. Meu agente está começando a reclamar por eu estar gastando muito do meu tempo com eletrônica, em vez de gravar novos discos.

— A comida chegou! — anunciou Big Mary, aos berros.

— Bem, é isso... — Jess sorriu e deu uma olhada em toda a plateia à sua frente. — Vamos cair de boca! Você tem que manter o seu nível de energia bem alto, Mavis.

— Estou morrendo de fome! — Agarrando a mão de Leonardo, Mavis foi correndo em direção à porta. Abaixo deles, Big Mary já estava carregando sacolas e caixas para dentro do estúdio.

— Podem ir na frente, e vão se servindo — sugeriu Jess. — Tenho umas coisinhas para acertar aqui. Desço já, já.

— O que achou? — murmurou Eve para Roarke enquanto desciam, seguidos por Peabody.

— Acho que ele está à procura de um investidor.

— É... Foi o que achei também — suspirou Eve, balançando a cabeça. — Desculpeme.

— Não há problema. Ele tem um produto interessante.

— Pedi para Peabody fazer uma pesquisa completa na ficha dele. Não apareceu nada. Só que não gosto de pensar que ele está usando você... ou Mavis.

— Isso ainda vamos ver. — Roarke a virou e aninhou em seus braços enquanto entravam no estúdio, deixando as mãos deslizarem pelos quadris dela. — Senti saudades. Senti falta de passar grandes quantidades de tempo com você.

Ela sentiu algo se acender entre as coxas, provocando uma sensação de calor e luxúria muito maiores do que seria apropriado para aquele momento. Seus seios pareciam formigar.

— Senti saudades também. Por que não arranjamos um jeito de encurtar essa visita e ir para casa, a fim de transarmos loucamente como coelhos?

Ele já estava duro como uma barra de ferro. Ao se inclinar para dar uma leve mordida na orelha dela, teve que se controlar para não começar a arrancar-lhe as roupas.

— Essa foi uma boa ideia. Nossa, como eu desejo você!...

Para o inferno com as convenções e o lugar em que estavam, pensou Roarke, e agarrou a cabeça de Eve pelos cabelos, mergulhando seus lábios dentro dos dela.

No console, junto aos controles, Jess os observou e sorriu. Mais alguns minutos, ele avaliou, e era capaz de os dois se atirarem no chão e começarem a se acasalar ali mesmo, sem pensar em mais nada. Era melhor não... Com dedos ágeis, deslizou alguns botões para baixo e mudou a programação. Mais do que satisfeito, levantou-se e seguiu em direção às escadas.

* * *

Duas horas mais tarde, dirigindo para casa através das ruas escuras que passavam como um borrão colorido pelos anúncios luminosos, Eve acelerou ainda mais o carro, bem além dos limites permitidos por lei. A necessidade e o desejo latejavam em um ritmo denso e contínuo entre suas coxas, como uma comichão desesperada para ser coçada.

— Você está transgredindo a lei, tenente — disse Roarke, com suavidade. Estava novamente duro como uma rocha, como um adolescente transbordando de hormônios.

A mulher que tinha orgulho de jamais se permitir abusar do uso do distintivo murmurou:

— Transgredindo, não, apenas forçando um pouco os limites da lei.

Roarke se inclinou na direção dela e cobriu um dos seus seios com a mão, dizendo:

— Então force um pouco mais...

— Ah, meu Deus... — Ela já conseguia sentir como seria tê-lo dentro dela, e acelerou ainda mais, passando como uma bala pela Park Avenue.

Um vendedor ambulante, trabalhando em sua carrocinha aérea, fez um sinal obsceno para Eve no instante em que a viu fazer a curva junto dele, cantando os pneus e seguindo para leste. Xingando baixinho, Eve ligou o giroscópio do veículo, e o globo vermelho e azul começou a rodar e piscar, em cima do carro.

— Não acredito que estou fazendo uma coisa dessas! Eu nunca faço isso...

Roarke deixou a mão escorregar para a coxa de Eve, acariciando-a e murmurando:

— Você sabe o que vou fazer com você?

Ela soltou uma risada rouca e engoliu em seco, dizendo:

— Não me conte, pelo amor de Deus, senão vou acabar matando nós dois.

Suas mãos estavam coladas no volante, mas tremiam, enquanto seu corpo vibrava como a corda de um instrumento já totalmente esticada e sendo dedilhada. Sua respiração já estava ofegante. As nuvens saíram da frente da lua e liberaram toda a sua luz.

— Aperte o controle remoto para abrir os portões! — falou ela, respirando pesadamente. — Abra-os logo, porque eu não vou diminuir a velocidade.

Ele digitou o código na mesma hora. Os portões de ferro começaram a se abrir majestosamente, e ela entrou velozmente enquanto eles ainda estavam se separando, com poucos centímetros de folga em cada lado.

— Ótimo trabalho! — elogiou Roarke. — Pare o carro.

— Só mais um minuto, só mais um minuto! — Ela continuou como um foguete subindo pela alameda, voando baixo ao longo das árvores suntuosas e das fontes musicais.

— Pare o carro! — exigiu ele mais uma vez, e pressionou a mão entre a virilha dela.

Ela gozou no mesmo instante, de forma violenta, quase batendo de frente em um carvalho. Ofegante em busca de ar, pisou no freio de repente, derrapou ligeiramente, deixando o carro na

diagonal no meio da alameda.

E voou em cima dele.

Rasgaram as roupas um do outro enquanto se apalpavam e tentavam se encontrar no exíguo espaço do interior do carro. Ela mordeu o ombro dele e arriou-lhe as calças. Ele estava xingando e ela ria quando ele a arrastou para fora do carro. Caíram sobre a grama em uma confusão de braços, pernas e roupas.

— Rápido, rápido, depressa! — era tudo o que ela conseguia balbuciar diante da pressão insuportável. Ele colocou a boca sobre o seio dela, através dos farrapos da blusa, com os dentes mordiscando-lhe os mamilos. Ela acabou de arrancar as calças dele e apertou-lhe os quadris com força.

A respiração dele estava acelerada, rouca, a necessidade em estado bruto o percorria por dentro com suas garras, em uma necessidade tão urgente quanto a das unhas dela cravadas em suas costas. Ele conseguia sentir o próprio sangue circulando ferozmente, como uma onda gigante que rolava por dentro das veias. Suas mãos a apertaram com força enquanto abria as pernas dela e se lançava com todo o vigor lá dentro.

Ela soltou um grito de prazer selvagem e indômito, enquanto suas unhas continuavam a arranhar as costas dele e seus dentes se cravavam em seu ombro. Ela podia senti-lo pulsando dentro dela, preenchendo-a por completo a cada arremetida desesperada. O golpe do orgasmo chegou, forte e doloroso, mas não serviu para aplacar a sede monstruosa.

Ela estava toda molhada e quente por dentro, e seus músculos o agarravam como um torniquete a cada investida de seus quadris. Ele não conseguia parar, não conseguia pensar, e bombeava sem parar como um garanhão cobrindo uma égua no cio. Mal conseguia enxergá-la através da névoa avermelhada que encobria sua visão, podia apenas senti-la no mesmo ritmo que ele enquanto a cavalgava, bombeando-a entre os quadris. Sua voz era um distante zumbido nos ouvidos dele, e estava cheia de gemidos, soluços e arquejos.

Cada som que saía de sua boca ecoava dentro do sangue dele, como uma canção em compasso primitivo.

Ele se sentiu romper por dentro sem esperar, como algo além do seu controle. Seu corpo continuou trabalhando como uma máquina em força total, golpeando-a repetidamente por dentro, até entrar em erupção. A onda quente de alívio o inundou, engolindo-o e afogando-o. Foi a única ocasião, desde a primeira vez em que a tocara, em que ele não soube dizer se ela o havia acompanhado para além do abismo.

Ele desmoronou, rolou sem forças para o lado, em busca de ar para os pulmões sobrecarregados. Sob a luz do luar, ficaram esparramados sobre a grama, suados, semidespidos e trêmulos, como os sobreviventes solitários de uma guerra particularmente feroz.

Com um gemido, ela se virou de barriga para baixo e deixou que a grama úmida refrescasse seu rosto afogueado.

— Puxa, o que foi isso?

— Sob outras circunstâncias — disse ele, mal conseguindo abrir os olhos —, eu diria que foi sexo, mas... acho que não tenho uma palavra exata para descrever o ato.

— Eu mordi você?

Algumas dores estavam começando a se fazer notar enquanto o corpo dele se recuperava. Girando a cabeça e olhando para o ombro, viu as marcas dos dentes dela e respondeu:

— Alguém me mordeu. Provavelmente foi você.

Ele viu uma estrela cadente, como uma seta prateada que descia do céu em direção à Terra. O que acabara de acontecer fora bem parecido com aquilo, pensou ele. Foi como deixar-se mergulhar de forma incontrollável em direção ao esquecimento.

— Você está bem? — perguntou a ela.

— Não sei, tenho que pensar a respeito. — Sua cabeça ainda estava girando. — Estamos aqui, esparramados no gramado... — disse ela, lentamente — ... nossas roupas estão todas rasgadas e eu tenho quase certeza de que estou com as marcas dos seus dentes na minha bunda.

— Fiz o melhor que pude — murmurou ele.

Ela tentou abafar o riso, acabou soltando uma gargalhada e começou a rir sem parar, quase soluçando e dizendo:

— Nossa, Roarke, olhe só para a gente.

— Vou olhar daqui a pouco. Acho que ainda estou meio cego — mas estava rindo enquanto se mexia. Ela continuava tremendo de tanto rir, com o cabelo levantado em pontas estranhas, os olhos vidrados, além de marcas roxas e pedaços de grama colados em seu lindo traseiro. — Você não está parecendo muito com uma policial não, tenente.

Ela girou o corpo e se sentou na mesma posição que ele, jogando a cabeça de lado e dizendo:

— E você não está nem um pouco parecido com um cara rico, Roarke... — e deu um puxão na manga solta de sua camisa, que era tudo o que sobrara inteiro dela —... mas está com um aspecto interessante. Como vai explicar isso a Summerset?

— Vou simplesmente comentar com ele que a minha mulher parece um animal selvagem.

— Mas ele já decidiu isso por conta própria — debochou ela e, soltando o ar, olhou na direção da casa. As luzes estavam todas acesas no andar de baixo, para recebê-los. — Como é que nós vamos entrar desse jeito...?

— Bem... — Ele pegou o que sobrara de sua camisa e a amarrou em volta dos seios de Eve, fazendo-a rir ainda mais, sem conseguir parar. Conseguindo de algum modo tornar a vestir as calças esfarrapadas, voltaram a se sentar, olhando um para o outro. — Olhe, eu não vou conseguir carregar você até o carro — avisou ele. — Esperava que você me carregasse.

— Então temos que nos levantar primeiro.

— Certo.

Nenhum dos dois se moveu. As gargalhadas voltaram, e continuaram enquanto eles se agarraram como dois bêbados e se apoiaram um no outro para ficar em pé.

— Vamos deixar o carro aí mesmo — decidiu ele.

— Hã-hã... — concordou ela, e saíram capengando, meio desnorteados. — ... E as roupas e os sapatos?

— Deixe-os aí, também.

— É um bom plano.

Esgueirando-se como crianças que voltam para casa depois da hora marcada, os dois subiram, tropeçando nos degraus da entrada e cochichando um com o outro até que, de repente, caíram de cara no chão bem na porta.

— Roarke! — exclamou uma voz chocada, seguida de passos apressados.

— Eu sabia! — Eve sussurrou, com a cara séria. — Sabia que ele ia aparecer!

Summerset surgiu apressado das sombras, o rosto normalmente sério contorcido de choque e preocupação. Notou as roupas esfarrapadas, as marcas roxas e os olhos arregalados.

— O que foi isso, um acidente?

Roarke endireitou o corpo e colocou o braço em volta do ombro de Eve, mais para se equilibrar do que para apoiá-la, e explicou:

— Não, Summerset, não foi nada acidental... foi de propósito. Pode ir para a cama.

Eve olhou sobre os ombros enquanto ela e Roarke ajudavam um ao outro a subir as escadas. Summerset permaneceu na base da escada, de queixo caído. A cara dele deixou Eve com tanta vontade de rir que ela teve que ficar prendendo uma gargalhada que queria escapar durante todo o caminho até o quarto.

Os dois se jogaram na cama do mesmo jeito que estavam, e dormiram como bebês.

CAPÍTULO SETE

Pouco antes das oito da manhã do dia seguinte, com o corpo um pouco dolorido e a cabeça ainda zozna, Eve se sentou à mesa do escritório que mantinha em casa. Considerava aquele lugar mais como uma espécie de santuário do que um escritório, pois fora o apartamento que Roarke montara para ela em uma das alas da mansão dele. Sua planta e toda a decoração eram iguais às do apartamento onde ela morava ao conhecer Roarke porque, na época, Eve não queria abrir mão do próprio espaço.

Ele então providenciara para que ela pudesse ter o seu próprio cantinho, com todas as suas coisas. Mesmo depois de todo o tempo em que ela já morava naquela casa, raramente dormia na cama deles, no quarto do casal, quando ele estava fora. Em vez disso, se enroscava toda e cochilava ali, na poltrona de relaxamento.

Seus pesadelos eram menos frequentes agora, mas voltavam em momentos estranhos.

Ela podia trabalhar ali quando era conveniente e trancar as portas se desejasse privacidade. E como o lugar possuía uma cozinha completa, muitas vezes ela usava o próprio AutoChef, em vez de solicitar comida a Summerset, quando ficava sozinha na casa.

Com os raios de sol penetrando suavemente através da janela que tinha uma linda vista e ficava às suas costas, ela reviu sua carga de trabalho e organizou os compromissos do dia. Sabia que não poderia se dar ao luxo de se focar exclusivamente no caso Fitzhugh, especialmente pelo fato de que ele provavelmente ia acabar sendo arquivado como suicídio. Se ela não aparecesse com provas concretas em um ou dois dias, não ia ter outra escolha, a não ser deixar de dar prioridade a ele.

Às oito em ponto, ouviu uma batidinha na porta.

— Pode entrar, Peabody.

— Jamais vou conseguir me habituar a este lugar — comentou Peabody enquanto entrava. — Parece até coisa de um daqueles filmes antigos.

— Pois então você devia pedir a Summerset que a levasse em um *tour* pela casa — disse Eve, distraída. — Tenho certeza de que existem aposentos e passagens que eu mesma nunca vi. Preparei café. — Eve gesticulou na direção do nicho onde ficava a cozinha, enquanto continuava franzindo os olhos diante de seus arquivos.

Peabody circulou por ali, observando as unidades para entretenimento que estavam alinhadas em uma das paredes, perguntando a si mesma como seria levar aquela vida e ser capaz de possuir qualquer aparelho disponível: música, arte, vídeo, holografia, realidade virtual, câmaras de meditação e jogos interativos. Como seria jogar uma partida de tênis com o atual campeão de Wimbledon, dançar com um holograma de Fred Astaire ou fazer uma viagem virtual aos palácios

de prazer do satélite Régis III.

Permitindo-se sonhar acordada por algum tempo, foi em direção à cozinha. O AutoChef já estava programado para café, e ela pediu dois, levou as canecas fumegantes de volta ao escritório e esperou com ar paciente enquanto Eve acabava de resmungar.

Por fim, resolveu tomar um gole e se surpreendeu:

— Deus, oh, meu Deus! É café de verdade! — Piscando os olhos devido ao choque, ela protegeu a caneca entre as duas mãos, com reverência. — Este café é de verdade!

— É... O pior é que a gente fica mal acostumada. Eu mal posso aguentar aquela gosma preta que a gente toma na Central de Polícia. — Eve olhou para Peabody, notou a sua expressão de espanto e sorriu. Não fazia muito tempo que ela mesma tivera uma reação similar diante do café de Roarke. E ao próprio Roarke. — É o máximo, não é?

— Eu jamais havia experimentado café de verdade antes. — Como se estivesse bebendo ouro líquido (com a destruição das florestas tropicais e das grandes plantações, aquilo tinha o mesmo valor), Peabody bebeu bem devagar. — É surpreendente!

— Você tem meia hora para tomar uma overdose disso aí, enquanto a gente planeja a estratégia para hoje.

— Então eu posso tomar mais?... — Peabody fechou os olhos e simplesmente sentiu o aroma. — Você é divina, Dallas!...

Rindo e soltando o ar ao mesmo tempo, Eve pegou o *tele-link* que tocava.

— Aqui é Dallas falando!... — atendeu ela, e então seu rosto se iluminou — Feeney!

— Como é que está a vida de casada, garota?

— Dá pra aguentar... Não está muito cedo para vocês, detetives eletrônicos, comecem a trabalhar?

— Estou num sufoco aqui. Um desastre no computador do chefe. O palhaço de um *hacker* desses conseguiu invadir o sistema dele e quase joga tudo pro espaço.

— Eles conseguiram entrar no sistema? — Os olhos de Eve se arregalaram de surpresa. Ela achava que nem o próprio Feeney, com seu toque mágico, seria capaz de invadir o sistema de segurança do chefe de polícia.

— Parece que sim. E conseguiram dar um nó daqueles... Estou tentando achar as pontas — disse ele, alegremente. — Pensei em dar uma ligada para saber como vão as coisas, já que desde que você voltou a gente ainda não se viu.

— Já voltei a mil por hora.

— É que você não conhece nenhuma outra velocidade. É a investigadora principal do caso Fitzhugh?

— Sou. Você tem algum lance sobre isso para me contar?

— Não. Estão falando é que ele fritou a si próprio dessa vez, e ninguém por aqui está lamentando o fato. Aquele sebozo adorava pressionar os tiras quando iam testemunhar no tribunal. De qualquer jeito, é estranho... o segundo suicídio de alguém importante em menos de um mês...

— Segundo? — O interesse de Eve aumentou.

— Foi. Ah, já sei, você estava em lua de mel, fazendo beicinhos e dando beijinhos no maridão, e não sabe de nada — e mexeu com as sobrancelhas ruivas e espessas, balançando-as para cima e para baixo. — Foi um senador lá em Washington, há umas duas semanas. Pulou da janela do Senado. Políticos e advogados... São todos pirados mesmo...

— É... Será que você poderia me conseguir dados sobre esse caso quando tiver tempo? Transfira-os para o meu computador pessoal.

— Por quê? Você vai montar um álbum de recortes?

— Não, apenas fiquei interessada no caso. — A fisgada voltara à sua barriga. — E, em troca, vou pagar a conta na próxima vez que a gente se encontrar aí na lanchonete.

— Não se incomode com isso. Assim que conseguir desfazer estes nós do sistema, vou passar os dados do caso para você. Vê se não some!... — pediu ele, e desligou.

Peabody continuava a tomar goles lentos de café e perguntou:

— Você acha que há alguma ligação entre Fitzhugh e o senador que também se matou?

— Advogados e políticos... — murmurou Eve — ... e engenheiros autotrônicos.

— O quê?

— Não sei... — Eve balançou a cabeça. — Desligar! — ordenou ao computador, e jogou a bolsa sobre o ombro. — Vamos nessa!

Peabody esforçou-se para não fazer beicinho por não tomar uma última xícara de café.

— Dois suicídios em duas cidades diferentes com intervalo de quase um mês entre eles não é assim tão estranho — argumentou ela, apressando o passo para alcançar Eve.

— Três. Havia um rapaz no Olympus que se enforcou enquanto a gente estava lá. Drew Mathias. Quero ver se consigo achar alguma ligação, alguma coisa que seja comum a todos eles. Pessoas, lugares, hábitos, nível de formação, *hobbies* — e desceu correndo as escadas.

— Não me lembro do nome do político. Não prestei atenção aos relatórios sobre o suicídio em Washington. — Para não perder mais tempo, Peabody pegou seu *palm computer* e começou a buscar dados.

— Mathias tinha vinte e poucos anos, era engenheiro autotrônico. Trabalhava para Roarke. Merda... — e sentiu um mau presságio sobre ser forçada a envolver Roarke em seu trabalho mais uma vez. — Se você esbarrar em alguma coisa durante a pesquisa, peça a Feeney para ajudar. Ele vai entregar os dados prontos e embalados para presente mais rápido do que nós duas juntas.

Eve escancarou a porta e reclamou quando não viu o carro já pronto no alto da alameda.

— Maldito Summerset! Eu avisei a ele para sempre deixar o meu carro em paz no lugar em que eu estacionar.

— Acho que ele fez isso. — Peabody colocou os óculos escuros e apontou. — Seu carro não é aquele ali, bloqueando a passagem?

— Ah... É... — Eve pigarreou. O carro estava exatamente do jeito que ela o deixara, e drapejando na suave brisa da manhã estavam peças de roupas rasgadas. — Não me pergunte nada! — avisou Eve, enquanto começava a caminhar, pisando duro através da alameda.

— Eu não ia perguntar nada... — a voz de Peabody era macia como seda. — Especular é muito mais interessante.

— Cale a boca, Peabody!

— Calando a boca, tenente! — Com um risinho afetado, Peabody entrou no carro e engoliu uma risada quando Eve manobrou o veículo e desceu dirigindo em direção à rua.

Arthur Foxx estava suando. Era algo sutil, apenas uma leve umidade acima do lábio superior, mas Eve ficou satisfeita por notar. Não se surpreendeu ao ver que o advogado que escolhera para representá-lo era um dos sócios de Fitzhugh, um rapaz com ar de quem estava ávido para

começar a atuar. Usava um terno muito caro, com alguns medalhões enfeitando a lapela, como estava na moda.

— Meu cliente está muito aborrecido, e isso é compreensível — começou ele, cobrindo o rosto jovem com linhas sóbrias e preocupadas. — O serviço funerário do senhor Fitzhugh está marcado para hoje, à uma da tarde. A senhora escolheu um momento pouco apropriado para este interrogatório.

— É a morte que determina o momento, senhor Ridgeway, e geralmente é inapropriado. Interrogatório com Arthur Foxx, referente ao caso Fitzhugh, que está arquivado sob o número 30091-ASD; trabalho conduzido pela tenente Eve Dallas. A data é 24 de agosto de 2058 e o horário é nove e trinta e seis. Poderia declarar o seu nome para registro, senhor?

— Arthur Foxx.

— Senhor Foxx, o senhor foi informado de que este interrogatório será gravado?

— Fui.

— Vejo que exerceu o seu direito de aconselhamento legal. Já foi informado também sobre os seus direitos adicionais e responsabilidades?

— Já, já fui.

— Senhor Foxx, o senhor já fez uma declaração relacionada com suas atividades na noite da morte do senhor Fitzhugh. Gostaria de mudar alguma das informações que nos foram fornecidas?

— Não é necessário. Já disse tudo o que aconteceu. Não sei o que mais a senhora espera que eu acrescente.

— Para começar, gostaria que o senhor me contasse onde estava entre dez e vinte e dois e onze da noite, no dia do incidente.

— Já lhe disse. Nós jantamos. Assistimos a uma comédia no telão e fomos para a cama ainda a tempo de assistir ao último noticiário.

— E o senhor permaneceu dentro do apartamento durante toda a noite?

— Foi o que declarei.

— Sim, senhor Foxx, foi o que o senhor declarou, na gravação. Mas não foi o que o senhor fez.

— Tenente, o meu cliente está aqui por livre e espontânea vontade. Não vejo motivos para...

— Economize a saliva, doutor — sugeriu ela. — Senhor Foxx, o senhor saiu do prédio aproximadamente às dez e trinta e só voltou cerca de meia hora mais tarde. Onde foi?

— Eu... — Foxx tentou afrouxar o nó da gravata prateada. — Dei uma saidinha, por alguns minutos. Esqueci de mencionar.

— Esqueceu?

— Minha cabeça estava confusa. Eu estava em estado de choque. — Sua gravata fazia sons suaves enquanto seus dedos subiam e desciam por ela. — Não me lembrei de contar algo de tão pouca importância quanto uma rápida caminhada noturna.

— Mas agora se lembrou? Aonde o senhor foi?

— Simplesmente dei a volta ao quarteirão, algumas vezes.

— E voltou com um pacote. O que havia nele?

Eve notou o momento exato em que ele compreendeu que foram as câmeras de segurança que o haviam delatado. Seu olhar se desviou do dela e os dedos se mostraram ainda mais agitados, alisando a gravata.

— Dei uma passada em uma loja de conveniências 24 horas e comprei algumas coisas. Cigarros sem tabaco. Sinto desejo de fumar alguns de vez em quando.

— Vai ser muito fácil para nós confirmar a sua compra na loja e determinar com precisão o que o senhor adquiriu.

— Alguns tranquilizantes! — confessou ele. — Queria me acalmar um pouco para passar a noite. E também queria fumar um pouco. Não há lei contra isso.

— Não, mas existe uma lei contra fornecer informações falsas em uma declaração oficial para a polícia.

— Tenente Dallas... — a voz do advogado continuava suave, mas havia alguns vestígios de aborrecimento. Isso mostrou a Eve que Foxx não havia sido mais aberto com o seu representante do que fora com a polícia. — O fato de que o senhor Foxx esteve fora do prédio por um curto espaço de tempo dificilmente tem relação com a sua investigação. E o fato de descobrir o corpo de um ente querido é uma desculpa mais do que razoável para o esquecimento de um detalhe pequeno como este.

— Um detalhe pequeno... Talvez... O senhor não mencionou, senhor Foxx, que o senhor e o senhor Fitzhugh receberam uma visita na noite de sua morte.

— Não se pode chamar Leanore de visita — respondeu Foxx, com firmeza. — Ela é... era sócia de Fitz. Acho que eles tinham algumas coisas relacionadas com processos para resolver, o que foi mais um dos motivos para eu sair, a fim de dar uma volta. Queria dar a eles alguns momentos de privacidade para discutirem o caso — e respirou, ligeiramente ofegante. — Geralmente eu achava que agir desse modo era mais conveniente para todos.

— Entendo. Então a sua declaração de agora é que o senhor deixou o apartamento por algum tempo para dar privacidade ao seu companheiro e à sócia dele. Por que não mencionou a visita da senhorita Bastwick na declaração anterior?

— Não pensei nisso.

— O senhor não pensou nisso. Declarou que jantaram juntos, assistiram a uma comédia e foram para a cama, mas se esqueceu de acrescentar estes outros eventos. Que outros eventos além desses o senhor se esqueceu de me contar, senhor Foxx?

— Não tenho mais nada a contar.

— Por que estava com uma cara zangada quando saiu do prédio, senhor Foxx? O senhor ficou aborrecido por uma linda mulher, uma mulher à qual o senhor Fitzhugh era muito ligado no trabalho, dar uma passadinha em sua casa tão tarde da noite?

— Tenente, a senhora não tem o direito de insinuar que...

— Não estou insinuando nada, doutor — reagiu Eve, sem nem ao menos se dar ao trabalho de lançar um olhar para o advogado. — Estou perguntando, de maneira bem direta, se o senhor Foxx estava zangado e com ciúmes no momento em que saiu desabalado do edifício.

— Eu não saí desabalado, saí caminhando normalmente! — e Foxx bateu com o punho na mesa. — E não tinha motivo absolutamente algum para ficar zangado ou sentir ciúmes de Leanore. Embora ela gostasse de se jogar de vez em quando em cima de Fitz, ele não tinha interesse algum por ela, nesse nível.

— A senhorita Bastwick se jogava em cima do senhor Fitzhugh? — Eve levantou as sobrancelhas. — Isso devia deixá-lo muito irritado, Arthur... Saber que o seu companheiro não tinha predileção sexual específica por homens ou mulheres, saber que eles ficavam juntos durante tantas horas todos os dias, durante toda a semana, e de repente vê-la aparecer em sua casa e se exhibir para ele dentro de sua própria casa. Não é de admirar que você estivesse zangado. Eu ficaria com vontade de dar um soco na cara dela.

— Ele achava aquilo divertido! — explodiu Foxx. — Sentia-se até mesmo elogiado por ter alguém assim tão jovem e tão atraente tentando seduzi-lo. Ele riu quando reclamei dela.

— Riu na sua cara?!... — Eve sabia como conduzir aquele jogo. Um pouco de solidariedade surgiu em sua voz. — Puxa, isso deve ter deixado você enfurecido. Deixou, não deixou? Aquilo estava consumindo você por dentro, não foi, Arthur? Imaginá-los juntos, ele tocando-a e rindo de você...

— Eu poderia tê-la matado por isso!... — Foxx explodiu de vez, empurrando para longe a mão do advogado enquanto deixava a fúria tomar conta do seu rosto. — Ela achava que poderia roubá-lo de mim, fazer com que ele a desejasse. Ela não dava a mínima para o fato de que nós éramos casados, que tínhamos um compromisso um com o outro. Tudo o que queria era vencer. Maldita advogada!

— Você não tem muito respeito pelos advogados em geral, tem?

Ele respirava com dificuldade. Prendeu o ar por algum tempo e o soltou, trêmulo, respondendo:

— Não, de um modo geral, não. Mas não via Fitz como advogado. Pensava nele como meu companheiro. E se estivesse disposto a cometer assassinato naquela noite, ou em qualquer outra, tenente, quem eu teria matado seria Leanore.

Ele abriu as mãos que mantivera fechadas durante todo o discurso e as cruzou em seguida, completando:

— Agora, tenente, não tenho mais nada a declarar.

Avaliando que aquilo já era o bastante para o momento, Eve deu por encerrado o interrogatório e se levantou, avisando:

— Ainda voltaremos a conversar, senhor Foxx.

— Gostaria de saber quando é que a senhora vai liberar o corpo de Fitz — quis saber ele, levantando-se com dignidade. — Decidi não adiar o serviço funerário que estava marcado para hoje, embora me pareça pouco adequado levar isso adiante, uma vez que o corpo continua retido pela polícia.

— Esta decisão cabe ao legista. Seus testes ainda não terminaram.

— Não é o bastante saber que ele está morto? — a voz de Foxx começou a tremer. — Já não era o bastante saber que ele simplesmente se matou, sem ter a senhora por perto para cavar e desenterrar todos os pequenos e sórdidos detalhes de nossa vida?

— Não. — Eve se encaminhou para a porta e a abriu, digitando um código. — Não é não. — Depois de hesitar por um segundo, resolveu dar um salto no escuro e perguntou:

— Imagino que o senhor Fitzhugh tenha ficado muito chocado e bastante aborrecido pelo recente suicídio do senador Pearly.

Foxx simplesmente balançou a cabeça, em sinal de concordância formal.

— Sim, ele ficou chocado, certamente, embora os dois mal se conhecessem. — Nesse momento, um músculo repuxou em seu rosto. — Se a senhora está insinuando que Fitz tirou a própria vida por influência do que aconteceu com Pearly, essa ideia é ridícula. Eles mal haviam sido apresentados e raramente se falavam.

— Entendo. Obrigada pelo seu tempo. — Eve os encaminhou para fora e seguiu pelo corredor, indo em direção à sala de interrogatório contígua, onde Leanore já deveria estar à espera naquele instante.

Sem pressa alguma, Eve foi até uma máquina de guloseimas no fim do corredor, contemplou calmamente as opções que havia e balançou algumas fichas de crédito no bolso. Acabou

escolhendo uma barra de caramelo e uma lata pequena de Pepsi. A máquina liberou os produtos enquanto uma voz desfiava a ladainha sobre a importância da reciclagem e aconselhava o consumidor a ingerir menos açúcar.

— Meta-se com a sua vida! — sugeriu Eve, olhando para a máquina. Encostando-se na parede, comeu o caramelo com toda a calma, jogou o lixo dentro do receptáculo para reciclagem e então caminhou vagarosamente pelo corredor.

Imaginava que a espera de vinte minutos ia deixar Leanore fumegando de raiva. Acertou em cheio.

A mulher estava andando de um lado para outro dentro da sala, com as pernas elegantes percorrendo o piso já muito gasto com passos apressados. No instante em que Eve abriu a porta, ela girou o corpo.

— Tenente Dallas, meu tempo é extremamente valioso, caso o seu não seja.

— Talvez a senhorita tenha razão, dependendo do ângulo pelo qual analisamos a questão — disse Eve, com naturalidade. — Eu realmente não consigo cobrar o meu trabalho à razão de dois mil dólares a hora.

Peabody pigarreou e começou:

— Que fique registrado que a tenente Eve Dallas acaba de entrar na sala de interrogatório C, a fim de dar continuidade à segunda parte dos procedimentos. A convocada já foi informada de todos os direitos e escolheu representar a si mesma durante o interrogatório. Todos os dados serão devidamente registrados em gravação.

— Ótimo! — Eve se sentou, indicando a cadeira diante dela. — Assim que resolver parar de andar de um lado para outro, senhorita Bastwick, poderemos começar.

— Eu estava pronta para começar com isto no horário marcado... — Leanore se sentou e cruzou as pernas lisas como seda — ... com a senhora, tenente, e não com a sua subordinada.

— Ouviu isso, Peabody? Você é minha subordinada.

— Está devidamente registrado, senhora — disse Peabody, secamente.

— De qualquer modo, considero tudo isso insultante e desnecessário. — Leanore limpou a manga do elegante paletó preto com os dedos. — Vou comparecer ao funeral de Fitzhugh em poucas horas.

— A senhorita não estaria aqui sendo tão insultada sem necessidade se não tivesse mentido na declaração anterior.

— Imagino que a senhora possa provar tal acusação, tenente — seus olhos se tornaram glaciais.

— A senhorita declarou na gravação anterior que fora à residência do falecido na noite de sua morte por motivos profissionais, e, pelo que se lembrava, conversaram a respeito de um caso por vinte ou trinta minutos.

— Mais ou menos — confirmou Leanore, com a voz fria.

— Conte-me, senhorita Bastwick... Sempre leva uma garrafa de vinho de safra excelente para uma reunião de negócios e se arruma toda dentro do elevador para a tal reunião como se fosse uma rainha de baile de formatura?

— Não existe lei alguma que proíba a pessoa de se enfeitar, tenente Dallas. — Seu olhar desceu com ar de desprezo desde o cabelo desgrenhado de Eve até as botas surradas que calçava. — A senhora devia tentar se arrumar também.

— Ai, agora fiquei magoada... A senhorita se embonecou toda, abriu os três botões de cima da blusa e levou uma garrafa de vinho. Para mim, isso é jogo de sedução, Leanore — e Eve se

chegou mais para perto dela, dando uma piscadela. — Vamos lá, nós três somos garotas, conhecemos os truques.

Leanore levou algum tempo pensando e observando uma lasca minúscula no esmalte de uma das unhas. Continuava gélida. Ao contrário de Foxx, a mulher não transpirava por um poro sequer.

— Passei por lá naquela noite para me consultar com Fitz a respeito de uma questão profissional. Tivemos uma rápida reunião e saí em seguida.

— E ficou a sós com ele durante todo esse tempo.

— Exato. Arthur teve um de seus chiliques e saiu.

— Um de seus chiliques?

— Era típico dele! — Havia um ar de desdém em sua voz agora, leve e debochado. — Ele era absurdamente ciumento, vivia achando que eu estava tentando roubar Fitz dele.

— E estava...?

— Ora, tenente... — um sorriso felino surgiu nos lábios de Leanore — ... então acha que se eu resolvesse me esforçar só um pouquinho não teria conseguido fazer isso com facilidade?

— Pois eu diria que você fez mais do que um pequeno esforço. E não ter sucesso era uma coisa que iria deixá-la realmente furiosa.

— Bem, admito que andava levando o assunto em consideração. — Leanore levantou um ombro. — Fitz estava se desperdiçando em companhia de Arthur. Fitz e eu tínhamos muitas coisas em comum, e eu o achava muito atraente. Gostava muito dele...

— E agiu por conta dessa atração e desse desejo naquela noite?

— Podemos dizer que deixei bem claro que estava aberta a um relacionamento mais íntimo com ele. Fitz não foi receptivo à ideia de imediato, mas era apenas uma questão de tempo — e movimentou os ombros com mais confiança. — Arthur devia saber disso... — Seus olhos ficaram gelados novamente. — É por isso que eu acho que foi ele quem matou Fitz.

— Que figura essa mulher, hein? — murmurou Eve depois que o interrogatório se encerrara. — Não vê nada de mais em tentar levar um homem a cometer adultério, destruindo um relacionamento de longa data. Pior do que isso: está convencida de que nenhum homem no mundo consegue resistir aos seus encantos — e suspirou pesadamente. — Piranha!

— Você vai acusá-la? — perguntou Peabody, curiosa.

— Por ser piranha? — Com um pequeno sorriso, Eve balançou a cabeça. — Poderia tentar enquadrá-la por falso testemunho, mas ela e seus sócios iam limpar tudo como se tira um fiapo da roupa. Não vale o tempo que vou perder. Não podemos colocá-la no apartamento na hora da morte nem alegar nenhum motivo para matá-lo. E não consigo imaginar aquela vadia autocrática chegando sorrateiramente por trás de um homem de mais de cem quilos e cortando seus pulsos. Ela não ia querer todo aquele sangue em seu terninho estiloso.

— Então voltamos a Foxx?

— Ele era ciumento, estava pau da vida, vai herdar todos os brinquedos... — Eve se levantou, foi até a porta e voltou —... e nós não temos nada de concreto. — Apertou os dedos sobre os olhos. — Tenho que concordar com o que ele disse quando perdeu o controle durante o interrogatório. Teria matado Leanore, não Fitzhugh. Vou ter que rever os dados dos dois outros suicídios.

— Ainda não consegui muita coisa — explicou Peabody enquanto seguia Eve para fora da sala

de interrogatório. — Não houve tempo.

— Vai haver tempo agora. Feeney provavelmente já está livre. Traga-me tudo o que vocês conseguirem, e depois cavem mais coisas — ordenou Eve enquanto entrava em sua sala. — Ligar! — ordenou ao computador enquanto se largava sobre a cadeira diante dele. — Repasse os recados!

O rosto de Roarke apareceu na tela.

— Imagino que você está fora, combatendo o crime. Estou a caminho de Londres, para resolver um probleminha que requer a minha presença. Acho que não vou ficar fora por muito tempo. Devo voltar às oito, o que vai nos dar tempo suficiente para voar até Nova Los Angeles, para a *première*.

— Merda, eu já tinha esquecido!

— Tenho certeza de que você convenientemente se esqueceu do compromisso — o rosto dele sorriu na tela —, portanto considere isso um leve lembrete. Cuide-se bem, tenente.

Voar para a Califórnia para passar a noite toda posando ao lado de celebridades com ego inflado, comendo os pequenos canapés de vegetais que, apesar de parecerem plastificados, as pessoas chamavam de comida, e tolerando repórteres que enfiavam gravadores diante da sua cara, a fim de perguntar coisas idiotas, não era a ideia que Eve fazia de uma noite agradável.

O segundo recado era do comandante Whitney, ordenando que ela preparasse uma declaração para a mídia a respeito de vários casos de destaque. *Mas que droga*, pensou ela, com ar amargo. *Mais manchetes!*

Então, os dados de Feeney apareceram na tela. Eve exercitou um pouco os ombros, inclinou o corpo sobre o teclado e se lançou ao trabalho.

Às duas horas, entrou no Bistrô Village, um simpático restaurante. Sua blusa estava toda grudada nas costas, pois o ar-condicionado de sua sala morrera novamente, e de morte não natural. O ar dentro do restaurante cheio de estilo era tão agradável quanto uma brisa marinha. Uma aragem suave e adorável passava tremulante através de palmeiras com folhagem espessa que cresciam em gigantescos vasos de porcelana. Mesas com tampo de vidro estavam espalhadas em dois níveis, estrategicamente situadas junto de um lago artificial com águas limpas sobre um fundo preto ou de frente para um telão que ocupava uma parede inteira, retratando uma praia de areias brancas. Os atendentes usavam uniformes curtos em tons tropicais e circulavam entre as mesas oferecendo drinks coloridos e pratos em forma de arranjos artísticos.

O *maître* era um androide vestido em um branco imaculado e programado com um sotaque francês esnobe. Lançou o olhar para o jeans surrado de Eve e a blusa amarrotada e torceu o nariz arrebitado.

— Madame, temo ter que lhe informar que não há mesas disponíveis. Talvez a senhora preferisse tentar a sorte na *delicatessen* do próximo quarteirão.

— Sim, bem que eu preferia... — por ter se aborrecido com a atitude dele, Eve exibiu o distintivo bem diante do nariz do robô — ... Só que vou comer por aqui mesmo, meu chapa, e estou cagando e andando para o fato de os chips do seu estômago ficarem embrulhados por causa disso. Onde fica a mesa da doutora Mira?

— Guarde isso!... — sussurrou ele, olhando para todas as direções e abanando as mãos. — Quer que meus clientes percam o apetite?

— Eles vão perder o apetite de vez é na hora em que eu puxar a minha arma para fora, que é exatamente o que vou fazer se você não me mostrar onde fica a mesa reservada pela doutora Mira

e me providenciar um copo de água mineral estupidamente gelada em menos de vinte segundos. Entendeu bem o lance?

Seus lábios se apertaram e ele balançou a cabeça afirmativamente. Com as costas retas, levou Eve com rapidez, subindo alguns degraus de pedra falsa até o segundo nível e seguindo depois até um pequeno recanto projetado para parecer um terraço sobre o oceano.

— Eve! — Mira se levantou na mesma hora da linda mesa em que estava instalada e tomou as duas mãos de Eve. — Você está com uma aparência maravilhosa! — E, para surpresa de Eve, beijou-a na face. — Está com o rosto descansado... Feliz.

— Acho que sim. — Depois de hesitar por um segundo, Eve se inclinou para a frente e retribuiu o beijo de Mira.

O androide já ordenara a um atendente:

— A amiga da doutora Mira deseja uma água mineral.

— Bem gelada — acrescentou Eve, sorrindo para o *maître*.

— Obrigada, Armand. — Os olhos de Mira, em um tom suave de azul, brilharam. — Vamos fazer os pedidos logo em seguida.

Eve deu mais uma rápida olhada em volta, no ambiente, com os clientes usando roupas leves de verão feitas de algodão caríssimo e em cores pastéis. Ajeitou-se um pouco na poltrona estofada e comentou:

— Podíamos ter nos encontrado em sua sala.

— Eu queria trazê-la para almoçar. Este é um dos meus restaurantes favoritos.

— O androide é um idiota.

— Bem, talvez Armand tenha sido programado com alguns excessos, mas a comida é maravilhosa. Você devia experimentar os vôngoles à Maurice. Garanto que não vai se arrepender — e se recostou na poltrona quando a água de Eve foi servida. — Agora me conte, como foi a sua lua de mel?

Eve bebeu metade da água de uma vez só, e se sentiu novamente humana.

— Só conto se você me informar por quanto tempo eu ainda vou ter que aguentar as pessoas me fazendo essa pergunta.

Mira riu. Era uma linda mulher, com cabelos muito pretos e lisos presos para trás, que deixavam à mostra um rosto suavemente atraente. Usava um de seus habituais conjuntos elegantes, desta vez em amarelo bem claro. Tinha uma aparência refinada e educada. Era uma das mais conceituadas psiquiatras comportamentais do país, frequentemente servindo de consultora para a polícia nos crimes mais terríveis.

Embora Eve não se desse conta disso, os sentimentos de Mira em relação a ela eram fortes e profundamente maternais.

— Essas perguntas deixam você meio sem graça, não é?

— Bem, sabe como é... lua de mel... sexo... é uma coisa íntima. — Eve virou os olhos para cima. — Besteira minha, acho que eu não estou acostumada com isso. Com estar casada. Com Roarke. Com a história toda.

— Vocês se amam e trazem felicidade um ao outro. Não há necessidade de ficar acostumada com isso, apenas de curtir. Você tem dormido bem?

— Na maior parte das noites... — e, já que Mira sabia seus segredos mais profundos e sombrios, Eve baixou a guarda. — Ainda tenho pesadelos, mas não com tanta frequência. As lembranças vêm e vão. Nenhuma delas é mais tão terrível, agora que eu já me acostumei a lidar

com elas.

— E você consegue lidar bem com elas?

— Meu pai me estuprava, abusava de mim, me surrava — disse Eve, sem emoção. — Eu o matei. Tinha apenas oito anos. Sobrevivi. Quem quer que eu fosse antes de ser encontrada naquele beco já não importa agora. Sou Eve Dallas. Uma boa policial. Construí a mim mesma.

— Ótimo. — *Havia mais coisas*, pensou Mira. Traumas como o que Eve enfrentara lançavam ecos que jamais desapareciam por completo. — Você continua colocando a sua condição de policial antes de tudo o mais.

— Eu sou uma policial antes de tudo.

— Sim. — Mira sorriu ligeiramente. — Imagino que você sempre vá ser... Agora, por que não pedimos e, enquanto esperamos pela comida, você me conta o motivo de ter me chamado?

CAPÍTULO OITO

Eve seguiu a recomendação de Mira, escolheu o prato de frutos do mar e, em seguida, deleitou-se com um pouco do pão feito com fermento de verdade e apresentado em uma tigela de prata sobre a mesa. Enquanto comia, ofereceu a Mira o perfil de Fitzhugh e os detalhes de sua morte.

— Você quer que eu lhe diga se ele era capaz de tirar a própria vida? Se estava disposto a isso, emocional e psicologicamente?

— Sim, essa era a ideia — confirmou Eve, levantando uma sobrancelha.

— Infelizmente, não posso fazer isso. O que posso lhe dizer é que todas as pessoas são capazes disso, se houver uma conjunção das circunstâncias certas e do estado emocional.

— Não acredito nisso! — afirmou Eve, com tanta firmeza e de forma tão definitiva que Mira sorriu.

— Você é uma mulher forte, Eve. Agora. Transformou-se em alguém realmente forte, racional, prática e calculista. E uma sobrevivente. Mas consegue se lembrar do desespero. Do abandono. Da falta total de esperança.

Eve lembrava, muito bem e de forma muito clara. Remexeu-se na cadeira, argumentando:

— Fitzhugh não era um homem desprotegido.

— O que está na superfície pode às vezes esconder muitos tumultos interiores... — A doutora Mira levantou a mão antes que Eve conseguisse interrompê-la mais uma vez — ... mas eu concordo com você. Considerando o perfil dele, sua história, seu estilo de vida, eu não o consideraria um candidato plausível para cometer suicídio... Certamente não dessa forma abrupta e impulsiva.

— Foi abrupto mesmo... — concordou Eve. — Estive com ele em uma sessão do tribunal, pouco antes de o fato acontecer. Ele estava arrogante, presunçoso, acreditando no quanto era importante, como sempre.

— Estou certa de que sim. Tudo o que posso lhe dizer é que para alguns de nós... muitos de nós, na verdade... quando nos deparamos com alguma crise, alguma reviravolta pessoal, seja por problemas mentais ou do coração, escolhemos dar um fim àquilo em vez de tentarmos superar ou modificar o problema. Nem você nem eu podemos saber ao certo com o que Fitzhugh teve que se confrontar na noite de sua morte.

— Isso não é de muita ajuda — murmurou Eve. — Tudo bem, deixe eu lhe contar sobre dois outros casos, então. — E de modo rápido e objetivo, com o distanciamento de uma policial, Eve relatou os outros suicídios. — Qual é o padrão entre eles?

— Como assim? Você quer saber o que eles tinham em comum? — rebateu Mira. — O advogado, o político e o técnico...

— Uma pequena mancha no cérebro... Talvez. — Tamborilando sobre a mesa, Eve franziu a testa. — Vou ter que mexer uns pauzinhos para conseguir todos os dados, mas isso pode ter sido a razão de tudo. Os motivos por trás de todos esses casos podem ser fisiológicos, em vez de psicológicos. Se houver uma conexão, vou ter que achá-la.

— Você agora está se desviando um pouco do meu campo de atuação, mas, se conseguir encontrar dados que liguem estes três casos, ficarei feliz em fazer uma análise mais detalhada.

— Eu já contava com isso. — Eve sorriu. — Não tenho muito tempo. O caso Fitzhugh vai permanecer como prioridade por mais alguns dias apenas. Se eu não conseguir alguma coisa concreta e usá-la para convencer o comandante a manter o caso em aberto, vou ser obrigada a ir em frente e o caso vai ser encerrado. Por enquanto, porém...

— Eve?!... — Reeanna veio subindo a escada em direção à mesa, deslumbrante, usando um vestido longo em mil cores. — Ora, mas que bom encontrá-la aqui! Estava almoçando com um colega quando olhei para cá e achei que era você...

— Olá, Reeanna. — Eve conseguiu emitir um sorriso. Ela não se importava de estar parecendo uma vendedora ambulante junto da ruiva glamorosa. O que a incomodava era ver a sua consulta com Mira interrompida. — Doutora Mira, esta é Reeanna Ott — apresentou Eve.

— Doutora Ott... — Com graça e leveza, Mira ofereceu a mão para ser apertada. — Já ouvi falar do seu trabalho, e o admiro muito.

— Obrigada, e posso dizer o mesmo do seu. É uma honra ser apresentada a uma das mais importantes psiquiatras do país. Já fiz pesquisas em muitos dos seus artigos e os achei fascinantes.

— Considero isso um elogio. Não quer se sentar e nos acompanhar na sobremesa?

— Adoraria... — Reeanna lançou um olhar questionador para Eve — ... se não estiver interrompendo nenhuma reunião oficial.

— Acho que já encerramos esta parte do programa. — Eve olhou para o garçom que Mira chamara com um discreto levantar de dedo. — Vou querer café, por favor. A marca da casa. Puro.

— Vou acompanhá-la — anunciou Mira para o garçom. — Gostaria também de um pedaço de torta de amora. Sou fraca para doces.

— Eu também. — Reeanna sorriu para o garçom, como se fosse ele a pessoa responsável pela preparação da sobremesa. — Vou querer um café pingado com uma fatia de Pecado de Chocolate. Estou tão cansada de comida processada artificialmente... — confidenciou a Mira. — Pretendo me empanturrar de coisas boas enquanto estiver aqui em Nova York.

— E por quanto tempo ainda vai ficar na cidade?

— Depende muito de Roarke... — e sorriu para Eve — ... e do quanto ele ache que tenho alguma utilidade por aqui. Estou com um pressentimento de que ele vai estar nos despachando, a mim e a William, para o Olympus, dentro de poucas semanas.

— Cuidar do Olympus é uma missão e tanto — comentou Mira. — Pelo que tenho visto nos noticiários e nas reportagens dos canais de variedades, tudo lá é fascinante.

— Roarke quer que já esteja tudo pronto e funcionando na primavera — e correu a mão pelo trio de cordões de ouro que trazia em volta do pescoço. — Vamos ver... Roarke normalmente consegue o que quer. Não concorda comigo neste ponto, Eve?

— Bem, ele não chegou onde está aceitando "nãos" como resposta.

— É, certamente que não. Vocês acabaram de voltar do resort. Ele lhe mostrou o salão de

jogos eletrônicos virtuais?

— Rapidamente... — Os lábios de Eve se torceram ligeiramente. — Tínhamos... um monte de coisas para fazer em um espaço de tempo tão curto.

— Imagino que sim... — O sorriso de Reeanna foi lento e manhoso. — Mas espero que você tenha pelo menos experimentado alguns dos programas que foram instalados no lugar. William tem tanto orgulho daqueles jogos... E você parece que mencionou ter visto a sala holográfica da Suíte Presidencial do hotel.

— Vi sim, e a usei diversas vezes. E impressionante!

— A maior parte do trabalho foi desenvolvida por William, pelo menos na parte do design, mas eu também tenho um pouco de crédito. Estamos planejando utilizar esse novo sistema para aperfeiçoar o tratamento de viciados, e também em casos de certas psicoses — e se ajeitou um pouco na cadeira enquanto o café e as sobremesas eram servidos. — Isso deve interessá-la, doutora Mira.

— Certamente que sim. Parece fascinante.

— E é mesmo. Terrivelmente caro, por enquanto, mas esperamos refinar o equipamento e diminuir os custos. Para o Olympus, no entanto, Roarke queria o melhor, e é o que está conseguindo. Da mesma forma que a androide Lisa.

— É... — Eve se lembrou da estonteante androide com voz sensual e forma de mulher. — Eu já a vi.

— Ela vai ser usada na área de relações públicas e serviços de atendimento aos clientes. Trata-se de um modelo muito superior ao antigo, e levou meses para ser aperfeiçoada. Seus circuitos de inteligência são inigualáveis, não se comparam a nada que exista no mercado. Vai ter capacidade de decisão e características de personalidade muito além dos modelos que estão disponíveis hoje em dia. William e eu... — e parou de falar de repente, rindo para si mesma.

— Vejam só o que estou fazendo... Não consigo me afastar do trabalho.

— Mas é fascinante. — Mira provou sua torta, com elegância. — Seus estudos dos padrões cerebrais e a influência genética deles na formação da personalidade, bem como sua aplicação na eletrônica, são cativantes, mesmo para uma psiquiatra com os pés no chão o tempo todo, como é o meu caso — hesitando um pouco, olhou para Eve. — Para falar a verdade, sua visão de especialista poderia lançar uma nova luz em um caso em particular sobre o qual Eve e eu estávamos conversando ainda há pouco.

— É mesmo? — Reeanna deu uma garfada na torta de chocolate e só faltou gemer de prazer ao saboreá-la.

— Trata-se de um caso hipotético... — Mira espalmou as mãos sobre a mesa, sabendo muito bem que as opiniões de pessoas de fora haviam sido oficialmente banidas das investigações policiais.

— Naturalmente.

Eve começou a tamborilar com os dedos na mesa novamente. Preferia que Mira prosseguisse; porém, pesando os prós e os contras, decidiu ir em frente ela mesma.

— É um caso de aparente suicídio. Não há motivos conhecidos, não há predisposição para o ato, nem indução química ou histórico familiar. Padrões comportamentais considerados normais. Nenhum sinal substancial de depressão ou alterações de personalidade. A vítima é um homem de sessenta e dois anos, com alta qualificação profissional, nível educacional elevado, bem-sucedido, sem problemas financeiros, bissexual, casado há muitos anos com uma pessoa do

mesmo sexo.

— Alguma deficiência física?

— Nenhuma. Registros de uma saúde perfeita.

Os olhos de Reeanna se apertaram, demonstrando concentração, ou no perfil apresentado ou na torta que colocava lentamente na boca.

— Algum problema psicológico, com tratamento?

— Não.

— Interessante. Adoraria ver o padrão das ondas cerebrais. Ele está disponível?

— É informação confidencial, no momento.

— Humm... — Reeanna tomou um gole de seu leite pingado com olhar contemplativo. — Se não há nenhuma anormalidade conhecida, nem física e nem psicológica, também não há dependência química de nenhum tipo e nem uso ocasional de drogas, eu me inclinaria a achar que houve algum tipo de curto-circuito cerebral. Possivelmente um tumor. No entanto, imagino que nada disso apareceu na autópsia, estou certa?

Eve lembrou da pequena mancha do tamanho de uma cabeça de alfinete, mas balançou a cabeça.

— Não, não apareceu nenhum tumor.

— Existem casos de predisposição para o suicídio que passam sem ser detectados pela pesquisa genética e pela avaliação psiquiátrica. O cérebro é um órgão muito complicado, e continua a zombar até mesmo da nossa mais elaborada tecnologia. Se eu pudesse ter acesso ao histórico familiar da vítima... Bem, para dar um palpite bem vago, diria que o homem em questão tinha uma bomba genética que passou despercebida por todas as análises normais, e ele simplesmente chegou em um ponto da sua vida em que o fusível se queimou.

— Então ele simplesmente explodiu... pirou? — Eve levantou uma sobrancelha.

— De certo modo, sim. — Reeanna se inclinou para a frente. — Todos nós somos codificados ainda no útero, Eve. Tudo o que somos, quem somos. Não apenas a cor dos olhos, nossa constituição física ou a cor da pele, mas também nossa personalidade, gostos, intelecto e a própria escala emocional. O código genético é colocado sobre nós no momento da fecundação. Pode ser alterado, até certo ponto, mas a base do que nós somos permanece. Nada pode modificá-la.

— Somos o que éramos ao nascer? — Eve se lembrou de um quarto imundo, de um anúncio em néon vermelho que piscava e de uma garotinha encolhida em um canto, segurando uma faca toda ensanguentada.

— Precisamente! — O sorriso de Reeanna se abriu por completo.

— Você não leva em conta o ambiente, o livre-arbítrio, o instinto humano básico de se tornar uma pessoa melhor? — objetou Mira. — Considerar a nós, seres humanos, como criaturas meramente físicas, sem coração, sem alma e sem uma variedade imensa de escolhas e serem feitas no decorrer da vida nos coloca no mesmo nível que os animais.

— E é isso o que somos!... — confirmou Reeanna, com uma leve balançada do garfo. — Compreendo o seu ponto de vista como terapeuta, doutora Mira. O meu ponto de vista, porém, como pesquisadora de eventos fisiológicos, segue por uma via diferente, por assim dizer. As decisões que tomamos no decorrer da vida, tudo o que fazemos, a forma como vivemos e no que nos tornamos já estavam impressas em nossos cérebros enquanto nadávamos na placenta. Sua vítima, Eve, já estava fadada a tirar a própria vida desde antes de nascer, e era para isto

acontecer naquele momento, naquele lugar e da maneira que ele escolheu. As circunstâncias poderiam ter alterado alguns dados, é claro, mas os resultados teriam sido os mesmos no final. Este era, na essência, o seu destino.

Destino?, pensou Eve. Será que o dela era ser estuprada e sofrer todo o tipo de abusos do próprio pai? Transformar-se em uma pessoa menos do que humana e ter que lutar e forçar o seu caminho através do abismo?

Mira balançava a cabeça lentamente e comentava:

— Não posso concordar com isso. Uma criança nascida na miséria em um subúrbio de Budapeste, levada dali pela mãe ao nascer e criada com todos os privilégios, com amor e carinho, em Paris, iria fatalmente refletir essa criação, essa educação. O ninho emocional — insistiu ela — e o instinto humano básico de se tornar uma pessoa melhor não podem ser descartados.

— Concordo, mas só até certo ponto — restringiu Reeanna. — Acho que o rótulo do nosso código genético, que nos torna predispostos ao sucesso, ao fracasso, ao bem ou ao mal... isso se sobrepõe a todo o resto. Mesmo no mais amoroso e bem-nutrido dos ambientes os monstros se desenvolvem; da mesma forma, mesmo nos esgotos do universo, a bondade e até a grandeza sobrevivem. Somos o que somos... O resto é só um pouco de molho para dourar a pílula.

— Segundo a sua teoria — disse Eve, lentamente —, a vítima em questão já estava fadada a tirar a própria vida. Nenhuma circunstância, nenhuma reviravolta em sua vida, nenhum desvio no caminho ou mudanças proporcionadas pelo ambiente em que cresceu teriam evitado isso.

— Precisamente. A predisposição estava lá o tempo todo, à espreita. Pode ser que um evento específico tenha dado início ao processo, mas deve ter sido uma coisa muito pequena, algo facilmente superado por outro padrão cerebral. Pesquisas que estão sendo realizadas no conceituado Instituto Bowers já arrebanharam fortes evidências sobre os padrões genéticos cerebrais e sua irrefutável influência no comportamento. Posso lhe conseguir alguns discos com esta pesquisa, se desejar.

— Prefiro deixar os estudos da cabeça para você e para a doutora Mira. — Eve colocou o café de lado. — Agora, tenho que voltar para a Central de Polícia. Obrigada por me ceder um pouco do seu tempo, doutora Mira — disse ela, ao se levantar. — E obrigada por me explicar suas teorias, Reeanna.

— Adoraria discuti-las mais a fundo, a qualquer hora que desejar. — Reeanna levantou a mão e deu um caloroso aperto de mão em Eve. — Dê lembranças minhas ao Roarke.

— Darei. — Eve moveu os pés ligeiramente quando Mira se levantou para beijá-la no rosto. — Vou manter contato, doutora.

— Espero que sim, e não apenas quando tiver um caso para discutir comigo. Diga a Mavis que eu lhe mandei um abraço quando estiver com ela.

— Claro. — Jogando a bolsa sobre os ombros, Eve saiu serpenteando entre as mesas, fazendo uma pausa rápida, a fim de lançar uma careta discreta para o *maître*.

— Uma mulher fascinante. — Reeanna passou a língua de leve e longamente sobre a parte convexa da colher. — Controlada, um pouco zangada por dentro, completamente focada, pouco à vontade e ligeiramente desconfortável ao receber demonstrações de afeto --- e sorriu de leve ao notar que Mira levantara uma sobrancelha. — Desculpe, vício profissional. William fica irritado quando eu ajo assim. Não quis insinuar nada, nem ofender.

— Tenho certeza de que não. — Os lábios de Mira se curvaram em um sorriso, e os olhos se

enterneceram de compreensão. — Eu mesma muitas vezes me pego fazendo isso. E você tem razão: Eve é uma mulher fascinante, e construiu a si própria, o que, pelo que me parece, desequilibra um pouco a sua teoria de impressão genética imutável.

— Você acha?... — Com visível interesse, Reeanna inclinou-se para a frente. — Você a conhece bem?

— Tão bem quanto consigo. Eve é uma pessoa... reservada.

— Você gosta muito dela — comentou Reeanna, balançando a cabeça. — Espero que você não me compreenda mal se eu disser que ela não era nem um pouco o que eu esperava, quando soube que Roarke ia se casar. O próprio fato de que ele ia se casar já foi um espanto total, mas eu imaginava a sua noiva como uma mulher muito educada e sofisticada. Uma detetive de homicídios que usa uma cartucheira presa ao ombro com a mesma naturalidade com que outra mulher usaria um colar que ganhou de herança não era a minha concepção da mulher que Roarke escolheria. Apesar disso, os dois parecem combinar, ficam bem juntos. Alguém poderia até dizer... — acrescentou, com um sorriso — ... que foram destinados um ao outro.

— Quanto a isso eu posso concordar.

— Agora me conte, doutora Mira, qual é a sua opinião a respeito da manipulação das áreas do DNA?

— Bem, com relação a isso... — e Mira, alegremente, se recostou na cadeira para uma animada discussão profissional, mesmo estando em um momento de folga.

Diante do computador em sua sala, Eve fazia malabarismos com os dados compilados sobre os casos de Fitzhugh, Mathias e Pearly. Não conseguiu encontrar ligação alguma entre eles, nada em comum. A única correlação verdadeira que existia entre eles era o fato de que nenhum dos três jamais demonstrara tendências suicidas antes de se matarem.

— Probabilidade de as vítimas estarem relacionadas umas com as outras! — exigiu Eve, falando para o programa.

Processando... Probabilidade: 5,2%.

— Em outras palavras, zero! — Eve soltou o ar com força, fazendo uma cara feia ao ouvir um ônibus aéreo que voava baixo, fazendo as vidraças de sua pequena janela chacoalharem. — Probabilidade de homicídio no caso Fitzhugh, utilizando os dados conhecidos até agora! — solicitou ela.

Com os dados conhecidos até o presente momento, a probabilidade de homicídio neste caso é de 8,3%.

— Desista, Dallas... — disse a si mesma, quase em um murmúrio. — Deixe pra lá!...

Deliberadamente, se virou na cadeira e ficou observando pela sua janela o tráfego aéreo que entulhava o céu. Predestinação. Sina. Impressão genética. Se ela fosse acreditar em alguma coisa dessa teoria, qual era o propósito do seu trabalho, ou da sua vida, por extensão? Se não havia escolha, nada que mudasse o fim da história, qual a finalidade de se esfalfar para salvar vidas ou ficar do lado dos mortos quando a luta para salvá-los falhava?

Se tudo era codificado fisiologicamente, será que ela simplesmente seguira o padrão impresso dentro dela ao vir para Nova York, lutar como uma louca para sair da escuridão em que estava e transformar a sua vida em algo decente? E será que também fora uma mancha nesse mesmo código a responsável pelo bloqueio dos primeiros anos de sua vida, e que continuavam a assombrá-la, surgindo aos poucos, pedaço por pedaço, mesmo agora?

E será que este tal código podia entrar em cena, em um determinado momento, e transformá-la em um reflexo do monstro que fora o seu pai?

Ela não sabia nada a respeito de seus outros parentes. Sua mãe era um vazio em sua mente. Se havia irmãos, tias, tios ou avós, estavam todos perdidos no buraco negro de sua memória. Não havia ninguém que pudesse ter como referência para seu código genético, a não ser o homem que a espancara e estuprara repetidamente durante toda a sua infância, até que o terror e a dor reagiram e ela revidou.

E o matou.

Já havia sangue em suas mãos aos oito anos. Seria isso a causa de ela ter se transformado em uma policial? Será que estava apenas tentando lavar constantemente aquele sangue com regras e leis que alguns ainda chamavam de justiça?

— Senhora?... Dallas? — Peabody colocou a mão sobre um dos ombros de Eve e deu um pulo para trás ao ver o susto que pregara nela. — Desculpe. Você está bem?

— Não. — Eve apertou os olhos com os dedos. A conversa durante a sobremesa a afetara mais do que imaginou que pudesse. — E apenas uma dor de cabeça.

— Tenho alguns analgésicos aprovados pelo departamento.

— Não. — Eve tinha medo das drogas, mesmo em doses sancionadas oficialmente. — Vai passar. É que minhas ideias para o caso Fitzhugh estão acabando. Feeney me passou todos os dados conhecidos sobre o rapaz do resort Olympus. Não consegui encontrar uma correlação sequer entre ele e Fitzhugh, ou o senador. Não tenho nada de palpável para acusar Leanore e Arthur. Poderia requisitar uma sessão com o detector de mentiras para eles, mas não vou conseguir autorização. Acho que não vou nem conseguir manter o caso em aberto por mais de vinte e quatro horas.

— Você continua achando que os casos têm relação uns com os outros?

— Eu *quero* que eles estejam relacionados entre si, o que é uma coisa muito diferente. Acho que não estou lhe proporcionando um foco de empolgação no seu primeiro caso como minha auxiliar permanente, Peabody.

— Ter sido designada como sua auxiliar permanente foi a melhor coisa que já me aconteceu — e Peabody ficou ligeiramente ruborizada. — Ficaria grata do mesmo jeito, mesmo que passássemos os próximos seis meses revirando casos que não fossem dar em nada. Mesmo que isso acontecesse, eu continuaria sendo treinada por você.

— Você se satisfaz com pouco — comentou Eve, recostando-se na cadeira.

Peabody virou a cabeça até que os seus olhos e os de Eve se encontraram.

— Não, senhora, esse não é o caso. Quando não consigo o melhor é que fico realmente mal-humorada.

Eve riu, passou a mão pelo cabelo e brincou:

— Agora você está puxando o meu saco, policial?

— Não, senhora. Se estivesse a fim de bajulá-la, estaria fazendo alguma observação pessoal, do tipo "o casamento combina com a senhora, tenente; nunca a vi mais bonita". — Peabody sorriu

de leve quando Eve soltou o ar, prendendo o riso. — É assim que a senhora ia saber que eu estava puxando o seu saco.

— Certo, está devidamente registrado. — Eve considerou por um momento, e então jogou a cabeça para o lado, perguntando: — Você não me disse que descendia de pais partidários da Família Livre, veio do interior e foi criada em um ambiente onde o espírito liberto e tolerante era incentivado?

— Sim, senhora... — Peabody não olhou para o teto, frustrada mas bem que teve vontade.

— Policiais geralmente não vêm de famílias assim. Artistas, fazendeiros, eventualmente cientistas e um monte de gente que faz artesanato sim, mas policiais, não.

— E que eu não gostava de tecer tapetes no tear.

— E você sabe fazer isso?...

— Se estiver sob a mira de um laser, sim.

— Então, o que houve? Sua família a deixou irritada e você decidiu quebrar o padrão, partindo para um campo completamente diferente dos ideais pacifistas deles?

— Não, senhora. — Intrigada com aquela série de perguntas, Peabody encolheu os ombros. — Minha família é o máximo! Ainda somos muito unidos. Eles jamais poderiam compreender o que eu quero ou tenciono fazer, mas nunca tentaram me impedir. Simplesmente eu queria ser policial, da mesma forma que meu irmão queria ser carpinteiro e minha irmã, fazendeira. Uma das maiores características da Família Livre é o respeito à expressão individual.

— Mas você não se encaixa na teoria do código genético — murmurou Eve, batendo com as pontas dos dedos sobre a mesa. — Não se encaixa mesmo! Hereditariedade e ambiente, padrões determinados pelos genes... tudo isso deveria ter influenciado você de forma diferente.

— Bem que os bandidos gostariam que isso tivesse acontecido — disse Peabody, séria. — Só que estou aqui, mantendo a cidade segura.

— Se você sentir uma vontade repentina de tecer um tapete usando um tear...

— Pode deixar que você vai ser a primeira a saber.

O computador de Eve apitou duas vezes, informando que alguns dados estavam sendo enviados.

— É a autópsia adicional que eu pedi para o rapaz — e fez um sinal para que Peabody se aproximasse. — Liste qualquer anormalidade encontrada no cérebro! — ordenou para a máquina.

Anormalidade microscópica no hemisfério cerebral direito, lobo frontal, quadrante esquerdo. Inexplicável. Pesquisas mais extensas e testes estão sendo realizados.

— Ora, ora... Acho que acabamos de encontrar uma brecha. Exiba a imagem do lobo frontal e da anormalidade. — A seção longitudinal do cérebro surgiu na tela. — Veja... é aqui! — Uma súbita onda de empolgação sacudiu-lhe o estômago enquanto Eve dava tapinhas na tela. — Essa sombra, como se fosse um furinho feito por um alfinete. Consegue ver?

— Muito mal. — Peabody se inclinou mais para perto, até que ficou com o rosto quase colado ao de Eve. — Parece um defeito da transmissão.

— Não, é um defeito do cérebro. Amplie o quadrante 6 em vinte por cento.

A imagem foi trocada e a seção onde estava a pequena mancha encheu a tela.

— Mais parece uma queimadura do que um buraco, não é? — disse Eve para si mesma. — Mal pode ser enxergada, mas que tipo de danos e influência isso teria no comportamento, personalidade e tomada de decisões?

— Eu quase levei bomba nessa matéria na Academia de Polícia, Fisiologia Anormal, e era uma disciplina obrigatória. — Peabody mexeu os fortes ombros. — Fui melhor em Psicologia, e melhor ainda em Titicas. Esse assunto aí é demais para a minha cabeça.

— Para a minha também — admitiu Eve. — Só que isto é uma conexão entre os casos, a primeira que conseguimos. Computador, exiba a seção do cérebro de Fitzhugh onde foi encontrada a porção anormal. Está no arquivo de número 12871. Divida a tela ao meio e a coloque lado a lado com a imagem que está sendo mostrada nesse instante.

A tela tremeu ligeiramente e pareceu se apagar. Eve xingou, deu-lhe um tapa forte usando a base da mão e conseguiu que surgisse uma imagem trêmula, instável e desfocada no centro.

— Filho da mãe! Filho da mãe! Essa é a merda de equipamento barato que temos para trabalhar por aqui! É de espantar que consigamos fechar um simples caso de avanço de sinal de trânsito. Copie todos os dados solicitados em disco, seu incompetente!

— Talvez se você enviasse a sua máquina para a manutenção — sugeriu Peabody, recebendo um sorriso sarcástico de volta.

— Era para ele ter sido rebocado pela assistência técnica enquanto eu estive fora. Só que os palhaços da manutenção devem estar com os dedos todos enfiados na bunda. Vou rodar isso tudo em um dos computadores de Roarke. — Ao perceber a sobrelanceira levantada de Peabody, Eve bateu com o pé no chão diversas vezes com impaciência, enquanto esperava que a máquina fizesse o *download* dos dados, entre zumbidos. — Isso a deixa pouco à vontade, Peabody?

— Não, senhora. — Peabody engoliu o que ia dizer e resolver não mencionar a série de regras que Eve estava prestes a quebrar. — Por mim não há problema algum, senhora.

— Ótimo! Vá agitar a parte burocrática e traga-me o exame do cérebro do senador, para compararmos.

O sorrisinho cúmplice de Peabody sumiu na mesma hora.

— Eve, você está querendo que eu mergulhe de cabeça e bata de frente com o pessoal de Washington?

— Sua cabeça é bem dura e vai aguentar. — Eve ejetou o disco e enfiou-o no bolso. — Avise-me assim que conseguir o material. Pode me ligar na mesma hora!

— Sim, senhora. Se conseguirmos outra conexão, vamos precisar de uma pessoa que seja especialista na área.

— Sim... — Eve lembrou de Reeanna. — Pode ser que eu conheça uma. Ao trabalho, Peabody.

— Já estou indo, tenente.

CAPÍTULO NOVE

Eve não gostava de quebrar as regras, mas mesmo assim se viu diante da porta trancada da sala privativa de Roarke. Era desconcertante sentir que, depois de uma década seguindo todas as instruções ao pé da letra, ela estava ali, achando muito natural o fato de estar driblando os procedimentos corretos.

Os fins justificam os meios?, perguntou-se. E *os meios são assim tão inaceitáveis, afinal?* O equipamento da sala secreta não tinha registro e não era detectado pelo Compuguard, o sistema de proteção da polícia contra invasores. Era, portanto, ilegal. Por outro lado, era uma aparelhagem topo de linha. Os sistemas reservados pelas verbas oficiais para a polícia e a Secretaria de Segurança eram patéticos de tão ínfimos, e tudo já vinha obsoleto quase que a partir do momento da instalação. Além do mais, a cota de verbas da Divisão de Homicídios era ainda mais apertada, e o valor estava desatualizado.

Bateu com os dedos sobre o disco, que continuava dentro de seu bolso, e trocou o peso do corpo de um pé para outro. *Ah, que se dane!*, decidiu, por fim. Ela podia escolher entre ser uma policial certinha, virar as costas e ir embora ou ser esperta.

Colocou a palma da mão sobre a tela de segurança e se apresentou:

— Tenente Eve Dallas.

As trancas se abriram eletronicamente com um estalo curto e a porta se abriu, revelando o imenso banco de dados de Roarke. A comprida parede curva cheia de janelas tratadas para não deixar a luz nem os olhares curiosos penetrarem mantinha a sala o tempo todo nas sombras. Ela ordenou que as luzes se acendessem, tornou a trancar a porta e caminhou até o largo console em forma de "U".

Roarke programara a palma de sua mão e sua impressão vocal e as colocara no sistema, vários meses antes, mas ela jamais usara o equipamento por conta própria. Mesmo agora, depois que eles já estavam casados, ela se sentia como uma intrusa ali.

Obrigando-se a se sentar em uma cadeira que colocou diante do console, ordenou:

— Unidade 1, acionar! — Ouviu o zumbido distante e suave do equipamento de alto nível, que respondeu de imediato, e quase soltou um suspiro. Seu disco foi aceito pelo sistema sem problemas, entrando suavemente, e em poucos segundos já estava sendo decodificado e lido pela unidade civil. — E lá se foi para o espaço, mais uma vez, a elaborada segurança do Departamento de Polícia da cidade de Nova York — resmungou. — Acender telão! Exibir dados de Fitzhugh, arquivo H-12871. Dividir a tela com Mathias, arquivo S-30912.

Os dados começaram a fluir com suavidade, surgindo na gigantesca tela que ficava diante do console. Eve ficou tão admirada que se esqueceu de se sentir culpada. Inclinou-se para a frente,

analisando datas de nascimento, extratos bancários, compras habituais e afiliações a partidos políticos.

— Dois estranhos — disse para si mesma. — Não poderiam ter menos coisas em comum. — Então seus lábios se apertaram ao notar correlações na seção de hábitos de consumo. — Bem, estou vendo que vocês dois gostavam de jogos virtuais. Os dois passavam muito tempo diante da tela, jogando on-line, e tinham um monte de programas de entretenimento com jogos interativos... — e suspirou — ... juntamente com setenta por cento da população. Computador, divida novamente a tela, exibindo agora o plano do corte cerebral dos dois homens.

Quase no mesmo instante, Eve já estava estudando as imagens.

— Amplie e dê destaque às anormalidades não explicadas.

Igualzinho, avaliou ela, com os olhos apertados. Ali os dois homens eram idênticos, como irmãos univitelinos. As pequenas manchas tinham exatamente o mesmo formato, mesmo tamanho, e ficavam exatamente no mesmo local do cérebro.

— Computador, analise estas anormalidades e identifique-as!

Processando... Dados incompletos... Buscando arquivos médicos individuais. Por favor, aguarde análise.

— Isso é o que todos me dizem! — E se afastou do console para andar pela sala de um lado para outro enquanto o computador colocava o próprio cérebro para funcionar. Quando a porta se abriu, ela girou nos calcanhares e quase corou de vergonha ao ver Roarke entrar.

— Olá, tenente!

— Oi — E enfiou as mãos nos bolsos. — Eu... hã... tive problemas com o meu computador lá na central. Tinha pressa para conseguir essa análise, então eu vim... Mas posso parar com a pesquisa agora mesmo, se estiver precisando da sala.

— Não precisa... — O óbvio desconforto que ela exibia o divertiu. Foi caminhando lentamente até onde ela estava, abaixou-se ligeiramente e beijou-a de leve. — ... Da mesma forma que você não precisa ficar me explicando o porquê de estar usando o equipamento. Está em busca de algo secreto?

— Não. Não do jeito que você está insinuando. — O fato de ele estar sorrindo abertamente para ela só serviu para aumentar a sensação de desconforto. — É que eu precisava de uma máquina mais competente do que as latas velhas que a gente tem na polícia, e achava que você ainda ia demorar umas duas horas para voltar para casa.

— Consegui transporte mais cedo. Está precisando de alguma ajuda nisso?

— Não... Não sei, talvez. Pare de ficar rindo enquanto olha para mim!

— Eu, rindo...? — Seu sorriso se ampliou ainda mais enquanto ele colocava os braços ao redor dela e enfiava as mãos nos bolsos traseiros do jeans surrado que ela usava. — Como foi o seu almoço com a doutora Mira?

— Você sabe de tudo o que acontece, é? — perguntou ela, franzindo os olhos.

— Tento saber. Para falar a verdade, acabei de sair de uma rápida reunião com William, e ele mencionou que Reeanna se encontrou com você e com a doutora no restaurante. Negócios ou prazer?

— Ambos, acho. — Suas sobrancelhas se elevaram ao sentir que as mãos dele começaram a ficar mais ocupadas, acariciando seu traseiro. — Estou de serviço, Roarke! Nesse instante você

está passando a mão na bunda de uma policial que está em horário de serviço!

— Isso torna tudo ainda mais excitante — e abaixou a cabeça, passando a dar pequenos beijos no pescoço de Eve. — Quer quebrar mais algumas leis?

— Já estou quebrando — mas virou a cabeça para o lado, por instinto, para facilitar as coisas para ele.

— Então, que diferença faz quebrar mais algumas? — murmurou ele e tirou as mãos do bolso traseiro, colocando-as em torno de seu corpo, subindo com elas até cobrir-lhe os seios. — Adoro sentir você... — Sua boca já estava descendo pelo maxilar de Eve, na direção de sua boca, quando o computador apitou:

A análise foi completada. Vídeo ou áudio?

— Vídeo! — ordenou Eve, enquanto se livrava das garras de Roarke.

— Droga! — reclamou ele. — Cheguei tão perto!

— Que diabo s é isso? — Com as mãos fechadas sobre os quadris, Eve analisava os dados apresentados no telão. — Isso tudo é grego pra mim...

Resignado, Roarke se sentou na beira do console e estudou os dados que continuavam na tela.

— É linguagem técnica — explicou ele. — Termos médicos, basicamente. Um pouco fora da minha área. Trata-se de uma queimadura, originada eletronicamente. Isso faz algum sentido?

— Não sei. — Com ar pensativo, ela puxou a ponta da orelha. Faz sentido dois caras mortos terem o mesmo buraquinho de queimadura no lobo frontal de seus cérebros?

— Pode ter sido algum problema técnico durante a realização da autópsia — sugeriu Roarke.

— Não. — Lentamente, ela balançou a cabeça. — Não nesses dois, porque eles foram examinados por legistas diferentes em necrotérios diferentes. E não se trata de falhas superficiais. Elas estão na parte de dentro do cérebro. Furinhos de alfinete microscópicos.

— E qual é a relação que existe entre esses dois homens?

— Nenhuma. Absolutamente nenhuma. — Eve hesitou um pouco e por fim encolheu os ombros. Roarke já estava mesmo envolvido, de forma indireta; por que não trazê-lo para o centro do enigma? — Um deles era funcionário seu — contou ela. — O engenheiro autotrônico do Olympus.

— Mathias? — Roarke se afastou do console e seu ar entre divertido e intrigado se transformou em uma expressão sombria. — Por que você está investigando um suicídio que aconteceu fora do planeta, no satélite Olympus?

— Não estou investigando, pelo menos não oficialmente. Tenho só um palpite, é tudo. O outro cérebro que esse equipamento metido a besta está analisando é o de Fitzhugh. E se Peabody conseguir romper as barreiras da burocracia, vou adicionar o cérebro do senador Pearly também.

— E você acha que também vai achar uma queimadura microscópica no cérebro do senador?

— Você é esperto mesmo, Roarke. Sempre admirei isso em você.

— Por quê?

— Porque é irritante ter que ficar explicando tudo tintim por tintim para as pessoas.

— Eve... — avisou ele, apertando os olhos.

— Tudo bem. — Ela levantou as mãos e deixou-as cair novamente. — Fitzhugh não me convenceu no papel de um cara que se mata. Não podia fechar o caso sem antes explorar todas as possibilidades. Só que as opções foram acabando. Eu podia ter deixado tudo de lado, mas não conseguia parar de pensar naquele garoto que também se matou.

Começou a andar de um lado para outro, agitada, e continuou:

— Ali também não havia predisposição alguma. Nenhum motivo, nenhum inimigo conhecido. Ele simplesmente fez um lanche, e então enfiou o pescoço em um nó corrediço. Foi quando eu soube do senador. Aí já eram três suicídios sem explicação lógica. Ora, para pessoas como Fitzhugh e o senador, com a grana toda que tinham, dava para procurar ajuda psicológica profissional com o estalar de dedos. Em casos de doença terminal, física ou emocional, existem instalações para o autoextermínio voluntário. Só que eles preferiram se matar de formas dolorosas e sangrentas. Não faz sentido.

— Continue... — pediu Roarke, acenando com a cabeça.

— Foi quando o legista de Fitzhugh apareceu com esta anormalidade não explicada. Eu queria saber se, por algum acaso distante, o garoto também tinha algo desse tipo — e gesticulou na direção do telão. — Ele tinha. Agora, preciso descobrir o que colocou a mancha lá dentro.

Roarke tornou a olhar para a tela e sugeriu:

— Falha genética?

— É possível, mas o computador considera pouco provável. Pelo menos jamais pintou nada desse tipo antes, nem através de hereditariedade, mutação ou causas externas — e passou para trás do console, apontando para a tela. — Vê ali, na coluna de projeção de possíveis influências mentais? Alteração comportamental... Padrão desconhecido. Grande ajuda isso...

Eve esfregou os olhos, tornando a pensar em tudo.

— Isso me diz que a vítima poderia, e provavelmente iria se comportar fora do padrão. Suicídio seria fora do padrão para estes dois homens.

— É verdade!... — concordou Roarke. Encostando-se de volta no console, cruzou as pernas à altura dos tornozelos. — O problema é que dançar pelado dentro da igreja ou chutar velhinhas para fora de passarelas aéreas também seria uma atitude fora do padrão. Por que os dois escolheram o suicídio?

— Essa é a grande questão, não é? Isso, porém, vai me dar o bastante para conseguir manter os dois casos em aberto, assim que conseguir descobrir como passar as informações para Whitney. Baixe os dados para o disco e imprima uma cópia! — ordenou ela, e então se virou para Roarke. — Agora eu tenho alguns minutos livres.

Suas sobrancelhas se uniram em uma expressão habitual que ela secretamente adorava e ele perguntou:

— Tem mesmo?

— Que tipo de lei você estava pensando em quebrar?

— Várias, na verdade — e olhou para o relógio enquanto ela se aproximava para desabotoar a sua elegante camisa de linho. — Temos que comparecer a uma *première* na Califórnia hoje à noite.

— Hoje à noite? — Seus dedos pararam e seu rosto perdeu a empolgação.

— Mas acho que ainda temos algum tempo para pequenas contravenções — e, com uma risada, levantou-a do chão e deitou-a de costas em cima do console.

* * *

Eve estava tentando se espremer em um vestido tubinho longo, vermelho-sangue, e reclamava amargamente da impossibilidade de usar roupa de baixo, uma peça mínima que fosse, sob um

material assim tão colado no corpo. Nesse momento o comunicador tocou. Nua da cintura para cima, ainda com o frágil corpete que formava a parte superior da roupa pendurado da cintura até os joelhos, pulou para atender.

— Peabody?

— Senhora... — Várias expressões passaram pelo rosto de Peabody, antes que ela conseguisse assumir um aspecto absolutamente impassível. — Seu vestido é muito bonito e interessante, tenente. Vai lançar uma nova moda esta noite?

Confusa, Eve olhou para baixo, e então revirou os olhos, reagindo:

— Merda. Tudo bem, você já viu meus peitos antes — mas teve o cuidado de desligar o vídeo do comunicador até colocar o corpete no lugar, depois de alguma luta.

— Devo comentar, senhora, que eles são muito bonitos.

— Agora você está puxando o meu saco, não está?

— Pode apostar que sim.

Eve prendeu o riso e se sentou na ponta do sofá do quarto de vestir, perguntando:

— Tem algum relatório para mim?

— Sim, senhora. Eu... hã...

Reparando que os olhos de Peabody mudaram de direção e ficaram vidrados, Eve olhou para trás, sobre os ombros. Roarke acabara de entrar no quarto, ainda úmido do banho, com gotículas de água brilhando no peito nu e uma toalha branca muito mal amarrada em torno dos quadris.

— Fique fora do ângulo de visão, por favor, Roarke, senão a minha ajudante vai ter um colapso cerebral.

Ele olhou na direção da tela do comunicador e sorriu, cumprimentando:

— Oi, Peabody... Tudo bem com você?

— Oi... — Mesmo a distância dava para ouvir que ela engoliu em seco. — Legal ver você... Isto é... Como vai?

— Muito bem, e você?

— O quê?

— Roarke — Eve soltou um longo suspiro — dê um tempo para Peabody, tá legal, senão vou ter que bloquear o vídeo.

— Não precisa fazer isso não, tenente. — Com a voz rouca, Peabody pareceu desmontar quando Roarke saiu de vista. — Nossa! — disse ela, entre dentes, e sorriu de forma tola para Eve.

— Mantenha os hormônios sob controle, Peabody, e faça o relatório.

— Estou tentando, senhora — e pigarreou. — Já desfiz a maioria dos nós burocráticos, tenente. Faltam só alguns pepinos menores. Nesse ritmo, devemos estar com os dados requisitados até as nove horas de amanhã. Mas vamos ter que ir até Washington para analisá-los.

— Era isso que eu temia. Tudo bem, Peabody. Pegamos o ônibus espacial das oito da manhã.

— Não seja tola — disse Roarke por trás dela, enquanto avaliava o modelo do paletó que segurava. — Peguem o meu avião.

— Isso é um assunto da polícia.

— Mas não há razão para vocês se espremerem em uma lata de sardinha. Viajar com conforto não vai tornar a missão menos oficial. De qualquer modo, tenho alguns negócios a tratar em Washington mesmo. Levo vocês — e se inclinou por cima do ombro de Eve, sorrindo para Peabody. — Vou mandar um carro buscá-la. Sete e quarenta e cinco, amanhã cedo. Esse horário

está bom para você, Peabody?

— Claro. — Ela nem mesmo ficou desapontada por ele estar usando uma camisa agora. — Está ótimo!

— Escute, Roarke... — reclamou Eve.

— Desculpe, Peabody — Roarke interrompeu Eve, com sutileza —, mas estamos meio atrasados aqui. Nos vemos pela manhã. Esticando o braço, ele desligou manualmente o comunicador.

— Sabia que eu fico muito pau da vida quando você faz esse tipo de coisa?

— Sabia... — confirmou Roarke, de igual para igual. — É por isso que é irresistível.

— Eu passo metade da minha vida em um tipo de transporte ou outro desde que conheci você — resmungou Eve enquanto se ajeitava na poltrona do Jet Star particular de Roarke.

— Continua de mau humor — observou ele, fazendo um sinal para a comissária. — Minha esposa precisa de mais uma dose de café, e vou acompanhá-la.

— Agora mesmo, senhor. — E desapareceu na cozinha da aeronave com silenciosa eficiência.

— Você realmente curte ficar falando isso a toda hora, não é? "Minha esposa".

— Curto mesmo é verdade. — Roarke elevou ligeiramente o rosto dela com a ponta do indicador e beijou a covinha em seu queixo. — Você não dormiu bem — murmurou ele, esfregando o polegar com carinho sob os olhos dela. — Jamais consegue desligar esse seu cérebro agitado — e lançou um olhar para a comissária, que já estava colocando o café fumegante sobre a mesa diante deles. — Obrigado, Karen. Decolaremos assim que a policial Peabody chegar.

— Vou informar ao piloto. Aproveitem o voo.

— Você não estava precisando realmente ir a Washington, estava?

— Dava para resolver tudo daqui de Nova York — e encolheu os ombros, levando o café à boca. — Só que um pouco de atenção pessoal tem sempre mais impacto. E vou aproveitar o bônus de vê-la trabalhar.

— Não quero que você se envolva nisso.

— Você nunca quer. — Levantando a xícara dela, ele a entregou a Eve com um sorriso descontraído. — Entretanto, tenente, eu já estou envolvido com você, e, sendo assim, você não pode me deixar de fora.

— Você quer dizer que não vai tolerar ser deixado de fora.

— Precisamente. Ah, aqui está a formidável Peabody.

Ela subiu a bordo toda arrumada e educada, mas estragou o efeito ao abrir a boca e deixar o queixo cair enquanto girava a cabeça para a direita e para a esquerda, tentando ver tudo ao mesmo tempo.

A cabine era rica e suntuosa como um hotel cinco estrelas, com poltronas fundas e macias, mesas brilhantes e o brilho de vasos de cristal que exibiam flores tão frescas que ainda estavam com orvalho.

— Feche a boca, Peabody, está parecendo uma truta.

— Estou quase acabando, tenente.

— Não ligue não, Peabody, porque ela acordou de mau humor. — Roarke se levantou, deixando Peabody sem graça, até que ela compreendeu que ele estava lhe oferecendo uma poltrona para sentar. — Quer um pouco de café?

— Bem, hã... Claro, obrigada.

— Vou lá atrás pegar, para poder deixar vocês duas sozinhas, discutindo o trabalho.

— Dallas... Isto aqui é... ultra!

— E só o Roarke — murmurou Eve, olhando para o café.

— Pois então foi o que eu disse: ultra!

Eve olhou para Roarke no momento em que voltava com mais café. *Moreno, lindo e só um pouco cruel*, pensou. *Sim, imaginou, ultra era a palavra certa para ele.*

— Bem, aperte o cinto, Peabody, e aproveite o passeio.

A decolagem foi suave, e a viagem, curta, dando a Peabody apenas a chance de passar para Eve alguns detalhes. Elas deveriam se apresentar na sala do chefe da Segurança para Empregados do Governo. Todos os dados teriam que ser vistos no local, e nada poderia sair dali, nem transferido ou gravado.

— Malditos políticos! — reclamou Eve enquanto elas entravam em um táxi. — A quem estão protegendo, afinal, pelo amor de Deus? O cara já está morto.

— É a velha atitude do tipo "tire o seu da reta". E há muitos traseiros para tirar da reta aqui em Washington.

— E traseiros gordos. — Eve olhou para Peabody, avaliando-a. — Já estive em Washington, Peabody?

— Uma vez só, quando era criança — e mexeu os ombros —, com minha família. Os representantes da Família Livre fizeram um protesto silencioso contra a inseminação artificial em bovinos.

Eve nem se deu ao trabalho de disfarçar a risada e comentou:

— Você é cheia de surpresas, Peabody. Já que não visita a cidade há tanto tempo, pode ser que queira dar uma olhada nas atrações. Dê uma olhada nos monumentos e memoriais — gesticulou, enquanto passavam ao lado do memorial a Lincoln e de uma multidão de turistas e vendedores ambulantes.

— Já vi um monte de vídeos deles — começou Peabody, mas Eve levantou as sobrancelhas.

— Observe a paisagem, Peabody. Considere isso uma ordem.

— Sim, senhora. — E com uma expressão que em outro rosto teria se parecido com um bico, Peabody virou a cabeça para fora.

Eve pegou dentro da bolsa, com cuidado, uma câmera do tamanho de um cartão de crédito e a enfiou sob a blusa. Achava pouco provável que a segurança ali fosse tão rígida que ela tivesse que passar por uma máquina de raios X ou ser submetida a uma revista manual. Se isso acontecesse, ela podia dar a desculpa de que sempre carregava uma câmera extra com ela. Deu uma olhada rápida na motorista, mas ela, uma androide, mantinha os olhos pregados na rua.

— Não é uma cidade ruim para se visitar — comentou Eve enquanto eles viravam e paravam na guarita de segurança da Casa Branca. A velha mansão mal podia ser divisada ao longe, através de portões reforçados e obstáculos de aço.

Peabody virou a cabeça, olhando direto nos olhos de Eve.

— Tenente, a senhora pode confiar em mim. Pensei que soubesse disso.

— Não se trata de confiança. — Ao perceber o tom de mágoa na voz de Peabody, Eve falou com delicadeza: — Trata-se de eu não estar disposta a colocar o traseiro de ninguém na reta, a não ser o meu.

— Mas nós somos parceiras...

— Não, não somos parceiras... — Eve inclinou a cabeça e havia um tom de autoridade em sua

voz agora. — ... Ainda. Você é a minha assistente e está em treinamento. Como sua superior, decido até onde você pode se expor.

— Sim, senhora — disse Peabody, com rigidez na voz, e Eve deu um suspiro.

— Não fique assim toda magoadinha, Peabody. Vai chegar um momento em que vou deixar você se atracar com o comandante, e, pode acreditar, ele bate com força.

O táxi parou diante do Prédio da Segurança. Eve enfiou algumas fichas de crédito pela ranhura do parquímetro que havia na vaga de visitantes, saltou e se aproximou da tela de vigilância. Colocou a palma da mão sobre uma placa, passou o distintivo pelo painel para exibir documentos e esperou que Peabody fizesse tudo aquilo depois dela.

— Aqui é a tenente Eve Dallas e sua auxiliar. Marcamos um encontro com o chefe Dudley.

— Aguarde um momento, por favor, para verificação... Autorização concedida! Por favor, coloquem todas as armas no receptáculo para este fim. Cuidado! É crime federal entrar com armas de qualquer tipo dentro destas instalações. Qualquer pessoa que for descoberta portando uma arma será detida.

Eve entregou sua pistola de atordoar e depois, meio a contragosto, agachou-se para pegar outra arma que trazia, presa junto da bota. Diante do olhar solidário de Peabody, encolheu os ombros, explicando:

— Passei a trazer uma arma extra depois da experiência que tive com Casto. Uma arma na bota teria me poupado um bocado de problemas naquela noite.

— É... — Peabody jogou a sua pistola padrão dentro do receptáculo. — Gostaria que você tivesse acabado com o filho da mãe.

Eve pensou em falar algo, mas desistiu. Peabody tivera o cuidado, até aquele momento, de não mencionar o detetive da Divisão de Drogas Ilegais que jogara um charme para cima dela, levá-la para a cama e a usara como cobertura enquanto assassinava pessoas em busca de lucro. Finalmente, resolveu falar, olhando para Peabody:

— Escute... Sinto muito pelo rumo que as coisas tomaram naquele caso e pelo jeito com que terminaram. Se quiser desabafar sobre isso comigo, a qualquer hora...

— Não sou muito de desabafar — Peabody pigarreou. — Obrigada, mesmo assim.

— Bem. Lembre-se de que ele vai estar esticando aquelas pernas compridas dentro de uma cela até o século que vem.

— Então já está resolvido. — A boca de Peabody se curvou, formando um sorriso.

— Vocês estão liberadas para entrar — informou uma voz. — Por favor, passem pelo portal de segurança, entrem no veículo automático até a linha verde e se preparem para entrar em uma cabine que as levará até o segundo nível de autorização.

— Nossa, até parece que a gente veio ver o presidente, em vez de um simples policial usando roupa de executivo. — Eve e Peabody passaram pelo portal, que se fechou de imediato atrás delas, de forma eficiente. As duas se acomodaram nos assentos em plástico duro do veículo. Com um zumbido mecânico, ele as levou rapidamente entre barreiras de diversos tipos, até uma passagem comprida com as paredes revestidas de aço que fazia uma curva mais adiante, até que foram ordenadas a saltar e se dirigir a uma antessala iluminada em excesso, com luz artificial e paredes cheias de monitores de segurança.

— Como vai, tenente Dallas... Como vai, policial? — O homem que se aproximou usando um uniforme cinza padronizado para os funcionários do sistema de segurança do governo tinha a patente de cabo. Sua cabeça estava quase raspada, e exibia um cabelo louro cortado tão junto do

crânio que a pele pálida do alto de sua cabeça ficava bem marcada. Seu rosto fino era igualmente pálido e tinha o tom de pele de um homem que passava o tempo em lugares fechados e subterrâneos.

A parte de cima de sua roupa estava totalmente retesada pelos músculos e parecia querer explodir sob a poderosa massa muscular de seus bíceps, que tentavam rasgar as mangas curtas.

— Deixem suas bolsas comigo, por favor. Nenhum equipamento de gravação é permitido além deste ponto. Vocês estão sob forte vigilância e vão permanecer assim até deixarem as instalações. Compreenderam?

— Compreendemos, cabo. — Eve entregou-lhe a própria bolsa, bem como a de Peabody, e guardou no bolso os recibos que ele lhe entregou. — Vocês têm uma tremenda estrutura por aqui.

— E temos orgulho dela. Por aqui, tenente.

Depois de guardar as bolsas em um cofre à prova de bombas, ele as levou até um elevador, programando-o para o Setor 3, Nível A. As portas se fecharam sem fazer ruído; a cabine moveu-se de forma quase imperceptível. Eve teve vontade de perguntar quanto os contribuintes haviam pago por todo aquele luxo, mas achou que o cabo não ia apreciar muito a sua ironia.

Teve certeza de que fora muito dinheiro no momento em que elas foram deixadas em um saguão muito largo, decorado com poltronas de formato anatômico e árvores plantadas em imensos vasos. O tapete era espesso e possuía, sem dúvida, detector de movimentos. O console no qual três funcionários trabalhavam, aparentemente muito ocupados, estava equipado com uma quantidade imensa de computadores com monitores e sistemas de comunicação. A música ambiente era para ser relaxante, mas estava mais para soporífera.

Os funcionários não eram andróides, mas pareciam tão duros e impassíveis, vestidos de forma tão radicalmente conservadora que Eve achou que eles se pareciam mais com autômatos do que muitos robôs. Mavis, lembrou com grande afeto, ficaria indignada diante de tanta falta de estilo.

— Reconfirmação das impressões palmares, por favor — requisitou o cabo, e, de forma obediente, Eve e Peabody espalmaram as mãos na placa de vidro. — A sargento Hobbs vai acompanhá-las a partir deste ponto.

A sargento, com o uniforme impecável, saiu de trás do console. Abriu mais uma porta reforçada e levou-as por um corredor silencioso.

No último posto de inspeção havia mais uma tela para detecção de armas, e só então, após ser digitada uma senha eletrônica, foi-lhes dado acesso à sala do chefe.

Dali se tinha uma vista envolvente da cidade. Eve imaginou, depois de uma rápida olhada para Dudley, que ele a considerava a *sua* cidade. Sua mesa era grande como um lago, e uma das paredes piscava, com telas de inspeção e vigilância que mostravam várias áreas do prédio e dos terrenos em volta. Em outra parede havia fotos e hologramas de Dudley com chefes de Estado, membros da realeza e embaixadores. Seu centro de comunicações rivalizava com a sala de controles da Nasa-2.

O homem, propriamente dito, no entanto, mantinha-se um enigma.

Era enorme, com mais de dois metros de altura e cento e trinta quilos. Seu rosto largo e anguloso parecia castigado pelo tempo e muito bronzeado; seus cabelos brancos muito brilhantes eram muito curtos. Nas mãos grandes como peças de mortadela ele usava dois anéis. Um trazia o símbolo de sua patente militar; o outro era uma larga aliança de ouro.

Com o olhar fixo de um jogador de pôquer, avaliava Eve com olhos que tinham a cor e a textura do ônix. Para Peabody ele não olhou nem de relance.

— Tenente, a senhora veio fazer investigações a respeito da morte do senador Pearly.

Nada de amenidades e direto ao ponto, pensou Eve, e respondeu com gentileza:

— Afirmativo, chefe Dudley. Estou investigando a possibilidade de que a morte do senador esteja conectada com outro caso para o qual fui designada como investigadora principal. Sua cooperação neste assunto será devidamente reconhecida e apreciada.

— Penso que tal possibilidade de conexão é próxima de zero. Entretanto, após analisar o histórico do seu trabalho no Departamento de Polícia da cidade de Nova York, não fiz objeções quanto a permitir que a senhora tivesse acesso aos registros do caso do senador.

— Mesmo uma probabilidade próxima de zero merece uma investigação, chefe Dudley.

— Concordo com a senhora, e admiro o cuidado com as minúcias.

— Então poderia lhe perguntar se o senhor conhecia o senador pessoalmente?

— Conhecia, e, embora não concordasse com as suas posições políticas, considerava-o um servidor público dedicado, além de um homem com forte base moral.

— Um homem capaz de tirar a própria vida?

Os olhos de Dudley piscaram com rapidez por alguns instantes.

— Não, tenente, diria que não. O que é o motivo de a senhora estar aqui. O senador deixou a família para trás. Nos assuntos de família, o senador e eu tínhamos total harmonia. Portanto, seu aparente suicídio não combina com o homem que cometeu o ato.

Dudley tocou em alguns controles em sua mesa e inclinou a cabeça para as telas na parede, informando:

— Na tela um, sua vida pessoal. Na tela dois, seus registros financeiros. Na tela três, seu histórico político. A senhora tem uma hora para analisar e rever todos os dados. Esta sala estará sob severa vigilância eletrônica. Simplesmente peça à sargento Hobbs para vir apanhá-la quando seu tempo tiver se esgotado.

A opinião de Eve sobre Dudley foi uma pequena exclamação que emitiu pela garganta, com ar pensativo, ao vê-lo sair da sala.

— Ele está tornando as coisas fáceis para nós, Peabody. Se ele particularmente não gostava de Pearly, diria que pelo menos o respeitava. Tudo bem, vamos ao trabalho.

Começou a analisar com cuidado os dados das telas da mesma forma que seus olhos de policial já haviam observado toda a sala. Tinha quase certeza de ter localizado todas as câmeras de segurança e os gravadores, e, arriscando-se a um período de detenção que lhe seria muito desconfortável, virou-se de lado, para que seu corpo ficasse parcialmente bloqueado pelo de Peabody.

Colocou para fora da blusa o diamante que Roarke lhe dera, e ficou passando-o para cima e para baixo com o dedo por dentro do cordão, com ar distraído. Com a outra mão, puxou a pequena câmera para fora e a manteve apertada junto da garganta, voltada para as telas.

— Uma vida limpa — disse, em voz alta —, sem registros criminais de nenhum tipo. Pais casados, ainda vivos, morando em Carmel, na Califórnia. Seu pai foi militar, chegou a coronel e serviu à pátria durante as Guerras Urbanas do início do século, aqui no país. A mãe era técnica na área médica e tirou licença por algum tempo, trabalhando como mãe profissional, paga pelo governo para cuidar do filho. O senador teve uma criação muito boa e sólida.

Peabody mantinha os olhos nas telas, sem olhar para a câmera.

— Um nível de educação excepcional também. Graduou-se em Princeton, fez pósgraduação trabalhando no Centro de Treinamento Mundial da Estação Espacial Freedom. Isso foi bem no

início da implantação do programa, quando apenas os estudantes mais conceituados eram admitidos. Casou-se aos trinta anos, pouco antes de se candidatar pela primeira vez ao Senado. Lutava pelo Programa de Ajuste da População e teve apenas um filho.

Desviando o olhar para outra tela, continuou:

— Pertencia ao Partido Liberal, mas sua política era de centro. Bateu de frente com o velho amigo senador DeBlass devido ao recurso contra o banimento das armas e a luta pela moralidade, causas que DeBlass estava forçando a barra para ver aprovadas.

— Tenho a sensação de que eu teria gostado do senador se o tivesse conhecido. — Eve se virou ligeiramente. — Passando dos dados pessoais para o histórico médico! — ordenou.

Uma nova tela apareceu e os termos técnicos que surgiram a deixaram quase vesga. Ela faria com que eles fossem traduzidos mais tarde, pensou, se conseguisse sair das instalações com a câmera.

— Parecia ser um sujeito muito saudável — continuou, em voz alta. — Exames físicos e mentais não mostram anormalidade alguma. Fez uma cirurgia para retirada de amígdalas quando ainda era criança e quebrou a tibia aos vinte e poucos anos, em um jogo de futebol. Correção de vista, padrão normal, aos quarenta e poucos anos. Submeteu-se a uma vasectomia neste mesmo período.

— Há algo aqui que me parece interessante — comentou Peabody, que continuava a analisar a tela com a vida política do senador. Ele estava endossando uma nova lei que determinava que todos os advogados e técnicos em geral deveriam ser reexaminados a cada cinco anos, às suas próprias custas. Isso não deve ter caído muito bem junto à comunidade legal.

— Ou junto a Fitzhugh — completou Eve. — Parece que ele queria enquadrar o império da eletrônica também. Propunha testes mais rígidos para o lançamento de novos equipamentos e novas leis para patente de produtos. Isso também não deve ter ajudado muito a torná-lo popular. Relatórios da autópsia! — ordenou, apertando os olhos assim que os dados apareceram na tela.

Deixando o jargão técnico de lado, Eve balançou a cabeça, comentando:

— Puxa vida, ele parecia uma massa disforme quando o raspavam da calçada, a fim de levá-lo para o necrotério. Os técnicos não devem ter tido muito com o que trabalhar. Pesquisa dos tecidos cerebrais e dissecação!... Nada — disse, após um instante. — Nenhuma menção aqui sobre anormalidades ou falhas.

— Imagem! — exigiu, e chegou mais perto da tela para analisar a foto bem de perto. — Seção longitudinal. Visão lateral. Ampliar!... O que consegue ver, Peabody?

— Massa cinzenta pouco atraente, danificada demais para se tentar um transplante.

— Amplie o hemisfério direito, lobo frontal!... Nossa, que massa de tomate ele fez de si mesmo!... Não dá para ver nada! Não dá para ter certeza — e ficou olhando fixamente até os olhos começarem a arder. O que era aquilo... uma pequena mancha ou simplesmente parte do trauma que é causado quando um crânio humano é esmagado brutalmente sobre o concreto?

— Não sei não, Peabody... — Eve já conseguira tudo que precisava, e deixou a câmera escorregar para dentro da blusa novamente. — O que eu sei é que não havia motivo ou predisposição para autodestruição, a avaliar por estes dados. E com isso temos três vítimas. Vamos dar o fora deste lugar — decidiu. — Ele me provoca arrepios!

— Concordo plenamente com a senhora.

Tomaram duas latas de Pepsi e comeram algo que se passava por sanduíche de carne em uma carrocinha na esquina da Avenida Pennsylvania com a pista destinada à segurança. Eve já estava se preparando para chamar um táxi, a fim de voltarem para o aeroporto, quando uma limusine preta e cintilante parou junto ao meio-fio. O vidro da janela traseira abaixou-se suavemente e apareceu o rosto de Roarke, sorrindo para elas.

— As damas gostariam de uma carona?

— Uau! — foi tudo o que Peabody conseguiu exclamar enquanto olhava para o carro de ponta a ponta. Era uma antiguidade reluzente, um luxo vindo de outra era, romântico e tentador como um pecado.

— Não o deixe muito empolgado não, Peabody. — Quando Eve se preparava para entrar no veículo, Roarke puxou-a de repente pela mão e a colocou no colo. — Ei, pare com isso! — Morrendo de vergonha, Eve começou a dar cotoveladas nele para se soltar.

— Adoro deixá-la embaraçada quando ela está de serviço — explicou Roarke, lutando com Eve para forçá-la a permanecer sentada em seu colo. — E como foi o seu dia, Peabody?

Peabody começou a rir, adorando ver a sua superior corada e xingando.

— Acabou de melhorar — informou. — Se esse carrão tem uma tela para garantir privacidade, posso deixar vocês dois sozinhos

— Eu falei para não deixá-lo muito empolgado, não falei? — dessa vez o cotovelo acertou o alvo e Eve conseguiu se libertar e escorregou para o lado, sentando-se no banco. — Seu idiota! — murmurou para Roarke.

— Viu? Ela adora me paparicar também — suspirou ele, recostando-se no banco. — É quase sufocante. Se vocês já terminaram com seus assuntos policiais, posso brindá-las com um *tour* pela cidade?

— Não! — respondeu Eve, sem dar chance para que Peabody abrisse a boca. — Direto para Nova York, de volta. Sem desvios.

— Ela adora se divertir também — comentou Peabody de forma sóbria, e então cruzou as mãos educadamente e observou a cidade, que passava veloz.

CAPÍTULO DEZ

Antes de Eve ir para casa, aperfeiçoou o texto do detalhado relatório sobre as similaridades entre os alegados suicídios e os motivos que tinha para acreditar que a morte do senador fora devida às mesmas causas, ainda desconhecidas, das outras mortes. Transferiu suas deduções e suspeitas para o computador do comandante, com cópia para o *tele-link* de sua casa.

A não ser que sua esposa estivesse servindo de anfitriã em uma das constantes recepções e jantares que oferecia, Eve sabia que Whitney ia analisar o relatório antes da manhã seguinte. Com essa esperança, pegou a passarela aérea que a levaria da Divisão de Homicídios até a Divisão de Detecção Eletrônica.

Achou Feeney em sua mesa, com os dedos gorduchos segurando ferramentas delicadas e micro-óculos com lentes que transformavam seus olhos em pires, enquanto desmontava uma miniplaca de sistema.

— Anda trabalhando na seção de reparos e manutenção agora, é? — perguntou ela, encostando o quadril na ponta de sua mesa, com cuidado para não atrapalhar seu ritmo. Ela não esperava mais do que o grunhido que recebeu como resposta e aguardou até que ele transferisse uma peça fininha, feita de um material que não conseguiu identificar, para um recipiente vazio, ao lado.

— Alguém anda se divertindo com joguinhos — resmungou ele — e conseguiu colocar uma espécie de vírus no computador do chefe. A memória já foi pro espaço, e a placa de controle geral da máquina está comprometida.

Eve olhou para a peça fininha e imaginou que aquilo fosse a placa de controle geral. Computadores não eram o seu ponto forte.

— E você conseguiu resolver o pepino?

— Ainda não. — Com pinças muito pequenas, ele levantou a peça e a estudou atentamente com os óculos de aumento. — Mas vou resolver. Já isolei o vírus e lhe dei um remedinho, esse é o primeiro passo. O pequeno canalha está inerte, morto. Quando fizer a autópsia nele, vou saber do resto.

Ela teve que sorrir. Era a cara de Feeney se referir aos seus componentes e chips em termos humanos. Recolocando a pecinha no lugar, lacrou o recipiente e só então tirou os óculos.

Seus olhos pareceram encolher de tamanho, piscaram e tentaram se acostumar com o novo foco. Logo lá estava ele, pensou Dallas. Com a cara amarrotada, toda enrugada e cheia de dobras na pele, exatamente como ela gostava. Fora ele que a transformara em uma policial de verdade, oferecendo-lhe o tipo de treinamento de campo que ela jamais teria conseguido absorver através de discos ou realidade virtual. Embora tivesse sido promovido e transferido da Homicídios para ser capitão na Divisão de Detecção Eletrônica, Eve continuava a depender dele.

— E então... — começou ela. — Sentiu muitas saudades de mim?

— Ué... Você tinha ido a algum lugar? — e sorriu para ela, enfiando a mão em uma tigela cheia de amêndoas recobertas por uma camada doce. — E então... curtiu muito a sua lua de mel sofisticada?

— Curti sim... — e se serviu de uma amêndoa. Já fazia muito tempo desde que ela comera, no almoço — ... Apesar do cadáver que apareceu no fim da viagem. Obrigada pelos dados que você conseguiu desencavar para mim.

— De nada. Ultimamente anda havendo bastante procura por dados sobre suicidas.

— Talvez... — A sala dele era maior do que a dela, devido à sua patente mais alta e à importância que ele dava ao espaço. Em uma das paredes havia um telão, o qual, como sempre, estava sintonizado em um canal de filmes clássicos. Naquele mesmo instante, Indiana Jones estava sendo baixado por uma corda dentro de um ninho de víboras. — Existem alguns aspectos interessantes nesses casos.

— Quer conversar comigo a respeito disso?

— Foi para isso que vim até aqui. — Ela copiara os dados que conseguira gravar dos arquivos do senador e pegou o disco no bolso. — Tem uma dissecação de cérebro aí dentro, mas a imagem está meio embaçada. Será que dá para você limpá-la, torná-la mais nítida e ampliá-la?

— É o mesmo que perguntar se os ursos fazem coco no mato. — Pegando o disco, ele o enfiou em seu computador e carregou a imagem. Momentos mais tarde, já estava com os olhos apertados olhando para a tela. — A imagem está toda borrada, tremida, em estado lamentável. Que equipamento você usou para gravar isso? Uma câmera portátil filmando diretamente de uma tela?

— E melhor a gente não conversar sobre isso.

Ele virou a cabeça e olhou para ela com a mesma cara malandra, perguntando:

— Você anda treinando algumas caminhadas sobre a corda bamba, Dallas?

— Meu senso de equilíbrio é muito bom.

— Tomara que sim. — Como preferia trabalhar manualmente, fez surgir um teclado. Seus dedos experientes começaram a dançar sobre as teclas e controles como um virtuose tocando uma harpa. Encolheu os ombros quando ela se inclinou mais para perto dele. — Não me aperta, garota!

— Também quero ver.

Sob seus dedos talentosos, a imagem começou a clarear e os contrastes foram aparecendo. Ela tentava não demonstrar impaciência enquanto ele refinava a figura, hesitava e cantarolava baixinho ao trabalhar. Por trás dela, o pau estava comendo solto entre Harrison Ford e as cobras.

— Isso aqui é o melhor que dá para fazer nesse computador aqui. Se quiser mais, vai ter que levar o material para o computador central — e deu uma olhada de relance nela. — Vai ter que se conectar no computador central e solicitar isso ao técnico, oficialmente.

Ela sabia que ele seria capaz de burlar as regras por ela e se arriscar a uma investigação da Divisão para Assuntos Internos.

— Vamos deixar as coisas como estão, por ora. Consegue ver isso, Feeney? — e apontou para a tela, bem debaixo da pequena sombra.

— Estou vendo é um bocado de traumas. Este cérebro parece ter levado uma surra daquelas!

— Só que isto aqui... — ela mesma mal conseguia distinguir — ... eu já vi antes, em duas outras autópsias.

— Eu não sou neurologista, mas acho que essa marquinha não devia estar aí não...

— Não... — Ela se afastou e aprumou o corpo. — Não devia estar aí...

Eve voltou tarde para casa e foi recebida por Summerset bem na porta de entrada. — Há dois... ahn... *cavalheiros* esperando para vê-la, tenente.

Sentindo o coração dar um pulso, ela pensou nos dados que recolhera de forma irregular.

— Estão usando uniformes? — quis saber Eve.

A boca de Summerset, que já parecia um bico, embicou ainda mais e ele respondeu:

— Difícilmente eles usariam um uniforme. Coloquei-os para esperá-la na sala de estar. Insistiram em aguardá-la, embora a senhora não tivesse avisado a que horas voltaria. Roarke está ocupado, em seu escritório.

— Tudo bem, deixe que eu lido com eles. — Ela queria um prato fundo de qualquer coisa comestível, um banho quente e algum tempo para pensar. Em vez disso, continuou andando até a sala de estar e encontrou Leonardo e Jess Barrow. Primeiro sentiu alívio e, logo em seguida, irritação. Summerset, aquele réptil, já conhecia Leonardo, e podia ter informado o nome da pessoa que estava esperando por ela.

— Dallas! — O rosto redondo de Leonardo abriu-se em um sorriso ao ver Eve. Atravessou a sala com rapidez, um gigante vestindo uma calça de terno colante na cor fúcsia e um paletó de tecido transparente em verde-esmeralda. Não era de espantar que Mavis o adorasse. Agarrando Eve em um abraço que quase quebrou-lhe os ossos, ele apertou os olhos, com ar de zanga. — Você ainda não foi cuidar desse cabelo, hein? Vou ligar pessoalmente para Trina.

— Hã.... Bem... — Intimidada, Eve passou os dedos pelos cabelos curtos e emaranhados — ... E que eu ando meio sem tempo para isso agora, e...

— Você precisa arrumar tempo para cuidar de sua aparência! Não só você é uma figura pública importante por seus próprios méritos, como também é a esposa de Roarke.

Ela era um tira, que droga! Suspeitos e vítimas estavam cagando e andando para o seu penteado.

— Certo! — respondeu. — Logo que eu...

— Você está negligenciando os seus tratamentos — acusou ele, simplesmente descartando as desculpas que ela ia dar com a força de uma pedra redonda gigantesca que desce por uma encosta. — Seus olhos parecem tensos e você também está precisando fazer as sobrancelhas.

— Eu sei, mas...

— Trina vai entrar em contato com você para marcar uma hora. Bem, por agora... — e foi empurrando-a através da sala, e só faltou empurrá-la sobre uma poltrona — ... relaxe! — ordenou. — Coloque os pés para cima! Você deve ter tido um dia difícil. Quer que eu lhe sirva alguma coisa?

— Não, sério. Eu estou indo...

— Um pouco de vinho. — Inspirado, ele sorriu e massageou rapidamente, com carinho, o seu ombro. — Vou providenciar. E não se preocupe. Jess e eu não vamos tomar muito do seu tempo.

— Não há jeito de a gente argumentar com um sujeito que tem o instinto maternal que ele parece ter com você — comentou Jess enquanto Leonardo saía para pedir um cálice de vinho para Eve. — É um prazer revê-la, tenente.

— Você não vai começar a me dizer que eu perdi peso, ou ganhei alguns quilos, ou preciso cuidar da pele, vai? — mas suspirou e se recostou para trás. Era uma sensação incrivelmente boa se sentar em uma poltrona que não parecia ter sido projetada para torturar o traseiro. — Tudo bem, vamos direto ao assunto. Alguma coisa deve ter acontecido para vocês aguentarem os insultos que Summerset lançou sobre vocês até eu chegar.

— Para falar a verdade, ele simplesmente pareceu estarecido e nos fechou aqui dentro. Acho que ele vai passar algum scanner pela sala assim que nós sairmos, para ter certeza de que não surrupiamos nenhum dos objetos da decoração — e Jess se sentou com as pernas cruzadas sobre o almofadão que ficava aos pés de Eve. Seus olhos brilhantes pareciam sorrir, e sua voz era suave como creme da Bavária. — Fantásticos objetos de decoração e obras de arte, por falar nisso...

— Gostamos deles. Se você estava a fim de um *tour* pela casa, devia ter avisado antes de Leonardo me instalar nesta poltrona. Agora vou ficar aqui, descansando um pouco.

— Ficar só olhando para você já vai ser o suficiente. Espero que não se incomode se eu lhe disser que você é a tira mais atraente com quem eu já tive um... contato assim mais chegado.

— Ué... Nós já tivemos um contato assim mais chegado, Jess? — Suas sobrancelhas se elevaram, fazendo as olheiras desaparecerem. — Eu nem tinha reparado.

Ele deu uma risadinha e bateu no joelho dela com uma de suas lindas mãos, dizendo:

— Eu adoraria fazer um *tour* pela casa uma hora dessas. Só que, no momento, estamos aqui para lhe pedir um favor.

— Já sei... Você tem uma multa de trânsito e quer que eu a alivie?

— Bem... — seu rosto lindo se iluminou — ... Já que você mencionou isso...

Leonardo chegou trazendo pessoalmente um cálice de cristal cheio de vinho da cor de ouro líquido.

— Não se faça de besta com ela, Jess...

Eve aceitou o cálice e olhou para Leonardo.

— Ele não está se fazendo de besta comigo não... Está, *flertando comigo*. Acho que gosta de viver perigosamente.

— Fui descoberto! — e soltou uma gargalhada musical, cheia de apelo. — Mulheres felizes no casamento são as mais seguras para a gente flertar — e abriu as mãos enquanto ela provava o vinho e o observava. — Ninguém sai magoado nem faz papel de bobo — e levantou a mão de Eve, passando a ponta do dedo ao longo do elaborado trabalho de sua aliança.

— O último homem que tentou brincar comigo está cumprindo prisão perpétua — informou Eve, com casualidade. — Isso depois de eu ter arrancado o couro dele, é claro.

— Opa... — rindo, Jess soltou a mão dela. — Talvez seja melhor que Leonardo peça esse favor.

— É para Mavis — disse Leonardo, e seus olhos ficaram vermelhos e se encheram d'água ao pronunciar o nome dela. — Jess acha que a música demo já está pronta. Música e entretenimento é um campo duro, você sabe. Tem muita gente, é competitivo, e Mavis já colocou seu coração nesse projeto. Depois daquilo que aconteceu com Pandora... — e tremeu ligeiramente. — Bem, depois do que aconteceu com Mavis, o lance de ela ter sido presa e despedida do Esquilo Azul, tendo que passar por tudo aquilo... As coisas têm sido difíceis para ela.

— Eu sei. — A culpa voltou, pelo papel que Eve desempenhara naquela história. — Mas tudo aquilo já passou...

— Graças a você. — Embora Eve começasse a balançar a cabeça, Leonardo insistiu: — Você acreditou nela, trabalhou por ela, foi quem a salvou. Agora eu vou lhe pedir uma coisa a mais, por saber que você a ama tanto quanto eu.

— Você está me encurralando direitinho, não é? — Os olhos de Eve se estreitaram.

— Espero que sim — respondeu ele, sem se dar ao trabalho de esconder o sorriso.

— A ideia foi minha — interrompeu Jess. — Leonardo teve que ser um pouco pressionado para vir até aqui e propor tudo a você. Não queria se aproveitar da amizade de vocês duas, nem da posição que você ocupa.

— A posição que ocupo como policial?

— Não. — Jess sorriu, reconhecendo a reação dela de forma perfeita. — A sua posição de esposa de Roarke. — *Ora, então ela não ligava para aquilo*, pensou ele, divertido. Esta é uma mulher que quer se manter em pé por méritos próprios. — É que o seu marido tem um bocado de influência, Dallas.

— Eu sei muito bem o que Roarke tem. — Aquilo não era exatamente verdade. Ela não fazia a mínima ideia da enormidade das companhias e operações que ele possuía e dirigia. Nem queria saber... — O que querem dele?

— Apenas uma festa — disse Leonardo, bem depressa.

— Uma o quê?

— Uma festa para Mavis.

— Uma festa de arrasar! — completou Jess, rindo. — Uma daquelas de balançar a cidade.

— Um evento. — Leonardo lançou um olhar de advertência para Jess. — Um palco, por assim dizer, a partir do qual Mavis possa se misturar com as pessoas, fazer uma apresentação. Eu ainda nem comentei a ideia com ela, para o caso de você ser contra. Mas nós pensamos que se for Roarke que estiver convidando... — Ele estava obviamente sem graça, agora, enquanto Eve continuava simplesmente olhando para ele. — Bem, é que ele conhece tanta gente...

— Pessoas que comprem discos de shows, vão a boates, buscam diversão. — Nem um pouco embaraçado, Jess sorriu de forma vitoriosa. — Talvez fosse melhor você beber um pouco mais de vinho.

Em vez disso, ela colocou o cálice de vinho, que mal tocara, de lado e perguntou:

— Vocês querem que ele ofereça uma festa? — Com medo de entrar em alguma armadilha, olhou com atenção para os dois. — Isso é tudo?

— Mais ou menos — explicou Leonardo, com um pouco de esperança no peito. — Nós gostaríamos de passar o disco demo no telão durante a festa, e fazer com que Mavis apresentasse algumas músicas ao vivo, também. Eu sei que é uma despesa grande. Estou mais do que disposto a pagar...

— Dinheiro não vai ser o tipo de preocupação para Roarke. — Eve considerou a ideia, batendo com as pontas dos dedos nos braços da poltrona. — Vou conversar com ele a respeito disso e depois dou um retorno para vocês. Imagino que vocês queiram que a festa aconteça logo.

— O mais rápido possível.

— Eu procuro vocês para dar a resposta — repetiu ela, e se levantou.

— Obrigado, Dallas. — Leonardo se inclinou várias vezes para beijar seu rosto. — Vamos deixar você em paz agora.

— Ela vai se transformar em um grande sucesso — previu Jess. — Tudo o que precisa é de um trampolim — e pegou um disco no bolso. — Esta é uma cópia do vídeo demo — disse a ela.

Uma cópia especialmente masterizada, pensou, feita só para a tenente. — Dê só uma olhada, e veja o que conseguimos.

Eve sorriu, olhando para o disco enquanto pensava em Mavis, e afirmou:

— Vou ver sim.

* * *

No andar de cima, sozinha, Eve programou o AutoChef e serviu-se de um prato de macarronada fumegante, temperada com o que, certamente, eram ervas e tomates frescos produzidos em uma horta de verdade. Jamais deixava de se admirar com as coisas às quais Roarke tinha acesso. Devorou tudo enquanto preparava um banho. De repente, lembrou-se de jogar na água um pouco dos sais de banho que ele comprara para ela em Paris.

Eve achou que aquilo estava com o cheirinho da lua de mel: um aroma rico e romântico. Mergulhou na banheira, que tinha o tamanho de uma lagoa, e suspirou, satisfeita. *Limpe um pouco a cabeça antes de começar a pensar*, decidiu, pensando consigo mesma enquanto abria o painel na parede em frente à banheira. Ela já havia inserido o vídeo demo no aparelho do quarto e o programou para tocar no telão embutido do banheiro.

Recostou-se e sentiu a água quente e cheia de espuma, com mais um cálice de vinho da melhor procedência na mão, e balançou a cabeça. Que diabos ela estava fazendo ali? Eve Dallas, uma tira que subira aos poucos, por um caminho muito difícil; uma criança sem nome achada em um beco, abandonada e abusada sexualmente, com um assassinato nas mãos que estivera bloqueado em suas lembranças.

Menos de um ano antes, estas lembranças eram apenas retalhos, e sua vida se resumia a trabalho, sobrevivência e mais trabalho. Defender os mortos era a sua função, e era muito boa no seu trabalho. Aquilo para ela era o bastante, na época. Ela mesma fizera com que aquilo fosse o suficiente.

Até Roarke. O brilho do anel em seu dedo continuava a intrigá-la.

Ele a amava. Ele a desejava. Ele, o competente, o bem-sucedido e misterioso Roarke, até mesmo precisava dela. Esse era o maior enigma de todos. E talvez, já que ela não conseguia resolvê-lo, talvez pudesse aprender a simplesmente aceitá-lo.

Levou o vinho aos lábios, afundou o corpo um pouco mais na água e apertou o controle remoto.

No mesmo segundo, cor e som explodiram no aposento. Por instinto, ela baixou o volume antes de seus tímpanos explodirem. Então Mavis surgiu, serpenteante, na tela, tão exótica quanto uma fada, tão forte quanto uísque puro. Sua voz era um guincho agudo, mas, apesar disso, possuía apelo, era cativante e combinava tão perfeitamente com ela quanto a música que Jess compusera para exibir seus dotes vocais.

Era quente, crua e implacável. Muito parecida com a própria Mavis. À medida, porém, que Mavis mergulhava ainda mais fundo, compreendeu que o som e o show eram mais elaborados. É claro que sempre houve brilhos e centelhas quando se tratava de um trabalho de Mavis, mas agora havia também uma fina camada de verniz lustroso que faltava antes.

A importância de uma boa produção, ela imaginava. Orquestração. E alguém com olho apurado para reconhecer um diamante bruto e que também tivesse talento e vontade de ajudar

a valorizá-lo.

O conceito que Eve tinha de Jess aumentou um pouco. Talvez ele se parecesse com um garotinho metido se exibindo em seu console complicado, mas obviamente sabia como fazer as coisas funcionarem. Mais do que isso, ele compreendia Mavis, percebeu Eve naquele momento. Ele a apreciava pelo que ela era e pelo que ela queria se tornar, e encontrara um modo de fazê-la alcançar isso de forma satisfatória.

Riu para si mesma e levantou o cálice em um brinde silencioso à sua amiga. Pelo jeito, eles iam promover uma festa para comemorar o seu talento.

Em seu estúdio no centro da cidade, Jess revia o vídeo demo. Sinceramente esperava que Eve estivesse assistindo ao disco também. Se fizesse isso, sua mente estaria sendo aberta. Completamente escancarada para os sonhos. Bem que ele gostaria de saber como seriam aqueles sonhos, e para onde eles a iriam levar. Então, ele poderia ver exatamente o mesmo que ela visse. Poderia documentá-los. Revivê-los. Mas suas pesquisas ainda não haviam permitido que ele descobrisse o caminho que levava aos sonhos. *Um dia*, ele pensou. *Um dia...*

Os sonhos de Eve a levaram de volta à escuridão e ao terror. Eram confusos, de início, e então ficaram claros, de forma chocante, para a seguir se espalharem novamente como folhas ao vento. Era aterrorizante. Então ela sonhou com Roarke, e isso foi tranquilizante. Assistiu a um explosivo pôr do sol com ele no México, e depois fizeram amor incansavelmente na água borbulhante de uma piscina. Ouviu sua voz em seu ouvido no momento em que ele estava dentro dela, incentivando-a a se soltar. Simplesmente se soltar.

E de repente apareceu o seu pai, forçando-a a ficar de costas no chão, e ela era uma criança, indefesa, ferida e assustada.

Por favor, não faça isso.

O cheiro dele estava ali, um cheiro de bala misturado com bebida. Doce demais, forte demais. Ela estava quase vomitando por causa daquele cheiro enquanto chorava, e a mão dele tampava a sua boca para abafar seus gritos enquanto ele a estuprava.

Nossa personalidade é programada no momento da concepção. A voz de Reeanna chegou, flutuando, fria e firme. Somos do jeito que fomos feitos. Nossas escolhas já haviam sido feitas quando nascemos.

E então ela era novamente uma criança, em um quarto terrível, um quarto frio que cheirava a lixo, urina e morte. E havia sangue em suas mãos.

Alguém a estava segurando, abrindo seus braços, e ela lutava como uma coisinha selvagem, como uma criança aterrorizada e desesperada lutaria.

— Não. Não. Não.

— Shhh... Eve, é só um sonho! — Roarke a puxou para junto de si e embalou-a, enquanto o suor pegajoso que se espalhara em sua pele encharcava-lhe a camisa e partia-lhe o coração. — Você está a salvo!

— Eu matei você. Você está morto. *Continue morto.*

— Acorde agora...

Ele beijou-lhe a têmpora, lutando para encontrar um modo de tranquilizá-la. Se tivesse esse poder, ele voltaria no tempo e mataria, com alegria, aquilo que a assombrava.

— Acorde, querida. Sou eu, Roarke. Ninguém vai magoar você. Ele se foi — murmurou, quando ela parou de lutar com ele e começou a tremer. — Ele nunca mais vai voltar.

— Eu estou bem... — Ela sempre se sentia humilhada quando era pega no auge de um pesadelo. — Está tudo bem agora.

101

— *Eu* não estou bem. — Ele continuava abraçado a ela, acariciando-a até que os tremores começaram a diminuir. — Esse foi um dos grandes.

Ela ficou de olhos fechados e tentou se concentrar no perfume dele; um cheiro de limpeza e masculinidade.

— Lembre-me sempre de que não devo ir para a cama depois de me empanturrar de espaguete com molho forte. — Ela viu que ele estava totalmente vestido e a luminosidade do quarto estava bem baixa. — Você ainda nem veio para a cama.

— Acabei de chegar. — Ele a afastou um pouco dele para poder observar seu rosto e limpar uma lágrima que descia lentamente pela sua bochecha. — Você ainda está pálida. — Aquilo o deixava arrasado, e sua voz tinha uma ponta de irritação. — Por que, diabos, você não toma pelo menos um calmante?

— Não gosto de calmantes. — Como sempre, o pesadelo a deixara com uma terrível e latejante dor de cabeça. Sabendo que Roarke ia reparar naquilo também, se a analisasse muito de perto, ela se afastou um pouco mais dele. — Não tomo calmantes já faz algum tempo. Semanas, na verdade. — Mais calma agora, ela esfregou os olhos cansados. — Esse pesadelo foi totalmente confuso. Muito estranho. Talvez tenha sido por causa do vinho.

— Ou talvez o estresse. Você trabalha até desabar...

Ela virou a cabeça de lado e olhou para o relógio que estava no pulso dele, perguntando:

— E quem foi que acabou de chegar do escritório às duas da manhã? — e sorriu, em uma tentativa de espalhar a preocupação que viu em seus olhos. — E aí? Tem comprado alguns planetinhas novos ultimamente?

— Não, só uns satélites insignificantes. — Ele se levantou, despiu a camisa e então levantou uma sobancelha quando a pegou dando uma olhada interessada em seu peito nu. — Eve, você está muito cansada...

— Mas eu não preciso me cansar. Você pode fazer todo o trabalho.

Rindo, ele se sentou para tirar os sapatos.

— Obrigado pelo oferecimento, mas que tal esperarmos até você estar com energia suficiente para participar da transa?

— Nossa, isso parece papo de gente casada!... — Mas deixou-se deslizar de volta na cama, exausta. A dor de cabeça estava agora em algum canto do cérebro, preparando-se astutamente para atacar. Quando ele se enfiou na cama ao lado dela, Eve pousou sua frágil cabeça no ombro dele. — Estou feliz por você estar em casa.

— Eu também — e passou os lábios de leve sobre os cabelos dela. — Vá dormir agora...

— Tá legal... — Era tranquilizador para ela sentir o ritmo do coração dele sob a palma da mão. Sentia-se apenas um pouco envergonhada de precisar daquilo, necessitar tanto de que ele estivesse ali. — Você acha que nós somos programados para toda a vida no momento da

concepção?

— O quê?

— Tenho pensado nisso... — Ela já estava deslizando para aquele local crepuscular que fica no limiar do sono, e sua voz ficou grossa e pastosa. — Será que tudo é apenas um lançar de dados, um caldeirão de genes que desliza e se mistura, na união do óvulo com o espermatozoide? Tudo se resume nisso? O que isso nos torna, Roarke, você e eu?

— Sobreviventes — disse ele, mas sabia que ela já dormira. Nós sobrevivemos.

Roarke ainda permaneceu acordado por muito tempo, ouvindo a respiração dela e olhando as estrelas acima da cama. Quando teve a certeza de que ela estava dormindo sem tormentos, permitiu-se segui-la.

Ela foi acordada às sete da manhã por um comunicado que vinha diretamente da sala do comandante Whitney. Ela já esperava que ele a chamasse. Tinha ainda duas horas antes de se apresentar para fazer um relatório pessoalmente.

Não ficou surpresa ao ver que Roarke já estava em pé, vestido e tomando café no nicho que havia no quarto enquanto analisava as ações da Bolsa no monitor. Grunhiu para ele, repetindo a sua saudação habitual, e levou um pouco de café para o box, junto com ela.

Ele estava no *tele-link* quando ela voltou. Seu corretor, ela imaginou, pelos pedaços de conversa e informações soltas que pegou. Ela agarrou um brioche, tentando enfiá-lo na boca às pressas enquanto se vestia, mas Roarke agarrou-a pela mão e a obrigou a se sentar no sofá.

— Eu te ligo de volta ao meio-dia — avisou ao corretor, e então desligou a transmissão. — Qual é a pressa? — perguntou a Eve.

— Preciso me encontrar com Whitney em uma hora e meia, e convencê-lo de que existe uma ligação entre três vítimas distintas, pedir-lhe que me deixe pesquisar isso mais a fundo e torcer para que aceite os dados aos quais tive acesso ilegalmente. Depois, estou com audiência marcada no tribunal, de novo, para testemunhar contra um cafetão safado que dirigia um prostíbulo sem licença, só de menores, e surrava as meninas até matá-las com as próprias mãos. Ele precisa ir para a cadeia, e ficar lá até apodrecer.

Ele a beijou de leve, comentando:

— Apenas um dia de trabalho comum para você. Coma alguns morangos.

Reconhecendo a fraqueza que tinha por morangos, Eve pegou um na tigela e perguntou a Roarke:

— A gente não tem nenhum... você sabe... *compromisso agendado* para hoje à noite, tem?

— Não. O que tem em mente?

— Estava pensando que a gente podia tirar a noite para ficar um tempo juntos — e levantou os ombros —, a não ser que eu esteja sendo interrogada e levando uma esculhambação por violar normas de segurança do governo.

— Você deveria ter deixado que eu fizesse isso para você — e sorriu para ela. — Com algum tempo, eu ia acabar conseguindo acessar todos aqueles dados daqui mesmo.

— Não me diga uma coisa dessas! — e fechou os olhos. — Não quero saber de nada a respeito disso.

— E o que você diria de ficarmos só assistindo a filmes antigos e comendo pipoca, agarradinhos no sofá?

— Diria "obrigada, meu Deus!".

— Está combinado então — e completou a xícara de café de Eve. — Talvez eu consiga até mesmo que jantemos juntos. Esse caso, ou melhor, *esses casos* estão deixando você preocupada.

— E que não consigo um gancho, um ponto focal. Não existe um *porquê*, não há *como*. *A não ser* pelo companheiro de Fitzhugh e pela sócia dele, ninguém nesse caso jamais deu um passinho que fosse fora da linha. E mesmo assim aqueles dois são apenas idiotas — e mexeu com os ombros. — Suicídio não é considerado caso de homicídio, só que esses aqui estão *me parecendo* homicídio — bufou, com ar de nojo —, e se eu chegar lá só com isso nas mãos para convencer Whitney, vou ter que sair de lá massageando a bunda, depois de o comandante ter feito um número de sapateado em cima dela.

— Você confia em seus instintos. Ele me parece o tipo de homem esperto o bastante para confiar neles também.

— Vamos descobrir isso logo.

— E se eles a prenderem, querida, vou ficar esperando por você aqui fora, enquanto cumpre sua sentença.

— Rá-rá...

— Summerset me disse que você teve visitas ontem à noite.

— Ah, merda, eu esqueci! — Deixando o robe cair no chão, ela ficou andando de um lado para outro, nua, em busca de roupas. Era um processo que Roarke jamais deixava de admirar. Ao encontrar uma blusa simples, azul, de algodão, enfiou-a sobre o corpo. — Recebi dois caras aqui em casa para uma rápida orgia, depois do trabalho.

— E tiraram fotos?...

Ela riu e encontrou um jeans, porém, lembrando-se da audiência no tribunal, preferiu um par de calças feitas sob medida.

— Leonardo e Jess foram as pessoas que estiveram aqui. Eles estão querendo um favor. De você.

Roarke observou quando Eve começou a enfiar as calças, e só então se lembrou das calcinhas. Abriu uma gaveta, na maior correria.

— Oh-oh... — reagiu Roarke. — Um favor de mim? Isso vai doer?

— Acho que não. E também, para falar a verdade, eu estou assim, tipo a favor da ideia. Eles estavam pensando em oferecer uma festa para Mavis aqui. Colocá-la para se apresentar ao vivo. O disco demo ficou pronto. Eu o assisti ontem à noite e ficou, realmente, muito bom. Seria uma chance de ela fazer uma espécie de *première* do material, antes de eles começarem a oferecê-lo e distribuí-lo.

— Tudo bem. Provavelmente poderíamos marcar isso para daqui a uma ou duas semanas. Vou verificar a minha agenda.

— Simples assim? — Semivestida, ela se virou para ele.

— Por que não? Isso não é problema!

— Eu achava que ia ser obrigada a tentar persuadir você a aceitar — e fez um biquinho.

— Gostaria de fazer isso? — perguntou ele, com a expectativa da resposta iluminando seus olhos.

— Olhe, na verdade eu estou muito grata por isso — e fechou a calça, mantendo o rosto impassível. E já que você está sendo assim tão cordato, talvez seja o momento de atingi-lo com a segunda parte da história.

De forma distraída, ele se serviu de mais um pouco de café e lançou um rápido olhar para o monitor enquanto os relatórios agrícolas das safras colhidas fora do planeta começaram a aparecer. Roarke, recentemente, comprara uma minifazenda na Estação Espacial Delta.

— E qual é a segunda parte?

— Bem, é que Jess trabalhou muito na produção deste número. Ele o mostrou para mim na noite passada — e olhou para Roarke, inventando a história enquanto ia contando. — É um dueto, muito forte e expressivo. E nós pensamos que, durante a festa, na parte ao vivo da apresentação, você poderia fazer isso no palco, junto com Mavis.

Ele piscou e subitamente perdeu todo o interesse em safras agrícolas.

— Fazer o quê com Mavis?

— Cantar. Na verdade, a ideia foi minha — continuou ela, quase desistindo da brincadeira quando o viu empalidecer por completo. — Você tem uma boa voz. No chuveiro, pelo menos. O seu lado irlandês surge. Eu mencionei este fato e Jess achou a ideia fabulosa.

Ele tentou fechar a boca, mas não foi fácil. Lentamente, esticou o braço para desligar o monitor, dizendo:

— Eve...

— Sério, seria o máximo! E Leonardo já teve até uma tremenda ideia para usar na sua fantasia.

— Na minha... — profundamente abalado, Roarke se levantou. — Você quer que eu use uma fantasia e cante uma música em dueto com Mavis? Em público?

— Significaria tanto para ela... Pense só nas manchetes que ela ia conseguir!

— Manchetes... — Agora ele ficara branco de vez. — Por Deus, Eve...

— E é um número bem sexy... — Testando ambos, ela se aproximou dele e começou a brincar com os botões de sua camisa enquanto olhava com ar esperançoso para ele. — Isso ia levá-la direto para o topo.

— Eve, eu gosto muito dela, gosto mesmo. Só que eu não acho que...

— Você é uma pessoa tão importante... — e deixou os dedos deslizarem lentamente pelo centro do peito dele, sempre para baixo. — Tão influente e tão... bonito e sensual.

Isso foi exagerado demais. Ele apertou os olhos e percebeu o sorriso que bailava dentro dos dela.

— Você está me zoando!...

Ela soltou uma gargalhada, dizendo:

— E você caiu direitinho! Olha, precisava ver a cara que você fez! — e cutucou a barriga dele com a ponta do indicador, soltando um grito quando ele torceu-lhe a orelha. — Eu ia acabar convencendo você a fazer isso.

— Duvido muito... — Sem estar totalmente seguro de si mesmo, ele se virou para o outro lado e voltou a procurar o café para se servir de mais um pouco.

— Eu conseguiria sim. Você teria topado se eu jogasse a rede direitinho. — Quase se dobrando de tanto rir, ela jogou os braços em volta dele, abraçando-o pelas costas. — Ah, Roarke, eu amo você!...

Ele ficou rígido enquanto a emoção de ouvir aquilo atingiu-lhe o coração como um soco. Abalado, ele se virou para trás e segurou-a pelos dois braços.

— Que foi? — o riso sumiu do rosto de Eve. Ele parecia atordoado e seu olhar ficou escuro e ardente. — O que houve?

— Você nunca fala isso! — Sentindo-se inundado por dentro, ele a puxou para junto dele e

enterrou o rosto entre seus cabelos. — Você nunca fala isso! — repetiu.

Ela não podia fazer mais nada, a não ser segurá-lo, trêmula ao sentir as emoções que pulsavam, vindas dele. *De onde será que veio isso?*, ela se perguntou. *Onde ele escondera tudo isso?* — Mas eu já falei isso sim. Claro que falei!

— Não desse jeito. — Ele não sabia o quanto precisava ouvi-la dizer aquilo, daquele jeito. — Nunca falou assim, sem eu ter que forçar a barra. Nunca sem pensar muito, antes de falar.

Ela abriu a boca para negar aquilo, mas reconheceu. O que ele estava dizendo era verdade, e era tolice, covardia.

— Sinto muito, Roarke. É difícil para mim. Eu realmente amo você — disse, baixinho. — Às vezes fico apavorada porque você foi o primeiro homem que eu amei. E o único.

Ele a segurou com força, até ter certeza de que ia conseguir falar. Depois, afrouxou o abraço e a afastou um pouco para trás, olhando-a nos olhos.

— Você mudou a minha vida. Transformou-se na minha própria vida — e tocou os lábios dela com os dele, deixando o beijo se aprofundar lentamente, de forma suave. — Eu preciso de você!

Ela apertou-lhe o pescoço com os braços e se chegou ainda mais perto.

— Então me mostre... Agora.

CAPÍTULO ONZE

Eve saiu para o trabalho assobiando uma canção. Ela sentia seu corpo leve, mas forte, e sua mente descansada. Quando o carro pegou na primeira tentativa, viu aquilo como um bom presságio, e o controle de temperatura ficou estável em agradáveis vinte e dois graus.

Ela se sentia preparada para encarar o comandante e convencê-lo de que tinha um caso nas mãos para investigar.

Então, chegou à esquina da Quinta Avenida com a Rua Quarenta e Sete e caiu em um engarrafamento. O tráfego de terra estava parado, os veículos aéreos ficavam circulando como urubus e ninguém estava dando a mínima para as leis contra poluição sonora. Buzinas, gritos, xingamentos e urros subiam pelo ar e ecoavam. No instante em que ela parou, seu controle de temperatura subiu direto para a marca dos trinta e cinco graus.

Eve saltou do carro enfurecida e se enfiou na confusão.

As carrocinhas com comestíveis tiravam vantagem da situação, e deslizavam através e sobre o nó que se formara, fazendo grandes negócios com a venda de pedaços de fruta congelada e café. Ela não se deu ao trabalho de exibir o distintivo para um dos vendedores ambulantes para lembrá-lo de que vendas fora da calçada não eram permitidas por lei. Em vez disso, chegou junto de um deles, comprou uma lata de Pepsi e perguntou que diabos estava acontecendo.

— É uma passeata de partidários da Família Livre. — Com os olhos correndo de um lado para outro em busca de mais clientes, ele enfiou as fichas de crédito em um recipiente próprio. — Estão protestando contra a cultura do consumo em excesso. Centenas deles estão espalhados ao longo da Quinta Avenida, como uma fita comprida. Estão cantando. Quer um brioche de trigo para acompanhar a Pepsi? Estão fresquinhos.

— Não.

— Vou ficar aqui por mais um tempinho — avisou ele, enquanto entrava em sua carrocinha para circular pelo tráfego parado.

— Filho da mãe... — Eve avaliou o cenário. Estava bloqueada por todos os lados, por veículos que tentavam passar. Parecia que sinos badalavam em seus ouvidos, e o calor dentro do carro transformava-o em uma fornalha.

Entrou novamente no veículo, deu um soco no painel de controle e conseguiu que a temperatura baixasse de repente até o nível de refrescantes quinze graus. Acima dela, um dirigível para turistas passava lentamente. Cheio de gente com os olhos arregalados.

Mesmo sem levar muita fé no seu carro, Eve apertou o botão para colocá-lo na vertical e ligou a sirene. O barulho era alto, mas não era páreo para a cacofonia de ruídos. Mesmo assim, ela conseguiu subir, aos trancos e barrancos. Suas rodas deixaram de atingir o teto do carro da frente

por centímetros, mas continuou, tossindo e engasgando, a caminho dos céus.

— Sua próxima parada vai ser em uma pilha de lixo para reciclagem, eu juro! — resmungou ela para o carro, enquanto ligava o comunicador. — Peabody, que diabos está acontecendo?

— Senhora... — Peabody apareceu na tela, com os olhos imperturbáveis e os lábios sem expressão. — Imagino que a senhora já notou o engarrafamento provocado pelo protesto na Quinta

Avenida.

— Esse protesto não foi anunciado. Sei muito bem que esta passeata não estava nos avisos da polícia para esta manhã. Eles não podem ter conseguido uma autorização para sair.

— Os partidários da Família Livre não pedem autorizações, senhora — e pigarreou enquanto Eve rugia. — Sugiro que a senhora vá para oeste, pois terá melhor sorte vindo pela Sétima Avenida. O tráfego está pesado por lá, mas está se movendo. Se der uma olhada no sistema que informa o fluxo de carros no seu painel...

— Tá... Como se isto estivesse funcionando nessa lata velha. Ligue para o setor de manutenção e avise-os que vou fazer picadinho deles. Depois, entre em contato com o comandante e avise que talvez eu me atrase um pouco para a reunião com ele. — Enquanto falava, Eve lutava quase corpo a corpo com o carro, que dava mergulhos repentinos e fazia com que pedestres e outros motoristas olhassem para cima, apavorados. — Diga-lhe que, se eu não despencar em cima de alguém, devo chegar aí daqui a vinte minutos.

Ela evitou, por pouco, a colisão com a ponta de um cartaz holográfico que apregoava as delícias de um avião particular. Ela e o Jet Star seguiram em direções opostas, com diferentes graus de sucesso. Eve bateu no meio-fio ao aterrissar na Sétima Avenida, e deu razão ao executivo engravatado que acionou os skates aéreos antes de ser atingido por ela, e ficou lhe atirando um monte de desaforos.

Mas eu nem cheguei a encostar nele, ou encostei?, perguntou-se.

Estava aproveitando o momento de alívio para dar uma respirada quando seu comunicador avisou, com som estridente:

— Todas as unidades! Todas as unidades! Sigam para a Sétima Avenida, terraço do Edifício Tattler, na esquina com a Rua Quarenta e Dois. Código 1217! Atendam ao chamado de imediato! Mulher ainda não identificada, pode estar armada!

Código 1217, pensou Eve. Ameaça de suicídio. Mas que diabos estava acontecendo?

— Emergência, aqui fala a tenente Eve Dallas. Meu tempo estimado para chegada ao local é de cinco minutos.

Tornando a ligar a sirene, ela acionou a marcha de posição vertical do carro, mais uma vez.

O Edifício Tattler, sede do tabloide mais popular do país, era muito brilhante e novo. Os prédios que ficavam naquele lugar haviam sido arrasados nos anos 30 do século vinte e um pelo Programa de Embelezamento Urbano, que era apenas um eufemismo para a deterioração total da infraestrutura e o frenesi de obras que foram a praga da cidade de Nova York durante aquele período.

Ele se elevava como uma lança prateada de aço, era circundado por passarelas aéreas e passagens deslizantes e rebrilhava como o restaurante ao ar livre que se espalhava em volta, na calçada.

Eve estacionou em fila dupla, pegou seu kit de trabalho e foi forçando a passagem entre a multidão que se acotovelava na calçada. Ao exibir o distintivo para o guarda de segurança, notou

que ele soltou o ar, aliviado.

— Graças a Deus! Ela está lá em cima, mantendo todos a distância com um spray antiassalto. Atingiu Bill bem nos olhos quando ele tentou agarrá-la.

— Quem é ela? — quis saber Eve, enquanto andava a passos largos em direção ao hall dos elevadores internos.

— Cerise Devane. Ela é a dona dessa porcaria de lugar!

— Devane? — Eve a conhecia vagamente. Cerise Devane, presidente da Tattler Enterprises, uma daquelas pessoas privilegiadas e influentes que frequentavam os mesmos círculos sociais de Roarke. — Quer dizer que Cerise Devane está no terraço do prédio, ameaçando saltar? Que significa isso, algum tipo de golpe publicitário para aumentar as vendas do jornal dela?

— Para mim, parece bem real — e soprou o ar das bochechas.

— Ela está peladona, ainda por cima. Isso é tudo o que eu sei — explicou o guarda enquanto o elevador subia. — Foi o assistente dela que deu o alarme. Frank Rabbit é o seu nome. A senhora pode conseguir mais informações com ele, se já tiver recobrado a consciência. O cara teve um chilique e desmaiou quando ela pulou a mureta e ficou do lado de fora do prédio, sobre a saliência. Foi o que ouvi falar.

— Já chamaram um psiquiatra?

— Alguém chamou o psiquiatra da empresa. Ele está lá em cima agora, e um especialista em tentativas de suicídio já está a caminho. Os bombeiros estão chegando... e o resgate aéreo também já foi chamado. O problema é que está tudo parado. Tem um engarrafamento-monstro na Quinta Avenida.

— É... Eu que o diga...

As portas se abriram no terraço e Eve deu de cara com uma brisa leve e refrescante que não conseguira penetrar pelas paredes de edifícios gigantescos que desciam até os vales profundos representados pelas ruas. Deu uma olhada em toda a volta.

A sala de Cerise estava instalada no terraço. Bem no meio dele, para usar de precisão. Paredes inclinadas, todas de vidro tratado, formavam uma espécie de pináculo de cristal que permitia à presidente da companhia uma visão de trezentos e sessenta graus da cidade e das pessoas que ela adorava expor em seu jornal.

Através do vidro, Eve podia ver os objetos de arte, a decoração e os equipamentos designados para formar um escritório altamente sofisticado. Sobre o sofá em forma de "U", um homem estava estirado, com uma compressa sobre a testa.

— Se aquele é Frank Rabbit, diga a ele para se recompor e vir até aqui fora, a fim de me informar dos detalhes. E leve qualquer pessoa que não seja essencial para fora deste terraço. E mande abrir um espaço na calçada entulhada de gente. Se ela pular, não precisa esmagar os manes que estão olhando pra cima.

— Não tenho homens em quantidade suficiente para isso — começou o guarda.

— Traga Rabbit até aqui, agora! — repetiu ela, e ligou para a Central de Polícia. — Peabody, aconteceu uma situação imprevista.

— Já soube. Do quê está precisando com mais urgência?

— Venha até aqui, envie uma unidade de dispersão de multidões para afastar todas aquelas pessoas da calçada. Traga todos os dados disponíveis sobre Cerise Devane. Veja se Feeney consegue acessar os dados dos *tele-links* dela, tanto os pessoais quanto os de casa e os portáteis, nas últimas vinte e quatro horas. E agite isso tudo bem depressa!

— Já fui! — respondeu Peabody, desligando.

Eve se virou e viu o guarda amparando um homem e trazendo-o na direção dela. Só faltava carregá-lo no colo. A gravata de Rabbit estava afrouxada, seu cabelo estiloso estava todo embolado e espetado. Suas mãos, maravilhosamente bem tratadas, tremiam.

— Diga-me exatamente o que aconteceu! — ordenou ela. — Fale depressa e seja bem claro. Quando acabar de me contar e eu o liberar, pode desmaiar à vontade.

— Ela simplesmente... simplesmente foi para o lado de fora da sala... — Sua voz ficava aguda e perdia o tom a todo momento, e ele se apoiava com força no braço do guarda, que continuava a ampará-lo. — Parecia tão feliz! Estava quase dançando. Ela... Ela arrancara toda a roupa. Tirara tudo!

Eve levantou uma sobrancelha. No momento, Rabbit parecia mais chocado pelo surto exibicionista de sua chefe do que pela possibilidade de sua morte.

— O que a levou a fazer isso?

— Não sei. Juro, não faço a mínima ideia! Ela mandou que eu chegasse mais cedo hoje, às oito horas. Estava chateada por causa de um dos processos. Somos processados o tempo todo. Ela estava fumando, tomando café sem parar e andando de um lado para outro. De repente, mandou que eu fosse avisar ao Departamento Legal para manter os processos em banho-maria e avisou que ia tirar alguns minutos para relaxar e se recompor.

Parou, cobriu o rosto com as mãos e continuou:

— Quinze minutos depois, ela saiu de sua sala, sorrindo e... e nua! Eu me senti tão atordoado com aquilo que simplesmente fiquei ali, sentado. Simplesmente sentado. — Seus dentes começaram a bater uns contra os outros. — Eu jamais a vira sequer sem os sapatos!

— Estar pelada não é o maior problema dela no momento. — Eve apontou para fora da mureta. — Ela falou com você, disse alguma coisa?

— Eu... bem, eu estava tão atordoado, entende, que falei alguma coisa do tipo "senhorita Devane, o que está fazendo? Há algo errado?", e ela simplesmente riu. Disse que tudo estava perfeito. Falou que já resolvera todos os problemas e tudo estava maravilhoso. Avisou que ia apenas ficar sentada por alguns minutos na saliência externa e depois ia pular. Achei que ela estava brincando, e fiquei tão nervoso que dei uma risadinha.

Seus olhos pareceram aterrorizados enquanto contava o resto.

— Eu ri, e então vi quando ela foi até a mureta, na ponta do terraço. Meu Deus! Ela simplesmente saltou para fora! Pensei que ela tinha pulado para a morte e corri até lá. Lá estava ela, sentada na saliência do prédio, balançando as pernas e cantarolando. Pedi insistentemente que ela voltasse, antes que perdesse o equilíbrio. Ela apenas riu e jogou um pouco do spray em meus olhos, disse que acabara de encontrar o seu ponto de equilíbrio e me mandou sair dali, como um bom menino.

— Ela recebeu alguma chamada ou ligou para alguém?

— Não. — Ele passou a mão pela boca. — Qualquer chamada para ela passaria pela minha mesa.

Ela vai pular, pode ter certeza. Ela se debruçou por completo quando eu estava olhando, quase despencou naquela hora. E disse que seria uma viagem maravilhosa. Ela vai pular...

— Vamos ver... Fique por perto. — Eve se virou. O psiquiatra da companhia era fácil de reconhecer. Vestia um jaleco branco que ia até os joelhos e usava uma calça preta estreita nos tornozelos. Seus reconfortantes cabelos brancos estavam presos em uma trança benfeita, e ele

estava debruçado na mureta do terraço, com uma postura que transmitia ansiedade.

Enquanto se aproximava dele, Eve começou a xingar baixinho ao ouvir o barulho dos helicópteros acima dela, e a seguir amaldiçoou a mídia, mais uma vez, ao avistar a primeira van de reportagens aéreas. Canal 75, naturalmente, refletiu. Nadine Furst era a primeira a colocar o pé na pista assim que ouvia o tiro de largada.

O psiquiatra se colocou mais ereto e alisou a trancinha para aparecer diante das câmeras. Eve decidiu que ia detestá-lo.

— Doutor? — ela exibiu-lhe o distintivo e notou a indisfarçável empolgação em seus olhos. Tudo o que Eve conseguiu pensar foi que uma companhia com o tamanho e a força da Tattler deveria ter condições de contratar um profissional melhor.

— Tenente, acredito que estou conseguindo alguns progressos com a paciente.

— Mas ela ainda está na saliência do prédio, não está? — apontou Eve, e ficou ao lado dele, debruçando-se também. — Cerise? — chamou ela.

— Mais companhia?

Magra e bonita, com uma pele que tinha um tom rosado e pernas bem-torneadas que balançavam alegremente, Cerise olhou para cima. Seus cabelos eram pretos como carvão, com ondulações bem-cuidadas que tremulavam na brisa. Tinha um rosto astuto, inteligente e penetrantes olhos verdes. Só que, naquele momento, os olhos pareciam distantes e sonhadores.

— Ora... Você é a Eve, não é? Eve Dallas, a famosa noiva. Seu casamento foi lindo, por sinal. Realmente foi o evento social mais importante do ano. Mobilizamos milhares de unidades para fazer a cobertura.

— Que bom para vocês...

— Sabe de uma coisa, fiquei com os departamentos de busca e pesquisa tentando de mil formas conseguir o itinerário da lua de mel de vocês. Acho que só mesmo o Roarke teria conseguido fugir tão completamente da mídia — e balançou o dedo indicador como quem está dando uma bronca, de brincadeira, e seus seios joviais balançaram junto. — Vocês deviam ter compartilhado a viagem com a gente, pelo menos um pouquinho. O público estava louco para saber.

Deu uma gargalhada ao dizer isso, resvalou para a frente e quase perdeu o equilíbrio, dizendo:

— Opa... Ainda não... Estamos todos morrendo de vontade de saber... Está muito divertido isso aqui, não quero que acabe tão depressa. — Ajeitando o corpo e ficando com as costas retas, acenou para os helicópteros da mídia. — Normalmente eu odeio o pessoal da mídia em vídeo. Não consigo descobrir por quê, no momento. Amo vocês todos! — gritou, abrindo os braços.

— Que bonito, Cerise! Agora, por que não volta aqui para cima por um minuto? Vou lhe passar algumas informações sobre a lua de mel. Com exclusividade.

— Hã-hã... — Cerise fez que não com a cabeça e sorriu de forma astuta. A recusa foi em tom de brincadeira novamente, acompanhada de uma risadinha. — Por que não vem você aqui para fora e se junta a mim? Você pode descer comigo. Pode acreditar, é o máximo!

— Olhe, senhorita Devane — começou o psiquiatra —, todos têm seus momentos de desespero. Eu a compreendo, estou com a senhorita. Sou capaz de ouvir os seus pesares.

— Ah, enfia os meus pesares! — e Cerise desvencilhava-se dele com um gesto. — Estou conversando com Eve. Venha até aqui, querida, mas não chegue muito perto! — e balançou a lata de spray, dando risadinhas. — Venha fazer parte dessa festa!

— Tenente, eu recomendo que a senhora não...

— Cale a boca e vá procurar a minha assistente! — ordenou-lhe Eve enquanto passava uma perna por cima da mureta de aço que circundava o terraço e se esticava devagar, até alcançar a saliência.

O vento não parecia assim tão agradável quando a pessoa estava com as pernas balançando a setenta andares da rua, sentada em uma saliência de metal com apenas sessenta centímetros de largura. Ali o ar fustigava-lhe o rosto e formava redemoinhos à sua volta, ajudado pelo efeito das hélices dos helicópteros e vans aéreas. Ele batia nas roupas e chicoteava a pele. Eve ordenou a seu coração que parasse de pular descompassado e grudou as costas na parede do prédio.

— Não é lindo? — suspirou Cerise. — Eu adoraria poder tomar um pouco de vinho agora; e quanto a você? Não, vinho não... Uma imensa taça de champanhe. Aquela da reserva de Roarke, safra de A7, cairia muito bem no momento.

— Acho que temos uma caixa fechada em casa. Vamos até lá para abri-la.

Cerise riu, virou a cabeça e tornou a dar um sorriso amplo. E foi aquele sorriso, Eve percebeu, enquanto seu coração voltava a disparar, que ela vira no rosto de um rapaz pendurado em uma forca improvisada.

— Eu já estou bêbada de tanta felicidade! — explicou Cerise.

— Se está tão feliz, por que está sentada nua na saliência estreita de um prédio, pensando em dar o último salto de sua vida?

— Porque é isso que está me deixando feliz! Não sei como é que você não consegue compreender... — Cerise levantou o rosto para o céu e fechou os olhos. Eve se arriscou e se aproximou alguns centímetros dela. — Não sei por que ninguém consegue compreender. É tão lindo! Tão emocionante! É... é tudo!

— Cerise, se você cair, não vai ser nada. Tudo vai ter acabado!

— Não, não, não... — Abriu os olhos novamente, e eles estavam vidrados. — Isso é apenas o começo, não entende? Ah, todos nós somos tão cegos!

— O que quer que esteja errado, pode ser consertado. Garanto que sim. — Com todo o cuidado, Eve colocou a mão no braço de Cerise. Não o apertou, pois não queria arriscar. — A sobrevivência é o que conta. Você pode modificar as coisas, pode torná-las melhor, mas tem que sobreviver para alcançar isso.

— Você sabe o trabalho que isso dá? E de que adianta quando há tanto prazer logo ali, à espera de nós. Eu me sinto tão bem... Não faça isso! — rindo, Cerise apontou o spray para o rosto de Eve. — Não estrague tudo agora. Estou me divertindo à beça.

— Tem gente que está muito preocupada neste instante com você, Cerise. Você tem uma família, que a ama muito. — Eve fazia força para se lembrar dela. Será que havia algum filho, um marido, pais? — Se fizer isso, Cerise, você vai magoá-los.

— Só até eles compreenderem. Está chegando o tempo em que todos vão poder compreender. Tudo vai ficar melhor então. Tudo vai ser lindo! — Olhou para Eve bem nos olhos, com um ar sonhador e aquele sorriso feliz e aterrorizante nos lábios. — Venha comigo! — e agarrou a mão de Eve, com toda a força. — Vai ser maravilhoso. Tudo o que tem a fazer é se soltar...

Um suor frio começou a serpentear pelas costas de Eve. A mão da mulher parecia um torno, e se Eve começasse a lutar para se soltar, poderia ser o fim de ambas. Forçou-se a não oferecer resistência, tentou ignorar o vento que rodopiava em volta dela e o zumbido das vans aéreas documentando cada movimento.

— Eu não quero morrer, Cerise — disse Eve, com toda a calma. — ... E nem você. Suicídio é

só para os covardes.

— Não, é para os exploradores. De qualquer modo, você é que sabe... — Cerise deu um tapinha na mão de Eve, largou-a e deu uma gargalhada forte na direção do vento. — Ah, meu Deus, estou tão feliz! — disse novamente e, abrindo os braços totalmente, inclinou-se para a frente e se lançou no espaço.

Por instinto, Eve tentou agarrá-la. Quase perdeu o equilíbrio quando as pontas dos dedos tocaram o quadril de Cerise. Atirou-se para o lado e lutou contra a corrente de ar que a puxava, convidando-a a seguir Cerise. A gravidade trabalhou depressa e sem pena. Eve olhou para baixo, para aquele rosto que sorria de modo selvagem, até que ele se transformou em um borrão.

— Meu Deus! Meu Deus! — Tonta com a reação, ela forçou a cabeça para trás e fechou os olhos. Berros e gritos de desespero explodiram em volta dela, e ela sentiu o deslocamento de ar de uma van com repórteres que se aproximavam para um close de seu rosto.

— Tenente!... Dallas!

A voz parecia um zumbido de abelha em seus ouvidos, e Eve simplesmente balançou a cabeça.

No terraço, Peabody olhava para baixo e lutava contra o enjoo que lhe subia até a garganta. Tudo o que conseguia ver agora era que Eve estava paralisada, presa na saliência do prédio, branca como um lençol, e um movimento em falso a lançaria atrás da mulher que tentara salvar. Respirando fundo, Peabody ensaiou mentalmente o tom de voz para que saísse com um jeito determinado e profissional.

— Tenente Dallas, preciso que venha até aqui. Exijo um relato completo do que acaba de ocorrer!

— Sim, estou ouvindo!... — disse Eve, com a voz cansada. Mantendo o rosto reto, olhando para a frente, ela apalpou por trás das costas até alcançar a borda da mureta. Quando uma mão se enganchou na dela, conseguiu se colocar em pé. Virando as costas para o abismo, ela olhou de frente para Peabody, e viu o medo que havia em seus olhos. — A última vez em que pensei em pular de um lugar alto foi quando tinha oito anos. — Embora suas pernas estivessem trêmulas, ela conseguiu lançá-las por cima da mureta e pulou no terraço. — Não vou descer por aquele caminho.

— Nossa, Dallas! — Esquecendo-se de si mesma por um instante, Peabody deu um abraço apertado em Eve. — Você me deu um tremendo susto! Achei que ela ia carregar você, quando se jogou.

— Eu também. Mas ela não fez isso. Agora se controle, Peabody. A mídia vai ter um dia e tanto!

— Desculpe... — Peabody se afastou de Eve e ficou ligeiramente corada. — Desculpe.

— Tudo bem. — Eve olhou para o lugar onde o psiquiatra estava debruçado, sobre a mureta, com uma das mãos no coração, posando para as atarefadas câmeras. — Babaca! — murmurou, e enfiou as mãos dentro dos bolsos. Ela precisava de apenas um minuto, só mais um minuto para se refazer. — Eu não consegui impedi-la, Peabody. Não consegui achar o botão certo para apertar.

— Às vezes não há um botão.

— Há um botão que foi apertado para colocá-la naquele estado — disse Eve, baixinho. — Deve haver um para ser desligado.

— Sinto muito, Dallas. Você a conhecia.

— Na verdade, não. Era apenas uma dessas pessoas que passam por uma das esquinas da sua vida — e tentou deixar o assunto de lado, *tinha* que deixá-lo de lado. A morte, embora fosse um

fim, sempre deixava responsabilidades para trás. — Vamos ver o que temos aqui. Conseguiu achar o Feeney?

— Afirmativo. Ele entrou nos *tele-links* dela, lá da sala dele mesmo, e disse que ia analisá-los pessoalmente. Eu baixei os arquivos sobre a vítima, mas não tive tempo de imprimi-los.

As duas foram caminhando na direção do escritório. Através do vidro, dava para ver Rabbit sentado, com a cabeça entre os joelhos.

— Faça-me um favor, Peabody. Passe aquele trapo humano para um policial, para um depoimento formal. Não quero lidar com ele neste momento. Vamos ver se conseguimos descobrir que diabos ela estava fazendo que acendeu essa luzinha suicida dentro dela.

Peabody entrou, obrigou Rabbit a se levantar e o entregou a outro policial em segundos. Com eficiência implacável, despachou todo mundo, limpou a sala e trancou as portas externas.

— O escritório é todo nosso, senhora.

— Já não mandei que você parasse de me chamar de senhora?

— Sim, senhora — respondeu Peabody com um sorriso que, esperava, ia ajudar a levantar o astral, que estava pesado.

— Tem uma pessoa metida a engraçadinha dentro do seu uniforme, sabia? — Eve soltou o ar com força. — Ligue o gravador, Peabody.

— Já está ligado.

— Tudo bem, aqui está ela. Chegou cedo, está pau da vida. Rabbit avisou que ela ia se ferrar por causa de um processo. Consiga dados sobre isso. — Enquanto falava, Eve vagueava pela sala, absorvendo os detalhes. Havia esculturas em bronze. A maioria era de figuras mitológicas. Eram peças com muito estilo. Um carpete azul, bem espesso, para combinar com o céu, a mesa em tons rosados com um brilho de espelho. Equipamento de escritório elegante, moderno e pintado no mesmo tom pastel. Uma imensa urna de cobre explodia com flores exóticas, e Eve notou um par de pequenas árvores plantadas em potes.

Cruzou a sala em direção ao computador, pegou o cartão-mestre em seu kit de trabalho e exigiu o relatório da última vez em que ele fora usado.

Último uso, 08:10 da manhã, chamada relacionada com o arquivo 3732-L, do Departamento Legal, Custler versus Tattler Enterprises.

Esse devia ser o tal processo que a deixara tão pau da vida — concluiu Eve. — Bate com a declaração de Rabbit. — Olhou para o cinzeiro de mármore que estava com meia dúzia de guimbas de cigarro. Usando pinças, ela pegou uma delas e a examinou. — Tabaco caribenho com filtro trançado. Muito caro. Guarde como prova.

— Você acha que o tabaco pode estar turbinado com alguma coisa?

— Ela estava turbinada com alguma coisa. Seus olhos me pareceram estranhos. — Eve sabia que não poderia esquecê-los por muito, muito tempo. — Vamos torcer para que tenha sobrado o bastante aqui para um exame toxicológico. Pegue uma amostra daquele restinho de café também.

Eve não tinha esperanças, porém, de que eles fossem encontrar de fato o que estavam procurando no tabaco nem no café. Não havia traço algum de drogas químicas em nenhum dos outros suicídios.

— Os olhos dela me pareceram muito estranhos — repetiu. — E aquele sorriso... Já vi um sorriso como aquele antes, Peabody. Mais de duas vezes agora.

Enquanto enchia o saco plástico com as provas, Peabody olhou para Eve.

— Você acha que este suicídio tem ligação com os outros?

— Acho que Cerise Devane era uma mulher bem-sucedida e ambiciosa. Vamos seguir os procedimentos normais para casos como este, mas sou capaz de apostar que não vamos encontrar motivos para suicídio. Ela mandou Rabbit sair — continuou Eve, andando pelo escritório. Chateada com o barulho constante que vinha de cima, olhou para o alto e fez uma cara azeda para a van aérea que continuava rondando o local. — Veja se consegue encontrar os protetores de privacidade desta sala e ative-os. Estou cheia desses babacas!

— Será um prazer! — Peabody saiu em busca do painel de controle. — Acho que avistei Nadine Furst em um dos helicópteros. Do jeito que estava debruçada, com metade do corpo para fora, foi sorte estar usando o cinto de segurança, senão ia acabar virando manchete do próprio noticiário.

— Pelo menos ela vai noticiar as coisas do jeito que aconteceram — disse Eve, quase que para si mesma, e balançou a cabeça com satisfação quando os painéis protetores deslizaram sobre o vidro, deixando-as isoladas dos olhares externos. — Ótimo! Luzes! — ordenou, e fez o ambiente ficar novamente iluminado. — Ela queria relaxar, ficar numa boa para enfrentar o resto do dia.

Eve deu uma espiada no frigobar, achou refrigerantes, frutas e vinho. Uma das garrafas de vinho fora aberta e depois fechada novamente, a vácuo, e não havia nenhum copo por ali que indicasse que Cerise tivesse começado a beber tão cedo. De qualquer modo, alguns goles não conseguiriam fazê-la ficar com aquele olhar, avaliou.

No banheiro que servia ao escritório, completo e equipado até mesmo com uma banheira de hidromassagem, sauna e tubo de relaxamento, Eve achou um pequeno armário cheio de tranquilizantes, calmantes leves e líquidos revigorantes legalizados. — Era uma grande entusiasta da ajuda química a nossa Cerise — comentou. — Leve tudo para testes!

— Nossa, ela tinha uma farmácia própria! — espantou-se Peabody. — O tubo de relaxamento está marcado para induzir a concentração, e foi usado pela última vez ontem de manhã. Ela não fez a sua viagem zen de hoje...

— Então, o que fez para relaxar? — Eve entrou em um aposento ao lado que parecia uma pequena sala de estar, completa, com unidades de entretenimento, poltrona reclinável e um androide exclusivo para serviços ali.

Um lindo conjunto em tom de verde esmaecido estava cuidadosamente dobrado sobre a mesinha. Sapatos no mesmo tom estavam no chão, sob a mesinha. Joias... uma corrente pesada de ouro, brincos trabalhados artesanalmente e um pequeno relógio gravador sob a forma de um bracelete. Tudo fora cuidadosamente colocado em uma tigela de vidro.

— Ela se despiu aqui. Por quê? Com que propósito?

— Algumas pessoas conseguem relaxar melhor quando não estão confinadas às roupas — comentou Peabody, e então ficou vermelha quando Eve lançou-lhe um olhar de estranheza sobre os ombros. — Foi o que ouvi dizer.

— É... Pode ser... Mas isso não combina com ela. Cerise era uma mulher que se comportava de forma correta e apresentável. Seu assistente me contou que jamais a vira tirar nem mesmo os sapatos, e então, de repente, ela deixa de ser uma nudista enrustida? Acho que não...

Seu olhar pousou nos óculos de realidade virtual que estavam sobre um dos braços da poltrona reclinável.

— Talvez ela tenha feito uma pequena viagem, afinal... — murmurou Eve. — Estava se

sentindo esgotada, queria aparar as arestas mentais, para se acalmar. Então, veio até aqui, se esticou na poltrona, programou algo, colocou os óculos e deu um pequeno passeio.

Eve se sentou na poltrona e pegou os óculos. *Óculos de realidade virtual* refletiu. Fitzhugh e Mathias também haviam feito viagens virtuais antes de se matarem.

— Vou ver onde ela foi, e quando. Ah, e... Peabody... Se eu de repente demonstrar alguma tendência suicida depois de usar os óculos, ou decidir que é melhor relaxar sem o confinamento das minhas roupas, você tenha a bondade de me nocautear na mesma hora. Isto é uma ordem!

— Que será cumprida sem hesitação, senhora.

— Mas você não deve curtir essa missão... — Eve levantou a sobrancelha.

— Vou detestar ter que realizá-la — prometeu Peabody, e cruzou as mãos diante do corpo.

Dando uma risadinha, Eve colocou os óculos.

— Repetir última cena — ordenou ela. — Viu? Bem na mosca! Ela usou os óculos às oito e dezessete desta manhã!

— Dallas, já que é assim, talvez você não deva fazer isso. Podemos levar o equipamento e testá-lo sob condições de controle total.

— Você vai ser o meu controle, Peabody. Se eu lhe parecer feliz demais e resolver viver menos tempo, pode me dar uma paulada. Repetir o último programa apresentado! — tornou a ordenar, e se recostou. — Nossa!... — sussurrou ela quando dois rapazes atraentes vieram caminhando em sua direção. Vestidos apenas com tiras estreitas de couro preto, eles tinham a pele oleosa, eram muito musculosos e estavam em estado de excitação total.

O ambiente era agora uma sala branca, basicamente uma imensa cama, e Eve sentiu a maciez do cetim sob seu corpo despido. Pedacos de gaze caíam do alto e filtravam a suave luz amarelada de um candelabro de cristal cintilante suspenso do teto.

Música, uma melodia baixa e pagã pulsava no ar. Ela estava coberta por uma montanha de travesseiros de penas, e quando tentou se mover, o primeiro dos dois deuses gregos sentou-se com as pernas abertas sobre ela.

— Ei, escute aqui, meu chapa...

— Estou aqui apenas para o seu prazer, mestra — ele cantarolou suavemente e começou a espalhar óleo aromático em seus seios.

Isso não vai acabar bem... pensou ela, enquanto involuntários tremores de prazer surgiam-lhe das entranhas. O óleo foi espalhado sobre a sua barriga, suas coxas e pelas pernas abaixo, até os dedos dos pés.

Dava para ela entender por que uma situação como aquela poderia levar uma mulher a querer se livrar de todas as roupas e sorrir, mas não a desejar tirar a própria vida.

Sai dessa!, ordenou a si mesma e procurou se concentrar em outra coisa. Lembrou do relatório que precisava apresentar ao comandante. Tinha que contar a ele sobre as estranhas manchas no cérebro.

Sentiu dentes que mordiscavam delicadamente seu mamilo, seguidos de uma língua que umedeceu toda a região em volta. Ela arqueou o corpo em reação, mas a mão que estendeu para protestar escorregou em um ombro duro e oleoso.

Então, o segundo garanhão se ajoelhou entre suas pernas e começou a trabalhar nela com a língua.

Ela gozou antes mesmo que tentasse se segurar, sentindo um pequeno espocar de alívio. Ofegante, arrancou os óculos na mesma hora e viu Peabody diante dela com o queixo caído.

— Não era uma caminhada calma por uma praia deserta — conseguiu informar.
— Deu para perceber — disse Peabody. — O que era, exatamente?
— Dois caras praticamente pelados e uma imensa cama coberta de cetim. — Eve soltou o ar e jogou os óculos na poltrona. — Quem poderia imaginar que ela costumava relaxar com fantasias sexuais?

— Ah... Tenente. Senhora... Como sua assistente, creio que é minha responsabilidade testar este objeto também. Para um controle mais consistente das provas.

Eve empurrou a bochecha com a língua, pensativa.

— Peabody, eu não posso permitir que você se sujeite a esse tipo de risco.

— Sou uma policial, senhora. Enfrentar riscos é a minha função.

Eve se levantou, entregou os óculos para Peabody, e seus olhos começaram a brilhar.

— Guarde a prova, policial!

Decepcionada, Peabody jogou os óculos dentro de um saco plástico e o lacrou, reclamando:

— Que droga, Eve! Eles eram bonitos?

— Peabody, pareciam deuses!... — Voltou para a sala principal do escritório e deu mais uma olhada em volta. — Vou mandar os técnicos do laboratório virem até aqui, apesar de achar que eles não vão encontrar nada de estranho. Vou levar o disco que você baixou para a central e entrar em contato com o parente mais próximo, embora a mídia já tenha espalhado as cenas ao vivo para o planeta inteiro.

Pegando o seu kit de trabalho, comentou:

— Eu não me sinto nem um pouco suicida.

— Fico aliviada por ouvir isso, tenente.

Mesmo assim, Eve franziu a testa ao olhar mais uma vez para os óculos e perguntou:

— Quanto tempo eu levei fazendo aquela experiência...? Cinco minutos?

— Quase vinte — e Peabody deu um sorriso ácido. — O tempo voa quando a gente está fazendo sexo.

— Eu não estava fazendo sexo! — A culpa a fez torcer a aliança no dedo. — Não exatamente... Se houvesse alguma coisa para induzir o usuário a fazer algo, eu teria sentido. Como não senti, acho que estamos em um beco sem saída. Mande o aparelho para análise, mesmo assim.

— Farei isso.

— E espere pelos resultados de Feeney. Talvez ele ache algo interessante nas gravações dos *tele-links* dela. Vou me submeter agora ao comandante. Quando acabar com tudo por aqui, leve os sacos lacrados para o laboratório, faça um relatório e envie-o para a minha sala. — Eve foi andando para a porta e lançou um olhar por cima do ombro, completando: — E nada de brincar com as provas, Peabody!

— Estraga-prazeres! — murmurou, ao ver que Eve já não conseguia ouvi-la.

CAPÍTULO DOZE

O comandante Whitney estava sentado atrás da sua pesada e bem organizada mesa e escutava. Apreciava o fato de que a sua tenente sempre oferecia um relatório claro e conciso, e admirava o modo com que conseguia omitir certos detalhes sem pestanejar.

Uma boa policial tinha que permanecer fria sob fogo cerrado. Eve Dallas, ele gostava de reconhecer, era um bloco de gelo.

— Você mandou analisar os dados da autópsia de Fitzhugh fora do departamento.

— Sim, senhor — confirmou ela, sem piscar. — A análise exigia um equipamento mais sofisticado do que a aparelhagem à qual temos acesso no Departamento de Polícia de Nova York.

— E você conseguiu acesso a este equipamento mais sofisticado.

— Sim, consegui obter acesso, na verdade.

— E fez a análise? — perguntou ele, juntando as sobrancelhas. — Ciência da computação não é o seu ponto forte, Dallas.

— Andei trabalhando bastante para melhorar meus talentos nesta área, comandante — afirmou ela, olhando-o bem nos olhos.

Ele duvidava daquilo, é claro.

— Em seguida, consegui também acesso a arquivos do Centro de Segurança do Governo Federal, e, então, relatórios confidenciais caíram em suas mãos.

— Exato! Não gostaria de revelar minha fonte.

— Sua fonte? — repetiu ele. — Você está me dizendo que possui um informante no Centro de Segurança do governo?

— Há informantes em toda parte — comentou Eve, com frieza.

— Isso pode vazar — murmurou ele. — Ou você pode acabar tendo que enfrentar uma subcomissão qualquer em Washington.

— Estou preparada para isso. — O estômago de Eve se contorceu todo, mas sua voz se manteve firme.

— É melhor que esteja... — Whitney se recostou na cadeira, juntou as mãos e bateu com as pontas dos dedos no queixo. — Quanto ao caso do resort Olympus, você também teve acesso aos dados de lá. Isso é um bocado fora de sua jurisdição, tenente.

— Eu estava no local durante o incidente, e enviei um relatório do que encontrei às autoridades espaciais.

— As quais, por sua vez, assumiram o comando do assunto — acrescentou Whitney.

— Tenho autorização para requisitar dados quando um caso externo se relaciona com outro que

eu esteja investigando, comandante.

— Isso ainda precisa ser substanciado.

— Os dados são necessários para que eu consiga substanciar a conexão.

— Isso só cola, Dallas, se houver um homicídio.

— Pois eu acredito que existem quatro homicídios, incluindo o de Cerise Devane.

— Dallas, eu acabei de ver a gravação do incidente. Vi uma policial e uma suicida sentadas na saliência externa de um prédio, vi a policial tentando conversar com a vítima, e vi quando a vítima escolheu pular. Ela não foi empurrada, não foi coagida, não foi ameaçada de forma alguma.

— A minha opinião profissional é que ela foi coagida sim.

— Como?

— Não sei. — E, pela primeira vez, um pouco de frustração escapou de dentro dela. — Mas tenho certeza, estou totalmente certa de que se eles conseguirem raspar uma quantidade suficiente do cérebro dela que ficou espalhado pela calçada nós vamos encontrar a mesma mancha no lobo frontal. Eu sei, comandante! Só não sei como a mancha está chegando lá — e esperou um segundo — ... Ou está sendo colocada lá.

— Você está apresentando a teoria de que alguém está influenciando certos indivíduos para se auto-exterminarem por meio de algum tipo de implante cerebral? — Seus olhos piscaram.

— Não consegui encontrar ligação genética de nenhum tipo entre as vítimas. Não faziam parte do mesmo grupo social, não dividiam a mesma esfera educacional nem afiliação religiosa. Não foram criados na mesma cidade, não bebiam a mesma água e nem mesmo frequentavam as mesmas academias ou salões de beleza. No entanto, todas elas tinham a mesma falha no centro do cérebro. Isso está muito além da coincidência, comandante. Foi provocado, e se, ao ser provocado, serviu para coagir aquelas pessoas a dar um fim às suas vidas, isto é assassinato, e o caso passa a ser meu.

— Você está andando em uma corda bamba, Dallas — disse Whitney, depois de um momento.

— Os falecidos possuem famílias, e as famílias querem que isto tudo seja esquecido. A continuação das suas investigações estica o período de luto dos familiares.

— Sinto muito por isso.

— Estão me fazendo perguntas lá da torre também — acrescentou ele, referindo-se ao secretário de Segurança.

— Estou disposta a apresentar o meu relatório ao secretário Tibble, se isso for exigido. — Ela esperava que isso não acontecesse. — Vou manter o que defini no relatório, comandante. Não sou uma recruta brincando de farejar em um caso encerrado.

— Até mesmo os policiais experientes veem coisas demais, às vezes, e cometem erros.

— Então deixe que eu cometa os meus! — E balançou a cabeça antes de conseguir falar novamente. — Eu estive sobre aquele pedaço estreito do lado de fora do prédio hoje de manhã, comandante. Olhei para o rosto dela e para dentro dos seus olhos quando ela pulou. E eu sei.

Ele cruzou as mãos na beira da mesa. A arte de administrar vivia em luta constante com o compromisso. Ele tinha outros casos para serem resolvidos, e precisava dela neles. O orçamento era apertado, e nunca havia tempo nem mão de obra suficientes.

— Tudo o que posso lhe oferecer é uma semana, nem um dia a mais. Se você não conseguir as respostas certas até lá, quero que feche os casos.

— E quanto ao secretário? — perguntou ela, soltando o ar.

— Vou conversar com ele pessoalmente. Traga-me algo concreto, Dallas, ou se prepare para abandonar os casos e seguir em frente.

— Obrigada, senhor.

— Dispensada! — disse ele, e então acrescentou quando ela já estava na porta: — Ah... e... Dallas... Se você tiver que sair da esfera oficial novamente, para realizar suas... pesquisas, faça as coisas com cuidado. E dê lembranças ao seu marido por mim.

Ela enrubescceu ligeiramente. Ele descobrira quem era a fonte dela, e ambos sabiam disso. Resmungando algo incompreensível, saiu depressa. Conseguiu escapar do fogo, pensou, e passou a mão pelos cabelos. Depois, lançando uma maldição em voz alta, saiu correndo em direção à passarela mais próxima da rua. Ia acabar se atrasando a caminho do tribunal.

Já estava quase no fim de seu turno quando conseguiu voltar à sua sala e encontrou Peabody acomodada em sua mesa e com uma xícara de café na mão.

Eve se encostou no portal e perguntou:

— Está bem confortável, policial?

Peabody deu um pulo, derramou um pouco de café e pigarreou, explicando:

— Eu não sabia a hora em que a senhora ia voltar.

— Pelo jeito não sabia mesmo. Há algo de errado com o seu computador?

— Ah... Não. Não, senhora. É que achei que seria mais eficiente alimentar diretamente o seu computador com os novos dados.

— Essa é uma boa desculpa, Peabody, segure-se nela. — Foi até o seu AutoChef e programou uma xícara de café para si mesma. Era a marca de Roarke, em vez do veneno servido na sala de registros e queixas, o que explicava o fato de Peabody parecer tão à vontade na mesa de sua superior.

— Que novos dados são esses?

— O capitão Feeney conseguiu todas as ligações dos *tele-links* de Cerise Devane. Parece que não há nada que se relacione com o ocorrido, mas está tudo aqui. Temos a agenda pessoal dela com todos os compromissos e dados mais atualizados do seu último exame de saúde.

— Apareceu algum problema nesses exames?

— Nenhum. Era viciada em tabaco, registrada, e tomava regularmente injeções anticâncer. Não tinha nenhum sinal de doenças, nem físicas, nem emocionais e nem mentais. Tinha tendências a ficar estressada e trabalhar demais, o que contrabalançava com ansiolíticos e tranquilizantes. Estava morando com um sujeito, e eram felizes, pelo que soubemos. Seu companheiro está, no momento, fora do planeta. Aí está também o nome do parente mais próximo, um filho, que ela teve em um relacionamento anterior.

— Sim, já entrei em contato com ele. Trabalha na filial da Tattler em Nova Los Angeles. Está vindo para cá. — Eve virou um pouco mais a cabeça. — Está mesmo confortável aí, Peabody?

— Sim, senhora... Ah, desculpe! — e se levantou com um salto de trás da mesa, ajeitando a cadeira ao sair. — Como foi a sua reunião com o comandante?

— Temos uma semana — respondeu Eve, de modo direto, ao se sentar. — Vamos ter que aproveitar ao máximo este tempo. E o relatório do legista sobre Cerise Devane?

— Ainda não foi liberado.

— Vamos ver se a gente consegue apressá-los um pouco — e Eve ligou o seu *telelink*.

Ao voltar para casa, estava em frangalhos. Não conseguira jantar, o que considerou uma coisa boa, já que passou o resto do dia no necrotério, analisando o que sobrara de Cerise Devane.

Até mesmo o estômago de uma policial veterana era capaz de se embrulhar com a visão daquilo.

O pior é que não conseguiria nada ali, nadinha... Tinha dúvidas de que algum equipamento conseguisse reconstruir o bastante do cérebro de Devane para servir de alguma ajuda. Talvez nem mesmo a aparelhagem de Roarke fosse capaz disso.

Entrou em casa, quase tropeçou no gato que estava esticado bem na passagem, e reuniu o resto das forças para se abaixar e pegá-lo no colo. Ele olhou para ela com atenção, deixando transparecer um pouco de chateação em seus olhos bicolores.

— Você não seria chutado, meu chapa, se enrolasse o seu traseiro gordo em outro lugar.

— Tenente.

Eve colocou o gato sob o braço e olhou para Summerset, que, como sempre, surgira do nada.

— Já sei, estou atrasada! — reagiu. — Tire dois pontos do meu boletim.

Ele não externou as habituais críticas contundentes. Acompanhara os noticiários durante todo o dia no canal de notícias, a vira do lado de fora do prédio, sobre uma saliência estreita, e reparara bem o seu rosto.

— A senhora deve estar querendo jantar — ofereceu ele.

— Não, não quero. — O que queria era ir para a cama, e saiu em direção à escada.

— Tenente... — Esperou pelo resmungo irritado dela, até que ela virou a cabeça lentamente, olhando para ele com cara feia. — Uma mulher que salta a mureta para ficar pendurada no alto de um prédio ou é muito corajosa ou muito burra.

A cara feia se transformou em um olhar de deboche.

— Não preciso perguntar em que categoria você me coloca...

— Não, não precisa — e observou-a enquanto subia as escadas, pensando que sua coragem era aterradora.

O quarto estava vazio. Eve pensou em acionar o *scanner de busca* por toda a casa, que lhe informaria a localização de Roarke em um minuto, mas se jogou de cara na cama. Galahad se desvencilhou dos braços de Eve e subiu em seu traseiro, onde ficou se remexendo em círculos até ajeitar o lugar com todo o conforto.

Roarke a encontrou três minutos mais tarde, toda esparramada sobre a cama, com um gato enroscado guardando-lhe o flanco.

Simplesmente ficou ali, avaliando-a por algum tempo. Ele, também, assistira ao noticiário. As imagens o deixaram paralisado, com a boca seca e os intestinos soltos. Ele sempre soube sobre a frequência com que ela enfrentava a morte, não só dos outros como também a sua própria, e disse a si mesmo que precisava aceitar aquilo.

Naquela manhã, porém, ele assistira a tudo, impotente, enquanto ela estava com a vida por um fio. Olhara para os olhos dela e vira a bravura e o medo. E sofrera muito.

Agora, ali estava ela, em casa, uma mulher com ossos fortes e mais músculos do que curvas, um cabelo que precisava de cuidados com urgência e botas com solas muito gastas.

Ele se aproximou, sentou-se na beira da cama e colocou a mão com carinho sobre a mulher que estava meio encolhida, mas parecia muito relaxada, sobre a colcha.

— Só estou aqui esperando recuperar o fôlego — murmurou ela.

— Dá para notar. Podemos sair para dançar em um minuto.

— Consegue tirar esse peso imenso da minha bunda? — pediu ela, conseguindo dar uma risada. Na mesma hora, Roarke pegou Galahad e alisou-lhe os pelos eriçados.

— Teve um dia agitado, tenente. Está em todos os noticiários.

Ela se virou de barriga para cima, mas manteve os olhos fechados por mais um minuto.

— Estou feliz por não ter visto nada disso. Você já sabe de Cerise, então...

— Sim. Estava com o telão ligado no Canal 75 enquanto me preparava para a primeira reunião do dia. Assisti tudo ao vivo.

Ela sentiu a tensão com que Roarke disse isso e abriu os olhos.

— Desculpe...

— Sei que você vai dizer que estava fazendo o seu trabalho. — Colocando o gato de lado, ele tirou uma mecha de cabelos do rosto de Eve. — ... Mas isso foi muito além e acima do dever, Eve. Ela poderia ter puxado você com ela.

— Eu não estava pronta para ir com ela — e cobriu a mão que ele colocara sobre seu rosto com a sua. — Tive uma rápida visão do passado quando estava lá em cima. Uma lembrança de quando era uma criança, em pé na janela de algum buraco imundo que ele alugara para nós. Pensei em pular naquele momento, só para acabar com aquele inferno de uma vez. Mas não estava pronta para ir. Ainda não estou.

Galahad pulou do colo de Roarke e se deitou sobre a barriga de Eve. Aquilo fez Roarke sorrir.

— Parece que nós dois pretendemos mantê-la aqui por mais algum tempo. O que comeu hoje?

— O que é isso, um interrogatório? — e apertou os lábios.

— Não comeu nada que prestasse, já vi... — decidiu ele.

— Comer não está no topo da minha lista de prioridades, neste instante. Acabei de chegar do necrotério. Bater com a cara na calçada depois de cair de setenta andares faz coisas pouco atraentes com as suas feições.

— Imagino que não deve ter sobrado muita coisa do cérebro dela para você poder comparar com os outros.

Apesar da imagem terrível que ainda trazia na mente, ela sorriu, sentou-se e deu-lhe um beijo forte e estalado.

— Você é esperto, Roarke. Essa é uma das coisas que eu mais admiro em você.

— Pensei que fosse o meu corpo.

— Ele está bem no alto da lista também — continuou ela, enquanto ele se dirigia até o AutoChef embutido. — Você tem razão... Não vai sobrar o bastante para a gente analisar, mas tem que haver uma conexão. Você consegue enxergar isso, não consegue?

Roarke esperou até que surgisse a bebida à base de proteínas que solicitara ao AutoChef.

— Cerise era uma mulher inteligente, sensível e motivada. Era muitas vezes egoísta, vaidosa o tempo todo, e podia ser uma tremenda pedra no sapato de alguém. — Voltou para a cama e estendeu o copo. — Não era o tipo de pessoa que pula do terraço da sede e trai a própria organização, entregando de bandeja, para a concorrência, a maior cobertura do ano.

— Vou acrescentar todos estes dados aos meus — e franziu a testa, ao olhar para o drinque cremoso e com cheiro de menta que tinha na mão. — O que é isso?

— Coisas nutritivas. Beba — e empurrou-o até os lábios de Eve. — Tudinho...

Ela tomou a primeiro gole com cuidado, decidiu que o gosto não era tão horrível e entornou o resto do copo.

— Pronto, Roarke. Sente-se melhor agora?

— Sim. Whitney lhe deu algum tempo para trabalhar?

— Consegui uma semana. E ele imagina que eu estou usando as suas... instalações. Mas finge não saber de nada. — Colocando o copo de lado, começou a deitar de costas novamente, e então se lembrou: — Tínhamos combinado de assistir um filme, comer pipoca e transar.

— Você me deu o bolo — e agarrou-a pelos cabelos. — Vou ter que me divorciar de você!

— Puxa, você é rígido! — Subitamente nervosa, ela esfregou as mãos uma na outra. — Já que tocou nesse ponto, acho melhor eu confessar tudo...

— Ah, quer dizer então que você andou transando com mais alguém?

— Não exatamente.

— Como é que é?...

— Quer beber alguma coisa? Temos vinho aqui em cima, não temos? — e fez menção de sair da cama, mas não ficou muito surpresa ao ver a mão dele agir com rapidez e agarrá-la pelo braço.

— Explique essa história.

— Vou explicar. Só achei que o evento poderia ser mais bem digerido com um pouco de vinho, pode ser? — e tentou dar um sorriso, mas sentiu que não conseguiu lhe lançar muito charme quando ele reagiu, olhando de volta para ela com um olhar frio e duro. Soltoou um pouco o braço dela, o suficiente para que ela escapasse e corresse até a geladeira. Ela levou muito tempo para se servir e se manteve a distância enquanto começava a contar tudo.

— Peabody e eu estávamos fazendo a primeira busca de evidências no escritório de Cerise Devane e em seus aposentos. Ela tinha uma sala de relaxamento.

— Eu sei disso.

— Claro que sabe... — Tomou o primeiro gole, a fim de se tornar mais forte para a confissão, antes de atravessar o quarto de volta. — Enfim, reparei que ela possuía óculos de realidade virtual. Eles estavam sobre o braço de sua poltrona reclinável. Mathias fizera uma viagem virtual com um par de óculos daqueles antes de se enforcar. Fitzhugh também curti a realidade virtual. É uma ligação muito fraca, mas achei que era melhor do que nenhuma.

— Mais de noventa por cento da população deste país tem pelo menos um aparelho de realidade virtual em suas casas — lembrou Roarke, ainda com a testa franzida.

— Sim, mas a gente precisa começar a partir de algum lugar. Trata-se de uma falha no cérebro. Os aparelhos de realidade virtual se ligam ao cérebro, bem como aos sentidos. Ocorreu-me que, se havia algum defeito nos óculos, intencional ou acidental, isso poderia provocar uma compulsão para a pessoa se matar.

— Certo... — e balançou a cabeça devagar. — Estou acompanhando o seu raciocínio.

— Então, experimentei os óculos dela.

— Espere aí, congele a imagem!... — e levantou a mão. — Você suspeitava que os óculos poderiam ter contribuído para levá-la à morte, e então, alegremente, os colocou só para testá-los? Você pirou, por acaso?

— Peabody estava ao meu lado, para me controlar, com ordens para me golpear ou atordoar com a arma, se fosse necessário.

— Ah, que ótimo! — Com cara amarrada, levantou a mão. — Isso é o máximo! Perfeitamente razoável, então... Peabody ia nocauteá-la antes que você conseguisse pular do terraço.

— Isso mesmo! — e se sentou ao lado dele, entregando-lhe um cálice. — Verifiquei quando tinha sido a última vez em que Cerise usara o aparelho. Ela fizera uma viagem virtual minutos

antes de sair do quarto e se colocar do lado de fora do parapeito, no terraço. Eu tinha certeza de que ia encontrar alguma coisa naquele programa, fosse o que fosse — e fez uma pausa para coçar a nuca. — Sabe, Roarke, eu achava que ia ver algum programa de relaxamento, ou talvez de meditação... Sabe como é, um cruzeiro pelo mar ou uma campina rural...

— Imagino que não era nada disso.

— Não, não era. Era um... programa de fantasias... Fantasias sexuais.

Intrigado, ele cruzou as pernas, sentado na cama, e jogou a cabeça para o lado. Sua boca permaneceu fechada, bem apertada, e seus olhos irlandeses azuis continuaram impassíveis.

— Foi mesmo?... — e tomou um gole do vinho antes de colocar o cálice na mesinha. — E essa fantasia sexual consistia em...?

— Bem, havia uns caras...

— No plural?!

— Só dois. — Eve podia sentir o calor se irradiando pela garganta acima, e detestou isso. — Foi uma investigação oficial.

— Você estava nua?

— Ora, Roarke...

— Creio que esta é uma pergunta perfeitamente razoável.

— Talvez por um minuto apenas, certo? Era o programa, e eu tinha que testá-lo, e não foi culpa minha que de repente esses dois caras estivessem em volta de mim, em cima de mim, em toda parte... e eu abortei o programa antes de... quer dizer, pouco antes de...

Ela gaguejou e parou de falar, sentindo-se culpada, e viu, chocada, que ele estava rindo para ela.

— Você acha isso engraçado, é? — Fechando o punho, ela golpeou-lhe o ombro. — Fiquei me sentindo uma vadia até agora e você fica aí, achando tudo muito engraçado, é?

— Antes de quê?... — perguntou ele, pegando o cálice da mão de Eve para que ela não resolvesse atingir-lhe a cabeça com ele. Colocou-o sobre a mesinha, ao lado do dele. — Você abortou o programa um pouco antes do quê, precisamente?

— Eles eram lindos. — Os olhos dela se tornaram felinos. — Vou ver se consigo uma cópia desse programa para meu uso pessoal. Não vou mais precisar de você, porque vou ter dois escravos sexuais à minha disposição.

— Quer apostar nisso? — Ele a empurrou de volta sobre a cama, lutaram um pouco, e ele conseguiu puxar a blusa de Eve sobre a sua cabeça.

— Pode parar! Não quero mais você!... Meus escravos sexuais já me satisfazem plenamente. — Dando uma cambalhota e se colocando por cima dele, quase conseguiu deixá-lo imobilizado, mas sua boca se fechou sobre um dos seus seios e a mão escorregou com precisão até alcançar e apertar o espaço entre as suas pernas, por cima da calça de lã fina.

Um calor súbito subiu-lhe por dentro com a rapidez de um relâmpago.

— Droga! — falou, ofegante. — Estou só fingindo estar gostando disso!

— Tudo bem.

Ele arriou-lhe as calças e passou as pontas dos dedos sobre o seu corpo. Ela já estava toda molhada, convidando-o a tomá-la. Seus dentes se fecharam sobre um dos mamilos e o mordiscaram, ao mesmo tempo que ele continuava a manuseá-la, até levá-la ao clímax.

Não foi um leve espocar dessa vez. O orgasmo veio em uma onda forte e rápida, que a inundou, quase a afogou, e então a jogou, sem forças, acima da parte mais alta da onda seguinte.

Ela gemeu o nome dele. Era sempre o nome dele. Mas quando tentou apalpá-lo, ele a segurou pelos pulsos e elevou-lhe os braços unidos acima da cabeça.

— Não! — Seu próprio ato de respirar era instável e pesado quando ele se fixou dentro dos seus olhos, com a cabeça baixa. — Simplesmente me acolha. Receba tudo...

E deixou-se penetrar dentro dela com todo o vagar, centímetro por centímetro, vendo seus olhos ficarem opacos e escuros enquanto ele se arremetia mais para dentro. Retesando a musculatura e indo mais fundo, na urgência de possuí-la e acompanhar o violento pulsar de seus quadris, ele fez com que ela se lançasse além do limite seguinte.

E quando sentiu que ela ficou frouxa sob ele, com a respiração entrecortada, mudou o ritmo para estocadas mais longas e constantes.

— Tome mais... — murmurou ele, engolindo seus gemidos e mantendo-a cativa pelas mãos, pela boca e pelas costas, na altura dos quadris — ... e mais um pouco.

Seus sistemas estavam sobrecarregados, tão descompassados quanto a pulsação. Seu corpo estava sob cerco, seu órgão sexual tão sensível que o prazer selvagem que sentia era semelhante à dor. E ele continuava a se movimentar dentro dela, de forma lenta e preguiçosa.

— Não aguento... — ela conseguiu falar, e sua cabeça tombou para trás enquanto seus quadris se arqueavam, ávidos — ... Não aguento mais!

— Deixe-se levar, Eve. — Ele continuava a mantê-la sob controle, apertando-a com as unhas. — Vamos, mais uma vez...

E não se deixou esvair antes de ela gozar mais uma vez.

Sua cabeça ainda girava quando ela conseguiu se levantar e se apoiar nos cotovelos. Para sua surpresa, viu que os dois ainda estavam semivestidos e em cima da colcha. No canto da cama, Galahad continuava sentado, olhando para ela com repulsa felina. Ou talvez inveja.

Roarke se virara de costas e exibia o que só poderia ser interpretado como um sorriso esperto.

— Acho que isso exercitou a sua testosterona — comentou ela.

Seu sorriso se ampliou. Ela o cutucou, enfiando um dedo entre as costelas.

— Se isso é para me punir, errou o alvo.

Agora ele já abrira os olhos totalmente, e eles tinham um ar caloroso e divertido.

— Minha querida Eve, você realmente achou que eu ia considerar a sua pequena aventura como algum tipo de adultério virtual?

Ela fez um biquinho. Por mais ridículo que parecesse, Eve estava decepcionada por ele não ter demonstrado nem uma ponta de ciúme.

— Talvez... — respondeu, por fim.

Com um longo suspiro, ele se sentou e colocou as mãos sobre seus ombros.

— Você pode se entregar a fantasias, profissional ou pessoalmente. Não sou o seu vigia.

— Mas isso não o incomoda?

— Nem um pouco... — Depois de dar-lhe um beijo amigável, pegou-lhe o queixo com firmeza entre os dedos — ... Mas tente fazer isso com alguém de carne e osso, mesmo que seja uma vez só, e eu vou ser obrigado a matá-la.

As pupilas dela se dilataram e, de modo tolo, seu coração deu um pequeno salto de alegria.

— Ora... bem, isso me parece justo.

— É um fato! — confirmou ele, com simplicidade. — Agora que já esclarecemos este ponto,

você devia dormir um pouco.

— Já não estou mais cansada — e enfiou as calças novamente, fazendo-o suspirar.

— Imagino que isto signifique que você vai trabalhar.

— Se pudesse usar o seu equipamento, nem que fosse por umas duas horas, talvez conseguisse dar uma adiantada boa no meu trabalho para amanhã.

Resignado, ele vestiu as próprias calças, dizendo:

— Tudo bem, vamos lá então.

— Obrigada. — Ela envolveu a mão dele com a dela, de um jeito carinhoso, enquanto caminhavam em direção ao elevador privativo. — Roarke, você não me mataria de verdade, mataria?

— Ah, sim, mataria sim. — Sorrindo com facilidade, ele a empurrou para dentro da cabine do elevador. — No entanto, levando-se em conta o nosso relacionamento, faria tudo para matá-la de forma rápida, e com o mínimo de dor possível.

— Então devo informá-lo que o mesmo vale para você — e lançou-lhe um olhar meio de lado.

— Naturalmente. Ala leste, terceiro andar — ordenou ele, e lhe deu um aperto que indicava companheirismo. — Eu não aceitaria que fosse de nenhuma outra forma.

CAPÍTULO TREZE

Durante os dias que se seguiram, Eve bateu de cara em todos os becos sem saída que apareceram. Quando precisava de uma mudança de ritmo para clarear a mente, usava a cabeça de Peabody para atingir alguma parede sem saída. Infernizou a vida de Feeney para que ele usasse qualquer tempo livre que tivesse, a fim de achar alguma coisa para ela. Não apareceu nada. Rangia os dentes sempre que via outros casos aterrissando em sua mesa, e ficava trabalhando sempre além do horário.

Quando os rapazes do laboratório faziam corpo mole, ela subia em cima deles e os pressionava sem pena. Chegou a um ponto em que o pessoal do laboratório começou a tentar fugir dela e de suas cobranças. Para combater isso, rebocou Peabody lá para baixo, até o laboratório, para um pequeno confronto cara a cara.

— Não me venha com aquele VPF sobre falta de gente, Dickie.

Dickie Berenski, a quem os colegas se referiam, pelas costas, como Cabeção, pareceu ofendido. Como chefe dos técnicos do laboratório, ele bem que poderia ter convocado meia dúzia de subalternos para encarar um confronto pessoal com uma detetive irada, mas cada um deles o desertara.

Cabeças iam rolar por causa daquilo, pensou, enquanto soltava um suspiro e perguntava:

— O que quer dizer com VPF?

— Velho Papo Furado, Dickie. É sempre VPF com você.

Ele fez uma cara feia, mas gostou do acrônimo, e decidiu que ia usá-lo.

— Escute, Dallas, apressei o exame de todos os tranquilizantes e remédios que você me trouxe, não apressei? Coloquei prioridade máxima neles como um favor a você.

— Favor uma ova! Eu subornei você bonito, arrumando lugares de camarote para a final do campeonato.

— Eu considere aquilo um presente — e seu rosto assumiu um tom formal.

— Não vou suborná-lo de novo! — e cutucou seu peito mole com o dedo indicador. — Qual foi o lance com os óculos de realidade virtual? Por que não recebi seu relatório até agora?

— Porque não encontrei nada neles para relatar. É um programa bem quente, Dallas — e suas sobranceiras fizeram uma dança sugestiva, subindo e descendo —, mas o aparelho estava limpo. Sem defeitos. O mesmo podemos dizer de todos os outros programas daquela peça: limpos e dentro dos códigos legais. Fiz até melhor — acrescentou, com a voz ligeiramente esganiçada —, fizemos o melhor que podíamos: mandei Sheila desmontar o equipamento todinho e tornar a montá-lo. Aliás, é um aparelho fantástico, topo de linha, da melhor qualidade, topo do topo. Tecnologia mais do que avançada. Mas isso era de esperar. É um produto das Indústrias Roarke.

— É um produto... — Eve parou de falar, lutando para não dar a perceber a sua surpresa ou desânimo diante desse pedacinho de informação. — E foi montado em que fábrica?

— Ah, sei lá!... Sheila é que tem esses dados. Foi fora do planeta, disso estou certo. Mão de obra mais barata. E aquela gracinha acabou de ser lançada. Está no mercado há menos de um mês.

O estômago de Eve apertou-se ainda mais e chegou a se retorcer.

— Mas não saiu de fábrica com defeito, então?

— Não. Funciona que é uma beleza! Eu já estou até pensando em comprar um para mim — e arqueou as sobrancelhas, esperançoso. — Você bem que podia me arranjar um, a preço de custo.

— Consiga o relatório para mim, agora, com todos os mínimos detalhes, devolva-me o aparelho e posso pensar no assunto.

— É o dia de folga de Sheila — choramingou ele, com a boca pendendo nos cantos em busca de pena. — Ela pode acabar o relatório amanhã de manhã, e logo depois vou mandar que ela o envie diretamente para você, antes do meio-dia.

— Agora, Dickie! — Uma boa policial sabia como usar a fraqueza do adversário. — Se fizer isso, vou lhe dar de presente um desses aparelhos.

— Bem, nesse caso... segure as pontas por dez minutos. — Contente agora, saiu correndo dali e se instalou em uma bancada com computadores, localizada em um dos nichos da imensa colmeia que era o laboratório.

— Dallas, um daqueles aparelhos provavelmente custa mais de dois mil dólares, por baixo. — Peabody olhou desgostosa, enquanto Dickie se afastava. — Você exagerou no suborno.

— Eu quero aquele relatório. — Eve imaginava que Roarke tivesse uma caixa fechada daqueles aparelhos em algum lugar, para distribuição promocional. Distribuição, lembrou, com uma sensação de enjoo, que era feita como cortesia para políticos, empregados, cidadãos importantes. — Só tenho mais três dias, até agora nada... Não vou conseguir que Whitney me presenteie com uma prorrogação. — Olhou para trás novamente quando viu Dickie sair do cubículo em que entrara.

— Veja só... — anunciou ele. — Sheila já estava com quase tudo pronto! — e ofereceu um disco lacrado e uma cópia impressa. — Olhem aqui... Isto é um gráfico computadorizado do padrão dos óculos para aquele último programa. Sheila destacou alguns pontos neutros.

— Como assim, pontos neutros? — Eve pegou o papel e analisou o que lhe pareceu uma série de raios e redemoinhos.

— Não sabemos explicar ao certo. Provavelmente um indutor para relaxamento subliminar... nesse caso, uma opção de subestimulação. Alguns desses novos produtos oferecem vários pacotes de indução subliminar estendida. Dá para ver essas pequenas sombras no programa, passando em intervalos de alguns segundos entre elas.

— Qual é a sua sugestão? — Eve sentiu seu nível de energia aumentar. — Você quer dizer que o programa foi feito para oferecer sugestões subliminares ao usuário?

— É uma prática bem comum. Tem sido usada com sucesso para a quebra de hábitos antigos, aumento da excitação sexual, expansão da mente e assim por diante, há décadas. Meu velho largou o cigarro através de sugestões subliminares, há cinquenta anos.

— E quanto a plantar ideias radicais e urgentes na mente... tais como a de suicídio?

— Veja bem... sugestões subliminares dão pequenos empurrões em questões relacionadas com fome, vontade de consumir produtos, e ajudam na quebra de vícios. Quanto a um tipo de sugestão

assim direta?... — ele puxou o lábio para baixo e balançou a cabeça. — Você teria que mergulhar bem mais fundo na mente da pessoa, e eu diria que seriam necessárias muitas sessões para fazer a sugestão ficar gravada em um cérebro normal. O instinto de sobrevivência é forte demais!

Pensativo, ele balançou a cabeça novamente, plenamente convencido.

— Nós rodamos esses programas o tempo todo, sem parar — continuou.

Particularmente as sequencias de fantasias sexuais, pensou Eve.

— Rodamos o programa em voluntários para testes, em andróides, para análise eletrônica... Ninguém pulou do telhado. Na verdade, não registramos reações estranhas em nenhum dos voluntários, nem nos andróides. E simplesmente um programa virtual muito benfeito, apenas isso.

— Quero uma análise completa das sombras com sugestões subliminares.

Ele já previra aquilo e disse:

— Nesse caso, vou ter que ficar com os óculos. Sheila já começou a fazer a análise, como você viu, mas isso leva tempo. Temos que rodar o programa, retirar os dados virtuais óbvios, atacar apenas os subliminares. Depois vai levar mais algum tempo para testar, analisar e fazer o relatório. Uma boa sugestão subliminar e eu garanto que estas aqui devem ser da melhor qualidade, é sempre sutil. Conseguir descobrir o padrão não é como fazer uma análise comum.

— Quanto tempo?

— Dois dias, um dia e meio, se tivermos sorte.

— Então, tenha sorte! — sugeriu Eve, entregando a cópia impressa para Peabody.

Eve tentou não se preocupar com o fato de que os óculos de realidade virtual eram um dos brinquedinhos fabricados por Roarke, ou quais as consequências se fosse realmente descoberto que eram parte da coerção. Sombras subliminares. Essa poderia ser a conexão pela qual ela tanto procurara. O próximo passo era analisar os óculos que estavam com Fitzhugh, Mathias e Pearly na hora de suas mortes.

Com Peabody mantendo o ritmo junto dela, Eve caminhava depressa pela calçada. Seu carro estava, ainda, na manutenção. Eve não achava que valesse a pena ter a terrível dor de cabeça de requisitar um veículo emprestado para percorrer três quarteirões.

— O outono está chegando.

— Hein?

Achando curioso o fato de que Eve parecia indiferente ao ar que se mostrava mais fresco, e o suave aroma que vinha na brisa que seguia para leste, Peabody parou e respirou fundo, explicando:

— Dá para sentir pelo cheiro.

— O que está fazendo? — Eve quis saber. — Pirou? — Continue respirando tão profundamente assim o ar de Nova York e vai ter que passar um dia na câmara de desintoxicação.

— Você filtra o cheiro de fumaça, o fedor de suor das pessoas e fica maravilhoso. Eles bem que podiam votar e aprovar antes das eleições a nova lei que obriga a cidade a ter uma atmosfera mais pura.

— Sua criação no seio de uma Família Livre está aparecendo, Peabody. — Eve lançou um olhar de lado para sua auxiliar.

— Não há nada de errado em termos preocupações ambientais. Se não fosse por aquelas

peessoas abraçando árvores, agora estaríamos todos usando máscaras contra gases e óculos escuros durante o ano todo. — Peabody olhou com ar sonhador para uma passarela deslizante cheia de gente, mas conseguiu acompanhar o passo apressado das longas pernas de Eve. — Sem querer ser espírito de porco, tenente, mas vamos ter que cortar um dobrado para termos acesso aos óculos de realidade virtual das outras vítimas. O pessoal do Sistema Operacional Padrão vai querer que eles sejam devolvidos para a família dos falecidos, a essa altura.

— Mas eu vou pegá-lo antes, e quero que isto fique assim... tipo na surdina, só para usarmos como confirmação até resolvermos o assunto.

— Compreendido! — e esperou um momento. — Imagino que Roarke tem tantos tentáculos em tantas áreas de atuação que seria impossível saber quem está fazendo exatamente o que em um determinado momento.

— Mesmo assim, investigar estes casos representa um conflito de interesses, e nós duas sabemos disso. Estou colocando o seu traseiro na reta, junto com o meu.

— Desculpe discordar, senhora, mas sou dona do meu próprio traseiro. Só vou deixá-lo na reta se eu colocá-lo lá por vontade própria.

— Devidamente anotado e apreciado.

— Então a senhora deverá notar que também sou fã de finais de campeonato.

Eve parou, deu uma longa olhada em Peabody e acabou rindo.

— Um ingresso ou dois?

— Dois. Pode ser que eu tenha sorte e arrume companhia.

Trocavam sorrisos no momento em que o som de uma sirene estridente cortou o ar.

— Ai, diabos, que merda! Mais cinco minutos andando para um lado ou para outro da rua e a gente teria escapado dessa...

Eve pegou a arma e girou nos calcanhares. O alarme soava do banco que ficava bem em frente a ela.

— Que idiota assalta um banco a dois quarteirões da Central de Polícia? Afaste as pessoas da calçada, Peabody — ordenou — e depois cubra a saída de trás.

A primeira ordem foi quase desnecessária, pois os pedestres já estavam se espalhando em todas as direções, tropeçando uns nos outros, tentando alcançar as passarelas deslizantes e calçadas aéreas, correndo para se protegerem. Eve sacou o comunicador e solicitou os reforços de praxe, antes de mergulhar através das portas automáticas.

O saguão era uma massa confusa. Sua única vantagem era que a onda de gente que tentava sair enquanto ela tentava entrar lhe oferecia uma espécie de cobertura. Como a maioria dos bancos, o saguão era pequeno, sem janelas, cercado por balcões altos que ofereciam alguma privacidade. Apenas um dos caixas era humano, os outros três eram andróides, que se desligaram automaticamente assim que o botão de alarme fora acionado.

O único humano era mulher, com uns vinte e poucos anos, cabelo preto bem curto. Vestia um conjunto branco bem tradicional e exibia uma expressão de absoluto terror, pois estava na porta de segurança, com a garganta apertada por um homem ao seu lado.

O sujeito que lhe apertava o pescoço parecia bastante ocupado, tentando impedir o ar de passar pela traqueia de sua vítima, enquanto acenava com um explosivo caseiro que trazia na outra mão.

— Vou matá-la. Vou enfiar esta bomba pela goela dela!

A ameaça em si não preocupou muito Eve, mas sim a forma calma e deliberada com que ela foi feita. Ela eliminou a possibilidade de drogas e achou que o sujeito parecia não ter profissão.

Pela aparência de seus jeans surrados, a camisa velha e amarrotada e o rosto cansado e barbado, concluiu que tinha diante de si um dos pobres da cidade, que entrara em desespero.

— Ela não fez nada contra você. — Com a primeira leva de pessoas apavoradas já do lado de fora da porta automática, Eve se aproximou lentamente. — Ela não é a responsável pela situação. Por que não a deixa ir?

— Todo mundo é responsável, todos fizeram algo contra mim. Todos são parte do sistema! — e puxou a refém ainda com mais força, levando a pobre funcionária um pouco mais para trás, pela porta de segurança. Ela estava imóvel agora, presa pelos ombros, e seu rosto começava a adquirir um tom azulado. — Para trás! — avisou ele, com calma. — Eu não tenho nada a perder nem para onde ir.

— Você está esganando a moça. Se ela despencar, você vai ficar sem escudo. Libere um pouco de ar para ela. Qual é o seu nome?

— Nomes não servem para merda nenhuma! — Mas ele afrouxou um pouco a pressão sobre a garganta da moça, que sugou o ar com desespero. — É só o dinheiro que importa. Quero sair daqui apenas com uma sacola de fichas de crédito, e ninguém se machuca. Ora, o banco vai apenas ter que fabricar mais para repor.

— Não é assim que a coisa funciona. — Cautelosa, Eve deu mais três passos, mantendo os olhos fixos nos dele. — Você sabe que não vai conseguir sair daqui. A essa hora, as ruas já estão bloqueadas, e todas as unidades de segurança estão posicionadas estrategicamente. Puxa, cara, essa área vive cheia de policiais a qualquer hora do dia ou da noite. Você podia ter escolhido algum outro lugar bem mais fácil de assaltar!

Pelo canto dos olhos, Eve avistou Peabody se arrastando através da porta traseira e tomando posição. Nenhuma das duas podia se arriscar a atirar enquanto ele estivesse com a moça presa e o explosivo nas mãos.

— Se você deixar esse troço cair, ou até mesmo se começar a suar demais na mão, ele explode, e então todos nós morremos.

— Então deixa todo mundo morrer aqui. Já não importa mais mesmo...

— Liberte a moça. Ela é uma civil. Está apenas tentando ganhar a vida.

— Eu também.

Eve percebeu a intenção dele alguns décimos de segundo antes, mas já era tarde demais. O ato de extremo desespero. Em um piscar de olhos ele lançou a bomba que segurava para cima. A vida de Eve passou diante de seus olhos de forma quase obscena, e ela se lançou para a frente, a fim de levantar voo e tentar agarrar a bomba no ar. Perdeu-a por alguns centímetros.

Enquanto se protegia instintivamente com os braços, preparando-se para a explosão diante dela, a bola malfeita caiu, rolou para um canto e se acomodou, quieta.

— Falhou! — e o ladrão soltou uma risada de ironia. — Tem tudo a ver com a minha falta de sorte, não é? — Então, no momento em que Eve se colocou em pé, ele atacou.

Ela não teve nem tempo de mirar, muito menos de apertar o gatilho. Ele a atingiu como um aríete, jogando-a de costas em um dos caixas automáticos. A explosão chegou, por fim, dentro de sua cabeça, quando sentiu os quadris baterem com toda a força contra a quina da máquina. Por pura sorte ela não largou a arma enquanto estrelas começaram a dançar-lhe em volta da cabeça. Só torcia para que o estalo que ouvira fosse do laminado que se quebrara, e não de algum osso.

Ele a apertou em um abraço pateticamente amoroso, que surtiu um efeito surpreendente. Ele bloqueou-lhe o uso da arma ao bater com a sua mão no balcão, de forma que ela foi obrigada a se

arrastar de lado para aliviar o peso do próprio corpo, em vez de girá-lo.

Os dois caíram no chão, e dessa vez ela teve a pouca sorte de cair primeiro, de forma que o corpo magro do assaltante, movido a pânico, despencou pesadamente sobre ela. O cotovelo de Eve bateu com força no piso, e seu joelho vibrou e se torceu de forma violenta. Com mais entusiasmo do que *finesse*, ela golpeou a têmpora do seu oponente com a coroa da arma.

O movimento foi tão eficiente quanto um raio para atordoar. Seus olhos rolaram para cima e exibiam apenas a parte branca no instante em que ela o empurrou de lado e conseguiu ficar de joelhos.

Ofegante, lutando contra o enjoo que resultou do golpe que recebera dele no estômago, Eve tirou os cabelos da frente dos olhos com um sopro. Peabody também já estava posicionada, de joelhos, com a bomba em uma das mãos e a arma na outra.

— Não deu para conseguir um ângulo bom para atirar. Fui pegar a bomba logo, pois achei que você conseguiria dominá-lo.

— Ah, isso foi muito legal! — Eve estava com dores em toda parte, e agora sua pulsação tornava a se acelerar novamente diante da visão de sua auxiliar segurando uma bomba. — Não se mova, Peabody!

— Hã-hã... Não estou nem respirando.

— Vou mandar vir alguém do esquadrão antibomba ou trazer uma droga de caixa de segurança.

— Eu estava pensando em... — Peabody parou de falar e ficou branca como cera. — Ai, que sufoco, Dallas. Isso está começando a esquentar!

— Atire longe! Atire longe, agora!... e se proteja! — Puxando-o com uma mão só, Eve foi arrastando o homem desmaiado com ela para trás do balcão, debruçou-se sobre ele para protegê-lo e então cruzou os braços sobre a cabeça.

A poderosa explosão fez o ar se expandir, lançando uma onda de calor, e fez só Deus sabe o que começar a despencar em cima dela. O sistema automático contra incêndio entrou em ação, espalhando fortes jatos de água gelada e fazendo soar um novo alarme, que aconselhava os empregados e os clientes a abandonarem o prédio de forma calma e ordeira.

Eve enviou um agradecimento em voz alta para quem estivesse ouvindo ao notar que não sentia dor aguda em lugar algum e que todos os seus órgãos e membros pareciam estar ainda presos a ela.

Tossindo para expelir as grossas ondas de fumaça a que inalara, ela foi se arrastando da parte de trás do pouco que sobrara do balcão.

— Peabody! Ah, meu Deus... — tossiu com mais força, esfregou os olhos que ardiavam e continuou engatinhando por sobre o chio molhado e imundo. Alguma coisa quente queimou-lhe a base da palma de uma das mãos, fazendo-a soltar um palavrão. — Vamos lá, Peabody, onde, diabos, você está?

— Aqui! — a resposta foi fraca, seguida por um acesso violento de tosse. — Estou bem. Eu acho...

As duas se encontraram andando de gatinhas, em meio à espessa nuvem de fumaça e água, e viram os rostos uma da outra, ambos chamuscados. De forma casual, Eve esticou a mão e deu vários tapas violentos na parte lateral da cabeça de Peabody.

— Seu cabelo estava em chamas — explicou ela, de forma gentil.

— Ah... Obrigada. Como está o idiota?

— Ainda apagado. — Eve se sentou sobre os calcanhares e fez um rápido inventário em si

mesma. Não viu sangue algum, o que já serviu de consolo. A maior parte de suas roupas ainda estava com ela, detalhe que pouco importava, pois estavam arruinadas. — Sabe de uma coisa, Peabody... Acho que Roarke é o dono deste prédio.

— Então ele vai ficar revoltado com o que aconteceu. Fumaça e água são as coisas que mais provocam danos.

— E eu não sei?... Vamos dar o dia por encerrado. Os policiais que chegaram podem cuidar do resto. Tenho que ir embora, pois vou oferecer uma festa hoje à noite.

— Eu sei... — Com a boca torcida, Peabody pegava uma ponta da manga de seu uniforme que se rasgara. — Mal posso esperar! — E então balançou para o lado e apertou os olhos para ver melhor. — Dallas, quantos pares de olhos você tinha quando entrou aqui?

— Um. Só um.

— Droga! Agora você tem dois. Acho que uma de nós está com problemas. — E dizendo isso, Peabody despencou para a frente e caiu nos braços de Eve.

Não houve nem tempo para ela se limpar. Depois de carregar Peabody através dos destroços e entregá-la aos cuidados dos paramédicos, ela ainda tinha que apresentar um relatório para o policial encarregado da equipe de segurança; a seguir, passou os mesmos dados para o esquadrão antibomba. Entre um relatório e outro, pressionou os paramédicos a respeito das condições de Peabody e se esquivou de todas as tentativas para tratar dela e passá-la por um scanner de corpo, em busca de lesões internas.

Roarke já estava vestido para a noite quando ela entrou correndo no quarto. Interrompeu sua conversa com Tóquio em seu *palm link* e se afastou da equipe de floristas que fazia arranjos com hibiscos brancos e cor-de-rosa no saguão.

— Que diabos aconteceu com você?

— Não pergunte! — e passou como um raio por ele, seguindo a toda para as escadas.

Já conseguira sair do que restara de sua blusa no instante em que ele entrou no quarto e fechou a porta, afirmando:

— Vou perguntar sim!

— A bomba não falhou, afinal de contas! — Preocupada em se sentar em algum lugar e manchar a mobília com o que quer que estivesse grudado em suas calças, ficou se equilibrando em um pé só, tentando arrancar a bota.

— A bomba...? — Roarke respirou fundo.

— Bem, era apenas uma bomba caseira. Muito pouco confiável. — Conseguindo arrancar a segunda bota, ela começou a despir as calças rasgadas e chamuscadas. — Um cara tentou assaltar um posto bancário a dois quarteirões da Central de Polícia. Idiota! — Largando os farrapos no chão, ficou rodando de um lado para outro e resolveu tomar um banho, só parando na hora em que Roarke a segurou pelo braço.

— Em nome de Deus... — Ele a virou de frente para poder dar uma olhada mais de perto na marca roxa que parecia estar aumentando em seu quadril. Era maior do que a sua mão estendida. Seu joelho direito estava ralado, quase em carne viva, e havia mais equimoses aparecendo em seus braços e ombros. — ... Você está um desastre, Eve!

— Devia ver como ficou o outro cara. Bem, pelo menos agora ele vai conseguir um lugar para morar por alguns anos; tem pouco mais de um metro quadrado, mas ele terá um teto sobre a cabeça, e por cortesia do Estado. Agora, tenho que me lavar.

Ele não a liberou, apenas levantou a cabeça e olhou para ela.

— Imagino que você não se deu ao trabalho de pedir aos paramédicos para que dessem um olhada em você.

— Aqueles açougueiros? — sorriu. — Eu estou bem, apenas um pouco dolorida. Posso fazer um tratamento-relâmpago amanhã.

— Você vai ter sorte se conseguir caminhar amanhã. Vamos.

— Roarke... — Mas ela recuou e capengou, e ele a colocou na banheira.

— Sente-se! Fique quietinha.

— Não temos tempo para isso. — Ela se sentou e virou os olhos para cima. — Vou ficar pelo menos umas duas horas, só para tirar a incha e cobrir as marcas com maquiagem. Nossa, como essas bombas fedem! — Virou a cabeça para cheirar o ombro e fez uma careta. — É o enxofre... — e então olhou para ele, com ar cansado. — O que é isso?

Ele vinha se aproximando com uma esponja grossa embebida em um líquido cor-derosa.

— E o melhor que temos no momento. Pare de se remexer! — Colocou a esponja sobre o joelho machucado, mantendo-a no lugar e ignorando os xingamentos.

— Isso arde!... Puxa, você está maluco?

— Estou começando a achar que sim. — Com a mão livre, ele agarrou-lhe o queixo e examinou cuidadosamente o rosto enegrecido. — Mesmo correndo o risco de me repetir, devo dizer que você está um desastre! Fique segurando a esponja, não a tire do lugar — e apertou-lhe o queixo. — Estou falando sério!

— Tudo bem, tudo bem... — Ela soprou o ar com força para fora dos pulmões e manteve a esponja sobre o joelho enquanto ele ia até um armário embutido. A ardência estava diminuindo. Ela não queria admitir, mas a dor aguda em seu joelho estava desaparecendo. — Que troço é esse?

— Um pouco disso, um pouco daquilo... Vai diminuir o inchaço e anestesiá-lo por algumas horas. — Voltou com uma pequena lata de um líquido. — Agora, beba isso!

— Hã-hã — ela balançou a cabeça. — Nada de drogas!

Com muita calma, ele colocou a mão em seu ombro, explicando:

— Eve, se você não está sentindo dores neste momento é devido à adrenalina. Vai começar a doer, e doer muito, daqui a pouquinho. Eu sei muito bem como é que a gente se sente ao ser surrado e deixado cheio de marcas roxas. Agora, beba tudo.

— Vou ficar bem. Não quero... — e perdeu o fôlego quando ele pinçou o seu nariz, jogou-lhe a cabeça para trás e enfiou-lhe o líquido pela goela abaixo. — Canalha! — conseguiu dizer, mal respirando, engasgada e dando socos nele.

— Isso, boa menina... Agora, para o chuveiro. — Foi até o boxe em blindex e ordenou que o jato d'água atingisse a meia força, em uma agradável temperatura de trinta graus.

— Vou pegar você por isso! Não sei como, não sei quando, mas vou conseguir. — Foi mancando até o chuveiro, ainda resmungando. — O filho da mãe enfia drogas pela minha garganta, me trata como uma porcaria de uma imbecil... — O gemido saiu involuntariamente no instante em que a água maravilhosa começou a escorrer pelo seu corpo machucado.

Ele a observou, sorrindo enquanto ela espalmava as duas mãos contra a parede e colocava a cabeça diretamente sob o jato d'água.

— É melhor usar uma roupa solta e bem longa. Experimente aquela que vai até os tornozelos, que Leonardo desenhou especialmente para você.

— Ah, vá para o inferno! Eu sei me vestir sozinha! Por que não pára de ficar olhando para mim

e vai dar ordens lá para os seus criados submissos, que estão andando pela casa?

— Querida, eles são os nossos criados agora.

Ela mordeu o lábio para não dar uma risada e encostou a cabeça contra o vidro do boxe, a fim de acessar o *tele-link* que ficava embutido ali.

— Centro Médico Brightmore! — ordenou ela. — Quinto andar! — Enquanto esperava pela conexão, conseguiu passar xampu no cabelo com apenas uma das mãos. — Aqui é a tenente Eve Dallas. Vocês receberam a minha auxiliar, policial Delia Peabody. Quero saber o estado dela. — Ficou ouvindo um barulho de papéis sendo remexidos por mais ou menos cinco segundos, e acabou berrando para a enfermeira encarregada: — Trate logo de descobrir como ela está, e me informe bem depressa! Quero um relatório completo do estado dela, e pode acreditar, você não vai gostar se eu tiver que ir aí para buscá-lo.

Levou mais ou menos uma hora, um período em que ela passou praticamente sem dor, foi forçada a admitir. O que quer que Roarke a tivesse obrigado a tomar não a deixara com a sensação de leveza e fraqueza que ela detestava. Em vez disso, ela se sentia alerta e não tonta.

Deve ter sido o efeito da droga que a fez admitir, pelo menos para si mesma, que Roarke estava certo a respeito da roupa. Ela escorregava quase como se não tivesse peso sobre a sua pele, escondendo as marcas roxas com bastante estilo, graças à elegante modelagem com gola alta, mangas largas afuniladas e a parte de baixo bem solta. Eve acrescentou o diamante que Roarke lhe dera de presente, como um simbólico pedido de desculpas por tê-lo xingado, embora ele tivesse merecido.

Menos a contragosto do que de hábito, ela se maquiou e arrumou o cabelo. O resultado, decidiu enquanto olhava para si mesma com atenção no espelho triplo do closet, até que não era dos piores. Ela imaginava que estava tão elegante quanto jamais iria conseguir.

Ao aparecer no terraço onde a apresentação principal da festa ia acontecer, o curto sorriso de Roarke concordou com ela.

— Aí está você! — murmurou, enquanto caminhava até onde Eve estava para tomá-la com as duas mãos e puxá-la até seus lábios.

— Acho que estou sem falar com você!

— Tudo bem. — Abaixando a cabeça e ainda preocupado com as equimoses, beijou-a de leve. — Sente-se melhor?

— Talvez. — Ela suspirou e não se importou de enlaçá-lo, avisando: — Acho que vou ter que tolerar você, já que está fazendo tudo isso pela Mavis.

— *Nós estamos fazendo* isso pela Mavis.

— Mas eu não fiz nada.

— Você se casou comigo — assinalou ele. — Como está Peabody? Ouvi quando você ligou para o centro médico, do chuveiro.

— Ferimentos leves, alguns galos e marcas roxas. Na hora me pareceu um pouco abalada, mas ficou estável. Ela correu para pegar a bomba. — Lembrando-se daquele instante, Eve soprou o ar para fora do peito com força. — O troço começou a esquentar quando ela o estava segurando. Não havia jeito de eu chegar até onde ela estava — e fechou os olhos, balançando a cabeça. —

Levei um baita susto! Achei que ia encontrar pedaços dela espalhados em toda parte.

— Ela é durona, muito esperta, e está aprendendo com a melhor.

Eve abriu os olhos e começou a fechá-los lentamente.

— Bajulação não vai me fazer perdoar você por ter me drogado.

— Então eu procuro alguma outra coisa que faça.

Eve o surpreendeu ao ficar nas pontas dos pés e encaixar o rosto dele entre as mãos, dizendo:

— Vamos conversar sobre isso mais tarde, garotão...

— Quando quiser, tenente.

Mas ela não riu. Seus olhos ficaram ainda mais intensos.

— Há outra coisa sobre a qual temos que conversar. É uma coisa séria.

— Sim, dá para ver pelos seus olhos. — Preocupado, ele olhou em volta para os numerosos garçons e o pessoal de apoio já alinhado para as instruções finais. — Summerset pode dar conta do resto dos preparativos. Podemos usar a biblioteca.

— Eu sei que o momento é péssimo, mas não dá para adiar — e segurou na mão dele, em um gesto instintivo de quem pede apoio, enquanto saíam dali e desciam pelo largo corredor, em direção à biblioteca.

Ao chegarem lá, ele fechou a porta, ordenou que as luzes se acendessem e serviu os drinques. Água mineral para Eve.

— Você vai ter que se abster de ingerir álcool por algumas horas — avisou ele. — O analgésico que lhe dei para tomar não combina muito bem com bebida.

— Acho que consigo me segurar.

— Conte-me tudo.

— Certo. — Ela colocou o copo de lado sem nem ao menos bebê-lo todo, e passou as duas mãos pelos cabelos. — Você lançou um novo equipamento no mercado, uns óculos de realidade virtual.

— Lancei. — Roarke se sentou no braço de um sofá de couro, pegou um cigarro e o acendeu. — Chegou às lojas há cerca de um mês, seis semanas, dependendo da região. Nós aprimoramos uma série de novas opções e programas mais realistas.

— Com sugestões subliminares para o usuário.

Ele soprou a fumaça, pensativo. Não era difícil decifrá-la, pensou, quando a pessoa a conhecia bem. Ela estava preocupada, estressada, e o poder tranquilizante da droga não conseguia dominá-la por completo nessa área.

— Naturalmente — confirmou ele. — Vários dos pacotes opcionais incluem uma variedade grande de subliminares, sugestões feitas em nível subconsciente. Eles são muito populares. — Ainda com os olhos grudados nela, ele balançou a cabeça. — Imagino que Cerise possuía um desses novos aparelhos e o estava usando pouco antes de saltar para a morte.

— Exato. O laboratório ainda não conseguiu identificar o subliminar exato. Pode ser que, no fim, não seja nada de mais, só que eu...

— Só que você não pensa assim — terminou ele.

— Alguma coisa funcionou como gatilho para ela. Algo serviu de gatilho para todos eles. Estou tentando confiscar os óculos de realidade virtual que pertenciam às outras vítimas. Se ficar provado que todos eles possuíam este novo modelo... a investigação vai envolver a sua companhia... Você.

— Quer dizer que eu fui acometido de um súbito desejo de incentivar o suicídio nas pessoas

que usam o meu produto?

— Eu sei que você não tem nada a ver com isso — disse ela, depressa e com raiva. — Vou fazer tudo o que puder para manter você fora disso. Quero que...

— Eve... — ele interrompeu-a com toda a calma e se virou para apagar o cigarro. — ... Você não tem que me dar explicações. — Colocando a mão no bolso, pegou uma agenda do tamanho de um cartão de crédito e digitou um código. — A pesquisa e o desenvolvimento desse modelo foram feitos em dois locais: em Chicago e no satélite Travis II. A fabricação ficou a cargo de uma das minhas subsidiárias, também em Travis II. A distribuição e a entrega, dentro e fora do planeta, ficaram por conta da Fleet. A embalagem foi desenvolvida pela Trillium e o marketing pela Top Drawer, aqui mesmo em Nova York. Posso mandar todos estes dados para o computador da sua sala, se for mais conveniente.

— Desculpe...

— Pare com isso! — ele guardou a agenda e se levantou. — Há literalmente centenas, talvez milhares de funcionários nessas companhias. Posso, certamente, conseguir uma lista com todos os nomes para você, se adiantar alguma coisa. — Então parou de falar, desceu o dedo pelo colo de Eve e esfregou o polegar sobre o diamante que ela usava. — Você deve saber que trabalhei pessoalmente no design, aprovei o projeto e dei início ao esquema. O aparelho está sendo desenvolvido há mais de um ano, e verifiquei minuciosamente todos os estágios da produção, em um momento ou outro, durante todo esse período. Minhas mãos estão em toda parte do trabalho.

Ela tinha certeza disso, e era o que mais temia.

— Pode ser que não dê em nada. O Cabeção afirma que a minha teoria de coerção para suicídio através de sugestão subliminar está além dos limites do improvável e próxima das raias do impossível.

— Mas como é que alguém pode confiar em um homem chamado Cabeção? — e Roarke deu um pequeno sorriso. — Eve, você mesma usou o aparelho.

— Usei, o que, aliás, joga um balde de água fria na minha teoria. Tudo o que consegui foi um orgasmo. — Ela tentou, mas não conseguiu sorrir. — Quero estar errada, Roarke. Quero estar errada e encerrar esses casos como suicídio. Mas se não conseguir que seja assim...

— Vamos lidar com este problema. Amanhã bem cedo vou averiguar o assunto pessoalmente. — Ela começou a balançar a cabeça, mas ele tomou-a pela mão. — Eve, eu sei como fazer isso, você não. Conheço o pessoal que trabalha para mim, pelo menos o chefe de departamento de cada uma das fases. Você e eu já trabalhamos juntos antes.

— Mas eu não gosto disso.

— É uma pena... — e brincou novamente com o diamante que pendia entre os seios dela — ... porque acho que gosto.

CAPÍTULO QUATORZE

— Roarke sabe mesmo como dar uma festa! — Mavis enfiou um ovo de codorna com molho na boca e começou a bater papo. — Todo mundo, todo mundo *mesmo está* aqui. Você já viu o Roger Keene? Ele é assim tipo o chefe da Be There Records. E a Lilah Monroe?... Ela está arrasando em seu novo show da Broadway, com participação ativa da plateia. Talvez Leonardo consiga lançar um charme em cima dela para fazer novos figurinos para o show. E tem também o...

— Pare um instante para respirar, Mavis — aconselhou Eve enquanto a amiga tagarelava com a corda toda, empurrando canapés na boca sem parar. — Diminua a velocidade...

— Estou tão nervosa!... — Com as mãos momentaneamente livres, Mavis apertou a barriga, que estava à mostra, coberta apenas por uma representação artística de uma orquídea vermelha. — Não consigo parar, sabia? Quando fico agitada desse jeito, não consigo parar de comer nem de falar. É só comer e falar...

— E vomitar, se não segurar a onda — avisou Eve. Dando uma olhada em volta de todo o salão, teve que admitir que Mavis estava certa. Roarke sabia mesmo como dar uma festa.

O aposento todo rebrilhava, bem como as pessoas. Até a comida parecia estar mais brilhante e polida, quase ornamental demais para ser degustada, embora Mavis não pudesse servir de referência para isso. Já que o clima cooperara, a cobertura do teto fora aberta, convidando uma brisa fresca para entrar, seguida de uma chuva de estrelas. Uma das paredes estava tomada por um telão, e Mavis girava e dançava nele, com seus movimentos preenchendo todo o ambiente.

Roarke tinha sido esperto o bastante para manter apenas a imagem exposta, sem som.

— Jamais vou ser capaz de pagar isso de volta a você.

— Ah, para com isso, Mavis...

— Não, é sério. — Depois de lançar um sorriso iluminado para Leonardo e mandarlhe um exagerado beijo pelo ar, tornou a se virar para Eve. — Você e eu, Dallas, já temos muita história pra contar... Droga, se você não tivesse me prendido, eu provavelmente ainda estaria batendo carteiras e passando contos-do-vigário.

Eve escolheu um troço escuro, de aspecto interessante, que estava colocado sobre um biscoito e o pegou, dizendo:

— Isso é especular demais, Mavis.

— Talvez, mas não muda os fatos. Eu fiz de tudo para me endireitar e mudar de rumo na vida. Tenho uma espécie de orgulho disso.

Reconstruir a si mesma, pensou Eve. *Essas coisas podiam acontecer. Aconteciam, na verdade.* E olhou para um ponto próximo delas, onde Reeanna e William estavam, conversando com Mira e o marido.

— Você tem motivos para ter orgulho de si mesma. Eu também estou orgulhosa de você.

— Mas é disso mesmo que eu estou falando. Quero colocar tudo pra fora, certo, antes de subir

no palco e tentar explodir os diamantes que estão nas orelhas desse pessoal todo só com o poder da minha música. — Mavis pigarreou e imediatamente se esqueceu do pequeno discurso que preparara para Eve. — Ah, que se dane... Eu conheço você e realmente amo você. Tipo assim, amar de verdade, Dallas.

— Nossa, Mavis, não comece a me deixar assim toda comovida. Roarke já me drogou, ainda há pouco.

Sem aparentar vergonha, Mavis passou a mão sob o nariz para enxugar as lágrimas.

— Você teria feito isso por mim... Se soubesse como. — Quando Eve piscou e franziu a testa, Mavis descobriu que o seu sentimentalismo estava se transformando em algo divertido. — Reconheça, Dallas, você não teria a menor ideia de como organizar o bufê de qualquer coisa que envolvesse mais sofisticação do que cachorro-quente com salsicha de soja e picadinho de vegetais. As mãos de Roarke estão em toda parte nesse trabalho.

Minhas mãos estão em toda parte desse trabalho. As palavras de Roarke ecoaram na cabeça de Eve e a fizeram estremecer.

— Sim, estão mesmo...

— Você pediu para ele preparar tudo, e ele fez isso por você.

Determinada a não deixar nada estragar a noite, Eve afastou os pensamentos terríveis e balançou a cabeça, dizendo:

— Ele fez tudo isso por você, Mavis.

— É... acho que você tem razão... — Lentamente os lábios de Mavis se curvaram e seus olhos ficaram marejados novamente. — Você fisgou um príncipe, Dallas. Uma porra de um príncipe. Agora vou ter que ir lá dentro um instantinho, para vomitar... Já volto.

— Claro. — Com um sorriso leve, Eve pegou uma taça com água borbulhante de uma bandeja que passava e seguiu para onde Roarke estava. — Desculpem-me, é só por um instante — disse ela, levando-o para longe de um grupo de pessoas com quem conversava. — Você é uma porra de um príncipe — comunicou a ele.

— Ora, obrigado... Eu acho. — Deslizando o braço em torno dela para enlaçá-la, com delicadeza colocou sua outra mão por cima da dela, que continuava segurando a taça, e a surpreendeu ao movimentá-la em uma dança bem suave. — Você precisa usar a imaginação para dançar uma música com o... estilo de Mavis — decidiu ele. — Esta aqui, porém, poderia ser considerada quase romântica.

Eve levantou uma sobrancelha e se ligou na voz de Mavis acima dos metais em conflito.

— Sim, é uma melodia antiga, uma canção sentimental. Eu sou péssima para dançar.

— Não seria se não ficasse o tempo todo tentando me conduzir. Resolvi que já que você não ia ficar sentada para descansar esse corpo arrasado pelo que lhe aconteceu hoje, pelo menos podia se encostar em mim — e sorriu para ela. — Você está começando a mancar um pouquinho novamente. Fora isso, parece quase relaxada.

— O joelho está meio duro — admitiu Eve. — De resto, porém, estou bem relaxada. Acho que foi por ficar ouvindo a tagarelice de Mavis. Ela está vomitando agora.

— Que adorável...

— É de nervoso... Obrigada. — Ela seguiu um impulso e deu nele um dos seus raros beijos em público.

— De nada. Obrigada pelo quê?

— Por providenciar para que não estivéssemos todos comendo cachorro-quente de salsicha de

soja e picadinho de vegetais.

— O prazer foi todo meu — e a puxou mais para perto, mantendo os braços sem apertá-la. — Pode acreditar, foi um prazer para mim. Ora, veja só... Peabody chegou com um pretinho básico que está combinando muito bem com os ferimentos leves.

— O quê? — Torcendo a cabeça para trás, Eve seguiu o olhar de Roarke e avistou sua auxiliar entrando pelas largas portas duplas e já se servindo de uma taça de champanhe que passava. — Ela devia estar deitada de costas na cama — murmurou Eve, afastando-se de Roarke. — Espere um instantinho só, enquanto eu a devolvo para onde devia estar.

Atravessou o salão a passos largos, com os olhos se apertando quando Peabody tentou lhe lançar um sorriso largo.

— Tremenda festa, tenente! Obrigada pelo convite.

— Que diabos você está fazendo fora da cama?

— Foi só um galo, e eles estavam me cutucando o tempo todo. Não ia permitir que uma coisinha à toa como uma explosão fosse me impedir de vir a uma festa oferecida por Roarke.

— Está tomando remédios?

— Só uns analgésicos leves, para segurar a dor e...-seu rosto demonstrou desânimo quando Eve tirou a taça de champanhe de sua mão. — Eu ia só ficar segurando. Juro!

— Então segure isto — sugeriu Eve, e colocou a própria água na mão de Peabody. — Devia arrastar você pela bunda agora mesmo, de volta para o centro médico.

— Você nem foi lá para se tratar — resmungou Peabody, e então levantou o queixo. — Além do mais, estou fora do meu horário de serviço. Estou usando o meu tempo de folga. Você não pode me ordenar a voltar para lá...

Por mais que simpatizasse com aquela determinação e a admirasse, Eve manteve-se firme:

— Sem bebidas! — avisou. — E sem dançar também.

— Mas...

— Eu reboquei você daquele prédio hoje, e posso rebocá-la daqui também. Por falar nisso, Peabody... — acrescentou Eve —... bem que você podia perder uns quilinhos, hein?

— É isso que a minha mãe vive me dizendo. — Peabody bufou. — Sem beber e sem dançar. Agora, se já acabou com as restrições, vou conversar com alguém que não me conheça.

— Ótimo. E... Peabody...

— Sim, senhora? — respondeu Peabody, tornando a se virar, com cara feia.

— Você foi muito bem hoje. Não hesitaria em passar por uma porta e enfrentar fogo cruzado com você.

Enquanto Eve se afastava, Peabody soltou uma exclamação de espanto. Apesar de ter sido dito de forma casual, aquele tinha sido simplesmente o maior elogio profissional que ela jamais recebera.

Entrosar-se socialmente com as pessoas não era o passatempo favorito de Eve, mas ela fazia o melhor que podia. Até aceitava dançar, resignada, quando não conseguia escapar. Foi assim que se viu sendo arrastada por todo o salão, pois era isso que considerava o ato de dançar, por Jess.

— William é seu amigo? — perguntou Jess.

— Ele é mais amigo de Roarke. Não o conheço muito bem.

— Enfim, ele me deu algumas ideias sobre como projetar um programa interativo para

acompanhar o disco. Fazer a plateia entrar na música, junto de Mavis.

Com uma sobrançelha levantada, Eve olhou novamente para a tela. Mavis estava naquele instante girando o corpo mal coberto à altura dos quadris e berrando a respeito de como era bom queimar no fogo do amor enquanto chamas vermelhas e douradas jorravam em torno dela.

— Você acha que as pessoas realmente vão se interessar em se lançar dentro daquelas chamas?

Jess sorriu, e fez a voz ficar um pouco mais profunda e sensual:

— Docinho, e eles vão se atropelar uns aos outros para chegar lá em cima. E vão pagar muita grana para ter essa oportunidade.

— E, se fizerem isso — disse ela, voltando os olhos para ele —, você ganha uma porcentagem bem gorda.

— Isso é o comum para projetos em conjunto como esse. Pode conferir com seu marido, ele vai confirmar.

— Mavis já fez a escolha dela — e suavizou o tom de voz, reparando que vários convidados estavam completamente absorvidos pelo show que rolava no telão. — ... E diria que a escolha foi acertada.

— Nós dois fizemos essa escolha. Acho que temos um sucesso nas mãos — disse-lhe ele. — E quando, daqui a pouco, oferecermos para este povo um gostinho do show ao vivo, direto na veia, você vai sentir que se a cobertura do salão já não estivesse aberta nós explodiríamos o teto.

— Você não está nervoso? — Eve o avaliou: os olhos confiantes, a boca com um jeito arrogante... — Não, você não está nervoso.

— Já venho lidando com música para ganhar o pão de cada dia há muitos anos. E o meu trabalho — e sorriu, subindo casualmente com os dedos pelas costas dela. — Depois de um tempo a gente não tem mais chiliques. Fica assim, tipo excitado, certo? Ligado, mas não nervoso.

— Depende... — Eve pensou no que estava investigando naquele momento e sentiu o estômago se retraindo.

— Não, você é feita de aço. Deu pra notar na primeira vez em que olhei para você. Você não entrega, mas também não recua. Não hesita. Isso torna o seu cérebro, o seu modo de ser, por assim dizer, algo fascinante. O que impele Eve Dallas? Justiça, vingança, senso do dever, moral?... Eu diria que no fundo é uma combinação única de tudo isso, movida por um conflito entre confiança e dúvida. Você tem um sentido muito forte do que é correto, e vive constantemente se perguntando quem é na verdade.

Eve já não tinha certeza se gostava do rumo que a conversa estava tomando.

— E você, o que é, afinal, um músico ou um psiquiatra?

— Pessoas criativas vivem estudando os outros; e a música é uma ciência, tanto quanto um tipo de arte e uma emoção na mesma medida em que é ciência. — Seus olhos com brilho prateado se mantiveram fixos nos dela, enquanto ele a guiava suavemente entre os casais. — Quando eu crio uma série de notas, quero que as pessoas sejam afetadas por elas. Preciso compreender, até mesmo estudar a natureza humana, se estiver disposto a conseguir a reação exata. Como aquilo vai fazer com que eles se comportem, o que vai levá-los a pensar, o que vai levá-los a sentir....

Eve lançou um olhar distraído para William e Reeanna, que dançavam junto deles, totalmente absorvidos um pelo outro.

— Mas eu achava que se tratava apenas de entretenimento.

— Apenas na superfície... Só ali. — Seus olhos pareciam excitados, rebrilhando enquanto falava. — Qualquer músico mediano pode jogar um tema simples no computador e conseguir uma

melodia competente. O mundo da música foi se tornando cada vez mais comum e previsível por causa da tecnologia.

Com as sobrelanceiras levantadas, Eve olhou para a tela, e para Mavis, afirmando:

— Sou obrigada a dizer que não ouço nada de comum ou previsível ali.

— Exato! Gastei um bocadinho de tempo estudando de que forma os tons, as notas e os ritmos afetavam as pessoas, e sei que botões apertar. Mavis é um tesouro. É tão aberta, tão maleável — e sorriu quando os olhos de Eve se tornaram mais duros. — Falei isso como elogio, não estou dizendo que ela é fraca. Mas é uma artista que gosta de correr riscos, uma mulher disposta a despir-se de sua imagem e tornar-se um veículo para a mensagem.

— ... E a mensagem é...?

— Depende da cabeça da plateia. Suas esperanças e sonhos. Sabe, penso muito a respeito dos sonhos que você tem, Dallas.

Eu também, pensou Eve, mas enfrentou o olhar dele com naturalidade.

— Eu prefiro me prender à realidade. Sonhos podem ser decepcionantes.

— Não, não... eles são reveladores. A mente, e a mente inconsciente em particular, é como uma tela. Pintamos imagens nela, constantemente. A arte e a música podem acrescentar um monte de cores, e muito estilo. A ciência médica vem estudando isso há décadas e usa os resultados para tratar e avaliar certas condições, tanto psicológicas quanto fisiológicas.

Eve deixou a cabeça tombar ligeiramente de lado. *Será que havia outra mensagem oculta por trás daquilo?*

— Você agora está me parecendo mais um cientista do que um músico.

— Sou uma mistura dos dois. Um dia, você vai ser capaz de pegar uma canção pessoalmente projetada para trabalhar com suas próprias ondas cerebrais. As possibilidades de melhora de humor e disposição serão infinitas e íntimas. Esta é a chave. Intimidade.

Eve sentiu que ele estava fazendo uma sondagem e parou de dançar, afirmando:

— Não acho que este trabalho apresente uma boa relação custo-benefício. Além do mais, desenvolver pesquisas com tecnologias voltadas para analisar e coordenar ondas cerebrais individuais é ilegal, e por uma razão muito boa... É algo perigoso!

— Nem um pouco — discordou ele. — É algo libertador. Todos os processos inovadores, qualquer tipo de progresso verdadeiro da ciência normalmente começa como ilegal. Em relação aos custos, poderiam ser altos, de início, mas cairiam à medida que o produto fosse ajustado para ser produzido em massa. O que é o cérebro senão um computador, afinal? Você tem um computador analisando outro computador. O que poderia ser mais simples?

Jess olhou para a tela e terminou:

— Esta é a introdução do último número. Tenho que conferir meu equipamento, antes de entrar em cena — e se inclinou, beijando-a de leve no rosto. — Deseje-nos sorte.

— É... Boa sorte — murmurou, mas seu estômago estava cheio de nós.

O que era o cérebro senão um computador? Computadores analisando computadores. Programas individualizados projetados para padrões pessoais de ondas cerebrais. Se isso era possível, será que também seria viável acrescentar programas de sugestão ligados diretamente ao cérebro do usuário? Eve balançou a cabeça. Roarke jamais aprovaria uma coisa dessas. Não correria um risco tão básico como esse. Mesmo assim, abriu caminho pela multidão, até chegar aonde ele estava, e colocou a mão sobre o seu braço.

— Preciso lhe fazer uma pergunta — disse, baixinho. — Você ou alguma de suas companhias

anda fazendo pesquisas por trás dos panos para projetar aparelhos de realidade virtual usando padrões personalizados de ondas cerebrais?

— Isso é ilegal, tenente.

— Roarke.

— Não. Houve um tempo em que eu teria me aventurado em uma série de áreas não essencialmente legais, quando se tratava de negócios. Essa jamais foi uma delas. E não — acrescentou ele, antecipando a pergunta seguinte. — Aquele modelo de óculos virtuais é para uso universal, não foram projetados para uso individual. Apenas os programas podem ser personalizados ao gosto do usuário, e por ele próprio. O que você está propondo teria um custo proibitivo, além de ser logisticamente confuso e, resumindo, traria muitas dores de cabeça para a empresa.

— Certo, foi o que imaginei. — Seus músculos relaxaram. — Mas isso pode ser feito?

Ele parou por um momento, pensativo, e depois levantou os ombros.

— Não faço ideia. Você precisaria ter cooperação do indivíduo para ter acesso às suas ondas cerebrais. Isso envolveria aprovação pessoal e consentimento. Além disso... Bem, não tenho a menor ideia — repetiu.

— Se eu conseguisse conversar com Feeney a sós... — e girou a cabeça, tentando achar o detetive de eletrônicos no meio da multidão que se movimentava.

— Tire a noite de folga, tenente. — Roarke envolveu-a com o braço. — Mavis está a poucos minutos de seu momento de glória, sob os refletores.

— Certo. — Eve se forçou a empurrar a preocupação para o fundo da mente, enquanto Jess se instalava em seu console e tocava um refrão de introdução. *Amanhã*, prometeu a si mesma, e puxou os aplausos ao ver Mavis pisar no palco.

A partir desse instante, toda a preocupação se foi, dissolvida pela explosão de energia de Mavis e seu próprio prazer feérico enquanto as luzes, a música e o profissionalismo de tudo aquilo se combinavam em um vertiginoso caleidoscópio.

— Ela é muito boa, não é? — Eve nem notou que apertava demais o braço de Roarke, como uma mãe vendo a filha no teatrinho da escola. — Diferente, estranha, mas ótima!

— Ela é tudo isso. — O confronto furioso de notas musicais, efeitos sonoros e vocais jamais seriam o seu estilo de música preferido, mas Roarke se pegou sorrindo. — Ela cativou toda a plateia. Pode relaxar.

— Estou relaxada.

Ele riu e a abraçou com mais força, puxando-a para junto dele.

— Você está tão inchada de orgulho que, se estivesse usando uma roupa com botões, eles já teriam pulado. — Roarke não se importou com o fato de ser obrigado a colocar a boca junto da orelha de Eve para que ela pudesse ouvi-lo. E, já que estava ali mesmo, acrescentou uma sugestão bem criativa para os dois fazerem depois da festa.

— O quê? — Eve sentiu um calor subir-lhe por dentro. — Acho que este ato em particular é ilegal neste Estado. Vou confirmar no meu livro de códigos e lhe dou um retorno. Pare com isso!

— Ela levantou um dos ombros em reação aos dentes dele que trabalhavam em sua orelha junto com a língua.

— Eu quero você! — O desejo arrepiou-lhe toda a pele como uma erupção urgente, uma comichão que precisava ser coçada de imediato. — Quero você agora!

— Você não pode estar falando sério... — começou a dizer, mas sentiu que ele estava falando a

verdade, com ferocidade, quando a sua boca cobriu a dela em um beijo ardente e selvagem. O sangue borbulhou em suas veias em pulsos violentos, enchendoas de vida e vibração, e os músculos de suas coxas ficaram moles. — Segure-se, garotão!... — Conseguiu se afastar alguns centímetros dele e se viu sem ar, chocada e quase vermelha de vergonha. Nem todos estavam com a atenção voltada para Mavis. — Estamos no meio de um evento aqui. Um acontecimento público.

— Então vamos sair daqui. — Ele já estava com o membro ereto e duro como uma rocha, dolorosamente pronto. — Havia um lobo dentro dele, pronto para atacar. — Há muitos quartos secretos nesta casa.

Ela teria começado a rir se não tivesse sentido a necessidade urgente que vibrava, vindo dele.

— Controle-se, Roarke. Este é o grande momento de Mavis. Não podemos sair correndo para entrar no primeiro armário que encontrarmos, como dois adolescentes com tesão.

— Sim, podemos sim. — Meio cego, ele a empurrou entre a multidão até saírem dela, enquanto ela balbuciava protestos, atordoada.

— Isso é loucura. O que você é, um androide programado para o prazer? Você consegue muito bem se segurar por mais umas duas horas.

— Para o inferno com esse papo! — Ele escancarou a primeira porta que encontrou e a empurrou lá para dentro, e era realmente um closet. — Agora, droga! — As costas dela foram jogadas contra uma parede e, antes que pudesse sequer soltar uma exclamação, ele levantou-lhe a roupa, rasgou-lhe a calcinha e se lançou dentro dela. Ela estava seca, despreparada e chocada. *Violada era a única* palavra que lhe vinha à mente enquanto mordida o lábio para impedir a si mesma de gritar. Ele estava sendo bruto, sem cuidados, e fazia suas equimoses latejarem enquanto se arremetia dentro dela, sem parar, grudando-a na parede. Quando ela o empurrava, ele a golpeava por dentro com mais força, suas mãos subiam-lhe pelos quadris, apertando-os e rasgando os gritos espantados de dor ainda dentro de sua garganta, impedindo-os de sair.

Ela poderia tê-lo impedido, seu treinamento policial era bem completo para isso. O treinamento, porém, dissolveu-se em pura agonia feminina. Ela não conseguia enxergar direito o rosto dele, e não tinha certeza de reconhecê-lo, se pudesse ver.

— Roarke... — era o choque, que a atingia nos ossos, que fez sua voz sair trêmula — ... você está me machucando!

Ele murmurou algo em um idioma que ela não compreendeu nem jamais ouvira; portanto, parou de lutar, apertou os ombros dele com força e fechou os olhos diante do que estava acontecendo a ambos.

Ele continuava a bombeá-la, batendo cada vez mais fundo dentro dela, com as mãos enterradas entre as suas coxas, para mantê-las abertas para ele, sua respiração assobiando em seu ouvido. Ele a possuiu brutalmente, e não demonstrou nenhum vestígio da *finesse* e do controle que eram características dele.

Não conseguia parar. Mesmo sentindo que parte do seu cérebro queria recuar, e horrorizado com o que estava fazendo, simplesmente não conseguia parar. A necessidade era como um câncer que o consumia, e ele tinha que saciá-lo para sobreviver. Havia uma voz distante em sua cabeça, insaciável e ofegante. *Mais fundo. Mais depressa. Com mais força. Essa voz o conduzia,* o empurrava, até que, com uma terrível propulsão final, ele se esvaziou.

Ela se segurou contra a parede. Era isso ou escorregar para o chão. Ele tremia como um homem que sofria de malária, e ela não sabia se o acalmava ou o agredia.

— Que droga, Roarke! — Mas quando ele apoiou a mão na parede para manter o equilíbrio, enquanto oscilava de um lado para outro, ela perdeu toda a vontade de insultá-lo e deixou a preocupação de lado. — Ei, o que foi isso? Quanto você bebeu, afinal? Vamos lá, apoie-se em mim.

— Não. — Com a necessidade violenta já saciada, sua mente começou a clarear. E o remorso o atingiu em cheio, balançando a cabeça para espalhar a tontura, e ele se afastou dela. — Pelo bom Deus, Eve. Meu bom Deus! Sinto muito! Sinto muito!...

— Tudo bem, está tudo bem. — Ele estava branco como uma folha de papel. Ela jamais o havia visto nem remotamente doente ou enjoado, e ficou apavorada. — Vou chamar Summerset, vou buscar alguém. Você precisa se deitar agora.

— Pare com isso. — Com todo o cuidado, ele afastou as mãos dela que acariciavam a sua cabeça e deu um passo para trás, até que eles já não estavam mais se tocando. Como é que ela ainda conseguia aguentar o toque dele? — Pelo amor de Deus, Eve... Eu estuproi você. Eu acabei de estuprá-la!

— Não! — disse ela, com firmeza, torcendo para que o tom de sua voz fosse tão eficiente quanto uma bofetada. — Você não me estuprou! Eu sei o que é estupro. O que você fez não foi estupro, embora eu reconheça que foi um pouco entusiasmado demais.

— Eu machuquei você! — Quando ela se aproximou, ele levantou as mãos para pará-la. — Droga, Eve, você está toda machucada, dos pés à cabeça, e acabei de imprimá-la contra a parede em uma porcaria de closet e usei você. Você foi usada como uma....

— Certo. — Ela tentou se aproximar novamente, mas ele balançou a cabeça. — Não fique se afastando de mim, Roarke. E isso que vai me magoar. Não faça isso.

— Preciso de um minuto. — E passou as mãos sobre o rosto. Ainda se sentia com a cabeça meio no ar, enjoado, e, o que era pior, ligeiramente fora de si mesmo. — Nossa, eu preciso de um drinque!

— O que nos traz de volta à pergunta: quanto você já bebeu?

— Não muito. Não estou bêbado, Eve — e abaixou as mãos, olhando em volta. — *Um closet, era tudo o que podia pensar. Pelo amor de Deus, um closet!* — Não sei o que aconteceu, nem o que deu em mim. Sinto muito mesmo!

— Dá pra perceber. — Mas Eve continuava sem entender todo o quadro. — Você ficou o tempo todo repetindo uma palavra. Uma palavra estranha. Parecia *liomsa*.

— E uma palavra gaélica. — Seus olhos se tornaram mais sombrios. — *Minha é o seu significado.* Eu não usava o idioma gaélico há... ora, desde que era garoto. Meu pai costumava falar gaélico quando ficava... bêbado.

Ele hesitou, depois estendeu a mão para afagar ligeiramente o rosto dela com as pontas dos dedos.

— Fui tão brutal com você. Tão pouco cuidadoso...

— Não sou um dos seus vasos de cristal, Roarke. Consigo aguentar.

— Não desse jeito. — Lembrou-se dos gemidos, choringos e protestos das prostitutas do beco que passavam através das paredes finas e o assombravam depois que o seu pai o colocava na cama. — Jamais desse jeito. Não pensei em você em nenhum momento. Não me importei, e não há desculpas para isso.

Ela não queria que ele se humilhasse. Era algo que a deixava nervosa.

— Bem, estou vendo que você já está muito ocupado se recriminando, por isso não vou me

incomodar mais com isso. Vamos voltar.

Ele tocou o braço dela antes que ela conseguisse abrir a porta.

— Eve, não sei o que aconteceu, literalmente. Um minuto nós estávamos em pé, lá, ouvindo Mavis, e no instante seguinte... foi algo muito poderoso, cruel. Foi como se a minha vida dependesse de possuir você. Não foi só sexo, mas sobrevivência. Não consegui controlar aquilo. Não há desculpas para o que eu...

— Espere. — Eve se encostou contra a porta por um momento, lutando para separar a mulher da policial, a esposa da detetive. — Você não está exagerando um pouco?

— Não. Era como um punho apertando-me a garganta... — e conseguiu dar um sorriso leve. — ... Bem, talvez não seja exatamente essa a parte da anatomia. Não há nada que eu possa dizer ou fazer para...

— Desligue a culpa por um minuto, por favor, e pense. — Seus olhos ficaram duros como ágata naquele momento. — Uma súbita e irresistível urgência, como se fosse uma compulsão. Uma compulsão que você, um homem muito controlado, não conseguiu evitar... Simplesmente ficou bombeando dentro de mim com a mesma *finesse* de um celibatário suado quebrando o jejum com uma androide sexual alugada.

Ele contraiu o rosto ao ouvir isso e sentiu a forte físgada de culpa.

— Sei perfeitamente disso, Eve.

— E esse não é o seu estilo, Roarke. Você tem mãos ágeis, não consigo controlar todos os seus movimentos, mas eles são suaves e experientes. Você pode ser intenso, às vezes, mas jamais cruel. E como uma mulher que já fez amor com você de praticamente todas as maneiras anatomicamente possíveis, posso assegurar que você jamais é egoísta.

— Bem... — Ele não estava certo de como reagir. — Você me deixa sem graça...

— Não era você — murmurou ela.

— Preciso discordar.

— Aquela não era a pessoa na qual você se transformou — corrigiu ela —, e é isso o que conta. Você estourou um fusível. Alguma coisa dentro de você fez esse fusível desligar. Ou ligar... Aquele filho da mãe! — Sua respiração se acelerou ao encontrar os olhos de Roarke, e neles ela notou um início de compreensão. — Aquele filho da mãe aprontou alguma. Ele estava me contando isso enquanto dançávamos. Ele estava se exibindo descaradamente, e eu não saquei, mas é isso que vai servir para grampeá-lo.

— Você está falando a respeito de Jess Barrow? — Dessa vez o aperto da mão de Roarke no braço de Eve era mais forte. — Está falando sobre scanners de ondas cerebrais e sugestões subliminares. Controle da mente...

— A música afeta a maneira como as pessoas se comportam, como elas pensam. Como sentem. Ele disse tudo isso para mim, minutos antes de a apresentação de Mavis começar. Canalha arrogante!

Roarke se lembrou do choque nos olhos de Eve no momento em que ele a atirou de encontro à parede e se enfiou dentro dela como um aríete.

— Se você estiver certa a respeito disso — a voz dele era fria agora, fria demais —, quero um momento a sós com ele.

— Isso é assunto da polícia — começou ela, mas ele chegou um pouco mais perto dela, com os olhos frios e determinados.

— Ou você me deixa uns minutos a sós com ele ou eu arrumo um jeito de conseguir isso. De

qualquer modo, vou ter esse momento.

— Tudo bem — e colocou uma das mãos sobre a dele, não para aliviar o aperto, mas em solidariedade. — Tudo bem. Mas vai ter que esperar a sua vez. Primeiro, eu tenho que ter certeza.

— Eu espero — concordou ele. Mas o homem ia pagar caro, Roarke prometeu a si mesmo, por colocar medo e falta de confiança no relacionamento deles, ainda que por apenas um instante.

— Vou deixar a apresentação acabar primeiro — decidiu ela. — Vou interrogá-lo, extraoficialmente, em minha sala lá embaixo, tendo Peabody como assistente. Não faça um movimento contra ele, Roarke. Estou falando sério.

Ele abriu a porta do closet e a deixou sair na frente.

— Já disse que vou esperar.

A música continuava muito forte, e atingiu-os com um tom estridente e áspero, vários metros antes de eles chegarem à porta do salão. Bastou, porém, Eve colocar os pés no salão e caminhar por entre a multidão que os olhos de Jess se desviaram dos controles e se fixaram nos dela.

Seu sorriso foi curto, convencido e divertido.

E ela teve certeza.

— Encontre Peabody e peça a ela para descer até a minha sala de trabalho no andar de baixo, a fim de preparar um interrogatório preliminar. — Colocando-se na frente de Roarke, Eve obrigou seus olhos a se desviarem para ela. — Por favor. Não estamos tratando apenas de um insulto pessoal aqui. Estamos falando de assassinato. Deixe-me fazer meu trabalho.

Roarke se virou sem dar uma palavra. No momento em que ela o perdeu entre a multidão, fez tudo para alcançar Summerset e lhe pediu:

— Quero que você vigie Roarke para mim.

— Poderia repetir isso, por favor? — pediu, com ar de insultado.

— Escute o que eu vou lhe dizer. — Seus dedos cutucaram-lhe o paletó impecável e alcançaram o osso do peito. — É muito importante. Pode ser que ele se meta em problemas. Não quero que você o deixe fora de vista por pelo menos mais uma hora depois da apresentação. Se algo acontecer a ele, vou fritar seu rabo, entendeu?

Ele não entendeu nada, mas percebeu a urgência que havia na voz dela.

— Muito bem — falou com dignidade e atravessou o salão com graça, mas seus nervos ficaram em frangalhos.

Confiante de que Summerset ia tomar conta de Roarke como uma galinha cuida dos pintinhos, ela foi de novo para o centro da plateia, até chegar na parte da frente do grupo. Aplaudiu muito, como o resto das pessoas, e se forçou a lançar um sorriso luminoso de apoio quando Mavis voltou para o bis. E quando a rodada de aplausos que se seguiram diminuiu, ela foi devagar até onde Jess estava e se encostou nos controles.

— Um tremendo triunfo — murmurou.

— Eu lhe disse que ela é um tesouro! — Havia um brilho maldoso em seus olhos quando ele sorriu para ela. — Você e Roarke perderam alguns dos números.

— Tivemos que resolver alguns assuntos pessoais — disse ela, impassível. — Eu preciso muito conversar com você, Jess, de verdade. É a respeito da sua música.

— Fico feliz por ouvir isso. Não há assunto do qual eu goste mais.

— Agora, se você não se incomodar, vamos procurar um local onde possamos ter mais privacidade.

— Claro. — Ele fechou o console e o trancou com um código. — A festa é sua.
— Você está totalmente certo — murmurou ela, enquanto seguia na frente dele.

CAPÍTULO QUINZE

Ela preferiu o elevador, pois queria sair dali o mais depressa possível e sem ser notada. Programou a curta viagem para o andar de baixo, na vertical, e depois mudou o curso para horizontal, a fim de se transferir de uma ala da casa para outra.

— Olhe, podem ter certeza, você e Roarke têm um lugar fantástico aqui. Simplesmente ultra, *mais que demais*.

— É... Vai servir até a gente achar um lugarzinho maior — disse ela, seca, e se recusou a deixar que a gargalhada dele irritasse seus nervos. — Conte-me uma coisa, Jess: você resolveu trabalhar com Mavis, a sério, antes ou depois de saber da conexão dela com Roarke?

— Já lhe disse que Mavis é uma em um milhão. Foi preciso vê-la apenas umas duas vezes, apresentando um número desprezível na Boate Baixaria para saber que a gente ia se completar bem. — O sorriso surgiu, charmoso. Parecia um coroinha escondendo um sapo debaixo da batina. — É claro que não prejudicou em nada saber que ela possuía um contato como Roarke a seu lado. Só que ela precisava ter o talento.

— Mas você já sabia da conexão antes...

— Tinha ouvido falar — e moveu um dos ombros. — Foi por isso que fui até lá para vê-la. Aquele tipo de boate não é normalmente o meu ambiente. Mas ela brilhava, e me chamou a atenção. Pensei que, se conseguisse produzi-la em alguns números quentes, e se Roarke, ou alguém com o seu poder de fogo, estivesse, digamos, interessado em investir em uma carreira promissora, tudo ficaria mais fácil.

— Você é muito lisinho, Jess — Eve saiu do elevador assim que a porta se abriu. — Quase escorregadio...

— Como já lhe falei, venho trabalhando com shows desde criança. Acho que aprendi como a coisa funciona — e olhou em torno do corredor, enquanto a acompanhava. Arte antiga, da verdadeira, reparou ele. Madeira caríssima, tapetes que algum artesão gastara os dedos para tecer um século atrás.

Aquilo era dinheiro, pensou, do tipo que constrói impérios.

Ao chegar na porta de sua sala, ela se virou.

— Não sei o tamanho da fortuna dele — informou Eve, lendo perfeitamente a mente de Jess —, e, na verdade, nem me importo em descobrir.

Com o sorriso ainda no lugar, ele levantou uma sobrancelha, baixou o olhar para o gordo diamante em forma de lágrima que ela trazia pendurado sobre o corpete de sua roupa de seda azul-marinho.

— Só que você não veste trapos e farrapos, docinho — provocou ele.

— Mas já vesti, e posso tornar a fazê-lo, numa boa... e, Jess?... — completou ela, abrindo a fechadura codificada. — Não me chame de "docinho".

Eve entrou e acenou com a cabeça para Peabody, que se mostrou intrigada, porém atenta.

— Sente-se — ofereceu a Jess, indo diretamente para a sua mesa de trabalho.

— Bonita decoração... Bem, oi, gatinha... — Ele não conseguia se lembrar do nome de Peabody de jeito nenhum, mas sorriu com satisfação ao vê-la, como se os dois fossem amigos antigos e muito chegados. — Assistiu à apresentação?

— Quase toda.

— E então, o que achou? — e se largou em uma cadeira.

— Achei ótimo! Você e Mavis realmente sabem como dar um show! — e arriscou um sorriso, já que não tinha muita certeza do que Eve queria dela. — Já estou a fim de comprar o primeiro disco.

— É assim que se fala... É isso que eu gosto de ouvir. Será que um cara com sede consegue beber alguma coisa por aqui? — perguntou a Eve. — Gosto de ficar a seco antes do espetáculo, mas agora já estou mais do que preparado para molhar o bico.

— Tudo bem. O que prefere tomar?

— Aquela champanhe me pareceu muito boa.

— Peabody, deve ter uma garrafa na cozinha. Sirva uma taça para o nosso amigo aqui, por favor. E, aproveitando que você vai lá, por que não nos traz um pouco de café?

Eve se recostou na cadeira e considerou a situação. Tecnicamente, ela deveria começar a gravar a entrevista a partir daquele ponto, mas queria envolvê-lo um pouco primeiro, antes de registrar a conversa.

— Uma pessoa como você, Jess, que prepara não apenas a música, mas também a atmosfera que a envolve, deve ser tanto um técnico quanto um artista, certo? Creio que era isso que você estava me explicando antes da apresentação.

— Bem, é assim que o mundo do *show business* vem funcionando há muitos anos — e balançou uma de suas lindas mãos, em cujo pulso havia um bracelete de ouro. — Tenho a sorte de ter talento e interesse nas duas áreas. Os dias de tentar arrancar uma melodia das teclas de um piano ou dedilhar um refrão repetitivo das cordas de um violão vão seguindo o mesmo caminho do combustível fóssil: estão quase extintos.

— Onde você conseguiu o seu treinamento técnico? Eu diria que ele está muito além do comum.

Jess lançou um novo sorriso no momento em que Peabody voltava com as bebidas. Estava confortável, relaxado e imaginava que estava em meio a uma espécie de entrevista de emprego.

— Apreendi o que sei trabalhando muito basicamente, e passei um bocado de noites em claro. Mas também me formei fazendo o curso on-line do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o famoso MIT.

Eve já sabia daqueles dados pela pesquisa de Peabody, mas queria arrancar aquilo da boca de Jess.

— Isso é muito impressionante! E você adquiriu fama tanto na execução das músicas quanto como arranjador e compositor. Não estou certa, Peabody?

— Está. Tenho todos os seus discos, e estou louca para que você lance algo novo. Já faz algum tempo que você não grava...

— Eu também já ouvi comentários sobre isso. — Eve chutou a bola que Peabody, sem querer, levantara. — Anda sem inspiração, Jess?

— Nem um pouco. Apenas queria dar um tempo para aperfeiçoar o novo equipamento, recolher e fundir os elementos exatos para o sucesso. Quando eu lançar o material novo, vai ser algo diferente, que ninguém jamais viu ou ouviu antes.

— E Mavis vai ser uma espécie de trampolim para isso.

— De certa forma, sim. Ela foi um golpe de sorte em minha vida. Pode servir de vitrine para a parte do material que não funcionaria comigo, e individualizei algumas outras canções para combinar melhor com ela. Pretendo lançar um disco solo em poucos meses.

— Depois que todas as peças tiverem sido encaixadas.

— Exato! — concordou ele, levantando um brinde e provando a champanhe.

— Você já fez trilhas sonoras para programas de realidade virtual?

— Já, uma vez ou outra. Não é um mau trabalho, quando o programa é interessante.

— E aposto que você sabe como encaixar sugestões subliminares neles.

— Subliminares? — Fez uma pausa e tomou mais um gole. — Isso já é uma área puramente técnica.

— Mas você é um técnico danado de bom, não é, Jess? Bom o bastante para conhecer computadores por dentro e por fora. E cérebros. Um cérebro é apenas um computador, não é? Não foi isso que você me falou?

— Claro. — Seu foco estava totalmente em Eve, de modo que ele não reparou que Peabody estava começando a se interessar pelo rumo da conversa.

— E você atua na área de melhorias do astral, o que leva a mudanças de comportamento. Padrões comportamentais e emocionais. Padrões de ondas cerebrais — e, pegando um gravador em sua mesa, colocou-o bem à vista.

— Que diabo é isto? — ele colocou a taça na mesinha e foi mais para a frente, colocando-se na ponta da cadeira. — Qual é o lance?

— O lance é que eu vou especificar todos os seus direitos, e depois nós vamos levar um papo. Policial Peabody, ligue o gravador e comece a anotar tudo, por favor.

— Eu não concordei em participar da porra de um interrogatório! — Ele se levantou e Eve se levantou junto.

— Por mim, tudo bem... Podemos obrigá-lo a isso, levando-o para a Central de Polícia. Pode ser que leve algum tempo. Eu não reservei uma sala de interrogatório. Mas você não vai se importar de passar algumas horas esperando, no xadrez.

Lentamente, ele tornou a se sentar, comentando:

— Você se transforma em tira bem depressa, Dallas.

— Não, não é bem o caso... Eu sou tira o tempo todo. Sempre! Aqui fala a tenente Eve Dallas — começou a recitar para o gravador, e informou a hora e o local, antes de informar os direitos atualizados, os quais todo suspeito era obrigado a conhecer. — Você compreendeu bem todos os seus direitos e opções, Jess?

— Sim, entendi tudo. Mas continuo sem saber a respeito do que estamos falando.

— Então vou tornar tudo muito claro para você. Você está sendo interrogado sobre assuntos relacionados às mortes não solucionadas de Drew Mathias, S. T. Fitzhugh, senador George Pearly e Cerise Devane.

— Quem?! — Ele pareceu convincentemente desorientado. — Devane? Não foi a mulher que se jogou do Edifício Tatder? O que eu poderia ter a ver com um suicídio? Eu nem ao menos a conhecia...

— Você não tinha conhecimento de que Cerise Devane era a principal executiva e maior acionista das Empresas Tattler?

— Não, quis dizer que acho que sabia quem ela era, mas...

— Imagino que você já foi matéria do jornal *The Tattler* de vez em quando, durante a sua carreira...

— Claro, eles vivem escavando para descobrir os podres das pessoas. Já tentaram manchar meu nome. Isso faz parte do mundo do *show business*. — O medo diminuía e ele agora se mostrava ligeiramente irritado. — Escute, aquela mulher pulou do prédio. Eu estava no centro da cidade, trabalhando, quando ela saltou. Tenho testemunhas disso. Mavis é uma delas.

— Eu sei que você não estava lá, Jess. Quem estava era eu. Pelo menos eu tenho certeza de que você não estava em carne e osso.

Sua boca que parecia esculpida se curvou em um sorriso sarcástico.

— Então o que eu sou agora, algum fantasma?

— Você conhecia ou teve alguma vez na vida contato com um engenheiro autotrônico com o nome de Drew Mathis?

— Nunca ouvi falar dele.

— Mathias também cursou o MIT.

— Como milhares de outros. Eu optei pelo curso em casa, on-line. Jamais coloquei os pés no campus.

— E jamais teve contato com outros alunos?

— Claro que tive... Pelo *tele-link*, *e-mail*, *fax a laser*, e tudo o mais. — Encolheu os ombros e começou a tamborilar sobre a bota feita a mão que acabara de colocar sobre o joelho. — Não me lembro de nenhum engenheiro autotrônico com esse nome.

Eve resolveu mudar de tática.

— Quantos projetos você desenvolveu na área de mensagens subliminares individualizadas?

— Não sei do que você está falando.

— Você não compreendeu o termo que usei?

— Compreendi, sei o que significa. — Dessa vez deu de ombros de forma mais rígida. — Aliás, pelo que sei, isso jamais foi conseguido; portanto não sei o motivo da pergunta.

Eve resolveu se arriscar. Olhou para a sua auxiliar e perguntou:

— Você sabe sobre o que estou falando com ele, Peabody?

— Acho que a senhora foi bastante clara, tenente. — Peabody se sentia meio atolada em um terreno enlameado e confuso. — A senhora gostaria de saber que tipo de trabalho o interrogado já realizou na área de sugestões subliminares personalizadas. Talvez seja interessante lembrar ao interrogado que atualmente não é ilegal realizar pesquisas ou demonstrar interesse nessa área. Apenas o desenvolvimento e a fabricação de aparelhos com esta tecnologia são considerados crimes, tanto na esfera estadual quanto na federal e internacional.

— Muito bem, Peabody! Isso serviu para tornar as coisas mais claras para você, Jess?

A conversa paralela lhe dera algum tempo para se acalmar, e ele confirmou:

— Claro, tenho alguns interesses nessa área. Um monte de gente tem.

— Mas isso é um pouco fora do seu campo de atuação, não é? Você é apenas um músico, afinal, e não um cientista formado...

Foi o botão certo para apertar. Ele se sentou reto na cadeira, com os olhos soltando faíscas.

— Sou devidamente formado em musicologia. Música não é apenas um monte de notas

enfileiradas juntas não, benzinho! Música é vida! É memória! As melodias disparam gatilhos específicos e muitas vezes promovem reações emocionais previsíveis. Música é a expressão das emoções e dos desejos.

— E eu aqui pensando que era apenas um jeito agradável de passar o tempo...

— O entretenimento é apenas uma fatia da torta. Os celtas iam para a guerra carregando gaitas de foles. Aqueles instrumentos eram uma arma, tanto quanto um machado. Guerreiros nativos de tribos da África se alteravam psiquicamente com tambores. Escravos conseguiam sobreviver com o alento de seus *spirituals*, e os *homens* vêm seduzindo as mulheres através da música há séculos. A música brinca com a mente.

— O que nos traz de volta ao ponto principal. Quando foi que você decidiu dar um passo além e ligar sua música a padrões cerebrais específicos e individuais? Foi algo que aconteceu por acaso, tipo um golpe de sorte, enquanto você estava bolando uma melodia?

Ele soltou uma risada curta.

— Você realmente pensa que o que eu faço é moleza, não é? É só ficar sentado ali, tocar algumas notas e ir em frente. Só que é trabalho! Um trabalho duro e exigente!

— E você transborda de orgulho pelo seu trabalho, não é? Vamos lá, Jess... Você estava doido para me contar isso mais cedo, aqui na festa. — Eve se levantou e deu a volta na mesa para se apoiar na parte da frente do móvel. — Você estava doido, com vontade de me contar. Doido de vontade de contar para alguém. Qual é a graça que existe, qual é a satisfação que traz criar algo tão surpreendente e depois ter que guardar tudo para si mesmo?

Ele pegou novamente a taça, passou lentamente os dedos pela comprida haste de cristal e disse:

— Isso não saiu exatamente do jeito que eu tinha imaginado. — Tomou um gole, considerando as consequências... e as vantagens. — Mavis sempre disse que você pode ser flexível. Que com você as coisas não se resumem a códigos legais e procedimentos oficiais.

— Ah, mas eu posso ser bem flexível, Jess. — *Quando a coisa é justificável*, pensou. — Fale comigo!

— Bem, digamos que se... por hipótese... eu tivesse conseguido desenvolver uma técnica para lançar mensagens subliminares individualizadas, mudanças de astral sobre os padrões de ondas cerebrais de um indivíduo específico, isso seria algo grande!... Pessoas como Roarke e como você, com seus contatos e apoio financeiro, com a sua influência, poderiam, por assim dizer, modificar algumas leis antiquadas e fazer uma imensa fortuna. Iriam revolucionar o campo do entretenimento pessoal e proporcionar o crescimento da indústria, ao mesmo tempo.

— Esta é uma oferta de negócios?

— Hipoteticamente... — disse ele, gesticulando com a taça. — As Indústrias Roarke possuem os instrumentos para pesquisa e desenvolvimento, as instalações, a mão de obra e a credibilidade para pegar um projeto como esse e levá-lo adiante. E uma policial esperta, como você me parece ser, arranjará um modo de contornar a lei, apenas um pouquinho, para fazer a coisa toda passar pelos problemas com mais suavidade.

— Nossa, tenente! — disse Peabody, com um sorriso que não chegou a alcançar os olhos. — Parece que a senhora e Roarke são o casal perfeito. Hipoteticamente...

— E Mavis é o fio condutor — murmurou Eve.

— Ei, Mavis está numa boa, toda empolgada. Conseguiu o que queria. Depois desta noite, ela vai decolar.

— E você acha que isso dá a você o direito de usá-la para chegar até Roarke.

— Uma mão lava a outra... — moveu um ombro novamente — e eu dei um tratamento completo na lavagem das mãos dela. — O ar de diversão e maldade surgiu em seus olhos novamente. — Vocês curtiram a demonstração informal que eu fiz do meu sistema hipotético naquela noite?

Sem ter certeza de que o treinamento que tivera ajudaria a manter a fúria longe do seu rosto, ela se virou e voltou para trás da mesa novamente.

— Demonstração, Jess...?

— Naquela primeira noite em que você e Roarke apareceram no estúdio para acompanhar a sessão de gravação. A mim, pareceu que vocês dois estavam loucos para ir embora, sozinhos — e seu sorriso se afinou nos cantos. — Um pequeno retorno ao clima da lua de mel?...

Eve manteve as mãos por trás da mesa mais um instante, até conseguir abrir o punho. Deu uma olhada para a porta do escritório de Roarke, que era contíguo ao dela, e notou, com um sobressalto, que a luzinha de monitoração estava verde e piscando.

Ele estava assistindo a tudo, compreendeu na hora. Aquilo era não apenas ilegal, como também perigoso, diante das circunstâncias. Lançou os olhos de volta para Jess. Não podia perder o ritmo.

— Pelo visto você tem um interesse incomum na minha vida sexual...

— Eu lhe disse que você me fascina, Dallas. Você possui uma cabeça, uma mente fascinante. É feita de puro aço, com todos esses espaços escuros marcados a fogo. Adoraria saber o que aconteceria se você abrisse esses espaços. E o sexo é uma espécie de chave mestra — e se inclinou, com os olhos fixos nos dela. — Como são os seus sonhos, Dallas?

Eve se lembrou dos pesadelos e do horror nauseante que eles lhe provocaram na noite em que assistira ao disco de Mavis. O disco que ele lhe dera. Suas mãos tremeram por um instante, antes de Eve conseguir controlá-las.

— Seu filho da mãe! — disse e se levantou bem devagar, espalmando as mãos sobre a mesa. — Você gosta de fazer demonstrações, seu babaca? Era isso o que Mathias era para você? Um objeto de demonstração?

— Já lhe disse, não sei quem é esse cara!

— Talvez você estivesse precisando de um técnico em sistemas autotrônicos para aperfeiçoar o seu próprio método, então fez o teste nele mesmo. Tinha as suas ondas cerebrais registradas, e as colocou no programa. Você programou também a parte em que ele preparava o nó correção para se enforçar e o colocava no pescoço, ou deixou o método para ele próprio decidir?

— Acho que você saiu de órbita!

— E Pearly? Qual foi a conexão ali? Uma declaração política de sua parte? Você já estava olhando adiante? Deve ser um verdadeiro visionário. Ele teria usado todo o seu peso considerável contra a legalização do seu novo brinquedo. Por que não usá-lo nele também?

— Espere aí, espere aí!... — e se levantou. — Você está falando de assassinato. Por Deus, você está tentando me envolver em um caso de assassinato?

— Então foi a vez de Fitzhugh. Você precisava de mais uma ou duas demonstrações, não foi, Jess? Ou simplesmente tomou gostinho pela coisa? Dá para a gente se sentir poderoso, não dá? Ser capaz de matar sem ter que sujar as mãos de sangue?

— Eu nunca matei ninguém. Você não pode me acusar disso.

— Devane foi um bônus, com a mídia toda assistindo. Você gosta de olhar. Aposto que adora ficar olhando, não é, Jess? Aposto que fica com tesão só de olhar... Como deve ter ficado com tesão ao pensar até onde forçaria a barra com Roarke hoje à noite, usando o seu maldito

brinquedo.

— É isso que está deixando você revoltada, não é? — Furioso, ele se inclinou sobre a mesa. Seu sorriso não era mais de charme, e sim de ferocidade. — Você quer me punir porque deixei seu marido ligado. Deviam estar me agradecendo. Aposto que vocês dois treparam como coelhos selvagens.

A mão de Eve formou uma bola dura como ferro que o acertou no queixo com toda a força, antes mesmo de seu cérebro registrar o ato. Ele caiu duro como uma pedra, de cara no chão, com os braços abertos, e esbarrou no *tele-link* dela, que voou pela sala.

— Droga! — Ofegante, ela abriu o punho e tornou a fechá-lo. — Droga!

A voz de Peabody surgiu, calma, entre o zumbido que havia em seus ouvidos.

— Que fique registrado que o interrogado ameaçou a tenente fisicamente durante o interrogatório. Como resultado disso, ele perdeu o equilíbrio e caiu, batendo com a cabeça na mesa, e está momentaneamente desacordado.

Embora Eve não conseguisse fazer mais nada, a não ser olhar para ela, Peabody se levantou, aproximou-se de Jess, agarrou-o pelo colarinho e ficou segurando-o, como que para se certificar de sua condição. Seus joelhos estavam bambos e, dos olhos, via-se apenas a parte branca.

— Afirmativo! — confirmou ela, jogando-o sobre uma cadeira. — Tenente Dallas, acho que o seu gravador ficou danificado. — Com um movimento das mãos, Peabody entornou o café de Eve sobre o aparelho, efetivamente queimando seus circuitos. — O meu está funcionando perfeitamente, e será suficiente para servir de registro desse interrogatório. A senhora está ferida?

— Não. — Eve fechou os olhos, e conseguiu se controlar novamente, falando na direção do gravador de Peabody: — Não, estou bem. Obrigada. O interrogatório foi interrompido à uma e trinta e três da manhã. O suspeito Jess Barrow será transportado para o Centro Médico Brightmore, para exames e tratamento, e deverá ser mantido lá até as nove horas da manhã, quando então este interrogatório terá continuidade, na Central de Polícia. Policial Peabody, providencie transporte. O suspeito ficará detido para questionamento, com acusações ainda pendentes.

— Sim, senhora. — Peabody olhou para trás no momento em que a porta do escritório de Roarke se abria. Bastou uma olhada para seu rosto e ela viu que haveria problemas. — Tenente... — disse ela, com cuidado para manter o microfone do gravador meio abafado. — Estou tendo interferências no meu comunicador, e seu *telelink* parece ter sido danificado quando o suspeito bateu de cara no chão. Peço permissão para utilizar outra sala, a fim de chamar os paramédicos.

— Vá em frente... — disse Eve, e suspirou enquanto via Roarke entrando e Peabody saindo. — Você não tinha nada que ficar monitorando este interrogatório! — começou ela.

— Sinto discordar, pois acho que assistir a isso tinha *tudo a ver comigo* — e baixou os olhos na direção da cadeira onde Jess naquele instante gemia e começava a se mexer. — Ele está voltando a si. Gostaria de ter aquele momento a sós com ele agora...

— Ouça, Roarke...

— Agora, Eve!... — disse ele com a voz firme, cortando-a com um olhar curto e gélido. — Deixe-nos a sós!

Aquele era o problema entre eles, como casal, foi o que Eve descobriu naquele instante. Ambos estavam tão habituados a dar ordens que nenhum dos dois sabia recebê-las. Ela se lembrou, porém, do olhar arrasado que viu em seus olhos no momento em que Roarke se afastara

dela, no closet. Ambos haviam sido usados, pensou, mas Roarke tinha sido a maior vítima.

— Você tem cinco minutos com ele. Apenas isso... E vou lhe avisar com toda a clareza. A gravação prova que ele está relativamente sem ferimentos. Se aparecerem marcas nele, isso vai rebater direto em mim, comprometendo o meu caso contra ele.

Seus lábios se torceram em uma leve insinuação de sorriso enquanto ele a tomava pelo braço e a conduzia até a porta.

— Tenente, dê-me um pouco de crédito, por favor. Sou um homem civilizado. — E fechou a porta na cara dela, trancando-a em seguida, por dentro.

Era civilizado, pensou ele, mas sabia como causar grande desconforto a um corpo humano sem deixar o mínimo vestígio.

Caminhou de volta até onde Jess estava, levantou-o com firmeza da cadeira e o balançou até que seus olhos começassem a piscar, tentando entrar em foco.

— Está bem acordado agora, não está? — perguntou Roarke, com suavidade. — Está bem esperto?

Um filete de suor gelado começou a escorrer pela base da espinha de Jess. Ele sentiu como se estivesse olhando de frente para o rosto de um assassino, e sentiu medo.

— Quero um advogado!

— Você não está lidando com os tiras agora. Está lidando comigo! Pelo menos pelos próximos cinco minutos. E não terá nenhum direito nem privilégios durante esse tempo.

Jess engoliu em seco, e lutou para conseguir um pouco de frieza na voz.

— Você não pode nem encostar a mão em mim. Se fizer isso, a responsabilidade toda vai cair em cima da sua mulher.

Os lábios de Roarke se curvaram em um sorriso, provocando uma nova fígada de terror nas entranhas de Jess.

— Vou lhe mostrar, meu chapa — anunciou Roarke —, o quanto você está enganado em pensar assim.

Seus olhos em nenhum momento se afastaram do rosto de seu oponente, nem no instante em que Roarke abaixou a mão, agarrou com toda a força o pênis de Jess pela base e o torceu por completo. Havia uma certa satisfação em ver cada gota de sangue desaparecer da face do homem à sua frente, e em observar o modo com que sua boca se embicava, abrindo-se lentamente como a de um peixinho de aquário, em busca de ar. Com o polegar, ele pressionou lentamente, mas com muita força, a traqueia de Jess, cortando a mínima passagem de ar que fosse, até que seus olhos com brilho prateado se arregalaram a ponto de saltar das órbitas.

— É terrível, você não acha, quando a gente sente que está sendo totalmente dominado pelo pau...? — e deu uma última e dolorosa torcida, forçando o pulso, antes de deixar que Jess despencasse sem forças sobre a cadeira e se encolhesse todo como um camarão.

— Agora, vamos conversar — disse ele, com um tom agradável na voz — a respeito de assuntos particulares.

Do lado de fora do corredor, Eve andava de um lado para outro, olhando a cada dois segundos para a grossa porta. Sabia muito bem que, se Roarke tivesse ligado o equipamento que tornava o aposento à prova de som, Jess poderia estar berrando até colocar os pulmões para fora que ela não conseguiria ouvir nada.

Se Roarke o matasse... Bom Deus, se Roarke o matasse, como é que ela ia lidar com aquilo? Parou de pensar, apavorada, e pressionou a mão sobre o estômago. Como é que ela pudera ao

menos considerar a possibilidade de deixá-los a sós? Era dever dela proteger o canalha! Havia regras a seguir. Por mais que seus sentimentos pessoais estivessem envolvidos, havia regras!

Marchou com decisão em direção à porta, digitou seu código e soltou o ar com força ao ver negado o acesso à sala.

— Filho da mãe. Que droga, Roarke! — Ele a conhecia bem demais. Com poucas esperanças, correu em frente pelo corredor, entrou no escritório dele e tentou a porta de conexão entre as salas.

Entrada negada.

Correu para o monitor, ligou a câmera de segurança que exibia o interior de seu escritório e viu que Roarke também a desligara.

— Deus Todo-Poderoso, ele o está matando! — Correu para a porta novamente e bateu nela com os punhos, usando toda a sua força, inutilmente. Momentos mais tarde, como se fosse mágica, a fechadura se abriu sozinha e a porta deslizou suavemente para o lado, abrindo-se. Ela entrou correndo, desesperada, e viu Roarke calmamente sentado à sua mesa, fumando.

Seu coração disparou ao olhar lentamente para Jess. Ele estava pálido como um defunto, com as pupilas estreitas como a ponta de um alfinete, mas respirava. Na verdade, ele exalava o ar com um rugido estranho, como uma unidade de controle de temperatura com defeito.

— Não deixei marcas nele!... — Roarke pegou o conhaque que servira para si mesmo. — ... E acredito que ele já começou a ver os erros que cometeu, com seu modo de agir.

Eve se inclinou na direção de Jess, olhou mais de perto os olhos dele e o viu recuar mais para o fundo da cadeira, como um cão surrado. O som que saía de seus pulmões era pouco humano.

— Que diabos você fez com ele, Roarke?

Ele tinha dúvidas de que Eve ou o Departamento de Polícia da cidade de Nova York pudesse aprovar alguns dos truques que aprendera em algumas de suas viagens mais sombrias.

— Fiz muito menos do que ele merecia...

Ela endireitou o corpo e observou Roarke longamente, com o olhar fixo e duro. Ele parecia um homem pronto para receber convidados tardios ou presidir uma importante reunião de negócios. Seu terno estava sem uma dobra sequer, seus cabelos sem um fio fora do lugar, suas mãos perfeitamente firmes.

Seus olhos, porém, ela reparou, estavam muito além do lado selvagem.

— Nossa, você está com um olhar apavorante!

Com todo o cuidado, colocou o conhaque sobre a mesa e prometeu:

— Nunca mais vou ferir você novamente.

— Roarke... — Ela lutou contra a vontade de ir até ele e envolvê-lo em seus braços. Não era isso, porém, o que o momento pedia, ela decidiu. Nem o que ele queria. — ... Isso não pode se tornar pessoal.

— Sim, pode. — Sugou a fumaça e a soltou lentamente. — Pode se tornar e é pessoal.

— Tenente — Peabody entrou na sala, com o rosto impassível. — Os paramédicos estão aqui. Com a sua permissão, vou acompanhar o suspeito até o centro médico.

— Deixe que eu vou — avisou Eve.

— Senhora... — Peabody olhou de relance para Roarke, e reparou que ele ainda continuava com o olhar grudado em Eve. Notou também que seus olhos pareciam muito perigosos — ... Desculpe, mas acredito que a senhora tenha assuntos mais urgentes para resolver aqui. Eu mesma posso cuidar disso. Vocês ainda têm um grande número de convidados na casa, incluindo a

imprensa. Estou certa de que irão preferir manter esse assunto reservado, até que deva ser divulgado.

— Tudo bem, vou entrar em contato com a central daqui mesmo, para providenciar os acertos necessários. Apresente-se para a segunda fase do interrogatório amanhã de manhã, às nove horas.

— Mal posso esperar. — Peabody olhou para Jess e levantou uma sobrancelha. — Ele devia ter batido a cabeça com muita força. Ainda está zozinho e todo empapado de suor — e ofereceu a Roarke um sorriso largo. — Dá para imaginar o que ele deve estar sentindo...

Roarke deu uma gargalhada, sentindo um pouco da tensão se dissolver enquanto falava:

— Não, Peabody. Nesse caso em particular, não creio que você possa imaginar.

Levantando-se, caminhou até onde ela estava e, emoldurando o seu rosto quadrado com as mãos elegantes, carimbou-lhe um beijo rápido nos lábios, dizendo:

— Você é linda! — e se voltou para Eve. — Vou cuidar do resto dos convidados. Levem o tempo que desejarem.

Quando ele saiu, Peabody tocou os lábios com as pontas dos dedos. Uma onda de prazer se irradiara da cabeça até os dedos dos pés e escapara pelas pontas dos sapatos.

— Uau! — reagiu ela. — Eu sou linda, Dallas.

— Estou lhe devendo uma, Peabody.

— Acho que acabei de ser paga — e foi até a porta. — Aqui estão os paramédicos. Vamos carregar o rapazinho para fora daqui. Diga a Mavis que ela esteve absolutamente ultra.

— Mavis... — Eve apertou os dedos sobre os olhos. Como é que ela ia contar aquilo a Mavis?

— Se eu fosse você, Dallas, ia dar a ela a chance de brilhar pelo resto da noite. Pode contar tudo a ela mais tarde. Ela vai ficar bem. Podem entrar! — chamou ela, gesticulando. — Temos uma leve concussão aqui.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Conseguir um mandado de busca e apreensão às duas da manhã era uma coisa complicada. Eve não tinha os dados objetivos e claros para conseguir uma emissão automática, e precisava de um juiz. Juízes tinham a tendência a ficar de mau humor quando eram acordados no meio da madrugada. E tentar explicar o porquê de ela precisar de liberação para uma pesquisa laboratorial e exames minuciosos em um console de som que estava no momento em sua própria casa era um trabalho espinhoso.

Sendo assim, Eve tolerou com paciência o sermão ríspido e zangado do juiz que escolhera.

— Eu compreendo isso, meritíssimo. Mas o caso não pode esperar até uma hora decente da manhã. Tenho a forte suspeita de que o console em questão está vinculado à morte de quatro pessoas. Seu projetista e operador está, nesse instante, sendo fichado e detido, e não posso esperar pela sua imediata cooperação.

— Você está querendo me provar que a música mata, tenente? — debochou o juiz. — Eu poderia lhe dizer isso por mim mesmo. O lixo musical que eles lançam hoje em dia é capaz de assassinar um elefante. Nos meus tempos, sim, havia *música*. Springsteen, Live, Cult Killers. *Aquilo era música...*

— Sim, senhor. — Eve lançou os olhos para o teto. Por que será que ela tinha que ter arrumado um juiz viciado em rock clássico? — Eu realmente preciso do mandado, meritíssimo. O capitão Feeney já está à disposição para a varredura inicial. O operador admitiu ter usado o console ilegalmente, e isto está gravado. Preciso de mais dados para ligá-lo aos casos em questão.

— Se quer saber o que acho, todos esses consoles de música deviam ser banidos e queimados. Aquilo tudo é um coco, tenente!

— Não quando os fatos sustentam a minha suspeita de que este console em especial e o seu operador estão ligados à morte do senador Pearly e outros.

— Aí já é outra história... — disse ele, depois de uma pausa.

— Sim, senhor. Preciso realmente do mandado para destrinchar este mistério.

— Vou mandá-lo para você, mas é melhor que tenha algo plausível, tenente, e, melhor ainda, que seja palpável.

— Obrigada. Desculpe incomodar... — o *tele-link* deu um estalo. Ele o desligara na sua cara — ... o seu descanso — terminou ela, e então pegou o comunicador e conseguiu achar Feeney.

— Oi, Dallas! — Seu rosto estava vermelho e alegre, e exibia um imenso sorriso. — Por onde andou, garota? A festa já está quase acabando... Você perdeu a Mavis apresentando um número com um holograma dos Rolling Stones. Você sabe como eu gosto de Mick Jagger.

— Sei, ele é uma espécie de pai para você. Não vá embora, Feeney, tenho um trabalho para

você.

— Trabalho? São duas da manhã, e minha mulher está se sentindo, você sabe... — e piscou com jeito malandro — ... interessada.

— Desculpe, segurem um pouco as suas glândulas. Roarke vai conseguir alguém para levar sua mulher embora para casa. Estou subindo aí para o salão de festas em dez minutos. Tome uma dose de Sober Up, se estiver precisando. Pode ser que tenhamos uma longa noite pela frente.

— Sober Up? — Seu rosto desabou e assumiu feições rabugentas. — Eu batalhei a noite toda para ficar de porre e agora você quer me deixar sóbrio tomando esse troço? Qual é o lance?

— Dez minutos! — repetiu ela, cortando-o.

Sem pressa, Eve tirou o vestido da festa e descobriu novas marcas roxas que estavam começando a latejar. Levou alguns minutos passando um creme anestésico que cortou as dores, pelo menos nos lugares em que conseguiu alcançar, enfiou uma calça qualquer e uma blusa.

Mesmo fazendo tudo isso, cumpriu o prazo que dera a Feeney, e exatamente dez minutos depois já estava entrando no terraço transformado em salão de festa.

Roarke já estivera em ação por ali, reparou ela, e levava todos os convidados que ainda não tinham ido embora para outro lugar. Se havia pessoas relutantes em ir para casa, ele estava lidando com elas longe dali, deixando o palco livre para ela trabalhar.

Feeney estava sentado sozinho em uma cadeira ao lado de uma tigela de patê dizimada por ele, que parecia aborrecido.

— Você sabe direitinho como cortar o meu barato no meio de uma festa, Dallas. Minha mulher ficou tão empolgada por voltar para casa de limusine que até esqueceu que ia transar comigo. E Mavis estava à sua procura, por toda parte. Acho que ela ficou meio sentida por você não estar por aqui para parabenizá-la.

— Eu conserto as coisas com ela mais tarde. — Seu *tele-link* portátil tocou, avisando que havia uma ligação em modo de espera. Leu o que apareceu escrito na tela do aparelho e mandou imprimir. — Pronto, chegou seu mandado.

— Mandado? — Ele pegou uma trufa e a jogou na boca. — Mandado para quê?

— Para desmontar aquilo — e Eve girou o corpo, gesticulando na direção do console. — Está preparado para fazer suas mágicas?

Feeney engoliu a trufa, olhou para o console. Uma luz que alguns teriam chamado de amor brilhou em seus olhos.

— Você quer que eu brinque com aquilo ali? Que legal!

Feeney se animou, quase pulando em cima do equipamento e passando as mãos com reverência sobre ele. Eve o ouviu murmurar alguma coisa sobre TX-42, viagens sonoras em alta velocidade e capacidade de fundir imagens espelhadas.

— Esse mandado me dá autoridade para abrir a fechadura codificada?

— Dá. Feeney, isso é uma coisa muito séria...

— Pode crer que sim... — e levantou as mãos, esfregando-as como um exímio especialista em abrir cofres vindo do século vinte, pronto para realizar o seu grande ato. — Esta maravilha aqui é realmente algo muito sério. O design é inspirado, a capacidade é muito acima da escala normal. Ele é...

— Muito provavelmente responsável pela morte de quatro pessoas — interrompeu Eve, encaminhando-se até lá para ficar junto dele. — Deixe-me contar a história desde o início.

Em menos de vinte minutos, utilizando o kit portátil que sempre trazia em seu carro, Feeney já

estava trabalhando. Eve não conseguia compreender o que tanto ele resmungava, e notou que não pareceu nada satisfeito quando ela gentilmente se debruçou por cima de seu ombro.

Isso deu a ela tempo para andar de um lado para outro, até que resolveu chamar o centro médico para saber do estado de Jess. Estava acabando de ordenar a Peabody que encerrasse suas tarefas e fosse para casa, a fim de dormir um pouco, quando Roarke entrou.

— Encaminhei suas desculpas aos nossos convidados — disse-lhe ele, enquanto se servia de outro conhaque. — Expliquei que você fora chamada com urgência para atender a uma emergência. Todos tentaram me consolar por eu ter me casado com uma policial.

— Eu bem que lhe avisei que era um mau negócio.

Ele simplesmente sorriu, mas o sorriso não foi muito alegre.

— Isso serviu para consolar Mavis. Ela pediu para você entrar em contato com ela amanhã.

— Eu já ia fazer isso mesmo. Preciso lhe explicar muitas coisas. Ela perguntou sobre Barrow?

— Eu disse a Mavis que ele estava... indisposto. Informei que ele passou mal de repente. — Roarke não a tocou. Bem que queria fazê-lo, mas ainda não estava pronto. — Você está magoada, Eve. Dá para sentir.

— Se você tentar me consolar com beijinhos, ponho você a nocaute. Feeney e eu temos um monte de trabalho a fazer aqui, e eu tenho que estar alerta. Não sou uma mocinha frágil, Roarke — a mensagem estava bem expressa em seus olhos, pedindo para que ele deixasse aquilo de lado. — Comece a se acostumar com isso.

— Ainda não. — Ele colocou o conhaque de lado e enfiou as mãos nos bolsos. — Eu poderia ser útil aqui — disse, inclinando a cabeça na direção de Feeney.

— É assunto da polícia! Você não está autorizado a tocar naquele equipamento!

Só quando Roarke desviou os olhos novamente para ela com um pouco do velho humor dançando neles é que Eve soltou um suspiro imenso, dizendo:

— Isso depende de Feeney — disse, com rispidez. — Ele tem uma patente mais alta do que a minha na corporação, e se quiser que você meta as mãos na torta que ele está preparando, é problema dele. Não quero nem tomar conhecimento do fato. Tenho relatórios para preparar.

E se preparou para sair, com traços de irritação espalhados por todo o corpo, até no jeito de andar.

— Eve... — chamou Roarke. Quando ela parou e olhou para trás, por cima dos ombros, com cara feia, ele simplesmente balançou a cabeça. — Nada... — e deu de ombros, sentindo-se desamparado. — Nada mesmo... — repetiu.

— Vê se esquece isso, droga! Você está me deixando revoltada! — e saiu pisando duro, quase o fazendo sorrir.

— Eu também te amo... — murmurou ele, e então foi circular em torno de Feeney. — O que temos aí?

— Isso me provoca lágrimas de emoção, falando sério, Roarke! E lindo, brilhante! Pode crer, esse cara é um gênio, gênio de verdade! Venha até aqui e dê uma olhada nessa placa de vídeo. Dê só uma olhada!

Roarke tirou o paletó, se agachou e se pôs a trabalhar.

Eve nem chegou a ir para a cama. Pelo menos por uma vez, deixou de lado o preconceito e tomou uma dose de estimulantes aprovados pela polícia. O efeito do Alert All ajudou a suprimir

a sensação de fadiga e limpou a maior parte das teias de aranha que pareciam envolver-lhe o cérebro. Tomou uma chuva de água no banheiro de seu escritório, amarrou uma bandagem recheada com gelo picado sobre o joelho ferido e disse a si mesma que ia lidar com as marcas roxas mais tarde.

Já eram seis da manhã quando ela voltou ao terraço onde ocorrera a festa. O console fora metodicamente desmontado. Fios, placas de circuitos, microprocessadores, discos, drives diversos e painéis haviam sido espalhados sobre o piso reluzente em pilhas organizadas.

Vestindo sua elegante camisa de seda e calças sob medida, Roarke estava sentado de pernas cruzadas no meio das pilhas, alimentando um pequeno computador com dados, de forma aplicada. Ele colocara os cabelos todos para trás, Eve notou, para evitar que lhe ficassem caindo sobre o rosto. Um rosto que parecia intenso, focado, com os penetrantes olhos azuis ridiculamente alertas para a hora.

— Acho que consegui! — murmurou para Feeney. — Foi quando estava rodando os componentes em separado, ainda agora. Já vi algo parecido antes. Algo muito próximo disso. O programa está se calibrando — e estendeu o notebook para a parte de baixo do painel do console, onde Feeney estava. — Dê só uma olhada...

Uma mão saiu de dentro do aparelho, agarrou o notebook e a reação veio em seguida:

— É... pode ser isso mesmo. Desse jeito, a coisa funcionaria. Puta que pariu!

— Os irlandeses têm um jeitinho todo especial para expressar as suas ideias.

Ao ouvir o tom seco da voz de Eve, a cabeça de Feeney surgiu sob o console, com os cabelos todos arrepiados, como se ele tivesse levado algum choque ao remexer em todos aqueles fios. Seus olhos pareciam brilhantes e empolgados.

— Oi, Dallas! Acho que a gente acabou de matar a charada.

— E por que levaram tanto tempo?

— Que brincalhona você é!... — e a cabeça de Feeney tornou a desaparecer.

Eve trocou um olhar longo e sério com Roarke, que a cumprimentou:

— Bom dia, tenente.

— Você não está aqui! — disse ela, passando direto por ele. — Não estou nem vendo você aqui. O que conseguiu, Feeney?

— Consegui um monte de opções e descobri vários dos truques dessa gracinha — começou ele, levantando-se do chão e se acomodando na poltrona macia do console. — Uma enorme quantidade de acessórios e enfeites são só para fazer efeitos especiais, e olhe que eles são impressionantes!... Mas o que a gente teve que cavar mais fundo para encontrar, até achar debaixo de camadas e mais camadas de armadilhas e barreiras de segurança, é que é o verdadeiro mel dessa colmeia.

Feeney passou as mãos sobre o console novamente, acariciando a superfície lisa que agora protegia um espaço despido de componentes.

— O cara que bolou isso daria um tremendo detetive eletrônico. A maioria dos caras que trabalham sob minhas ordens não consegue fazer o que ele conseguiu aqui. E questão de criatividade, entende? — e balançou um dedo na direção dela. — Não são apenas fórmulas e placas com circuitos. A criatividade dele vai mais longe e avança em campo aberto, inexplorado... E ele é o dono do pedaço... E algo que ele chamaria de sua coroa de glórias.

E mostrou o notebook a Eve, já sabendo que ela ia torcer o nariz diante dos códigos e componentes.

— E então...? — quis saber ela.

— Então que foi preciso um pouco de arte para chegarmos até lá. Ele tinha trancado a joia com senha, a qual só podia ser aberta com o padrão de voz dele e sua impressão palmar. Havia algumas pistas falsas também. A gente quase voou pelos ares há cerca de uma hora, não foi, Roarke?

Roarke se levantou e enfiou as mãos nos bolsos, afirmando:

— Em nenhum momento, porém, duvidei da sua perícia, capitão.

— Deixe de papo, Roarke... — Totalmente em sintonia com o seu auxiliar, Feeney sorriu. —

Olhe, se você não estava rezando baixinho naquela hora, garoto, posso lhe garantir que eu estava. Mesmo assim, não consigo me lembrar de quase ninguém com quem eu gostasse mais de explodir pelos ares do que você.

— O sentimento é quase mútuo.

— Quando vocês dois acabarem de apresentar este pequeno bale de entrosamento masculino, poderiam ter a bondade de me explicar que diabos eu deveria estar enxergando nesse troço aqui?

— Isso é um scanner. O mais sofisticado que já vi fora do setor de testes cerebrais da polícia.

— Testes?

Aquele era um procedimento que todo policial detestava, e ao qual era obrigado a se submeter sempre que se via forçado a colocar a arma no nível máximo, a fim de matar um oponente.

— Apesar de todos os padrões cerebrais de cada membro do Departamento de Polícia da cidade de Nova York estarem devidamente registrados, uma nova imagem do cérebro do tira é obtida com um scanner durante a sessão de testes, após a morte do bandido. Isso serve para pesquisar danos cerebrais, falhas ou anormalidades recentes que possam ter contribuído para a utilização da força máxima. Essa nova imagem é comparada com a anterior, que está arquivada, e então o policial, ele ou ela, é levado de volta para a sala novamente, a fim de passar por algumas simulações em realidade virtual que utilizam os dados recém-obtidos e tornam a encenar toda a ação. É um troço bem desagradável...

Feeney só passara por isso uma vez na vida, e esperava jamais ter de enfrentar todo o procedimento novamente.

— E ele conseguiu duplicar ou simular esse processo? — perguntou Eve.

— Eu diria que ele o aprimorou muito, em vários níveis — e Feeney apontou a pilha de discos. — Ali está um bocado de padrões de ondas cerebrais. Não deve ser muito difícil compará-los com os das vítimas em potencial para conseguir identificá-los.

O padrão cerebral de Eve devia estar em um daqueles discos, ela pensou. Toda a sua mente em um disco.

— Bem organizado o rapaz... — disse, quase para si mesma.

— Brilhante, na verdade! E potencialmente letal também. Nosso garoto conseguiu algumas variações bem legais na área das emoções e estados de espírito. Elas estão todas ligadas a padrões musicais, entende? Notas e acordes... Ele pega uma melodia e ressalta o que poderíamos chamar de base tonal dela, a qual será executada junto com as reações pretendidas para a pessoa-alvo, seu estado de espírito e seus impulsos inconscientes.

— Então ele usa isso tudo para alcançar o fundo da mente de um indivíduo. O subconsciente.

— Tem um bocado de tecnologias da área médica envolvidas nisso. Não estou realmente familiarizado com todas, mas diria que é mais ou menos isso. O ponto forte é o desejo sexual — acrescentou Feeney. — Essa é a especialidade do nosso garoto. Tenho que desvendar mais

algumas variáveis, mas diria que ele é capaz de programar o padrão cerebral, determinar a vontade e dar ao indivíduo-alvo um grande tesão para transar com alguém.

— Ou fazê-lo pular de um prédio?

— Aí já fica complicado, Dallas. Estamos falando aqui de um aumento de vontade, uma sugestão forte para algo que já existia. Claro que, se alguém está debruçado em uma janela, pensando em se jogar, isso poderia lhe dar o empurrão final. Agora, coagir uma mente normal a se comportar de forma totalmente adversa, completamente fora do seu feitio e maneira de agir, aí eu tiro o meu time de campo, porque não acho que seja possível não.

— Uma pessoa pulou do terraço, um se enforcou e outro sangrou até morrer — lembrou-lhe ela, com impaciência. — Talvez todos nós tenhamos alguma tendência suicida enterrada em algum canto do subconsciente, e isso simplesmente as traz para a superfície.

— Você precisa conversar com a Mira sobre isso, não comigo. Mas vou continuar cavando — e sorriu, esperançoso. — Pode ser depois do café?

— Tá legal, depois do café... — concordou Eve, tentando segurar a impaciência. — Obrigada pela longa noite, Feeney, e pelo trabalho tão rápido. Eu precisava do melhor de todos para conseguir isso.

— E foi o que obtive, garota. O cara com quem você decidiu se ligar também não é nada mal, como técnico. Eu o transformaria em um grande detetive eletrônico, se ele topasse abrir mão da sua vida puxada de trabalhos pesados.

— Minha primeira oferta de emprego do dia — sorriu Roarke. — Você sabe onde fica a cozinha, Feeney. Pode se servir do AutoChef, ou pode pedir a Summerset que prepare a refeição de sua escolha.

— Bem, já soube que por aqui isso significa ovos de verdade — e esticou os braços, estalando os dedos. — Querem que eu peça a ele para preparar um café da manhã completo para três?

— Vá na frente — sugeriu Roarke. — A gente já está descendo — e esperou até que Feeney saísse do salão, caminhando devagar e todo satisfeito enquanto pensava em ovos Benedict e panquecas de amora. — Você não tem muito tempo, já sei... — disse, dirigindo-se a Eve.

— Há bastante tempo, se você tiver alguma coisa para falar comigo.

— Tenho. — Era raro, para Roarke, se sentir sem graça. Ele já quase se esquecera de como era a sensação, até que se sentiu inundado por ela. — É a respeito daquilo que Feeney acabou de declarar. Sobre a opinião que ele tem a respeito das coisas capazes de alguém conseguir usando esta máquina. Sobre o fato de que é pouco provável para uma pessoa ser influenciada a ponto de agir fora do seu jeito de ser, fora do seu feitio, e fazer algo abominável.

Eve sentiu de imediato onde é que ele estava querendo chegar e teve vontade de soltar um palavrão.

— Roarke...

— Deixe eu acabar de falar. Eu já fui o homem que a possuiu na noite passada. Eu já vivi dentro daquela pele, e não faz tanto tempo assim, a ponto de eu ter me esquecido disso. Eu o transformei em algo melhor porque quis. E porque pude. O dinheiro ajudou e eu consegui uma espécie de... polimento. Mas aquele homem ainda está lá. Continua sendo parte de mim. Fui lembrado desse fato de forma bem violenta, na noite passada.

— E agora quer que eu o *odeie por isso, ou o culpe por isso?*

— Não, quero que você compreenda isso, e a mim. Eu descendo do tipo de homem que a machucou ontem à noite.

— E eu também...

Isso o fez parar de falar, trazendo uma emoção forte que quase transbordou pelos olhos.

— Por Deus, Eve.

— Isso me apavora. Isso me faz acordar no meio da noite, tentando descobrir o que há dentro de mim. Convivo com isso todos os dias. Eu já sabia de onde você tinha vindo, quando o aceitei, e não me importei. Sei muito bem que você fez coisas erradas, violou várias leis e viveu à margem delas. Mesmo assim, ainda estou aqui...

Ela soltou o ar e trocou o peso do corpo de uma perna para outra, completando:

— Eu amo você, certo? É simples assim. Agora, estou com fome, e tenho um dia cheio pela frente, portanto vou lá para baixo, antes que Feeney acabe com todos os ovos da casa.

Ele parou na frente dela antes que ela saísse correndo e pediu:

— Só mais um minuto... — emoldurando o rosto de Eve com as mãos, baixou a boca até fazê-la se encontrar com a dela, e transformou sua testa franzida em um suspiro com um beijo tão terno que fez sua garganta arder e seus dedos dos pés se apertarem.

— Bem... — conseguiu dizer, quando ele se afastou. — Assim é melhor, acho.

— Muito melhor — e entrelaçou os dedos com os dela. E por ter usado uma palavra estranha quando a machucara, ele contrabalançou usando outra, naquele momento: — *A ghra*...

— Hein? — Uma ruga lhe surgiu entre as sobrancelhas. — Isso é gaélico, de novo?

— Sim — e trouxe os dedos entrelaçados de ambos até a boca. — Significa amor. Meu amor.

— Tem um som legal...

— Tem mesmo... — e deu um leve suspiro. Já fazia muito tempo desde que ele se permitira prestar atenção à música daquela palavra.

— Isso não devia torná-lo triste — murmurou ela.

— Não me torna. Só pensativo... — e apertou a mão dela com delicadeza. — Adoraria lhe oferecer um café da manhã, tenente.

— Então já me convenceu. — Mais confortável, ela apertou os dedos com mais força. — Será que teremos crepes?

O problema em tomar remédios, pensou Eve, enquanto se preparava para outro interrogatório com Jess Barrow, era que não importa o quanto eles fossem seguros, leves e úteis, pelo menos a julgar pelo que diziam, sempre a deixavam com a sensação de algo falso. Ela sabia que não estava naturalmente alerta, e que por baixo daquele aumento súbito de energia induzida seu corpo era uma massa desesperada de fadiga.

Estava se imaginando com uma imensa máscara de palhaço, cheia de entusiasmo, por cima de um rosto exaurido.

— Pronta para o segundo tempo, Peabody? — perguntou Eve, ao ver a auxiliar entrar na sala vazia e pintada de branco.

— Sim, senhora. Já me atualizei lendo seus relatórios, dei uma passada em sua sala a caminho daqui. Havia uma mensagem do comandante e duas de Nadine Furst. Acho que ela já está farejando uma história.

— Pois vai ter que esperar. Quanto ao comandante, falo com ele durante a nossa primeira pausa aqui. Você manja alguma coisa de beisebol, Peabody?

— Joguei por dois anos na Academia de Polícia. Ganhei o Troféu Luvas de Ouro.

— Bem, então vá se aquecendo. Quando eu atirar a bola, você rebate de volta na mesma hora. Vamos brincar de "Tinker passa para Evers, que passa para Chance", porque Feeney também vai entrar, assim que o jogo começar.

— Ei, eu não sabia que você sacava de lances esportivos históricos. — Os olhos de Peabody brilharam.

— Tenho muitas facetas ocultas. Segure a bola, Peabody. Quero que esse filho da mãe coma areia. Você já leu o relatório e conhece o esquema — e fez sinal para trazerem o suspeito. — Vamos cozinhá-lo em fogo brando. Se os advogados dele aparecerem, a gente vai ter que fazer alguns malabarismos, mas aposto que ele é arrogante demais para tê-los convocado assim, logo de cara.

— Geralmente gosto de homens convencidos. Acho que vou ter que abrir uma exceção aqui.

— E ele tem uma carinha linda — acrescentou Eve, e se chegou para o lado quando um guarda entrou com o suspeito. — Como vão as coisas, Jess? Está se sentindo melhor hoje?

Ele tivera tempo de se recompor e esfriar a cabeça.

— Podia ferrar você por uso exagerado de força, mas vou deixar pra lá, porque, depois que tudo isso passar, você vai ser a maior piada dentro do seu departamento idiota.

— É, já vi que você está se sentindo bem melhor! Sente-se! — e foi até a pequena mesa, ligando o gravador. — Aqui fala a tenente Eve Dallas, com a policial Delia Peabody como assistente. O dia é 8 de setembro de 2058, e o horário é nove em ponto. Interrogatório com o suspeito Jess Barrow, ficha de número S-19305. Poderia declarar pessoalmente o seu nome para registro, por favor?

— Jess Barrow. Você já acabou de declarar isso, tenente.

— Durante a nossa entrevista anterior, eu o coloquei a par de seus direitos, e especifiquei as suas opções, de acordo com a lei. Isso está correto?

— Sim, você leu toda aquela ladainha sim. — Embora não tivesse adiantado nada, pensou ele, remexendo-se com bastante desconforto na cadeira. Seu pênis doía como um dente cariado.

— E você compreendeu todos os direitos e opções que lhe foram apresentados?

— Compreendi na hora e continuo compreendendo agora.

— Deseja, neste momento, fazer uso dos seus direitos e ter um advogado ou representante, para acompanhá-lo?

— Não preciso de ninguém, só de mim mesmo.

— Tudo bem, então. — Eve se sentou, juntou os dedos e sorriu. — Vamos começar. Em sua declaração anterior, você admitiu o projeto e o uso de um equipamento construído para interferir em padrões de ondas cerebrais pessoais e sugerir comportamentos.

— Não admiti merda nenhuma!

Eve manteve o sorriso.

— É uma questão de interpretação. Você nega, neste instante, que durante uma reunião social ocorrida em minha casa na noite passada você utilizou um programa que desenvolveu com a finalidade de lançar certas sugestões, de forma subliminar, no cérebro de meu marido, Roarke?

— Olhe, se o seu marido a levou para um canto e tirou as suas roupas pela cabeça, isso é problema de vocês.

— Claro que é... — Seu sorriso não desapareceu. Ela precisava mantê-lo ali, naquele ponto, para poder enquadrá-lo no resto. — Peabody, talvez não tenham alertado a Jess sobre o crime de prestar declarações falsas a uma oficial da polícia durante um interrogatório.

— Este crime — disse Peabody suavemente — é punido com uma pena de no máximo cinco anos em prisão do Estado. Quer que eu mostre os dados pertinentes a isso, obtidos no interrogatório inicial, tenente? A memória do suspeito pode estar prejudicada devido ao ferimento que sofreu na queda, ao tentar atacar uma policial.

— Atacar uma ova! — rosnou para Peabody. — Vocês acham que podem fazer esse joguinho duplo contra mim, é? Foi ela que me agrediu sem a mínima provocação, e depois deixou aquele canalha do cara com quem ela casou entrar na sala e...

Parou de falar na mesma hora, lembrando-se do aviso que Roarke sussurrara diretamente em seu ouvido, com a voz suave e calma. No mesmo instante em que aquela dor insuportável se irradiava por todo o seu organismo.

— Você deseja apresentar uma queixa, oficialmente? — perguntou Eve.

— Não. — Só de se lembrar, pequenas gotas de suor apareceram, formando um pequeno cordão brilhante acima de seu lábio superior, levando Eve a se perguntar o que será que Roarke havia feito com ele. — Eu estava aborrecido, na noite passada. As coisas me fugiram de controle — e respirou fundo, para se acalmar. — Escute, eu sou um músico. Tenho muito orgulho do meu trabalho, na arte que há nele. Gosto de pensar que influencio pessoas, que as comovo. Meu orgulho com relação a isso pode ter dado a você uma impressão errada quanto ao objetivo e o alcance do meu trabalho. Basicamente, não sei o motivo de tanta confusão.

Ele sorriu novamente, com muito do seu charme usual de volta, e espalmou suas lindas mãos, continuando:

— Aquelas pessoas sobre as quais você falou na noite passada... Eu não as conheço. Já ouvi falar de algumas delas, é claro, mas jamais as encontrei pessoalmente e nem tenho nada a ver com a decisão de se matarem. Sou contra o suicídio. Na minha opinião, a vida já é curta demais do jeito que é... Isso tudo foi um terrível mal-entendido, e estou disposto a perdoar tudo.

— Viu, Peabody, ele está disposto a perdoar tudo... — Eve se recostou na cadeira e lançou um olhar para sua auxiliar.

— Isso é muito generoso da parte dele, tenente, mas não é de surpreender, diante das circunstâncias. O tempo de prisão por violar o estatuto sobre o direito à privacidade através de aparelhos eletrônicos é muito maior, pois o código é severo. Além disso, é claro, temos a acusação adicional de projetar e fabricar equipamentos com a finalidade de enviar sugestões subliminares personalizadas. A partir daí, com estes agravantes, o suspeito está diante de uma pena de, no mínimo, dez anos em regime fechado.

— Vocês não podem provar nada disso. Nada disso! Vocês não têm nenhum caso para montar aqui.

— Estou lhe oferecendo a chance de aliviar sua barra, Jess. Eles aliviam um pouco, quando o suspeito colabora. E quanto ao processo civil que meu marido e eu temos o direito de jogar contra você, vou declarar aqui, neste momento, para devido registro, que abro mão deste direito, na dependência de sua admissão de culpa pelas acusações criminais... Se essa admissão for efetuada nos próximos trinta segundos. Pense bem a respeito.

— Não tenho que pensar a respeito de nada porque vocês não têm nada contra mim! — e se inclinou para a frente. — Você não é a única aqui com pessoas que podem apoiá-la, sabia? O que acha que vai acontecer com a sua grande carreira se eu levar tudo isso à imprensa?

Eve não disse nada, simplesmente continuou a olhar para ele, e então desviou os olhos para o relógio do gravador.

— Oferta retirada! — e Eve acenou com a cabeça para a câmera que monitorava tudo. — Peabody, por favor, destranque a porta para o capitão Feeney.

Quando Feeney entrou na sala, estava sorrindo. Colocou um disco e uma pasta de arquivo sobre a mesa, e estendeu a mão para Jess.

— Tenho que lhe oferecer as minhas congratulações! Seu trabalho é o melhor que eu já vi! É um grande prazer conhecê-lo pessoalmente.

— Obrigado... — Jess assumiu na mesma hora a postura de astro em contato com um fã. — Eu amo o meu trabalho.

— Ah, e dá para notar... — Feeney se sentou, instalando-se confortavelmente. — Há muitos anos que eu não curto tanto um trabalho quanto curti este, o de desmontar peça por peça daquele seu console.

Em outro momento, ou em outro lugar, a cena que se seguiu poderia ser cômica: o jeito com que o rosto de Jess passou pela transformação de astro cortês, seguindo-se um ar de choque atônito, até atingir o estágio de fúria desenfreada.

— Você sacaneou o meu equipamento? Desmontou-o? Não tinha o direito de colocar a mão nele! Vou fazer picadinho de você! Você pode se considerar um cara morto! Vou destruir você!

— Que fique registrado que o suspeito demonstra grande nível de estresse — recitou Peabody, com toda a calma. — Suas ameaças contra a integridade física do capitão Feeney estão sendo aceitas como emocionais, e não literais.

— Bem, pelo menos da primeira vez — comentou Feeney, com ar alegre. — Mas é melhor ter cuidado com os nervos, amigo, pois se você coloca para fora muitas ameaças como essa, a tendência natural é que nós fiquemos aborrecidos. Agora... — disse ele, apoiando-se nos cotovelos — vamos tratar de negócios. Você tinha um grande sistema de segurança, admirável! Levei um tempo para passar por ele. Também, já estou nessa área há mais tempo do que você tem de nascido. O design daquele scanner pessoal de ondas cerebrais foi uma grande conquista sua. Tão compacto, tão delicado... Avaliei seu alcance em dois metros de distância. Puxa, isso é muito bom para uma unidade tão pequena e portátil!

— Você não abriu o meu equipamento... — a voz de Jess começou a tremer. — Está blefando! Você não conseguiria atingir o centro principal de controles do aparelho.

— Bem, os três dispositivos de segurança falsos foram um truque muito bom — admitiu Feeney. — Passei mais de uma hora para passar pelo segundo, mas o último foi café pequeno. Acho que você nunca imaginou que fosse precisar de algo mais sofisticado naquele nível tão profundo.

— Você rodou os discos, Feeney? — perguntou-lhe Eve.

— Já comecei a fazer isso. Você está neles, Dallas. Não temos os registros de Roarke em nossos arquivos, para poder comparar. Ele é um civil, você sabe. Mas já encontrei os seus padrões e os de Peabody também.

— Os meus...? — piscou Peabody.

— Estou rodando os parâmetros de comparação com aqueles nomes que você requisitou, Dallas — e sorriu novamente, de forma generosa, para Jess. — Você tem andado muito ocupado, hein, escolhendo espécimes... E olhe que o equipamento para estoque de dados que você inventou é fantástico, tem uma capacidade de compressão de dados que é fabulosa! Vai me deixar arrasado ser obrigado a destruir um equipamento como esse.

— Vocês não podem! — agora ele transmitia dor e desespero sinceros. Seus olhos se encheram

de lágrimas. — Coloquei tudo o que tenho na vida neste trabalho. Não só dinheiro, mas tempo também, cérebro e energia. Três anos da minha vida, quase diretos, sem intervalos, sem férias... Tive que colocar a minha carreira musical de lado para projetar isso. Dá para vocês terem uma ideia do que se pode conseguir com um aparelho como esse?

— Por que não nos conta com detalhes, Jess? — disse Eve, aproveitando a bola que ele mesmo levantara. — Descreva com suas próprias palavras. A gente adoraria ouvir tudo.

CAPÍTULO DEZESSETE

Jess Barrow começou lentamente, em um ritmo irregular, a falar das suas experiências e pesquisas, da sua fascinação com a influência dos estímulos externos sobre o cérebro, os sentidos e a sua intensificação através da tecnologia.

— Imaginem as coisas que podemos fazer por prazer, ou por punição... nós ainda nem passamos da superfície das possibilidades. E isso que eu quero realizar — explicou ele. — Passar da superfície e ir mais a fundo. Sonhos, Dallas, necessidades, medos, fantasias. Durante toda a minha vida, foi a música que me estimulou e me trouxe... tudo: fome, paixão, tristeza, alegria. Quanto mais fundo e mais intenso tudo isso seria se a gente pudesse realmente entrar lá no fundo, usar a mente para explorar e aproveitar?

— Então você se pôs a trabalhar nisso — incentivou ela. — Devotou-se por completo a esse objetivo.

— Três anos. Mais do que isso, na verdade, mas três só de trabalho duro no projeto, com experimentos e aperfeiçoamento. Cada centavo do meu dinheiro foi enterrado neste trabalho. Não me restou quase nada. É por isso que eu precisava de apoio financeiro. E por isso que eu precisava de você.

— E Mavis foi o elo que encontrou para chegar até mim, e de mim para Roarke.

— Olhe... — ele levantou as mãos e as passou no rosto, acabando por deixá-las cair sobre a mesa. — Eu gosto de Mavis, e *ela tem luz* própria. Tudo bem, eu a teria usado mesmo que ela tivesse tanto sal quanto uma androide, mas não é o caso. Eu não a prejudiquei em nada. Pelo contrário, dei-lhe uma grande ajuda na carreira. Seu ego estava lá embaixo quando a gente se encontrou pela primeira vez. Claro que ela estava escondendo o baixo astral muito bem, mas perdera autoconfiança pelo que acontecera antes. Eu dei um grande empurrão em sua autoestima.

— Como?

Ele hesitou, mas decidiu que o tombo seria maior se fugisse da raia.

— Tudo bem, eu dei a ela algumas sugestões subliminares na direção certa. Ela deveria ser grata — insistiu. — E trabalhei com ela, trabalho sério, dando-lhe um polimento profissional sem afastá-la do seu verdadeiro talento. Você mesma a ouviu. Ela está melhor do que nunca!

— Você fez experiências com ela! — disse Eve, e ficou com vontade de enforcá-lo só por aquilo. — Usou-a como cobaia sem ela saber e sem lhe dar consentimento.

— Não foi desse jeito, como se ela fosse um robzinho de laboratório. Puxa vida, eu aperfeiçoei o sistema — e apontou um dedo para Feeney. — Você sabe que é um trabalho de primeira linha.

— É maravilhoso! — concordou Feeney —, mas isso não o transforma em algo legal.

— Merda, engenharia genética era ilegal, pesquisas *in vitro*, prostituição. Onde isso tudo nos levou? Trilhamos um longo caminho, mas continuamos na Idade das Trevas, cara. Isso é um benefício para a humanidade, é uma forma de empurrar a mente na direção dos próprios sonhos e fazer com que esses sonhos se transformem em realidade.

— Nem todos querem que seus sonhos se transformem em realidade. O que lhe dá o direito de fazer essa escolha por alguém?

— Tudo bem... — e levantou uma das mãos. — Talvez eu tenha me entusiasmado demais, em alguns momentos. A gente fica empolgado... Mas tudo o que eu fiz foi expandir o que já estava lá. Da mesma forma que expandi os padrões de desejo aquela noite, no estúdio. Que mal há nisso? Na outra vez, dei um pequeno empurrão na sua memória, abri algumas portas que estavam fechadas dentro da sua mente. Queria conseguir provar que aquilo poderia ser feito, para que, quando o momento certo chegasse, eu pudesse me aproximar de você e de Roarke com uma proposta palpável para negócios. E ontem à noite...

Parou de falar, sabendo que calculara muito mal os resultados de sua investida.

— Tudo bem — voltou ele. — Na noite passada, fui longe demais, foi mal... Acabei me empolgando mais do que devia. Tocar ao vivo diante de uma plateia participativa novamente... E assim como uma droga. A gente se liga naquilo... Talvez eu tenha forçado a barra e joguei um poder demasiado em cima dele. — Olhem, já usei isso em mim mesmo, dezenas de vezes. Não causa dano algum, não deixa marcas. Apenas muda o estado de espírito da pessoa, por algum tempo.

— E você escolhe o astral que vai lançar sobre a vítima?

— Esse é o grande lance, em parte. Com os equipamentos padrões, a gente não tem muito controle, e não chega nem perto de alcançar uma boa profundidade de campo. Com o sistema que desenvolvi, você pode ligar e desligar um sentimento como se fosse uma lâmpada. Desejo sexual ou satisfação, euforia, melancolia, energia, relaxamento... Qualquer coisa!...

— Inclusive o desejo de morrer?

— Não — e balançou a cabeça com vigor. — Não jogo desse jeito...

— Mas tudo é um jogo para você, não é? Você aperta os botões e as pessoas dançam. É um deus eletrônico...

— Você não está vendo o quadro como um todo — insistiu ele. — Imagina o que as pessoas pagariam por este tipo de capacidade? Pelo poder de sentirem qualquer coisa que desejarem?

Eve abriu a pasta que Feeney trouxera. Jogou as fotos sobre a mesa, viradas para cima.

— E o que foi que elas sentiram, Jess? — e empurrou as fotos das vítimas no necrotério, até deixá-las diante dele. — Qual foi a última coisa que você determinou que elas sentissem, a fim de se matarem com esse sorriso de êxtase no rosto?

Ele ficou tão branco quanto os mortos, com os olhos arregalados, antes que conseguisse tornar a fechá-los.

— Não. De jeito nenhum... Não! — Dobrando-se para a frente, colocou todo o café da manhã que tomara no centro médico para fora.

— Que fique registrado que o suspeito está momentaneamente indisposto — disse Peabody, com a voz seca. — Devo chamar alguém da limpeza ou pedir auxílio médico, tenente?

— Por Deus, sim — murmurou Eve, enquanto Jess continuava a vomitar. — Estamos interrompendo este interrogatório, exatamente às dez e quinze. Aqui fala a tenente Eve Dallas, desligando.

— Cérebro brilhante, mas estômago fraco... — Feeney foi até o bebedouro que havia em um canto da sala e encheu um copo com água. — Tome, rapaz, veja se consegue colocar isso para dentro.

Os olhos de Jess se encheram d'água. Os músculos de seu estômago pareciam feridos por dentro. A água respingava de dentro do copo, em suas mãos trêmulas, e Feeney teve que guiá-lo até a boca de Jess.

— Vocês não podem me acusar de uma coisa dessas! — conseguiu dizer, com dificuldade. — Não podem!...

— É o que vamos ver. — Eve deu um passo para o lado, a fim de que a auxiliar que chegara pudesse levá-lo para a enfermaria. — Preciso tomar um pouco de ar — murmurou, e também saiu da sala.

— Espere um instante, Dallas — e Feeney saiu correndo atrás dela, deixando aos cuidados de Peabody as ordens para o pessoal da limpeza e o recolhimento das pastas e arquivos. — Precisamos conversar.

— Minha sala é mais perto — e xingou baixinho ao sentir o joelho latejar. A atadura gelada já estava perdendo o efeito e precisava ser trocada. Seus quadris doíam também.

— Você se arrebentou toda por causa daquele cara que assaltou o banco ontem, não foi? — Feeney deu uma risada de solidariedade ao vê-la mancar. — Já foi ao médico?

— Depois... Agora, estou com o tempo curto. Vamos dar uma hora para o safado colocar o estômago em ordem, e então vamos atacá-lo novamente. Ele ainda não chamou o advogado, mas isso vai pintar a qualquer momento. Não vai lhe servir de nada, depois que a gente casar os padrões cerebrais que ele tinha no console com os das vítimas.

— Esse é que é o problema. Sente-se, Eve — aconselhou ele, assim que colocaram o pé em sua sala. — Tire o peso do corpo de cima dessa perna.

— O problema é com o joelho, e ficar sentada vai fazê-lo ficar ainda mais rígido. Qual é o problema? — perguntou ela, indo direto pegar um café.

— Nada casa com nada... — Ele a avaliou com olhar de tristeza quando Eve se virou. — Nenhum dos registros bateu, em todo o grupo. Há muitos que ainda não foram identificados, mas eu tenho os padrões cerebrais de todas as vítimas. Não foi possível passar o scanner de cérebro durante a autópsia de Cerise Devane, mas consegui um de seu último exame médico. Nenhum deles combina com os arquivos de Jess, Dallas.

Então ela acabou se sentando, com todo o peso do corpo. Nem precisava perguntar se ele tinha certeza daquilo. Feeney era tão cuidadoso e minucioso quanto um androide doméstico procurando pó pelas frestas e cantos da casa.

— Tudo bem, então ele pode tê-los escondido em outro lugar. Já conseguimos um mandado para procurar no seu estúdio e em sua casa?

— Uma equipe já está cuidando disso, nesse momento. Ainda não me enviaram nenhum relatório.

— Ele pode ter um esconderijo, ou um cofre — e fechou os olhos. — Merda, Feeney, por que ele ia querer guardar os arquivos depois de acabar com as vítimas? Provavelmente os destruiu. Ele é arrogante, mas não é burro. Eles o incriminariam, e ele sabia disso.

— Essa possibilidade é grande. Por outro lado, ele também poderia querer guardá-los como lembranças. Nunca deixo de me surpreender com as coisas que as pessoas guardam. Lembra daquele cara, no ano passado, que esquartejou a mulher? Guardou os olhos dela dentro de uma

caixinha de música...

— É... eu me lembro. — *De onde será que tinha vindo aquela dor de cabeça?*, perguntou a si mesma enquanto esfregava as têmporas inutilmente, tentando eliminá-la. — Então, quem sabe a gente tem um golpe de sorte. Se não conseguirmos, já temos o bastante para enquadrá-lo agora. E ainda há uma grande probabilidade de quebrá-lo, e ele confessar.

— Aí é que está, Dallas... — Feeney se sentou na beira da mesa e pegou o saquinho com amêndoas revestidas de açúcar. — A coisa não encaixa.

— Como assim a coisa não encaixa? A gente o pegou no flagra!

— A gente o pegou no flagra, com certeza. Mas não por assassinato. — Com ar pensativo, Feeney mastigava lentamente uma amêndoa. — Não consigo me convencer disso. O cara que projetou aquele equipamento é brilhante, com a mente meio distorcida, autocentrado... O cara que a gente acabou de sacudir é todas essas coisas, e você pode até jogar um pouco de infantilidade também. Trata-se de um jogo, para ele, um jogo com o qual ele quer obter uma grana preta. Mas assassinato...

— É que você se apaixonou pelo console dele, Feeney.

— Isso é verdade — admitiu ele, sem se sentir embaraçado. — Ele é um cara fraco, Dallas, e não estou falando apenas do seu estômago. Como é que ele vai se tornar um cara rico matando um monte de gente?

— Será que você nunca ouviu falar em crimes por encomenda? — e levantou uma sobrancelha.

— Aquele rapaz não teria coragem para isso, nem a frieza — e comeu outra amêndoa. — E qual o motivo para levá-las a se matar? E como escolheu as vítimas? Por sorteio? E tem mais uma coisa... O que ele faz necessita de proximidade com a pessoa, para alcançar o subconsciente dela, na hora do fato. A gente não consegue colocá-lo em nenhuma das cenas dos crimes.

— Mas ele disse algo a respeito da possibilidade de usar um controle remoto.

— Disse, e ele tem um muito bom, mas não dá para comandar uma opção como essa, não na minha opinião.

— Você não está me ajudando muito, Feeney... — Sentou-se, meio derrotada.

— Estou apenas lhe dando ideias para analisar. Se tem a mão dele nesses crimes, ele teve ajuda. Ou um outro equipamento portátil, mais personalizado.

— O programa poderia ser adaptado para uso em óculos de realidade virtual?

A ideia o deixou intrigado, fez seus olhos de cachorro sem dono começarem a brilhar.

— Não dá para afirmar com certeza, Dallas. Vai levar algum tempo para eu pesquisar isso.

— Espero que você consiga esse tempo. Ele é tudo o que temos, Feeney. Se eu não conseguir enquadrá-lo, ele vai escapar impune dos assassinatos. Prendê-lo por dez, vinte anos ou sei lá quanto a gente conseguiria não vai me deixar satisfeita — e soltou o ar. — Ele vai aceitar se submeter a uma avaliação psiquiátrica. É capaz de topar qualquer coisa, se achar que vai se dar bem. Talvez Mira consiga pegá-lo.

— Então, mande-o para ela depois do intervalo — sugeriu Feeney. — Deixe Mira ficar com ele por algumas horas e faça um favor a si mesma. Vá para casa, a fim de comer e dormir um pouco. Saco vazio não fica em pé.

— Talvez eu faça isso. Vou arranjar as coisas com Whitney. Umas duas horas de descanso talvez ajudem a clarear a minha cabeça. Devo estar deixando passar algum detalhe.

Pelo menos naquela vez, Summerset não apareceu rondando a entrada. Eve se esgueirou pela casa como se fosse uma ladra, e subiu mancando pelas escadas. Deixou uma trilha de roupas a caminho da cama, e suspirou, maravilhada, ao se lançar sobre ela.

Dez minutos depois, estava deitada de barriga para cima, olhando para o teto. As dores eram muito fortes, pensou, com mau humor, mas o efeito do estimulante que tomara horas antes ainda não passara. Estava passando aos poucos, deixando-a com a cabeça leve por causa da fadiga, enquanto o organismo borbulhava em busca de ação.

Dormir estava fora de cogitação.

Ela se viu desmontando as peças do caso e tornando a montá-las. A cada vez o quebra-cabeça formava um quadro diferente, até que tudo se tornou um borrão de fatos e teorias.

Nesse ritmo ela não ia estar nem perto de se sentir coerente para se encontrar com Mira.

Pensou em se brincar com um logo banho quente em substituição ao sono. Então, com uma súbita inspiração, levantou-se de um salto e pegou um roupão. Entrou direto no elevador, com o propósito de evitar um encontro com Summerset, e saltou no nível inferior do jardim, cujo caminho levava ao solário. Uma sessão de relaxamento na piscina, decidiu Eve, era disso que ela precisava. Deixou o roupão cair no chão e foi andando, nua, até a água em tons azuis escuros, devido às paredes de pedra de verdade, rodeadas de perfumadas flores. Quando enfiou o pé na água, para testá-la, viu que estava maravilhosamente morna. Sentando-se no primeiro degrau, ordenou através do painel de controle a produção de jatos e bolhas. No instante em que a água começou a se agitar, programou um pouco de música. Então, com uma careta, resolveu que não estava a fim de canções.

Simplesmente se deixou flutuar, a princípio, grata por não haver ninguém ali por perto para ouvi-la gemer de prazer à medida que a água pulsante massageava seus pontos doloridos. Respirou fundo, perfume de flores. Ficou à deriva, relaxada. Prazeres simples da vida.

O conflito entre a fadiga e a estimulação encontrou seu ponto de equilíbrio em uma sensação de relaxamento. As drogas, meditou ela, eram valorizadas demais. A água, sim, era capaz de fazer maravilhas. Girando o corpo de forma preguiçosa, começou a nadar, lentamente a princípio, enquanto seus músculos se aqueciam e iam se tornando mais flexíveis. Então, aumentou a velocidade, na esperança de expelir o excesso de estimulantes que ainda havia em seu organismo e reavivar-se com exercícios naturais.

Quando o timer desligou e as águas se acalmaram, ela continuou a nadar, com braçadas longas e ritmadas, mergulhando de vez em quando até o fundo escuro, até se sentir um embrião dentro do útero, para depois subir e explodir de volta à superfície, com um gemido alto e satisfeito.

— Você nada como um peixe!

Por instinto, Eve apalpou a lateral do corpo, mas encontrou apenas as costelas de seu corpo nu. Piscou com rapidez para afastar a água dos olhos e conseguiu focar a imagem de Reeanna.

— O que eu disse é um clichê — comentou ela, caminhando até a beira da piscina —, mas no seu caso é verdade. — Tirando os sapatos, se sentou e mergulhou as pernas na água. — Você se importa?

— Não, fique à vontade. — Eve não se considerava muito recatada, mas afundou o corpo um pouco mais na água. Detestava ser surpreendida nua. — Você está procurando Roarke?

— Não. Na verdade, acabei de sair de uma reunião com ele. Roarke e William ainda estão lá em cima, no escritório. Eu estava indo embora porque tenho hora no salão de beleza — e segurou as pontas dos cachos ruivos e brilhantes. — Preciso dar um jeito no meu cabelo, está parecendo

um esfregão! Summerset mencionou que você estava aqui embaixo, então pensei em dar uma passada para dar um olá.

Summerset... Eve sorriu, de modo sombrio. Então ele sabia onde ela estava o tempo todo, afinal.

— E que eu estava com algumas horas de folga, e pensei em aproveitá-las.

— E escolheu um lugar maravilhoso para isso. Roarke tem tanta classe que a gente vive se surpreendendo, não é?

— E, isso é inegável.

— Na verdade, o que eu queria mesmo é aproveitar que estava aqui para lhe dizer o quanto gostei da festa na noite passada. Mal consegui falar com você, no meio de toda aquela multidão. E depois, você foi chamada para uma emergência.

— Tiras são péssimos anfitriões — comentou Eve, e ficou se perguntando como poderia sair da água e se enrolar no roupão sem parecer uma idiota.

Reeanna se inclinou, pegou um pouco d'água com a mão em concha e a deixou escorrer entre os dedos, comentando:

— Espero que não tenha sido nada assim... terrível.

— Bem, ninguém morreu, se é isso que você quer saber. — Então, ela se forçou a sorrir. Eve *tinha* dificuldades para lidar socialmente com as pessoas, e resolveu se obrigar a fazer mais esforços nessa área. — Na verdade, consegui uma brecha no caso que estou investigando. Estamos com um suspeito sob custódia.

— Que bom! — Reeanna jogou a cabeça para o lado. — Tem a ver com aquele caso de suicídio que discutimos antes?

— Não estou autorizada a confirmar ou negar nada ligado ao caso no momento.

— Sim, é assunto da polícia. — Reeanna sorriu. — Bem, de uma forma ou de outra, andei pensando muito naquilo ultimamente. O seu caso, ou seja lá o nome que você dá a uma investigação, daria um artigo fascinante. Ando tão ocupada com os trabalhos da área técnica que não escrevo nenhum artigo científico há algum tempo. Espero que, depois que você desvendar todo o caso e o assunto se torne de conhecimento público, nós duas possamos discuti-lo com mais detalhes.

— Provavelmente vai dar para fazer isso sim. Quando e se... — e lançou um sorriso. A mulher era uma especialista no assunto, afinal, e bem que podia ser de alguma ajuda. — Por acaso o suspeito está sendo avaliado neste instante pela doutora Mira. Você também faz avaliações de personalidade e comportamento?

— Certamente que sim! Só que por um ângulo diferente do de Mira. Poderíamos dizer que analisamos os dois lados de uma mesma moeda. Nosso diagnóstico final vai ser quase sempre o mesmo, apesar de utilizarmos processos e abordagens diferentes, além de defendermos pontos de vista também diferentes.

— Pode ser que eu precise de dois pontos de vista diferentes antes de esse caso ser encerrado — avaliou Eve, pensando em usar a ajuda de Reeanna. — Você, por acaso, não é licenciada para assuntos de segurança pública, é?

— Bem, por acaso, sou sim. — Continuava a balançar as pernas dentro da piscina, mas seus olhos ficaram mais alertas, interessados na conversa. Nível 4, Classe B.

— Isso já seria de alguma ajuda... Se fosse o caso, você aceitaria ajudar a polícia, funcionando como consultora temporária? Posso lhe garantir longas horas, condições péssimas de trabalho e

pagamento irrisório.

— E quem pode resistir a uma oferta boa como essa? — Reeanna riu e jogou o cabelo para trás. — Para falar a verdade, adoraria a oportunidade de trabalhar com pessoas novamente. Passo tempo demais dentro do laboratório, trabalhando com máquinas. William adora isso, como você sabe, mas eu preciso ter contato com *gente*.

— Pode ser que eu ligue para conversarmos sobre isso. — Decidindo que era mais tolo ficar encolhida na água do que sair com naturalidade da piscina, Eve se levantou.

— Você sabe onde me encontrar... Mas, meu Deus!... Eve, o que aconteceu com você? — No mesmo instante, Reeanna já estava recolhendo as pernas da água e se levantando. — Você está cheia de equimoses por todo o corpo!

— Ossos do ofício! — Eve conseguiu agarrar uma das toalhas de banho empilhadas na beira e começou a se enrolar em uma delas quando Reeanna a segurou, impedindo-a.

— Deixe-me dar uma olhada. Você não tratou destes machucados! — e seus dedos cutucaram um dos quadris de Eve.

— Ei, você se importa de não me cutucar?

— Claro que me importo! — Impaciente, Reeanna levantou os olhos. — Olhe, fique quieta. Não apenas sou mulher e tenho conhecimento pessoal do corpo feminino, mas também sou formada em medicina. O que usou para cuidar desse joelho? Está horrível!

— Uma bandagem com gelo. Já está melhor.

— Então eu ia me apavorar se tivesse visto quando estava pior. Por que não foi a um centro médico ou pelo menos a um ambulatório?

— Porque odeio ir a esses lugares. E não tive tempo.

— Bem, você tem algum tempo agora. Quero que vá se deitar naquela mesa de massagem. Vou pegar o meu kit de emergência no carro para dar uma olhada nisso.

— Olhe, eu agradeço — Eve teve que elevar a voz, porque Reeanna já estava saindo —, mas são apenas equimoses!

— Pode se considerar com sorte se não estiver com o osso da bacia rachado. — Com essa promessa sombria, Reeanna entrou no elevador, e as portas imediatamente se fecharam.

— Ah, obrigada, mas eu já estou me sentindo muito melhor — falou Eve, para si mesma. Resignada, tirou a toalha, colocou o roupão e, com relutância, foi até a mesa acolchoada que ficava sob um arbusto cheio de glicínias em flor. Acabara de se acomodar quando Reeanna surgiu de volta, fazendo barulho ao pisar nas lajotas do piso com os saltos dos sapatos e trazendo na mão uma maleta de couro.

A mulher até que era rápida, avaliou Eve.

— Você não estava com hora marcada no salão de beleza?

— Liguei para lá, troquei de horário. Deite-se de costas. Vamos tratar do joelho primeiro.

— Você cobra taxa extra para atendimento domiciliar?

Reeanna sorriu de leve enquanto abria a maleta. Eve deu uma olhada lá dentro, mas virou o rosto. Puxa, como ela odiava medicina.

— Essa visita é grátis. Podemos considerar um trabalho feito só para praticar. Não trabalho em um ser humano há quase dois anos.

— Puxa, isso inspira confiança. — Eve fechou os olhos enquanto Reeanna pegou em um minisscanner e examinou-a. — Por que deixou de atender pacientes?

— Humm... Bem, não está quebrado, o que já é alguma coisa. Mas está muito deslocado e

inflamado. Por que parei de dar consultas?... — e enfiou a mão novamente na maleta, à procura de algo. — Roarke foi um dos motivos. Fez uma oferta irrecusável para mim e para William. A quantidade de dinheiro foi muito sedutora, e Roarke sabe como convencer uma pessoa.

— E eu não sei disso...? — Eve sugou o ar de dor no momento em que algo gelado foi pressionado sobre o joelho, provocando-lhe físgadas.

— Ele já sabia que eu tinha um interesse antigo em estudar padrões comportamentais e efeitos de estimulação. A oportunidade de criar uma nova tecnologia, trabalhando com verbas virtualmente ilimitadas, era tentadora demais para ser recusada. Minha vaidade também não pôde resistir à chance de fazer parte de algo novo e de sucesso, ainda mais tendo Roarke por trás do projeto.

Fechar os olhos fora um erro, compreendeu Eve. Estava começando a flutuar. O latejar constante em seu quadril foi diminuindo. Ela sentiu os dedos suaves de Reeanna espalhando algo frio e cremoso sobre ele. Seu ombro recebeu o mesmo tratamento. A ausência de dor era como um tranquilizante, e a foi levando mais para o fundo.

— Roarke nunca perde... — comentou Eve.

— Não, eu nunca o vi perder. Pelo menos desde que o conheci.

— Tenho uma reunião marcada para daqui a duas horas — disse Eve, com a voz pesada.

— Descanse primeiro. — Reeanna removeu o cataplasma do joelho de Eve e ficou satisfeita ao ver que o inchaço já diminuía bastante. — Vou colocar outro cataplasma de ação profunda sobre o joelho e depois vou enfaixar com uma bandagem gelada, para terminar. É possível que você continue a sentir o joelho um pouco duro, se forçar demais. Meu conselho é cuidar dele ao máximo, durante os próximos dois dias.

— Certo. Cuidar dele.

— Isso tudo aconteceu ontem à noite, durante a sua caçada ao suspeito?

— Não, antes. O suspeito, em si, não me deu nenhum trabalho físico. O pequeno canalha. — Suas sobranceiras se uniram, formando um sulco entre elas. — Mas eu ainda não tenho material para fechar o cerco. Ainda não...

— Tenho certeza de que vai conseguir. — A voz de Reeanna funcionava como um calmante, enquanto continuava o tratamento. — Você é metódica, detalhista e muito envolvida com o seu trabalho. Vi você em um dos canais de notícias. Sair daquele prédio e ficar pendurada naquela saliência junto com Cerise Devane... Arriscando a sua vida...

— Eu a perdi.

— Sim, eu sei. — Com eficiência, Reeanna cobriu as equimoses com um creme anestésico. — Foi horrível. Chocante para quem assistiu. Mais ainda para você, imagino. Deve ter visto seu rosto e seus olhos, bem de perto, no instante em que ela se jogou.

— Ela estava sorrindo.

— Sim, deu para perceber.

— Ela queria morrer.

— Queria?!...

— Disse que era uma coisa linda. A experiência definitiva.

Satisfeita por ter feito tudo o que podia, Reeanna pegou outra toalha e a estendeu sobre Eve.

— Tem gente que acredita nisso. Vê a morte como a experiência humana definitiva. Não importa o quanto a medicina e a tecnologia avancem, nenhum de nós escapa dela. Já que estamos destinados a isso, por que não encará-la como um objetivo, e não como um obstáculo?

— Não, a vida foi feita para lutarmos por ela, a cada passo do caminho.

— Nem todos possuem a energia ou a necessidade de lutar. Alguns se vão numa boa... — Pegou a mão de Eve, que estava mole, e automaticamente conferiu sua pulsação. — Alguns oferecem mais resistência. Mas todos se vão.

— Alguém fez com que ela pulasse. Isso transforma o caso em assassinato. E aí a coisa é comigo...

Reeanna acomodou o braço de Eve debaixo da toalha, dizendo:

— Sim, nesse caso, imagino que sim. Agora, durma um pouco. Vou pedir a Summerset que acorde a tempo para a sua reunião.

— Obrigada. De verdade.

— Não foi nada — e tocou o ombro de Eve —, só uma prova de amizade.

Avaliou Eve por mais um instante e então olhou para o relógio cravejado de diamantes. Precisava correr para chegar ao salão a tempo do horário que remarcara, mas antes havia um pequeno detalhe para resolver.

Fechou a maleta, deixou um tubo de creme analgésico na mesa, para Eve, e saiu bem depressa.

CAPÍTULO DEZOITO

Eve andava de um lado para outro sobre o lindo carpete da sala da doutora Mira, com as mãos enfiadas nos bolsos e a cabeça abaixada, como um touro se preparando para o ataque.

— Não entendi!... Como assim, o perfil dele não se encaixa? Eu já consegui grampeá-lo nas acusações menores. O babaca vem brincando com o cérebro das pessoas e se divertindo com isso.

— Não se trata de se encaixar, Eve. É uma questão de probabilidades.

Paciente e calma, Mira estava sentada em sua confortável poltrona que se amoldava ao corpo, tomando chá de jasmim. Ela precisava se manter impassível, refletiu. O ar já estava carregado demais com a frustração e a energia de Eve.

— Você conseguiu uma confissão e a prova de que ele vem fazendo experiências e influenciando pessoas a partir de seu padrão pessoal de ondas cerebrais. E concordo plenamente que só aí já há muita coisa pela qual ele deve responder. Só que em relação à coerção visando ao suicídio eu não posso, de maneira definitiva, confirmar as suas suspeitas com base na minha avaliação.

— Ah, mas isso é ótimo! — e girou nos saltos altos. O tratamento que Reeanna lhe dera e aquela cochilada de uma hora a haviam restaurado. Pelo menos a cor voltara ao seu rosto e seus olhos estavam muito brilhantes. — Sem a sua confirmação, Whitney não vai aceitar o caso que montei, o que significa que o promotor também não vai entrar nessa.

— Não posso encaixar meu relatório nas suas teorias só para satisfazê-la, Eve.

— E quem é que está lhe pedindo isso? — Eve jogou as mãos para o alto e a seguir tornou a enfiá-las nos bolsos. — O que é que não encaixa, afinal, pelo amor de Deus? O sujeito tem um complexo de Deus que até um idiota cego, antes da cirurgia de reconstrução visual, conseguiria enxergar.

— Concordo que seus padrões de personalidade levam a um egocentrismo elevado e seu temperamento tem o calibre típico do artista acuado — suspirou Mira. — Gostaria que você se sentasse, está me deixando cansada só de vê-la andar.

Eve se jogou em uma cadeira e fez cara de deboche.

— Pronto, sentei!... Agora me explique.

Mira teve de sorrir. A energia em estado puro e o foco preciso eram admiráveis.

— Sabe de uma coisa, Eve? Jamais consigo entender o porquê de a impaciência ser algo tão atraente em você. E como, com uma carga tão grande dela, você ainda consiga ser minuciosa e precisa em seu trabalho.

— Não vim aqui para ser analisada, doutora.

— Eu sei. Bem que eu gostaria de convencê-la a frequentar sessões regulares de análise. Mas isso é outro assunto, para outra hora. Você está com o meu relatório, mas, para resumir o que encontrei, o suspeito é egocêntrico, se acha o máximo e habitualmente racionaliza o seu comportamento antissocial chamando-o de arte... E é um homem brilhante.

A doutora Mira assinalou um ponto no relatório e balançou a cabeça, continuando:

— Ele tem uma mente realmente fabulosa. Quase ultrapassou a escala nos testes de Trislow e Secour.

— Que bom para ele! — resmungou Eve. — Vamos copiar seu padrão cerebral, colocá-lo em um disco e dar *a ele* algumas sugestões.

— Sua reação é compreensível — disse Mira, com suavidade. — A natureza humana é resistente a qualquer tipo de controle da mente. Os viciados racionalizam os fatos e iludem a si próprios, achando que estão no controle — e mexeu com os ombros. — De qualquer modo, o suspeito possui uma admirável, até mesmo surpreendente capacidade de visualização e lógica. Ele também se mostrou totalmente consciente e convencido a respeito de suas habilidades. Por baixo da superfície cheia de charme, ele é, para usar o seu termo pouco científico, um babaca. Mas eu não posso, em sã consciência, rotulá-lo de assassino.

— Não estou preocupada com a sua consciência. — Eve rangeu os dentes. — O fato é que ele tem a habilidade de projetar e operar um equipamento capaz de influenciar o comportamento de indivíduos-alvo. Tenho quatro cadáveres cujas mentes, acredito... não, *eu sei*, que foram levadas ao suicídio.

— E, logicamente, teria que haver uma conexão. — Mira se recostou, esticou a mão e programou chá para Eve. — Mas você não tem um sociopata nas mãos, Eve — e serviu-lhe uma xícara fumegante que exalava um delicioso perfume, mas que as duas sabiam que Eve não queria tomar. — Da mesma forma, até agora não há motivos claros para a ocorrência dessas mortes, e se elas realmente aconteceram através de coerção, em minha cuidadosa opinião, um sociopata foi o responsável por elas.

— E qual a diferença entre ele e um sociopata?

— Ele gosta de gente — respondeu Mira, com simplicidade — e deseja, quase desesperadamente, ser querido e admirado pelas pessoas. Manipulador?... Sim, mas acredita ter criado uma imensa dívida para a humanidade. E uma dívida que vai lhe trazer muito lucro, certamente.

— Então, talvez apenas tenha se deixado levar pela empolgação. — *Não foi assim que ele descreveu o uso que fizera de Roarke na noite anterior?*, pensou Eve. *Ele se deixara levar pela empolgação.* — E talvez não esteja tão completamente no controle do seu equipamento quanto imagina.

— Isso é possível. Por outro ângulo, Jess gosta de seu trabalho; precisa se sentir parte dos resultados finais dele. Seu ego exige que ele veja e experimente pelo menos uma parte do que provocou nas pessoas.

Ele não estava na porcaria do closet com a gente, pensou Eve, mas tinha medo de entender o que Mira estava querendo dizer: pelo jeito com que Jess procurara por ela e olhara diretamente para ela no momento em que eles voltaram para a festa, e pelo jeito com que ele sorriu.

— Não era bem isso o que eu esperava ouvir, doutora.

— Sei disso. Escute, Eve — Mira colocou a xícara de lado. — Esse homem é uma criança, apesar de ser muito inteligente. Sua visão do mundo e sua música são mais reais para ele,

certamente mais reais do que as pessoas, mas ele não despreza as pessoas. Acima de tudo, simplesmente não encontrei evidências de que ele estivesse disposto a arriscar a sua liberdade, sobretudo a liberdade de expressão para matar alguém.

Eve experimentou o chá, mais por reflexo do que por vontade.

— E se ele tivesse um sócio? — especulou, pensando na teoria de Feeney.

— É possível. Ele não é o tipo de pessoa que iria compartilhar com outra, alegremente, as suas conquistas. Mesmo assim, sente uma grande necessidade de adulação e de sucesso financeiro. Pode ser possível, se ele se visse precisando de assistência em algum nível para o seu projeto, que ele aceitasse um sócio.

— Nesse caso, por que não o entregou? — Eve balançou a cabeça. — Ele é covarde; teria entregado o sócio. De jeito nenhum ele ia se deixar ficar no fogo sozinho — e tomou mais um gole, permitindo que os pensamentos voassem. — E se nós formos realmente definidos geneticamente na direção de um comportamento sociopata? Ele é inteligente, esperto o bastante para mascará-lo, mas tudo é apenas parte de sua maneira de ser.

— Rotulados no momento da concepção? — Mira quase soltou o ar pelo nariz em sinal de desdém. — Eu não concordo com esta escola. E a criação, o ambiente, a educação, as escolhas que fazemos, tanto as morais quanto as imorais, que formam o que somos. Não nascemos monstros ou santos.

— Mas há especialistas nessa área que acreditam que somos sim. — E ela tinha uma, Eve refletiu, à sua disposição.

Mira notou na mesma hora a expressão de Eve, e não conseguiu evitar a fígada em seu orgulho.

— Eve, se você deseja se consultar com a doutora Ott a respeito deste assunto, é um direito seu. Estou certa de que ela vai se sentir muito empolgada em poder ajudar.

Eve não estava certa se demonstrava surpresa ou apenas sorria. Mira muito raramente se mostrava aborrecida.

— O que eu falei não teve a intenção de ofender as suas habilidades, doutora. Preciso de um apoio aqui; a senhora não pode me fornecê-lo.

— Deixe que eu lhe conte o que acho a respeito da teoria de sermos marcados na hora da concepção, tenente. É uma forma de tirar o corpo fora, pura e simplesmente. É uma muleta. "Eu não pude evitar atear fogo naquele prédio e queimar centenas de pessoas vivas. Nasci assim, um incendiário... Não consegui deixar de surrar aquela velhinha até a morte para roubar suas fichas de crédito. Minha mãe era uma ladra."

Simplesmente a deixava enfurecida pensar nessa tática sendo usada para apagar responsabilidades e, ao mesmo tempo, deixar cicatrizes nos que se tornavam indefesos contra os monstros que usavam tal tática.

— Isso justifica a nossa falta de humanidade — continuou ela —, nos afasta da moralidade, do que é certo e errado. Podemos argumentar que fomos feitos assim ainda no útero, e jamais tivemos outra chance — e jogou a cabeça para o lado. — Você, mais do que as outras pessoas, deveria saber disso.

— Não estamos tratando de mim aqui. — Eve colocou a xícara sobre o pires com força. — Não se trata do lugar de onde eu vim e da pessoa na qual me transformei. Trata-se de quatro pessoas que, ao que eu saiba, não tiveram opção. E alguém vai ter que responder por isso.

— Mais uma coisa... — acrescentou Mira, quando Eve se levantou. — Você está focada nesse

homem por causa dos insultos pessoais a você e às pessoas que ama ou em tributo aos mortos que representa?

— Talvez as duas coisas — admitiu Eve, depois de um instante.

Ela não entrou em contato com Reeanna, pelo menos não tão logo. Queria mais algum tempo para fazer aquilo sedimentar em sua cabeça. E foi atrasada pelo fato de dar de cara com Nadine Furst em sua sala.

— Como foi que conseguiu passar pela segurança, lá na frente? — quis saber Eve.

— Ah, eu tenho meus meios... — Nadine cruzou as pernas e lançou um sorriso amigável. — Além do mais, a maioria dos policiais aqui sabe que você e eu somos praticamente amigas.

— O que quer?

— Não recusaria uma xícara de café.

Com a cara amarrada, Eve se virou para o AutoChef e serviu duas xícaras, avisando:

— Seja breve, Nadine. O crime está à solta em nossa cidade.

— E isso que mantém nós duas empregadas. Qual o caso urgente para o qual você foi chamada às pressas na noite passada, Dallas?

— Como é que é?...

— Ah, deixe disso... Eu estava na festa. Mavis estava sensacional, a propósito. Primeiro, você e Roarke sumiram por algum tempo — e tomou o café com um jeito delicado. — Não é preciso ser uma repórter esperta como eu para ter uma pista do que rolou — e levantou as sobrancelhas, dando uma risada quando Eve simplesmente ficou olhando para ela. — O problema é que a vida sexual de vocês não é notícia... Pelo menos não na minha área.

— E que os canapés de camarão estavam acabando. Fomos correndo até a cozinha preparar mais alguns, senão seria um vexame.

— Tá, tá, sei... — Nadine balançou a mão e se concentrou no café. Nem mesmo nos escalões mais altos do Canal 75 eles raramente tinham acesso a um café de tão boa qualidade. — Depois notei, sendo a observadora perspicaz que sou, que você arrastou Jess Barrow do palco e o levou embora, no final do número. E ele não apareceu mais. Nenhum de vocês.

— E que eu e ele estamos tendo um caso louco e ilícito — respondeu Eve, seca. — Quem sabe você não quer passar essa notícia para a equipe de fofocas?

— Isso é tão real quanto eu estar transando com um androide de um braço só.

— Você sempre foi uma exploradora.

— Para falar a verdade, teve um androide desses uma vez que... Mas não quero fugir do assunto. Roarke, com seu jeito usualmente charmoso, conseguiu levar todos os convidados que sobraram com ele. Encaminhou um monte de gente até o centro de recreação, uma fantástica plataforma holográfica por sinal, e apresentou as suas desculpas. Chamada de emergência? — Nadine colocou a cabeça de lado. — Engraçado... Não apareceu nada no meu monitor ligado ao da polícia que pudesse tirar uma detetive de homicídios conceituada como você de uma festa àquela hora da noite.

— Nem tudo aparece no monitor, Nadine. Além do mais, eu sou como um soldado. Vou para onde me mandam, e quando me mandam.

— Vá contar essa história para outra. Eu sei o quanto você é unha e carne com Mavis. Nada, a não ser algo muito importante a afastaria dali no grande momento dela — e se inclinou para a

frente. Onde está Jess Barrow, Dallas? E que diabos ele aprontou?

— Não tenho nenhuma informação para lhe passar, Nadine.

— Ah, qual é, Dallas, você me conhece. Vou segurar a história até você me dar o sinal verde. Quem ele matou?

— Troque de canal, Nadine — aconselhou Eve, e atendeu ao comunicador quando ele tocou, ordenando: — Transmita apenas texto, sem som!

Rapidamente leu a transmissão de Peabody e requisitou manualmente uma reunião para dali a vinte minutos, incluindo Feeney. Colocou o comunicador de volta sobre a mesa e se virou para o AutoChef, a fim de verificar se haviam sobrado alguns salgadinhos de soja. Precisava de alguma coisa para ingerir junto com o café.

— Tenho trabalho pela frente, Nadine — continuou Eve, ao descobrir que não havia nada comestível em estoque, a não um sanduíche de ovo irradiado por ultravioleta. — Não há nada aqui para fazer seu ibope disparar.

— Você está me escondendo algum lance, Eve... Sei que está mantendo Jess aqui, sob custódia. Tenho minhas fontes na carceragem.

Irritada, Eve se virou. A carceragem vivia deixando escapar informações.

— Não posso ajudá-la, Nadine.

— Ele é acusado de alguma coisa?

— As acusações não são para serem divulgadas, no momento.

— Mas que droga, Dallas!

— Estou na corda bamba, Nadine — soltou Eve. — Posso cair tanto para um lado quanto para outro. Não force a barra! *Se e quando* eu for liberada para falar com a mídia a respeito desse assunto, você vai ser a primeira a saber. Por ora, vai ter que se satisfazer com isso.

— O que você quer dizer é que eu vou ter que me satisfazer com *nada*... — e Nadine se levantou. — Você está me escondendo algo grande, ou não estaria tão irritada assim. Estou só pedindo uma... — e parou de falar na mesma hora quando viu Mavis entrar na sala com cara de desespero.

— Puxa, Dallas, pelo amor de Deus... Como é que você pôde fazer isso, prender Jess? O que está fazendo?

— Mavis, ai, que saco!... — Ela quase podia ver as orelhas de repórter de Nadine aumentando de tamanho e se movimentando para detectar os sons da sala. — Sente-se aqui! — ordenou ela, apontando um dedo para uma cadeira e a seguir olhando para Nadine. — E você... fora!

— Tenha compaixão, Dallas — Nadine se abraçou a Mavis. — Não vê o quanto a pobrezinha está abalada? Deixe-me pegar um pouco de café para você, Mavis.

— Eu disse "fora", e falei sério, Nadine. — A ponto de perder a calma, Eve passou as mãos no rosto. — Caia fora daqui, Nadine, ou eu coloco você na lista negra.

Como ameaça, aquilo surtiu efeito. A lista negra significava que não haveria nenhum policial na Divisão de Homicídios disposto a informar a Nadine nem mesmo as horas, muito menos passar a dica de uma história.

— Tudo bem, tá legal... Mas eu não vou largar o osso não. — Havia outras formas de cavar, pensou, e outras ferramentas para usar. Pegando a bolsa com raiva, Nadine lançou para Eve um último olhar de poucos amigos e se retirou.

— Como é que você pôde fazer uma coisa dessas? — quis saber Mavis. — Como foi capaz disso?

Para garantir um mínimo de privacidade, Eve fechou a porta. Sua dor de cabeça voltara com tudo, e agora latejava alegremente no espaço entre os olhos.

— Mavis, estou fazendo o meu trabalho.

— Seu trabalho? — Seus olhos estavam azuis naquele dia, e vermelhos de tanto chorar. Era comovedora a forma com que eles combinavam com as pontas azul-cobalto em seu cabelo escarlate. — E quanto à minha carreira? Eu finalmente consegui uma chance, a oportunidade pela qual venho esperando e trabalhando há tanto tempo, e você joga o meu parceiro no xadrez. E por que razão? — sua voz ficou mais aguda. — Só porque ele deu em cima de você e isso deixou Roarke irritado.

— O quê?... — Sua boca se abriu de espanto, e ela foi obrigada a fazer algum esforço para que as palavras voltassem. — Onde foi que você ouviu essa baboseira?

— Acabei de falar com Jess pelo *tele-link*. *Ele está arrasado!* Não posso acreditar que você jogou tão sujo assim, Dallas. — Seus olhos começaram a lacrimejar novamente. — Eu sei que Roarke é sempre a sua maior prioridade, mas nós também já temos muita estrada juntas.

Naquele momento, com Mavis chorando com o rosto entre as mãos, de forma barulhenta, Eve sentiu que lhe daria uma grande alegria estrangular Jess Barrow.

— É verdade, nós já temos muita estrada juntas, e exatamente por isso você já devia saber que eu não jogo desse jeito. Jamais coloco alguém atrás das grades só por achar que ele está me perturbando. Quer fazer o favor de se sentar?

— Não preciso me sentar! — Choramingou com uma voz tão estridente que fez Eve recuar com o rosto franzido, pois o som funcionava como uma faca entrando em seu cérebro.

— Bem, pois eu preciso... — e se largou sobre uma cadeira. O quanto ela podia contar, de forma segura, a uma civil, sem ultrapassar os limites? E o quanto além dos limites ela estava disposta a ir se fosse necessário? Olhou para Mavis novamente e suspirou. Decidiu que ultrapassaria a linha o quanto fosse necessário. — Jess é o principal suspeito de quatro mortes.

— O quê? Você pirou por completo da noite passada para cá? Jess jamais...

— Fique quieta! — ordenou Eve, com firmeza. — Não tenho nenhuma prova contra ele, ainda, mas estou trabalhando nisso. Além do mais, tenho, sim, outras acusações sólidas contra ele. Acusações sérias! Agora, se você tiver a bondade de parar com esse choramingo chiliquento e sentar na porcaria da cadeira eu posso lhe contar o que puder.

— Você nem mesmo ficou para assistir a minha apresentação toda... — Mavis conseguiu se sentar na cadeira, mas não conseguiu parar com o choramingo.

— Puxa, Mavis, eu sinto muito. — Eve passou a mão pelos cabelos. Ela perdia o rumo quando via alguém chorando. — Eu não pude, não havia nada que eu pudesse fazer. Mavis, Jess está mexendo com controle da mente das pessoas.

— Hein? — Aquela era uma afirmação tão inesperada, vinda da pessoa mais equilibrada e com os pés no chão que Mavis conhecia que o choque foi grande o bastante para fazê-la parar de chorar na mesma hora, dar uma fungada e abrir a boca, repetindo: Hein?...

— Ele desenvolveu um programa que acessa as ondas cerebrais das pessoas e influencia o comportamento delas. E ele usou esse programa em mim, em Roarke e em você.

— Em mim? Não, em mim não... Caia na real aqui, Dallas, isso é Frankenstein demais, até para a minha cabeça. Jess não é um cientista louco. E apenas um músico.

— Ele é um engenheiro, um musicólogo e um babaca. — Eve respirou fundo, e então relatou o máximo que julgava necessário Enquanto falava, as lágrimas de Mavis secaram de vez, e seus

olhos se tornaram mais duros. Seu lábio inferior tremeu uma vez apenas e depois se fechou com força.

— Então ele me usou para chegar até você e para chegar até Roarke. Eu fui só uma mola para o plano dele. Depois que eu a coloquei ao seu alcance, ele fodeu com a sua mente.

— Não foi culpa sua... Pare com isso! — ordenou Eve quando viu os olhos de Mavis começarem a brilhar de novo com novas lágrimas. — Estou falando sério! Estou cansada, sob pressão, e minha cabeça está a ponto de explodir. Não preciso dessa rotina lacrimosa agora. Não foi culpa sua. Você foi usada, e eu também. Ele tinha a esperança de que Roarke bancasse o projeto dele. Isso não me torna uma policial menos competente, nem faz de você uma artista com menos valor. Você é muito boa no que faz, e ficou ainda melhor. Ele sabia que você conseguiria ser o máximo, e foi por isso que usou você. Ele é arrogante demais no que se refere a talento para ter o nome dele vinculado a alguém sem um brilho de estrela. Precisava de alguém que pudesse brilhar e arrasar. E foi o que você fez.

— Você acha isso mesmo? — Mavis passou a mão sob o nariz.

Foram essas palavras, ditas com uma esperança tão fraca que levaram Eve a compreender a profundidade que o ego de Mavis atingira.

— Sim, eu acho isso mesmo. De verdade. Você foi o máximo, Mavis! Isso é indiscutível.

— Tudo bem — e enxugou os olhos. — Acho que fiquei um pouco magoada quando vi que você não ficou para ver toda a apresentação. Leonardo me disse para deixar de ser boba... Que você não teria saído se não precisasse sair. — Respirou tão fundo que seus ombros magros se elevaram, e então deixou-os cair novamente. — Então o Jess, quando nos falamos, jogou todo aquele papo para cima de mim. Não devia ter acreditado na conversa dele.

— Não importa. Vamos acabar de acertar as coisas mais tarde. Agora estou com o tempo apertado, Mavis. Não posso mais ficar de papo.

— Você acha que ele matou quatro pessoas?

— Tenho que descobrir — e olhou para trás de Mavis ao ouvir alguém bater na porta. Peabody entrou, hesitante.

— Desculpe, tenente. — Quer que eu espere aqui fora?

— Não, eu já estou saindo. — Mavis fungou uma vez mais, se levantou e lançou para Eve um sorriso molhado. — Desculpe pela inundação de lágrimas e tudo o mais.

— Pode deixar, vou mandar enxugar o chão. Falo com você assim que puder. Não fique encucada com isso.

Mavis concordou com a cabeça, e seus cílios abaixados esconderam um rápido brilho em seus olhos. Ela pretendia fazer mais do que ficar encucada.

— Está tudo bem por aqui, tenente? — perguntou Peabody, quando Mavis as deixou a sós.

— Na verdade, Peabody, está tudo ferrado! — e Eve se sentou, pensando em abrir buracos na cabeça com uma broca para aliviar a pressão. — Mira não crê que o nosso rapaz tenha o perfil psicológico de um assassino. Eu a insultei ao insinuar que vou procurar outra psiquiatra para servir de consultora. Nadine Furst está farejando bem perto do centro, e acabei de magoar Mavis e estilhaçar o seu ego.

— Bem, fora isso, como vai o resto? — perguntou Peabody, depois de esperar alguns segundos antes de falar.

— Legal... — Mas Peabody conseguiu arrancar um sorriso relutante de Eve. — Droga! Tragame um bom e normal assassinato e eu troco na hora por toda essa baboseira de fisiologia

humana.

— Aqueles é que eram os bons dias, sem dúvida. — Peabody deu um passo para o lado quando Feeney entrou. — Bem, agora a gangue está toda reunida!

— Vamos ao trabalho! Qual é o panorama da situação? — perguntou Eve a Feeney.

— O pessoal do laboratório achou mais discos no estúdio do suspeito. Até agora nenhum deles bateu com o padrão das vítimas. Ele mantinha uma agenda onde anotava todo o seu trabalho. — Um pouco desconfortável, Feeney se remexeu. Jesse tinha sido bem explícito em suas especulações a respeito dos resultados, inclusive no episódio do empurrão que ele dera em Eve e Roarke. — Ele entrega nomes, dias... hã... as sugestões que enviou. Não há menção alguma a nenhum dos quatro mortos. Vasculhei todo o seu sistema de comunicações. Não houve nenhuma transmissão feita ou recebida relacionada com nenhuma das vítimas.

— Ora, isso é magnífico!...

Feeney se remexeu novamente, pouco à vontade, e o tom de sua pele foi caminhando na direção do vermelho.

— Lacrei a agenda de trabalho com as anotações, com autorização para que apenas você tenha acesso.

— Por quê? — perguntou ela, unindo as sobrancelhas.

— É que ele... hã... fala muito de você. Em nível pessoal — e focalizou seus olhos em um ponto alguns centímetros acima da cabeça de Eve. — Mais uma vez, ele é muito específico em suas especulações.

— Sim, imagino que tenha deixado bem claro que estava totalmente interessado na minha cabeça.

— Ele não está interessado apenas nessa parte da sua anatomia não... — Feeney encheu as bochechas e soltou o ar. Ele achava que seria uma experiência bem interessante tentar... hã...

— O quê...?

— Influenciar o seu comportamento na direção dele... De uma forma, digamos, sexual.

Eve deu um riso de sarcasmo. Não eram apenas as palavras, mas a maneira formal com que Feeney as estava lançando.

— Quer dizer que ele achava que podia usar o brinquedinho dele em mim para me deixar com tesão por ele? Ótimo! Podemos lançar mais uma acusação contra o palhaço. Intenção de molestar sexualmente.

— Ele falou alguma coisa sobre mim? — quis saber Peabody, e recebeu um olhar zangado de Eve

— Deixe de ser doente, policial! — reagiu Eve.

— Estava só querendo saber...

— O tempo de cadeia dele está aumentando — continuou Eve —, mas nós ainda não conseguimos grampeá-lo na acusação principal. O pior é que o perfil de Mira vai trabalhar contra a gente.

— Tenente... — Peabody sugou o ar antes de falar e se arriscou: — Já considerou a possibilidade de que ela esteja certa? De que ele não seja o responsável pelas mortes?

— Já, já pensei... É isso que me apavora. Se Mira estiver certa, tem alguém lá fora com um brinquedo que mexe com o cérebro das pessoas, e nós não estamos nem perto de achá-lo. Assim, é melhor manter a esperança de estar com o nosso homem bem preso e trancado.

— Por falar no nosso homem — interrompeu Feeney —, é melhor você saber que ele contratou

alguém para representá-lo.

— Imaginei que ele fosse arranjar um advogado. É alguém que a gente conheça?

— Leanore Bastwick.

— Ora, mas que inferno! Mundo pequeno...

— Ela quer fazer pontos em cima de você, Dallas. — Feeney pegou no seu saquinho de amêndoas açucaradas e ofereceu uma a Peabody. — Está doida para atacar. Quer marcar uma entrevista coletiva com a imprensa. Dizem que ela pegou o trabalho sem cobrar, em *pro bono*, só para poder enfrentar você, e a mídia vai fazer uma festa.

— Ela que mexa com as peças dela. Podemos bloquear a entrevista coletiva por vinte e quatro horas. É melhor a gente confirmar tudo o que tem.

— Eu puxei um fio solto... — disse Peabody a Eve. — Pode ser que a gente consiga mais alguma coisa, se continuar a puxar. Mathias realmente frequentou o MIT por dois semestres. Infelizmente, seu período lá ocorreu três anos depois de Jess ter se graduado on-line, mas Jess usou o seu status de ex-aluno para ter acesso a dados de diversos arquivos. Jess também deu aulas em uma cadeira eletiva de música, com aulas on-line. A disciplina era musicologia, e a universidade colocou o curso completo à disposição em sua biblioteca, para os alunos que fizessem o curso o acrescentarem ao currículo. Mathias fez esse curso no semestre passado.

Eve sentiu uma súbita físgada de empolgação.

— Isso já é uma pista para a gente seguir. Bom trabalho. Isso os conecta, afinal. E talvez a gente esteja procurando no lugar errado. Pearly foi a primeira vítima. E se fosse ele a pessoa que servia de conexão com os outros? Podia ser alguma coisa simples, como o seu interesse em comum por jogos eletrônicos.

— Já pesquisamos isso.

— Então torne a pesquisar — disse a Peabody — e cave mais fundo. Nem todos os grupos e panelinhas se formam à vista de todos. Se Mathias foi usado para ajudar a desenvolver o sistema, pode ser que ele tenha começado a contar vantagens a respeito disso. Esses hackers usam muitos tipos de nomes falsos em grupos de discussão e *chats*. Dá para descobrir o apelido dele?

— Eventualmente... — concordou Feeney.

— Você pode entrar em contato com Jack Carter. Ele era seu colega de apartamento no resort Olympus. Talvez ele possa nos dar alguma ajuda nisso. Peabody, entre em contato com o filho de Cerise Devane e veja o que consegue arrancar dele por esse ângulo. Eu vou trabalhar na praia de Fitzhugh — e olhou para o relógio. — Só preciso dar uma passadinha em um lugar, antes. Talvez consiga adiantar o expediente.

Eve sentiu que estava de volta ao ponto zero, em busca de uma conexão. Tinha que haver uma, e ela ia ter que envolver Roarke para encontrá-la. Ligou para ele do *tele-link* do carro.

— Ora, olá, tenente. Como foi a sua soneca?

— Muito curta, e já faz muito tempo. Por quanto tempo você ainda vai ficar aí no centro?

— Mais algumas horas, no mínimo. Por quê?

— Vou dar uma passada por aí. Agora! Dá para você me receber?

— Sempre — ele sorriu.

— Trata-se de negócios — avisou ela, e cortou a ligação antes mesmo que ele tivesse tempo de sorrir de volta. Arriscando-se a usar o piloto automático, programou o destino e tornou a usar o

tele-link. — Olá, Nadine...

— Como vai, tenente? — Nadine virou a cabeça meio de lado e lançou um olhar frio para Dallas.

— Nove da manhã, na minha sala.

— Devo levar um advogado?

— Deve levar seu gravador. Vou lhe passar algumas dicas sobre a entrevista coletiva relacionada com a prisão de Jess Barrow.

— Que entrevista coletiva? — A imagem e a voz melhoraram de qualidade no momento em que Nadine passou o sistema para ligação privativa, colocando fones de ouvido. — Não há nada marcado.

— Mas vai haver. Se quiser esse furo, e quiser o relatório oficial da investigadora principal do caso, esteja lá às nove.

— Qual é o preço desse presente?

— Senador Pearly. Consiga-me tudo a respeito dele. Não os dados oficiais, nada de histórias bonitas. Quero seus hobbies, suas diversões e suas conexões secretas.

— Pearly tinha a vida mais limpa do que um coroinha.

— Você não precisa ser sujo para frequentar o submundo, basta ser curioso.

— E o que a leva a pensar que eu posso conseguir dados secretos e particulares de um alto funcionário do governo?

— Porque você é você, Nadine. Mande os dados todos para o computador da minha casa, e nos vemos às nove da manhã. Você vai dar o furo pelo menos duas horas antes dos concorrentes. Pense só nos índices do ibope.

— Estou pensando... Está combinado! — disse, correndo, e desligou.

No momento em que Eve conseguiu chegar de forma mais ou menos suave no estacionamento do prédio de Roarke no centro da cidade, começou a pensar com mais carinho em fazer manutenções em seu veículo com mais frequência. Sua vaga VIP a estava esperando e o escudo de força em volta de seu carro foi automaticamente acionado assim que ela fechou a porta.

O elevador aceitou a impressão da palma da sua mão e a levou em alta velocidade até o último andar, em uma subida calma e digna.

Ela jamais se habituaria àquilo.

A assistente pessoal de Roarke sorriu para ela, deu-lhe as boas-vindas de volta à Terra, demonstrou alegria por recebê-la ali e a levou através dos luxuosos escritórios externos, ao longo do corredor reto, até chegar à eficiente elegância da sala privada de Roarke.

Mas ele não estava sozinho.

— Desculpem! — Eve fez força para não fechar a cara ao ver Reeanna e William. — Estou interrompendo...

— Nem um pouco. — Roarke se levantou, foi até ela e a beijou de leve. — Já estamos acabando.

— Seu marido parece um feitor de escravos — comentou William, estendendo a mão para cumprimentar Eve de modo expansivo. — Se você não tivesse chegado, Reeanna e eu íamos acabar ficando sem jantar.

— Ah, esse é o verdadeiro William — riu Reeanna. — Ou está pensando em eletrônica ou no seu estômago.

— Ou em você. Vocês não querem se juntar a nós? — convidou William, olhando para Eve. —

Estava pensando em jantar no restaurante francês que fica aqui no terraço do prédio mesmo.

— Tiras nunca comem! — Eve tentou se ajustar ao agradável tom de conversa social. — Mesmo assim, obrigada.

— Você precisa se abastecer de nutrientes para ajudar no processo de cura. — Reeanna apertou os olhos para fazer uma rápida inspeção profissional. — Alguma dor?

— Não muita. Agradeço muito pelo serviço personalizado. E estou pensando se poderia falar com você por alguns minutos a respeito de um assunto oficial, se você tiver tempo depois do jantar.

— Claro que tenho! — A curiosidade brilhou em seu rosto. — Posso saber do que se trata?

— A possibilidade de oferecer consulta em um caso no qual estou trabalhando. Se concordar com a proposta, vou precisar de você amanhã bem cedo.

— Uma consulta em um ser humano de verdade? Já topei!

— Reeanna detesta máquinas — interrompeu William. — Anda reclamando há semanas, dizendo que vai voltar a praticar em um consultório, com pacientes de verdade.

— Realidade virtual, hologramas, autotrônicos — e virou os lindos olhos para o teto. — Sinto saudade de carne e de sangue vivo. Roarke nos instalou no trigésimo nono andar, ala oeste. Acho que consigo jantar com William em uma hora. Encontre-me lá...

— Obrigada.

— Ah, e... Roarke... — continuou Reeanna enquanto ela e William se encaminhavam para a porta — ... adorariamos ter um relatório objetivo e exclusivo para nós sobre esse seu novo aparelho, assim que você experimentá-lo pessoalmente.

— E depois eles me chamam de feitor de escravos. Mais tarde, antes de eu sair.

— Maravilha! Até mais tarde para você também, Eve.

— Vamos comer, Reeanna! Estou sonhando com um coquille St. Jacques. — William estava rindo ao empurrá-la pela porta afora.

— Eu não queria interromper a sua reunião — começou Eve.

— Você não interrompeu. E eu vou ter tempo de dar uma respirada antes de me enterrar em uma montanha de relatórios. Consegui todos os dados sobre aquele aparelho com óculos de realidade virtual que a estava preocupando, e já lhe transmiti tudo. Dei uma olhada por alto, mas não achei nada fora da linha, até agora.

— Já é alguma coisa... — Eve ia relaxar, mas só depois que tivesse eliminado essa hipótese.

— William teria sido capaz de descobrir qualquer problema bem mais depressa — acrescentou Roarke. — Só que ele e Reeanna participaram do desenvolvimento do projeto, e achei que você não ia querer que o problema passasse por ele.

— Não ia mesmo. Vamos deixar só entre nós.

— Reeanna estava preocupada com você. Eu também.

— Ela me fez um tratamento completo. Ela é boa.

— Sim, é sim. — Mesmo assim, tocou a face de Eve com as pontas dos dedos. Você está com dor de cabeça...

— De que servem scanners ilegais para analisar cérebros se você já consegue ver dentro da minha cabeça? — e fechou a mão em volta do pulso dele antes que ele abaixasse o braço. — Eu não consigo ver dentro da sua. Isso é irritante.

— Eu sei. — Seus lábios sorriram enquanto ele os apertava de encontro à sobrancelha dela. — Eu amo você. De modo tolo e ridículo.

— Não vim até aqui para isso — murmurou quando seus braços a enlaçaram.

— Tire um minutinho para você mesma. Eu preciso disso. — Dava para ele sentir o formato do diamante no cordão em seu pescoço, a pedra que ela usara de forma relutante, a princípio, e agora habitualmente. — Mas esse momento já serve... — Ele a afastou um pouco, satisfeito por ela ter se deixado enlaçar por mais um segundo. Era tão raro ela se permitir isso. — O que tem em mente, tenente?

— Peabody desenterrou uma conexão entre Barrow e Mathias. Quero ver se a reforço. Quanto trabalho daria para acessar transmissões clandestinas que usaram os serviços on-line do MIT, começando a partir de um determinado momento?

— Adoro um desafio! — Seus olhos brilharam. — Movendo-se em volta da mesa, ligou seu computador, fez surgir um painel oculto por baixo da mesa e ligou uma chave manualmente.

— O que é isso? — Os dentes de Eve começaram a ranger. — Isso é um sistema de bloqueio? Você se conectou ao Compuguard, o sistema de segurança da polícia?

— Fazer isso seria ilegal, não seria? — disse ele, com ar alegre, e esticou o braço para dar uma palmadinha na sua mão. — Não faça a pergunta, tenente, se não quer ouvir a resposta. Agora, em que período em particular você estaria interessada?

Com a cara amarrada, ela pegou a sua agenda e informou o período do curso de Mathias no MIT.

— Estou procurando por Mathias, especificamente. Ainda não sei que apelidos ele usava. Feeney está tentando consegui-los.

— Ora, mas eu acho que posso encontrá-los para você. Por que não pede alguma coisa para comermos? Não há razão para ficarmos com fome.

— Coquille St. Jacques? — perguntou ela, seca.

— Bife. Mal passado — e passou a trabalhar usando o teclado, manualmente.

CAPÍTULO DEZENOVE

Eve estava em pé respirando bem na nuca de Roarke. Quando chegou ao ponto em que ele se encheu daquilo, simplesmente se virou e a empurrou.

— Chega mais pra trás!

— Estou só tentando ver — mas ela se afastou. — Você já está nisso há mais de meia hora.

Ele imaginava que, com o equipamento disponível na Central de Polícia, até mesmo Feeney iria levar pelo menos o dobro do tempo para chegar até aquele ponto.

— Querida Eve... — disse ele, suspirando ao vê-la franzir os olhos para ele. — Existem camadas aqui, tenente. Camadas sobre camadas. E por isso que o sistema é clandestino. Já encontrei dois dos nomes em código que o nosso jovem e malfadado especialista em autotrônicos usava. Deve haver outros. Mesmo assim, leva algum tempo para desembaralhar as transmissões.

Colocando a máquina no automático, ele se virou para aproveitar o jantar.

— Tudo isso são apenas jogos, não é? — Eve saiu um pouco para o lado, a fim de ver a tela correr, cheia de números e símbolos estranhos enquanto trabalhava. — Crianças grandes brincando de joguinhos. Sociedades secretas. Ora, todas elas são apenas clubes fechados de alta tecnologia.

— Mais ou menos... Muitos de nós gostam de diversões, Eve. Jogos, fantasias, o anonimato de um computador, só para fingirmos que somos outra pessoa por algum tempo.

Jogos, pensou ela novamente. Talvez tudo se resumisse a jogos, e ela não havia estudado com atenção, bem de perto, as regras e os jogadores.

— O que há de errado em ser quem a gente é?

— Para muitos, não é o bastante. Esse tipo de coisa atrai os solitários e os egocêntricos

— E os fanáticos.

— Certamente. Serviços eletrônicos computadorizados, especialmente os clandestinos, oferecem aos fanáticos um fórum público — e levantou uma sobrancelha, enquanto cortava cirurgicamente o seu bife. — Eles também fornecem um serviço, educacional por sinal. E informativo, intelectual. E podem ser simplesmente uma forma de entretenimento inofensivo. E são legalizados — lembrou a ela. — Nem mesmo os clandestinos podem ser monitorados de perto. E isso se deve basicamente ao fato de que seria quase impossível fazer isso. E o custo seria proibitivo.

— A Divisão de Detecção Eletrônica os mantém com rédea curta.

— Só até certo ponto. Olhe aqui... — e se virou para trás, digitou alguns caracteres no teclado e fez um quadro deslizar para o lado, exibindo um dos telões de parede inteira. — Viu só? Isto aqui é nada mais nada menos do que uma crítica pungente a uma nova versão de Camelot. Um

programa multiuso em que você escolhe o papel, e tem a opção de ser holográfico — explicou. — Aqui, todo mundo quer ser o rei. E ali... — gesticulou para outra tela — vemos um anúncio bem direto para busca de um parceiro para o Erótica, um programa com fantasias sexuais em realidade virtual, que exige controles remotos duplos — e sorriu ao ver as sobrancelhas franzidas de Eve. — Foi uma das minhas companhias que o lançou. É muito popular.

— Aposto que sim! — Ela não perguntou se ele mesmo já havia experimentado. Alguns dados ela não precisava conhecer. — Não consigo compreender... Você pode alugar uma acompanhante licenciada, provavelmente por muito menos do que o custo de um programa como esse. Consegue sexo de verdade, em carne e osso. Para que precisa disso?

— Fantasia, querida. Possuir controle sobre tudo ou abrir mão dele. E você pode rodar o programa indefinidamente, sem parar, com variações praticamente ilimitadas. Trata-se de estado de espírito, mais uma vez... E mente. Todas as fantasias trabalham com estado de espírito e mente.

— Até mesmo as fatais — disse Eve, lentamente. — Não é disso que estamos tratando aqui? Obter controle. O controle completo sobre o estado de espírito e a mente de outra pessoa. Eles nem sabem que estão jogando esse jogo. Essa é a grande emoção, o grande barato de fazer isso com os outros. É preciso um ego gigantesco e nenhuma consciência. Mira disse que Jess não se encaixa nesse perfil.

— Ah... Isso é um problema, não é?

— Você não me parece surpreso com a informação — e lançou-lhe um olhar meio de lado.

— Jess é o que, nos meus dias de becos escuros em Dublin, nós chamávamos de *fodão-bundão*. Muito papo e nenhuma coragem. Jamais encontrei um *fodão-bundão* que conseguisse tirar sangue de alguém sem choramingar.

Ela acabou com o bife e colocou o prato de lado.

— Matar dessa maneira é sem sangue, de modo covarde, à moda do *fodão-bundão*.

— Bom argumento — sorriu Roarke ao ouvir isso. — Só que *fodões-bundões* não matam, eles apenas matracam sobre o assunto.

Ela odiava estar começando a concordar com aquilo, já se preparando para abrir o caminho para baixo, que acabava em um beco sem saída no caso de Jess Barrow.

— Preciso de mais dados. Quanto tempo mais você acha que vai levar?

— Até o sistema pesquisar tudo. Você pode se manter ocupada analisando os dados sobre o aparelho com os óculos de realidade virtual.

— Vou voltar a eles. Vou descer para me encontrar com Reeanna, em seu escritório. Posso simplesmente deixar para ela um memorando sobre o exame de Jess, se ela ainda não tiver voltado do jantar.

— Ótimo! — Ele não tentou fazê-la mudar de ideia. Eve tinha que ir em frente em seu trabalho, e ele sabia disso. Precisava de um pouco de ação. — Você volta aqui em cima quando acabar lá ou a gente se encontra em casa?

— Não sei. — Ele parecia perfeito ali, em seu ambiente, pensou ela. Sentado à sua mesa sofisticada, manipulando os controles. Talvez todo mundo quisesse ser rei, mas Roarke se contentava em ser Roarke.

Seus olhos se desviaram para Eve e se fixaram nela.

— O que foi, tenente?

— Você é exatamente o que quer ser. Isso é uma grande coisa.

— Na maioria das vezes. E com você acontece o mesmo: é exatamente o que quer ser.

— Na maioria das vezes — murmurou. — Vou dar uma conferida no trabalho de Feeney e Peabody, depois que me encontrar com Reeanna. Ver se tem mais alguma ponta solta. Obrigada pelo jantar, e pelo seu tempo no computador.

— Você pode me pagar isso de volta. — Ele tomou a mão dela e se levantou. — Eu quero, e muito, fazer amor com você esta noite.

— Mas você não precisa pedir... — Um pouco perturbada, ela moveu os ombros. — A gente agora é casado e tudo o mais.

— Digamos então que isso faz parte da fantasia — e se moveu na direção dela; tocou-lhe os lábios com os dele, sussurrando: — Deixe-me persuadi-la esta noite, querida Eve. Deixe-me surpreendê-la. Deixe-me... seduzi-la — e colocou a mão sobre o seu coração, sentindo um batimento forte e apressado. — Viu? — murmurou. — Já comecei a fazer isso...

Os joelhos de Eve começaram a dobrar.

— Obrigada!... Era exatamente disso que eu precisava para manter a mente focada no trabalho.

— Duas horas. — Dessa vez ele mergulhou mais lentamente no beijo. — Depois disso, vamos fazer alguma coisa por nós mesmos.

— Vou tentar. — Ela se afastou enquanto estava certa de que conseguiria sair, e caminhou apressada em direção à porta. Então, se virou para trás e simplesmente olhou para ele. — Duas horas — disse-lhe — e você pode terminar o que começou.

Ela o ouviu rir ao fechar a porta e correr para o elevador.

— Trigésimo nono andar, ala oeste! — ordenou, e se pegou sorrindo.

Sim, eles tomariam de volta algumas coisas para eles mesmos, decidiu. Algo que Jess e seu brinquedo terrível tentaram roubar deles.

De repente parou e seu sorriso desapareceu. *Qual era o problema com ela?*, perguntou a si mesma. Será que ela andara tão focada naquilo, em uma espécie de vingança pessoal, que estava perdendo algo maior? Ou menor?

Se Mira estava certa, e Roarke acertara em cheio com a sua teoria do *fodão-bundão*, então ela estava totalmente fora da trilha. Já era hora, admitiu, de se reposicionar. Retomar o foco da história.

Aqueles eram crimes tecnológicos, avaliou. Só que crimes tecnológicos continuavam a exigir os elementos humanos: motivo, emoção, ganância, ódio, ciúme e poder. Qual deles, ou qual a combinação deles, estava no centro de tudo? Ela conseguia enxergar apenas ganância e sede de poder em Jess. Mas ele seria capaz de matar por eles?

Com a mente fria, reviu mentalmente a reação que ele apresentara diante das fotos das vítimas no necrotério. Será que um homem que provocara aquilo, direcionara as pessoas para aquele fim, reagiria com tanta repulsa ao encarar os resultados?

Não era impossível, decidiu, mas não combinava com a imagem do assassino apertando um botão com frieza.

Ele gostava de ver os resultados de seu trabalho, lembrou ela. Gostava de se autocongratular com eles e anotá-los em seu diário. Será que possuía algum outro diário, que o pessoal do laboratório não encontrara? Ela ia ter que dar uma passada em seu estúdio pessoalmente.

Envolta em pensamentos, saltou no trigésimo nono andar, e analisou as paredes de vidro de um laboratório. O silêncio ali era total, e a segurança estava toda acionada, como ela notou pelas câmeras bem à vista e a luz vermelha dos vários detectores de movimento. Se ainda havia algum

técnico trabalhando até aquela hora, estavam a portas fechadas.

Colocou a palma da mão em um painel, recebeu um sinal de que estava sendo analisada, respondeu à pergunta para comparar a impressão de voz informando o seu nome e a seguir solicitou a localização da sala de Reeanna.

A senhora está liberada sem restrições, tenente Eve Dallas. Prossiga em frente, através da passarela aberta, e vire à direita no final. A sala da Dra. Ott fica a cinco

metros a partir daquele ponto. Não será necessário repetir o procedimento para conseguir acesso. A senhora está totalmente liberada.

Ela se perguntou se fora Roarke ou a própria Reeanna que havia liberado o seu acesso, e seguiu as instruções. A passagem aberta a deixou impressionada, pois oferecia uma visão completa da cidade, por todos os ângulos. Dava para ver entre seus pés, através do piso de vidro, a vida borbulhando nas ruas abaixo, longe dela. A música ambiente transmitia muita energia, e isso a fez pensar, amarga, se essa seria a ideia que um musicólogo teria para injetar nos funcionários entusiasmo pelo seu trabalho. *Será que aquilo não poderia ser considerado apenas mais uma das formas de controle da mente?*

Passou por uma porta onde uma placa indicava ser a sala de William. Um mestre dos jogos, pensou. Seria muito útil obter algumas de suas ideias, observar os fatos com seu cérebro e lançar algumas hipóteses para ele analisar. Ela bateu na porta e viu que a luz vermelha ali estava acesa, indicando que a sala estava trancada.

Sinto muito, William Shaffer não se encontra no momento em sua sala. Por favor, deixe seu nome e sua mensagem. Ele vai respondê-la assim que for possível.

— Aqui é Dallas falando. Olhe, William, se você tiver alguns minutos disponíveis depois do jantar, tenho uma coisa que gostaria de conversar com você. Vou dar uma passada na sala de Reeanna agora. Vou deixar um memorando se ela também não estiver lá. Vou ficar aqui no prédio mais um pouco, ou você poderá me encontrar em casa mais tarde, se tiver chance de falar comigo.

Ao se virar, olhou para o relógio. Quanto tempo levava para uma pessoa jantar, pelo amor de Deus? Era só pegar a comida, jogar dentro da boca, mastigar e engolir.

Encontrou a sala de Reeanna e bateu. Hesitou por menos de cinco segundos quando a luz verde se acendeu para, a seguir, fazer a porta deslizar para o lado, abrindo-a. Se Reeanna não queria que ela entrasse, teria deixado a sala trancada, decidiu Eve, e ficou analisando o bem equipado estúdio.

A sala se parecia com Reeanna, decidiu. Tão limpa que chegava a brilhar, com insinuações sexy representadas pelos tons de vermelho forte nas obras de arte pintadas a raio laser que se

espalhavam pelas paredes completamente brancas.

A mesa ficava de frente para a janela, a fim de oferecer a Reeanna uma visão constante do contínuo tráfego aéreo.

A área para receber os visitantes era confortável, com um sofá muito macio em um material que moldava o corpo e ainda exibia o formato de sua última ocupante. As curvas de Reeanna impressionavam, mesmo sabendo que representavam apenas a sua silhueta. A mesa em plástico de alta densidade era dura como pedra e exibia entalhes em padrões com forma de diamante que atraíam e retratavam a luz fornecida por uma luminária de cano longo e arqueado, em tons rosados.

Eve pegou os óculos de realidade virtual que estavam sobre a mesa, notou que eram do último modelo lançado por Roarke e os colocou de volta a seu lugar. Eles ainda a deixavam pouco à vontade.

Virando-se para o outro lado, observou a estação de trabalho. Não havia nada de feminino ou suave naquela área, notou. Só trabalho. Uma bancada branca e lisa cheia de equipamentos sofisticados que, mesmo naquele momento, trabalhavam a toda. Ouviu o murmúrio suave do computador e franziu os olhos diante dos símbolos que passavam sem parar no monitor. Pareciam-se com os que ela estivera tentando decifrar ainda há pouco na tela de Roarke.

Enfim, códigos de computador eram todos iguais para ela.

Curiosa, caminhou até a mesa, mas nada de interessante fora deixado ali para ser examinado. Havia uma caneta de prata, um par de brincos de ouro, um holograma de William vestindo uma roupa de aviador e sorrindo de forma jovial. E uma cópia impressa, novamente com aqueles códigos incompreensíveis.

Eve se encostou na beira da mesa. Não queria deixar sua silhueta magra marcada entre as generosas curvas de Reeanna, que ficaram impressas também na cadeira moldável. Pegando o comunicador, ligou para Peabody.

— Achou alguma coisa?

— O filho de Cerise Devane está disposto a cooperar. Ele sabia do interesse que ela demonstrava por jogos, em especial os interativos, com participação direta do jogador. Isso não é uma das coisas que ele curte, mas disse que conheceu uma de suas parceiras habituais. Chegou a sair com ela por algum tempo. Anotei o seu nome. Ela mora bem aqui em Nova York, e eu tenho os dados. Quer que eu os transmita?

— Acho que prefiro entrevistá-la pessoalmente. Marque um encontro e obrigue-a a comparecer só se ela se recusar a cooperar. E me dê um retorno.

— Sim, senhora. — A voz de Peabody permaneceu séria, mas seus olhos se iluminaram diante da nova missão. — Já estou indo.

Satisfeita, Eve tentou achar Feeney, mas ouviu apenas uma gravação, informando que o canal de comunicação estava ocupado. Teve de se contentar em deixar um pedido para que ele entrasse em contato com ela.

A porta se abriu. Reeanna parou ao ver Eve em sua mesa.

— Ora, Eve... Não esperava você tão cedo.

— O tempo é parte do meu problema.

— Entendo — e sorriu ao fechar a porta. — Imagino que tenha sido Roarke que liberou a sua entrada.

— Deve ter sido. Algum problema?

— Não, não... — Reeanna abanou a mão. — Acho que eu me distraí com o tempo. William começou a tagarelar sem parar a respeito de umas falhas de programa com as quais ele anda preocupado. Deixei-o queimando os neurônios enquanto saboreava seu *crème brûlée* — e lançou um olhar rápido para o computador, que zumbia suavemente. — O trabalho nunca para por aqui. A área de pesquisa e desenvolvimento funciona vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana — e sorriu. — Deve ser como o trabalho na polícia, imagino. Bem, não tive tempo para o conhaque. Você me acompanha?

— Não, obrigada. Estou de serviço.

— Café, então. — Reeanna foi até um balcão e pediu um cálice de conhaque e uma xícara de café. — Peço que me desculpe a falta de concentração. Estamos um pouco atrasados em nosso cronograma. Roarke precisava de dados a respeito do novo aparelho de realidade virtual, e ele queria tudo, da concepção à implementação final.

— Essa parte era sua. Eu não percebera, até ele mencionar ainda há pouco.

— Bem, a maior parte foi trabalho de William. Embora eu tenha desempenhado um pequeno papel. E então... — entregando o café a Eve, Reeanna pegou o seu conhaque e o levou para o outro lado da mesa, onde se sentou — ... Em que posso ajudá-la?

— Espero que você concorde em nos prestar aquele serviço como consultora. O suspeito está no momento sob custódia e já arranjou uma advogada, mas não creio que isso seja um empecilho. Preciso de um perfil, analisado sob o ângulo da sua área de atuação em particular.

— Determinação genética. — Reeanna bateu com os dedos sobre a mesa. — Que interessante. Quais são as acusações?

— Não estou autorizada a discutir isso até conseguir que você colabore conosco, para depois combinar com o meu comandante. Uma vez que acertarmos tudo, gostaria de marcar o teste para as sete horas.

— Sete da manhã? — Reeanna encolheu-se toda. — Ai!... é que eu estou mais para coruja do que para cotovia. Se você me quer de pé a essa hora, e animada, me dê alguma dica — e sorriu ligeiramente. — Imagino que Mira já tenha feito alguns testes em seu suspeito, e os resultados não foram do seu agrado.

— Segundas opiniões são comuns no nosso trabalho. — Era uma resposta defensiva. Eve se sentia na defensiva. E compreendeu naquele momento que também se sentia culpada.

— Pode ser, mas os relatórios da doutora Mira são muito conceituados, e raramente questionados. Você deve estar querendo muito grampear esse suspeito.

— O que estou querendo muito é a verdade. Encontrá-la, separar teorias de mentiras e pistas falsas — e se afastou da mesa. — Olhe, eu pensei que você estivesse interessada nesse tipo de trabalho.

— E estou... Muito até. Mas preciso saber com o que estou lidando. Preciso do scanner com os padrões cerebrais do suspeito.

— Eu os tenho. Estão entre as provas.

— É mesmo? — Seus olhos brilharam como os de uma gata. — Também é importante ter todos os dados disponíveis sobre seus pais biológicos. Eles estão disponíveis?

— Conseguimos estes dados para o teste com a doutora Mira. Serão liberados para você.

Reeanna se recostou na cadeira, girando o conhaque no cálice.

— Deve ser um caso de assassinato — e seus lábios sorriram ao ver a expressão de Eve. — Afinal, esta é a sua área de atuação, o seu trabalho. O estudo do ceifar de vidas.

— Pode ser descrito dessa forma.
— E como você o descreve?
— Investigação de assassinos.
— Sim, sim, mas, a fim de fazer isso, você estuda os mortos, e a morte em si. Como aconteceu, o que a causou, o que ocorreu naqueles últimos instantes entre quem tirou a vida e a vítima. Fascinante. Que tipo de personalidade é requerida para observar a morte de forma assim rotineira, dia após dia, ano após ano, como uma vocação? Isso deixa cicatrizes em você, Eve, ou a torna mais dura?

— Isso me deixa revoltada — disse, com rispidez —, e eu não estou com tempo para filosofar sobre isso.

— Desculpe, mania de psicóloga. — Reeanna soltou um suspiro. — William vive me dizendo que eu analiso as coisas até acabar com elas e matá-las — e sorriu. — Não que isso seja crime, pelo menos não esse tipo de assassinato. Estou interessada em dar assistência a vocês, sim. Ligue para o seu comandante agora — incentivou ela. — Eu espero mais um pouco, para saber se a autorização já está a caminho. Se estiver, podemos discutir alguns dos detalhes.

— Obrigada. — Eve pegou o comunicador, se virou de costas e ordenou apenas texto. Levava mais tempo, e era, ela sentiu, menos eficiente. As palavras eram codificadas em informações, dados e requisições. Como era possível colocar os instintos e a determinação em um texto?

Mas ela fez o melhor que podia, e esperou.

Que diabos está tentando fazer, Dallas? Passar por cima e desprezar o relatório de Mira?

Eu quero outra opinião, comandante. Está dentro dos procedimentos, e é aceitável. Estou pesquisando por todos os ângulos. Mesmo que eu não consiga convencer o promotor a acusar Jess de coerção visando suicídio, não quero que as acusações menores percam força. Preciso de, no mínimo, uma verificação sobre intenção de causar dano.

Aquilo era forçar um pouco a barra, e ela sabia disso. Eve ficou esperando com um nó no estômago enquanto Whitney refletia antes de dar a sua decisão.

Pelo menos me dê essa abertura, pensou ela. Ele precisa ser grampeado. Tem que pagar.

Você está liberada para prosseguir com o seu intento, tenente, sob a minha autorização. Mas é melhor que isto não seja um desperdício de orçamento. Nós dois sabemos que o relatório da Dra. Mira vai pesar muito.

Compreendido, comandante, e obrigada. O relatório da doutora Ott vai provocar uma tremenda dor de cabeça na advogada de Jess Barrow, mesmo que não ajude muito. No momento, estou buscando conexões detalhadas entre o suspeito e as vítimas. Os resultados estarão disponíveis às nove horas.

Esteja bem certa disso, então. Minha bunda está na reta agora, junto com a sua. Whitney desligando.

Eve soltou um longo e silencioso suspiro. Conseguira um pouco mais de tempo, e isso era tudo, admitiu para si mesma, o que estava buscando. Com mais tempo, ela podia cavar ainda mais fundo. Se Roarke e Feeney não conseguissem mais dados, não havia ninguém, no planeta ou fora

dele, que pudesse.

Jess ia pagar caro, mas os assassinatos iriam ficar sem vingança. Fechou os olhos por um momento. Afinal, era aquele o trabalho dela, vingar os mortos.

Tornou a abrir os olhos, querendo se alinhar novamente antes de relatar os detalhes para Reeanna.

Foi quando ela viu, em preto-e-branco, na tela do monitor do computador de Reeanna:

Drew Mathias, apelido: AutoPhile; Drew Mathias, apelido: Banger; Drew Mathias, apelido: HoloDick.

Seu coração pulou, mas a mão permaneceu firme como uma rocha enquanto ela passava o sinal do comunicador de fechado para aberto, sinalizando código 1 para Peabody e Feeney. Código 1 significava *peço reforços imediatos, diretamente para a fonte da transmissão*.

Guardou novamente o comunicador e se virou.

— O comandante autorizou a consulta, embora com relutância. Vou ter que apresentar resultados, Reeanna.

— Pois eu vou fornecê-los. — Reeanna tomou um pouco mais de conhaque, e então desviou o olhar para a reluzente unidade cardíaca portátil que estava sobre a sua mesa. — Sua frequência cardíaca acabou de dar um pulo, Eve, e o nível de sua adrenalina também subiu de forma dramática — e virou a cabeça para o lado. — Ah, meu Deus, — murmurou, enquanto levantava a mão cheia de anéis, que segurava uma arma para atordoar, de uso exclusivo do Departamento de Polícia da cidade de Nova York. — Isso é um problema.

Vários andares acima, Roarke observava os novos dados que chegavam a respeito de Mathias e cantarolava. *Agora, estamos chegando a algum lugar*, pensou. Colocou o computador no modo de busca automática e o sincronizou com os dados do novo aparelho com óculos de realidade virtual que levava a sua marca. Não era estranho, pensou, e interessante, que alguns dos componentes do mágico console de Jess Barrow se espelhassem quase que por completo nos componentes de seu novo aparelho?

Então xingou baixinho quando o seu *tele-link interno* tocou.

— Não quero interrupções!

— Desculpe, senhor, mas há uma tal de Mavis Freestone aqui. Ela afirma que o senhor vai recebê-la.

Colocando o segundo computador no modo de busca automática também, bloqueou o áudio e o vídeo dos dois.

— Deixe-a entrar, Caro. E você está dispensada. Não preciso mais dos seus serviços por hoje.

— Obrigada. Vou trazê-la diretamente para o senhor.

Roarke franziu a testa e pegou, distraído, os óculos de realidade virtual que Reeanna deixara para ele experimentar. Ela devia ter feito novos ajustes no aparelho, refletiu ele. Devia tê-lo aprimorado para a próxima entrega. Estava cheio de opções de sugestões subliminares, e isso talvez explicasse as coincidências e similaridades entre os óculos e o console de Jess. Mesmo assim, ele não se ligava naquilo. Começou a considerar a hipótese de estar havendo algum vazamento de tecnologia na divisão de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos.

Ficou se perguntando por que razão William resolvera implementar essas alterações para a

segunda entrega dos óculos, e enfiou o disco em um terceiro computador. Não custava nada deixar os dados rodando enquanto ouvia o que Mavis tinha em mente.

A máquina apitou uma vez, aceitando o disco, e começou a carregar o programa no instante em que a porta se abriu e Mavis entrou como um furacão.

— Foi tudo culpa minha! Culpa minha... Agora não sei o que fazer.

Roarke saiu de trás da mesa e tomou as mãos de Mavis, lançando um olhar compreensivo para a sua assistente, que parecia desnorreada.

— Vá para casa, Caro, eu lido com isso. Ah, e deixe a segurança desligada para a minha esposa entrar, por favor. Agora, sente-se aqui, Mavis — e a encaminhou para uma poltrona. — Respire fundo... — Analisando-a com atenção, deu tapinhas carinhos em sua cabeça. — Agora pare de chorar. O que é que foi culpa sua?

— Jess. Ele me usou para chegar até você. Dallas disse que a culpa não era minha, mas eu pensei bastante no assunto e cheguei à conclusão de que é sim — e deu uma fungada longa e heroica. — Consegui isso! — e mostrou um disco.

— E isso é...?

— Sei lá! Talvez uma prova. Fique com ele.

— Tudo bem. — Pegou o disco da mão de Mavis, que continuava a gesticular de modo frenético. — Por que não o entregou diretamente a Eve?

— Eu ia entregar... Estava vindo para isso. Achei que ela estivesse aqui. Achei que não devia mais ficar com ele em meu poder. Nem contei a Leonardo a respeito disso. Sou uma pessoa horrível! — terminou ela.

Mulheres histéricas já haviam aparecido em seu caminho antes. Roarke guardou o disco no bolso, foi até o bar e ordenou um tranquilizante de média intensidade.

— Tome, beba isto. Que tipo de prova você acha que isso possa ser, Mavis?

— Não sei... Você não me odeia, odeia?

— Querida, eu adoro você. Agora beba tudo.

— Sério? — Ela colocou tudo para dentro, de forma obediente. — Eu também gosto de verdade de você, Roarke, e não apenas pelo fato de você nadar em dinheiro, nem nada desse tipo. É até bom que você nade, porque ser pobre é horrível, não é?

— É horrível mesmo.

— De qualquer modo, você a faz tão feliz! Ela nem sabe o quanto, porque jamais conheceu a felicidade antes de você, entende?

— Sim. Agora respire fundo três vezes. Pronta? Um...

— Certo. — Mavis respirou direitinho, muito séria, olhando para ele. — Você é bom nisso... Acalmar as pessoas. Aposto que ela não deixa você fazer isso com ela muitas vezes.

— Não, não deixa. Ou então ela não percebe quando eu faço — e sorriu. — Nós a conhecemos bem, não é, Mavis?

— Nós a amamos. Estou tão arrasada! — Lágrimas voltaram a brotar, mas eram mais calmas e suaves. — Só descobri depois de tocar o disco que eu lhe entreguei. Pelo menos saquei um pouco do que era. É uma cópia da imagem mestra do meu vídeo. Fiz uma cópia dela às escondidas. Queria guardar para a posteridade, entende? Só que encontrei uns comentários no final dela.

E olhou para as mãos, antes de continuar:

— Essa foi a primeira vez que eu deixei tocando até o fim, foi a primeira vez que ouvi tudo.

Ele também entregou uma cópia para Dallas, mas nessa versão que está em seu bolso ele fez alguns comentários, sobre... — e parou de falar, levantando os olhos subitamente secos. — Quero que você dê uma surra nele por isso. Quero que ele fique bem machucado. Coloque para tocar, a partir do ponto que eu marquei.

Roarke não disse nada, mas se levantou e enfiou o disco em sua unidade de entretenimento. A tela se encheu de luzes e música e então o volume e a intensidade diminuíram até servir como fundo musical para a voz de Jess:

"Ainda não sei quais serão os resultados. Um dia, ainda vou encontrar a chave para abrir a mente diretamente da fonte. Por ora, tudo o que posso fazer é especular. A sugestão vai ser colocada na memória dela. A reencenação de um drama. Alguma coisa que esteja no centro daquelas sombras que encontrei na mente de Eve. É algo fascinante... O que será que ela vai sonhar hoje à noite, depois de assistir ao disco? Quanto tempo vai levar até que eu consiga seduzi-la a compartilhar tudo comigo? Que segredos ela esconde? E muito divertido imaginar. Estou só esperando uma oportunidade para penetrar no lado negro da mente de Roarke também. Porque ele tem um lado negro, sim, e tão próximo da superfície que quase dá para ver. Pensar neles juntos, apenas com o lado animal a controlar seus corpos, me dá até tesão... Não consigo imaginar duas cobaias mais fascinantes para este projeto. Deus abençoe Mavis por me abrir essa porta. Em menos de seis meses vou conhecer esses dois tão bem e antecipar as suas reações com tanta clareza que serei capaz de levá-los para onde quiser. Então não haverá limites... Fama, fortuna, adulação! Vou ser reconhecido como o pai do prazer virtual".

Roarke continuava em silêncio enquanto o disco rodava. Não tentou desligá-lo, pois estava certo de que seus dedos iam destruí-lo e transformá-lo em pó.

— Eu já o machuquei — disse, quase para si mesmo. — Mas não o bastante. Não cheguei nem perto disso — e se virou para Mavis. Ela se levantara e continuava em pé, pequena como uma fada, com o vestido de alcinhas feito de gaze cor-de-rosa dando-lhe um aspecto audaz. — Você não é a responsável por isso — confirmou Roarke.

— Talvez seja verdade. Vou ter que trabalhar isso na minha cabeça. O que sei é que ele não teria conseguido chegar assim tão perto dela, nem de você, se não fosse por mim. Isso vai ajudar a mantê-lo na cadeia?

— Acho que ele vai ouvir o barulho da tranca se fechar e vai ter que esperar um tempo muito longo antes de ouvi-la se abrir novamente. Você vai deixar o disco comigo?

— Sim, e vou deixá-lo em paz agora.

— Você sempre é bem-vinda aqui.

A boca de Mavis se retorceu e ela disse:

— Se não fosse por causa de Dallas, você teria corrido feito um louco na direção contrária à que eu vinha, na primeira vez em que me viu.

Ele foi até ela e beijou com firmeza a sua boca torcida.

— Isso teria sido um grande erro meu... E uma grande perda. Vou mandar um carro levá-la.

— Você não precisa se...

— Um carro vai estar à sua espera na entrada principal do prédio.

— Uma daquelas limusines *mais que demais*?

— Com certeza.

Ele a encaminhou até a porta, fechando-a atrás dele, envolto em pensamentos. Aquele disco seria o bastante, ele esperava, para colocar mais uma tranca na jaula de Jess. Mas mesmo aquilo

não apontava para assassinato. Ele voltou e ordenou que os dois computadores que estavam sincronizados abrissem as telas.

Sentado à sua mesa, pegou os óculos de realidade virtual e começou a analisar os dados.

Eve baixou o olhar e viu a arma para atordoar. Pelo ângulo em que estava, não podia ter certeza do nível para o qual ela estava programada. Um movimento súbito, ela sabia, podia resultar em qualquer coisa, desde um leve desconforto, passando por paralisia parcial e até morte instantânea.

— É ilegal para um civil possuir ou operar esta arma — disse, com a voz fria.

— Acho que este detalhe não é particularmente relevante, sob essas circunstâncias. Tira a sua para fora, Eve, bem devagar, e segurando-a com as pontas dos dedos. Depois coloque-a sobre a mesa. Não quero machucá-la — acrescentou Reeanna, quando Eve não fez nenhuma menção de obedecer. — Jamais quis machucá-la, não realmente. Mas estou disposta a fazer o que for necessário.

Mantendo os olhos fixos nos de Reeanna, Eve pegou lentamente a arma que ficava ao lado do seu corpo.

— E não pense em tentar usá-la. Não estou com a minha programada para força máxima, mas está muito próxima disso. Você não vai conseguir mover seus membros por vários dias, e embora os possíveis danos cerebrais não sejam necessariamente permanentes, vai ser bem desconfortável.

Eve sabia muito bem o que uma arma de atordoar era capaz de fazer, e por isso tirou a sua da cartucheira com todo o cuidado, colocando-a no canto da mesa.

— Você vai ter que me matar, Reeanna. Mas vai ter que fazê-lo cara a cara, em pessoa. Não vai ser como com os outros.

— Vou tentar evitar isso. Uma curta e indolor, diria até mesmo agradável sessão de realidade virtual, e nós poderemos ajustar a sua memória, direcionando o seu alvo. Você já estava bem inclinada a achar que foi Jess, Eve. Por que não mantemos as coisas desse jeito?

— Por que você matou aquelas quatro pessoas, Reeanna?

— Eles mataram a si próprios, Eve. Você estava bem ali no momento em que Cerise Devane pulou daquele prédio. A pessoa deve acreditar no que vê com os próprios olhos — e suspirou.

— Ou pelo menos a maioria das pessoas. Você não é como a maioria, é?

— Por que motivo você os matou?

— Eu simplesmente os incentivei a acabar com a própria vida de uma certa forma, em um determinado momento. Quanto ao porquê...? — Reeanna balançou os lindos ombros. — Ora... porque eu podia fazer isso!

Sorriu lindamente e soltou a gargalhada que parecia o badalar de um sino.

CAPÍTULO VINTE

Não ia levar muito tempo, Eve calculou, para Peabody ou Feeney receber o seu sinal. Ela só precisava ganhar tempo. E tinha a impressão de que Reeanna estava disposta a fornecê-lo. Alguns egos, como algumas pessoas, se alimentam de admiração em doses regulares. Reeanna se encaixava nos dois padrões.

— Você trabalhou com Jess?

— Aquele amador!... — Reeanna jogou os cabelos para trás, desprezando a ideia. — Ele é um tocador de piano.... Não que não possua um certo talento para engenharia básica, mas lhe falta visão... E coragem — acrescentou, com um sorriso lento e felino. — As mulheres são muito mais corajosas e mais cruéis do que os homens, em tudo e por tudo. Você não concorda?

— Não. Acho que coragem e crueldade não têm gênero.

— Bem... — Desapontada, Reeanna apertou os lábios por algum tempo. — De qualquer modo, eu me correspondi com ele por um curto espaço de tempo, há uns dois anos. Trocamos ideias, teorias. O anonimato dos serviços clandestinos de e-mails vem bem a calhar. Eu gostava do jeito com que ele idolatrava a si mesmo e conseguia elogiá-lo o bastante para que compartilhasse comigo alguns dos seus progressos técnicos. Só que eu estava bem à frente dele. Francamente, jamais achei que ele chegaria tão longe quanto aparentemente chegou. Simples expansão do estado de espírito, imagino, com algumas sugestões diretas — e jogou a cabeça para o lado. — Cheguei perto?

— E você foi mais além.

— Ah, muitas léguas além! Por que não se senta, Eve? Nós duas ficaríamos mais confortáveis.

— Estou bem confortável em pé.

— Como quiser, mas chegue alguns passos para trás, se não se importa — e gesticulou com a arma. — E não tentaria pegar a sua arma, se fosse você. Eu seria obrigada a usar a minha, e ia detestar perder uma plateia tão atenta.

Eve deu um passo para trás. Pensou em Roarke, vários andares acima. Ele não desceria até ali para procurá-la. Pelo menos ela não precisava ter essa preocupação. No máximo ele ligaria para ela, se encontrasse alguma coisa. Assim ele estava a salvo, e ela podia esticar o papo.

— Você é médica — assinalou Eve. — Uma psiquiatra. Passou anos estudando, a fim de ajudar outros seres humanos. Por que tirar vidas, Reeanna, se você foi treinada para salvá-las?

— Fui marcada para isso no momento da concepção, talvez...? — e sorriu. — Ah, não, você não gosta dessa teoria. Teria usado a ideia para ajudar no seu caso, mas não gosta dela. Você não sabe de onde veio, nem de quem... — notou os olhos de Eve piscarem e balançou a cabeça, satisfeita. — Estudei todos os dados disponíveis a respeito de Eve Dallas assim que soube que

Roarke estava envolvido com você. Sou muito ligada a Roarke, e certa vez cheguei a brincar com a ideia de transformar a nossa curta relação amorosa em algo mais permanente...

— Mas ele deu um pontapé na sua bunda?

Seu sorriso congelou e o insulto atingiu o alvo.

— Isso está abaixo de você, um golpe mesquinho assim, típico de mulheres. Não, ele não fez isso. Simplesmente nos separamos, tomamos rumos opostos. Cheguei a acalantar a intenção de rumar de volta em direção a ele, digamos, eventualmente. Foi por isso que fiquei intrigada quando ele demonstrou um interesse tão ávido, e logo por uma policial, entre tantas mulheres. Você não faz o gênero dele, e certamente não tem o estilo dele. Mas você é... interessante. Ainda mais depois que eu acessei alguns dados pessoais seus.

Reeanna se mexeu, apoiando-se no braço da poltrona de relaxamento. A arma continuava apontada e pronta para atirar.

— A jovem criança vítima de abusos encontrada em um beco de Dallas — continuou. — Com o braço quebrado, abatida, confusa. Sem lembranças de como chegara lá, ou de quem a surrara, estuprara e abandonara. Uma folha em branco. Achei isso fascinante. Sem passado, sem pais, sem uma pista de quem a fizera vir ao mundo. Vou gostar muito de estudar você.

— Você não vai colocar as mãos na minha cabeça.

— Ah, mas vou sim... Você mesma é que vai sugerir isso, depois que eu obrigá-la a fazer uma ou duas viagens usando o aparelho que projetei especialmente para você. Detesto ter que pensar que serei obrigada a apagar de sua memória tudo o que discutimos aqui. Você possui uma mente tão ágil, uma energia tão vibrante. Mas isso vai nos dar uma oportunidade de trabalharmos juntas. Por mais que eu goste de William, ele é tão... míope.

— Até que ponto ele está envolvido?

— Ele não faz ideia de nada. Para o primeiro teste com o protótipo usei William. Foi um sucesso total, e isso tornou as coisas muito mais fáceis. A partir daí, podia direcioná-lo para ajustar cada unidade que eu queria. Ele é mais rápido e mais apto em eletrônica do que eu. Na verdade, até me ajudou a refinar e projetar o aparelho personalizado que enviei para o senador Pearly.

— Por que ele?

— Mais um teste... Ele pregava que os subliminares podiam ser usados para o mal. Adorava jogos, como estou certa de que você já descobriu, mas forçava a barra continuamente para regulamentações e restrições. Censura, na minha opinião. Metia o nariz em questões de pornografia, controles duplos para jogos entre adultos com consentimento mútuo, o uso da sugestão nos anúncios e comerciais, era contra tudo. Penso nele como o meu cordeiro de sacrifício.

— Como teve acesso ao seu padrão de ondas cerebrais?

— William. Ele é muito inteligente. Levou várias semanas de trabalho árduo, mas conseguiu penetrar no sistema de segurança do Governo Federal. — E jogou a cabeça para o lado novamente, adorando o momento. — Penetrou também no sistema altamente sofisticado do Departamento de Polícia de Nova York. Injetou um vírus ali. Só para manter o seu pessoal da Divisão de Detecção Eletrônica ocupado.

— E foi então que você teve acesso ao meu padrão cerebral.

— De fato, foi. Ele tem coração mole, o meu William; ficaria terrivelmente chocado se descobrisse que desempenhou um papel vital no meu trabalho de coerção.

— Mas você o usou, tornou-o parte de tudo, e isso não a deixa nem um pouco abalada.

— Não, não deixa. Foi William que tornou tudo possível. E se não fosse ele, haveria algum outro.

— Ele ama você. Dá para perceber.

— Ora, por favor... — Isso a fez rir. — Ele é um cachorrinho. Todos os homens são, quando se veem diante de uma forma feminina atraente. Eles simplesmente se sentam e imploram. Isso é divertido, ocasionalmente irritante, mas sempre útil. — Intrigada, tocou o lábio superior com a língua. — Não me diga que você jamais usou os seus atributos femininos básicos com Roarke.

— Não usamos um ao outro.

— Pois você está perdendo uma vantagem e tanto — mas Reeanna deixou o assunto de lado. — A estimada doutora Mira iria me rotular como uma sociopata com tendências violentas e uma necessidade enérgica pelo controle das coisas. Uma mentirosa patológica com fascinação doentia e até mesmo perigosa pela morte.

Eve esperou um segundo.

— E você concordaria com essa análise, doutora Ott?

— Sim, sem dúvida. Minha mãe cometeu suicídio quando eu tinha seis anos. Meu pai jamais conseguiu superar o trauma. Entregou-me para os meus avós me criarem e saiu por aí, tentando se curar. Não acredito que tenha conseguido. Mas vi o rosto de minha mãe depois de ter tomado o seu punhado letal de pílulas. Ela parecia linda e muito feliz. Então, por que a escolha pela morte não poderia ser uma experiência agradável?

— Experimente em si mesma — sugeriu Eve — para conferir. — E então sorriu. — Eu posso ajudá-la...

— Um dia, talvez. Depois que eu tiver completado o meu estudo a respeito.

— Somos todos ratos de laboratório, então; não brinquedos, nem jogos, mas experimentos. Androides de dissecação.

— Sim. O jovem Drew. Eu lamentei muito aquilo, porque ele era jovem e tinha um grande potencial. Eu troquei ideias com ele, de forma arriscada, entendo agora, quando William e eu estávamos trabalhando no Olympus. Ele se apaixonou por mim, coitado. Tão jovem... Eu considerei aquilo um elogio, e William é muito tolerante com essas minhas distrações externas.

— Drew simplesmente sabia demais, então você lhe enviou um aparelho preparado e mandou que ele se enforcasse.

— Basicamente. Não teria sido necessário, mas ele não queria deixar o nosso relacionamento acabar. E ele tinha que me largar logo, antes de perder aquele olhar vidrado que uma mulher coloca nos olhos de um homem e começar a olhar para o meu trabalho mais de perto.

— Você despia as suas vítimas — acrescentou Eve. — Essa era a humilhação final?

— Não! — Reeanna pareceu chocada e insultada pela ideia. — Absolutamente! Trata-se apenas de um simbolismo básico. Nascemos nus, e nus devemos morrer. Completamos o ciclo. Drew morreu feliz. Todos eles morreram felizes. Sem sofrimento, sem dor de espécie alguma. Sentindo apenas alegria, na verdade. Não sou um monstro, Eve. Sou uma cientista.

— Não, você é um monstro sim, Reeanna! E hoje em dia a sociedade coloca seus monstros em uma jaula e os mantém lá. Você não vai se sentir feliz em uma jaula.

— Mas isso não vai acontecer. Jess vai pagar por mim. Você vai lutar por colocá-lo na prisão depois do meu relatório, amanhã de manhã. E mesmo que você não consiga fazer com que as acusações de coerção ou indução à morte se sustentem, vai sempre acreditar que foi *ele* o

responsável. E quando acontecerem outros casos eu vou selecionar as vítimas muito bem e providenciar para que cada um deles se suicide bem longe da sua área de atuação. Você não vai ser incomodada por isso novamente.

— Mas você colocou dois deles bem na minha área de atuação — e sentiu um enjoo insinuando-se no estômago. — Só para atrair minha atenção.

— Em parte. Na verdade, queria observá-la em ação. Acompanhá-la de perto, passo a passo. Só para ver se você era tão boa mesmo quanto todos alardeavam. Você detestava Fitzhugh, e eu pensei... *por que não fazer um pequeno favor à minha nova amiga Eve?* Ele era um tremendo arrogante, pomposo, uma irritação para toda a sociedade, e um jogador pouco criativo. Quis que sua morte fosse bem sangrenta! Jamais o conheci pessoalmente, mas batia de frente com ele de vez em quando, navegando pelo ciberespaço. Um pobre perdedor.

— Ele tinha família... — foi o que Eve conseguiu dizer. — Da mesma forma que Pearly, Mathias e Cerise Devane.

— Ah, a vida continua... — e balançou a mão, descartando aquilo. — Todos vão se ajustar. Faz parte da natureza humana. Quanto a Cerise, ela era tão maternal quanto uma gata de beco. Tudo o que conhecia era ambição. Ela me entediava de forma indescritível. A coisa mais interessante que conseguiu fazer na vida foi morrer ao vivo. E que sorriso! Que êxtase!... Todos morreram sorrindo. Essa foi a minha piadinha particular, e meu presente de despedida para eles. A sugestão final: Morra. É tão maravilhoso, é divertido, e tão prazeroso... Morra e experimente este prazer. E eles morreram experimentando o prazer total.

— Morreram com um sorriso congelado na cara e uma queimadura no cérebro.

As sobrancelhas de Reeanna se uniram, expressando estranheza.

— Como assim, com uma queimadura no cérebro?

Onde, diabos, estavam os reforços que ela pedira?, pensou Eve. Por quanto tempo mais ela ia ter que puxar assunto?

— Você não sabia deste fato? Suas pequenas experiências têm um leve defeito, Reeanna. Elas queimam e fazem um buraco no lobo frontal, deixando o que poderíamos chamar de "uma sombra". Ou uma impressão digital. A *sua* impressão digital.

— Isso não é nada... — mas mostrou-se preocupada, mexendo os lábios enquanto digeriria a informação. — A intensidade da sugestão subliminar poderia causar isso, suponho. Ela tem que penetrar no subconsciente com firmeza, para suplantar a resistência, o forte instinto de sobrevivência, que é inato. Vamos ter que trabalhar nisso, para vermos o que pode ser ajustado. — Um ar de irritação envolveu seus olhos. — *William vai ter que trabalhar mais nisso. Não gosto de falhas.*

— Pois o seu experimento está cheio delas. Você vai ter que controlar William para continuar. Quantas vezes você já usou o seu sistema nele, Reeanna? Será que o uso contínuo não vai acabar por expandir aquela queimadura? Fico me perguntando que tipo de dano isso poderia causar...

— Tudo pode ser consertado! — e bateu com os dedos da outra mão sobre a coxa, distraída. — Ele vai consertar isso. Vou passar o scanner no cérebro dele novamente e estudar a falha... Se ele tiver uma. E vou fazer reparos nela.

— Ah, mas ele vai ter uma, sem dúvida. — Eve foi chegando mais perto, avaliando a distância e o risco. — Todos eles tinham... E se você não conseguir consertar a de William, provavelmente vai ter que matá-lo. Não vai poder correr o risco de que essa falha aumente de intensidade, provocando um comportamento descontrolado. Você correria esse risco?

— Não. Não. Vou resolver isso imediatamente. Esta noite mesmo!

— Pode ser que já seja tarde demais.

— Ajustes sempre podem ser feitos. — Os olhos de Reeanna chicotearam de volta. — E serão feitos! Não cheguei até tão longe e conquistei tanta coisa para aceitar agora qualquer tipo de falha.

— Só que para ser bem-sucedida de todo, por completo, você ainda vai ter que controlar a mim, e eu não vou facilitar as coisas não...

— Eu já tenho o seu padrão de ondas cerebrais — lembrou-lhe Reeanna —, e já desenvolvi o seu programa. Vai ser muito fácil.

— Pois eu vou surpreendê-la — prometeu Eve. — Roarke vai impedi-la também. Você não pode fabricar o aparelho sem ele, e ele vai descobrir tudo. Você espera controlar a mente dele também?

— Isso vai me trazer um prazer muito particular. Tive que ajustar o cronograma. Tinha a esperança de curtir Roarke um pouco, antes. Uma pequena viagem, você poderia chamar, pelos caminhos da memória. Afinal, Roarke é tão criativo na cama... Não tivemos oportunidade de trocar impressões a respeito disso, mas tenho certeza de que você concorda.

Ouvir isso fez com que Eve rangesse os dentes, mas ela falou com toda a frieza:

— Usando o seu brinquedo para gratificação sexual, doutora Ott? Que atitude pouco científica...

— E como é divertido... Não sou a fera que William é, mas eu também gosto de um jogo bom e criativo.

— Foi assim que você conheceu todas as suas vítimas.

— Até agora. Através de sistemas clandestinos e anônimos. Jogos podem ser relaxantes, e servem para distrair. Tanto eu quanto William concordamos que processar dados de entrada através dos próprios jogadores nos ajudaria a desenvolver opções mais criativas para os novos óculos de realidade virtual — e ajeitou o cabelo. — Não que alguém tivesse a mínima ideia do que eu estava criando.

Seu olhar se desviou para o monitor e ela franziu a testa ao ver os dados que estavam sendo transmitidos para o seu computador diretamente da sala de Roarke. Ele estava processando as especificações dos óculos naquele instante, ela notou.

— Mas, ora, você já colocou Roarke para cavar pistas... Não apenas sobre o jovem Drew, mas no próprio aparelho. Não fiquei muito satisfeita com isso não, mas sempre há um modo de contornar as inconveniências — e seu sorriso se alargou nos cantos da boca. — Roarke não é assim tão necessário quanto você supõe. Quem você imagina que herdaria tudo isto se algo de ruim acontecesse com ele?

E riu novamente, deliciada ao notar o olhar sem expressão de Eve.

— Ora, é você mesma, querida!... Tudo vai ser seu, ficará sob a sua supervisão e, por conseguinte, sob o *meu controle*. Mas não se preocupe, não vou permitir que você fique viúva por muito tempo. Vamos achar alguém para você. Vou escolhê-lo pessoalmente.

O terror congelou seu sangue e fez seus músculos endurecerem, apertando de forma gelada o seu coração.

— Você preparou um aparelho para ele! — concluiu Eve.

— Acabei de montá-lo, ainda esta tarde. Será que ele já o experimentou? Roarke é tão eficiente, e tão pessoalmente interessado e envolvido com todos os seus produtos...

Reeanna lançou um olhar feroz para os pés de Eve, antecipando o movimento deles.

— Não se mexa! Vou deixá-la atordoada, e isso vai acabar nos tomando ainda mais tempo!

— Vou matá-la com minhas próprias mãos, Reeanna! — Eve inspirou e expirou com força, forçando o pulmão a se inflar enquanto ordenava a si mesma que pensasse. — Juro que vou!

Em sua sala, Roarke franzia os olhos ao ver os dados que o computador estava convertendo. *Estou deixando passar alguma coisa*, pensou. *O que é que estou deixando passar?*

Esfregou os olhos e se recostou. Precisava de um descanso, decidiu. Clarear a mente, descansar os olhos. Pegando os óculos de realidade virtual em sua mesa, ele os girou nas mãos.

— Você não vai querer se arriscar... Se fizer isso e eu atirar, deixando-a atordoada, jamais conseguirá chegar até ele a tempo. Existe sempre a esperança de você poder impedi-lo e salvá-lo — e o sorriso se espalhou em seu rosto, novamente, com deboche. — Viu como eu compreendo você, Eve, perfeitamente?

— Compreende? — perguntou Eve, e em vez de se lançar para a frente, deu um pulo para trás. — Apagar luzes! — gritou, alcançando a sua arma assim que a sala foi coberta por uma escuridão total. Sentiu uma fígada no ombro, pois Reeanna atirou no escuro. Sem pontaria, porém, a carga lançada contra Eve pegou nela de raspão. Então ela se jogou no chão, protegida pelo volume da mesa e apertando os dentes para aplacar a dor. Rolou de lado com rapidez, mas não muito bem, e acabou batendo com toda a força no chão com o joelho ferido.

— Eu sou melhor nisso do que você — avisou Eve com toda a calma. Mas os dedos da sua mão direita, a do ombro atingido, vacilaram e começaram a tremer, forçando-a a passar a arma para a mão esquerda. — Você é a amadora aqui. Largue a arma e pode ser que eu não a mate.

— Matar-me? — a voz de Reeanna parecia um silvo. — Você tem muito de policial programada, entranhada em você. Usar a máxima força é só para os casos em que todos os outros métodos falharem.

Perto da porta, Eve disse a si mesma, segurando a respiração, aguçando os ouvidos. A direita do portal:

— Não há mais ninguém aqui, a não ser você e eu. Quem é que vai saber?

— Você tem muita consciência... Não se esqueça de que eu conheço você, já estive dentro da sua cabeça. Você não conseguiria viver com esse peso.

Ela está se movendo mais para perto da porta. Isso mesmo, continue nessa direção, só mais um pouquinho. Tente fugir, sua vaca, e eu derrubo você como se fosse um pedaço de carne podre.

— Talvez você tenha razão — rebateu Eve. — Talvez eu a deixe apenas aleijada. Com a arma bem firme na mão, Eve circundava a mesa.

A porta se abriu, mas em vez de Reeanna sair correndo, William entrou, perguntando:

— Reeanna, o que está fazendo aqui, com todas as luzes apagadas?

No mesmo instante em que Eve pulou e se colocou em pé, o dedo de Reeanna tremeu no gatilho da arma, atingindo William e colocando o seu sistema nervoso em colapso, fazendo-o tremer sem parar.

— Ah, William, pelo amor de Deus! — o tom era de repulsa, mais do que de agonia. Enquanto ele começava a desabar, Reeanna se abaixou por baixo dele e se atirou na direção de Eve. Suas unhas arranharam violentamente os seios de Eve, enquanto as duas mulheres caíam no chão, com estrondo.

Reeanna sabia onde atingi-la. Ela cuidara de cada equimose e ferida do corpo de Eve, e agora batia nelas, torcia e socava. Com um dos joelhos, atingiu-lhe com força o quadril sensível, e um punho fechado seguiu em direção ao joelho arrasado.

Cega de dor, Eve levantou com força o cotovelo, e ouviu o agradável som triturado de cartilagem se quebrando, no momento em que ele se conectou com o nariz de Reeanna. Ela soltou um grito agudo e feminino, e voltou a atacar com os dentes.

— Sua vaca! — Descendo ao mesmo nível que ela, Eve agarrou-lhe um tufo de cabelos e puxou com toda a força. Então, ligeiramente envergonhada pela atitude pouco profissional, golpeou com fúria o queixo de Reeanna com a coronha da arma. — Respire mais alto e eu ponho você a nocaute. Acender as luzes!

Ela estava ofegante, sangrando, com o corpo todo doído. Esperava sentir um pouco de satisfação mais tarde, ao ver o lindo rosto de sua oponente todo inchado, roxo e manchado pelo sangue, que continuava a escorrer do nariz quebrado. Naquele instante, porém, também havia muito medo.

— Acho que vou derrubar você de qualquer jeito — ameaçou Eve.

— Não, não vai. — A voz de Reeanna era calma e fria como aço, e seus lábios se abriram em um sorriso largo e brilhante. — Eu é que vou — disse, e entortou o punho de Eve, que segurava a arma, até apontá-lo para o próprio pescoço. — Eu odeio jaulas — e sorrindo, atirou.

— Meu Deus! Meu Deus! — Ela lutou para se desvencilhar do corpo de Reeanna, que tremia sem parar, e empurrou William para o lado, pegando no bolso dele o seu *tele-link portátil*. Ele ainda respirava, mas ela não deu muita importância a isso.

Começou a correr.

— Responda! Responda! — berrou para o *tele-link*, enquanto apertava o botão de reconexão. — Roarke! — ordenou ela. — Escritório Central. Responda, droga! — e engoliu um grito de desespero quando viu que a transmissão não completava.

A linha está ocupada neste momento. Por favor, espere alguns minutos ou torne a ligar mais tarde.

— Interrompa a ligação, seu filho da mãe, e conecte a minha transmissão! Como é que a gente corta a ligação com esse troço? — Apertando o passo, já quase correndo, mesmo mancando, Eve nem reparou que estava chorando.

Passos ecoaram em direção a ela na passarela aberta, mas ela não diminuiu o ritmo.

— Dallas, graças a Deus!

— Lá atrás, Feeney! — e passou direto por ele, mal ouvindo a sua enxurrada de perguntas frenéticas em meio ao rugido de terror que havia em sua cabeça. — Lá atrás! Peabody, você vem comigo. Depressa!

Alcançando o elevador, socou o painel de controle, berrando:

— Depressa, depressa!

— Dallas, o que aconteceu? — Peabody tocou em seu ombro e foi rejeitada. — Você está sangrando, tenente, como está a situação?

— Roarke. Ah, Deus, ah, meu Deus, por favor... — As lágrimas escorriam, quentes, deixando-a cega. Um suor provocado pelo pânico inundava sua pele, saindo pelos poros em abundância e deixando-a encharcada. — Ela o está matando. Ela vai matá-lo!

Em reação, Peabody puxou sua arma enquanto as duas passavam ao mesmo tempo pelas portas do elevador que se abriam.

— Último andar, ala leste — gritou Eve. — Agora! Agora! Agora! — e só faltou jogar o *tele-link* para Peabody. — Faça esse troço interromper a ligação de Roarke.

— Está danificado. Deve ter levado um tombo, ou algo assim. Quem é que vai matar Roarke?

— Reeanna. Ela está morta. Mortinha da silva, mas mesmo assim o está matando. — Ela não conseguia respirar, o ar não entrava... Seus pulmões estavam bloqueados. — Temos que impedi-lo! O que quer que ela tenha sugerido a ele para acabar com a própria vida, temos que impedi-lo — e se virou para Peabody com um olhar selvagem. — Ela não vai tirá-lo de mim!

— Nós vamos impedi-lo. — Peabody já estava novamente passando pelas portas, empurrando Eve, antes mesmo que elas se abrissem de todo. Eve corria ainda mais depressa, mesmo ferida, e ganhava terreno a cada segundo, levada pelo terror. Empurrou a porta do escritório com toda a força, xingou o sistema de segurança e espalmou a mão sobre a placa de identificação.

Deu um encontrão com ele assim que colocou o pé na sala.

— Roarke! — Aninhando-se em seus braços, ela teria entrado dentro dele se pudesse. — Ah, Deus! Você está bem! Está vivo!

— O que houve com você? — e apertou os braços de Eve, enquanto ela continuava a tremer.

Mas ela já estava se afastando dele, pegando o seu rosto entre as mãos dela e olhando em seus olhos, dizendo:

— Olhe para mim. Você o usou? Você testou os óculos de realidade virtual?

— Não. Eve...

— Peabody, derrube-o no chão se ele fizer algum movimento estranho. Chame os paramédicos. Vamos levá-lo para fazer um scanner de suas ondas cerebrais.

— *Aqui*, que eu vou! — reagiu ele. — Mas vá em frente, pode chamá-los, Peabody. Ela vai para o centro médico desta vez, nem que eu tenha que dar um soco nela para deixá-la inconsciente.

Eve deu um passo para trás, tentando respirar enquanto cuidadosamente o avaliava. Mal conseguia sentir as pernas, e se perguntou como ainda estava se mantendo em pé.

— Você não usou o aparelho...

— Já disse que não usei — e passou a mão pelos cabelos. — Eu era o alvo dessa vez, não era? Devia ter desconfiado. Deu alguns passos, olhou para trás, sobre os ombros, e viu Eve levantar a arma. — Ora, abaixe essa porcaria. Eu não estou com desejos suicidas, estou apenas pau da vida! Ela colocou o aparelho bem nas minhas mãos. A ficha só caiu há cinco minutos. *Mentemed. Médico* de mente — explicou ele. — Esse era o codinome que ela usava nos games clandestinos dos quais participava on-line. E ela continua usando o mesmo nome, continua brincando. Mathias fez dezenas de ligações para ela um ano antes de morrer. E eu dei uma olhada bem de perto no relatório de dados do aparelho. Não só naquele que ela me deu para experimentar, como também nos que estavam aparecendo nos arquivos que a gente pesquisou. Os subliminares não estavam escondidos o bastante.

— Reeanna sabia que você ia acabar descobrindo. Foi por isso que ela... — Eve parou de falar, sugou o ar com força e o ouviu zumbindo de forma fantasmagórica pelos seus ouvidos. — ... Foi por isso que ela personalizou um aparelho e o trouxe para você testar.

— E eu bem que poderia tê-lo testado. Estava prestes a fazer isso, mas fui interrompido — lembrou-se de Mavis e quase sorriu. — Duvido muito que Reeanna tenha se dado ao trabalho de

alterar os dados. Ela sabia que eu confiava nela e em William.

— Não foi William... Pelo menos não voluntariamente.

Ele concordou com a cabeça, compreendendo tudo, olhou para a sua blusa arruinada e os olhos vermelhos.

— Ela machucou você, esse sangue é seu?

— A maior parte do sangue é dela — respondeu Eve, esperançosa. — Ela não queria ser presa — e soltou o ar. — Ela está morta, Roarke. Cometeu suicídio. Eu não consegui evitar. Talvez nem quisesse mesmo. Ela me contou que o aparelho... O seu aparelho... — Sua respiração estava zumbindo de novo, ofegante e falha. — ... Eu pensei... Achei que não ia chegar a tempo. Não consegui fazer o *tele-link* funcionar e achei que não ia dar tempo de eu chegar aqui.

Ela não ouviu Peabody sair e fechar a porta para lhe dar privacidade. Ela não se importava com privacidade. Simplesmente continuou a olhar, sem ver, e a tremer.

— Eu não pude... — tornou a repetir. — Fiquei puxando assunto para ganhar tempo, fiquei esticando o papo, tentando obter dados para montar o caso, e você poderia ter...

— Eve... — Ele chegou junto dela e apertou-a junto de si. — Eu poderia, mas isso não aconteceu. E você conseguiu chegar aqui. Não vou abandoná-la — e apertou os lábios sobre seus cabelos quando ela enterrou o rosto contra seu ombro. — Já acabou!

Ela sabia que repetiria em sua cabeça aquela corrida interminável, o pânico e o pesar impotente milhares de vezes em seus sonhos.

— Não, não acabou. Vai haver uma investigação completa, não apenas nas atividades de Reeanna, mas na sua companhia e nas pessoas que trabalharam com ela no projeto.

— Eu posso aguentar isso — e levou a cabeça de Eve para trás com um dedo. — A companhia está limpa, eu lhe asseguro. Não vou lhe causar nenhum embaraço oficial, tenente, sendo preso.

Ela pegou o lenço que ele colocara em sua mão e assoou o nariz.

— Seria um inferno para a minha carreira ser casada com um bandido.

— Pode ficar tranquila quanto a isso. Por que ela fez isso?

— Porque podia. Foi isso que ela disse. Adorava o poder que tinha, o controle. — Com gestos rudes, secou as bochechas com a base das mãos, mãos que já estavam quase firmes agora. — Ela tinha grandes planos para mim. — O tremor foi forte, mas curto. — Uma espécie de cadelinha de estimação, imagino. Como William. Seu pequeno cãozinho ensinado. E com você morto, ela imaginou que eu ia herdar tudo o que você tem. Você não vai fazer isso comigo, vai?

— O quê? Morrer?

— Não, deixar para mim todas as suas coisas.

Ele riu e a beijou, comentando:

— Só você mesmo para ficar chateada com uma coisa dessas — e afastou o cabelo do seu rosto. — Ela também preparou um aparelho para você?

— Sim, mas não conseguiu me fazer testá-lo. Feeney está lá na sala dela agora. E melhor contar a ele tudo o que aconteceu.

— Então vamos ter que descer. Reeanna deixou o *tele-link* dela desligado, e foi por isso que eu já estava indo para lá quando você me atropelou, na porta. Fiquei preocupado por não conseguir me comunicar.

— É duro... — Eve tocou o seu rosto — ... se preocupar com alguém.

— Dá pra aguentar. Imagino que você agora vai para a central, para limpar toda essa sujeira ainda esta noite.

— É o procedimento. Estou com um cadáver lá embaixo, e quatro mortes para encerrar a investigação.

— Eu levo você, depois que você tiver ido para o centro médico.

— Eu não vou para o centro médico.

— Ah, vai sim!

Peabody bateu na porta e a abriu.

— Desculpem, mas os paramédicos estão aqui. Precisam de autorização para subir.

— Eu cuido disso! — disse Roarke. — Encaminhe-os para a sala da doutora Ott, por favor, Peabody. Eles podem examinar Eve lá mesmo, antes de levá-la para um tratamento completo.

— Eu já falei que não vou fazer exame nenhum.

— Eu ouvi — e apertou um botão de controle em sua mesa. — Pode deixar a equipe médica subir. Peabody, você tem aparelho para contenção de suspeitos, algemas, ou algo assim?

— Estou com o equipamento padrão.

— Será que você poderia emprestá-lo para mim, para que eu possa imobilizar a sua tenente, a fim de levá-la até o hospital mais próximo?

— Tente fazer isso, meu chapa, e você vai ver quem é que vai precisar de um médico!

Peabody mordeu com força a parte de dentro da bochecha, para manter a cara séria. Uma risadinha não ia deixar sua tenente nada satisfeita...

— Estou solidária com o seu problema, Roarke, mas não posso atender ao seu pedido. Preciso do emprego.

— Então não esquite, Peabody — e pegou um braço dela, enlaçou-a pela cintura e a amparou quando ela já estava se encaminhando para a porta, mancando. — Tenho certeza de que encontro algum outro meio.

— Eu tenho um relatório para preencher, trabalho para terminar e um cadáver para liberar — explicou Eve, com a cara amarrada, enquanto ele chamava o elevador. — Não tenho tempo para exames!

— Já ouvi tudo isso — repetiu ele, e simplesmente pegou-a no colo com firmeza, carregando-a até o elevador. — Peabody, avise aos paramédicos para virem preparados. Ela está com cara de quem vai tentar escapar.

— Coloque-me no chão, seu idiota. Eu não vou com você! — mas Eve já estava começando a rir quando as portas se fecharam atrás deles.